



**CRISTINA  
BRANQUINHO  
MAXIMINO**

**TURISMO COMUNITÁRIO: ENQUADRAMENTO  
CONCEPTUAL, ORGANIZACIONAL E IMPACTE**



**CRISTINA  
BRANQUINHO  
MAXIMINO**

**TURISMO COMUNITÁRIO: ENQUADRAMENTO  
CONCEPTUAL, ORGANIZACIONAL E IMPACTE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio, professora auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro e co-orientação da Doutora Maria João Aibéo Carneiro, professora auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.

## **o júri**

presidente

**Doutora Zélia Maria de Jesus Breda**

Professora auxiliar convidada do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

**Doutor Carlos de Oliveira Fernandes**

Professor adjunto da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**Doutora Maria Celeste de Aguiar Eusébio**

Professora auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

**Doutora Maria João Aibéo Carneiro**

Professora auxiliar do Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

A presente investigação foi um grande desafio, associado ao desejo de aprofundar conhecimentos, melhorar competências, assim como, contribuir para a divulgação do tema em referência. O apoio para a concretização da presente dissertação foi determinante e imprescindível, pelo próprio trabalho que lhe é inerente e ainda, pelo facto, de ter coincidido com fases exigentes e de especial dedicação, tanto a nível profissional como pessoal. Assim, agradeço, à minha família, a paciência, o carinho e a valorização durante todo o percurso desta investigação. Agradeço, igualmente, aos meus amigos que me acompanharam no desenvolvimento deste projeto e um obrigado especial aos membros e voluntários da Mó de Vida.

Reconheço e agradeço, ainda, todo o trabalho de orientação científica, a disponibilidade, o apoio e a valorização do trabalho desenvolvido na presente investigação à minha orientadora, Professora Doutora Celeste Eusébio e à minha co-orientadora, Professora Doutora Maria João Carneiro, essenciais para a concretização do presente projeto.

Apresento também os meus agradecimentos às organizações europeias que contribuíram no desenvolvimento do estudo empírico que integra a presente dissertação, com especial destaque para a Sodepaz que para além do referido contributo disponibilizou informação diversa, fundamental para outros capítulos.

**palavras-chave**

Turismo sustentável, turismo responsável, turismo justo e solidário, turismo comunitário: organizações, viagens, impactes, desenvolvimento das comunidades.

**resumo**

A presente dissertação teve como objetivo analisar o processo de elaboração e implementação de viagens de turismo comunitário e identificar os potenciais benefícios para as comunidades recetoras de viagens de turismo comunitário, segundo a perceção de organizações europeias que trabalham na organização deste tipo de viagens.

Para este efeito, foi efetuada uma reflexão teórica em termos conceituais de forma a enquadrar o conceito do turismo comunitário em conceitos mais abrangentes tendo-se verificado que este se enquadra em primeira instância no turismo justo e solidário, depois no turismo responsável e por último no turismo sustentável ou, como é defendido por vários autores, no desenvolvimento sustentável no contexto do turismo.

Após a referida reflexão entendeu-se que seria importante avaliar os impactes do turismo comunitário nas comunidades recetoras segundo a perceção das organizações europeias que trabalham neste âmbito. Para este efeito, foram analisados dados secundários e recorreu-se, igualmente, a dados primários, utilizando um inquérito por questionário aberto que foi aplicado a 47 organizações europeias entre maio e julho de 2011.

Na informação recolhida verificou-se que existe um forte envolvimento das organizações europeias que organizam viagens de turismo comunitário com as comunidades onde ocorrem estas viagens, o qual decorre do facto de realizarem um trabalho direto com as organizações locais, maximizando os benefícios das comunidades, através do pagamento dos serviços prestados na viagem propriamente dita e, muitas vezes, participando e promovendo projetos comunitários em diversas áreas.

Em termos de impactes destacam-se os benefícios, porém, também foram indicados alguns custos. Nos benefícios realçam-se o incremento da autoestima da mulher; a recuperação e valorização de saberes e práticas ancestrais; a diversificação produtiva, o incremento dos recursos económicos e, ainda, beneficiações de infraestruturas e dinamização da economia local.

**keywords**

Sustainable tourism, responsible tourism, fair and solidarity tourism, communitarian tourism: organizations, trips, impacts, community development.

**abstract**

This dissertation aimed to examine the process of elaboration and implementation of the travels of community tourism and identify the potential benefits for the communities receiving these travels in the perspective of European organizations laboring on the arrangements of this type of travels.

To achieve this, a theoretical reflection was realized in conceptual terms for others to conceive the concept of community tourism in wide-ranging aspects and it was found that it corresponds well firstly to fair and solidarity tourism, secondly responsible tourism and lastly sustainable tourism. Alternatively, as advocated by several authors, it also complies in the context of sustainable development in tourism.

Following this discussion, it was acknowledged that it would be substantial to assess the impacts of community tourism recipients according to the perspective of European organizations laboring on the arrangements of this type of travels. In accordance with this purpose, the secondary data (as well as primary data) was analyzed by a survey using the inquiry of open-ended questionnaire which was applied to 47 European organizations between the dates of May and July in 2011.

From the acquired information, it is verified that there exists a strong involvement of the European organizations with the communities due to the fact that these organizations realize a direct work with the local organizations by maximizing the benefits of the communities through the payment of services given during the trip and many times by participating and promoting community projects in different areas.

In terms of the impacts which emphasize the benefits, however, some costs were also indicated. These benefits highlighted the role of the women/development of their self-esteem, the recovery of the knowledge and ancestral practices; the productive diversification, the increasing of the economical resources and even benefaction of infra-structures and dynamization of the local economy.

## Índice

<b>Índice geral</b>	<b>1</b>
<b>Índice de figuras</b>	<b>3</b>
<b>Índice de tabelas</b>	<b>5</b>
<b>Glossário</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1 – Introdução</b>	<b>9</b>
1.1. Objetivos e relevância do estudo	9
1.2. Estrutura do estudo	11
<b>Capítulo 2 – Delimitação conceptual: turismo sustentável, turismo responsável, turismo justo e solidário e turismo comunitário</b>	<b>13</b>
2.1. Turismo sustentável	14
2.2. Turismo responsável	20
2.3. Turismo justo e solidário	23
2.4. Turismo comunitário	28
2.5. Conclusão	31
<b>Capítulo 3 – Turismo comunitário: aspetos gerais da sua implementação</b>	<b>33</b>
3.1. Introdução	33
3.2. Origem	33
3.3. Organizações que trabalham no turismo comunitário	34
3.3.1. Organizações nacionais e internacionais	34
3.3.2. Organizações locais	36
3.4. Impactes do turismo comunitário	44
3.5. Conclusão	50
<b>Capítulo 4 – Objetivos e metodologia do estudo empírico</b>	<b>51</b>
4.1. Introdução	51
4.2. Objetivos da investigação	51
4.3. Métodos de recolha de dados	52
4.3.1. Recolha de dados secundários	53
4.3.2. Recolha de dados primários	55
4.4. Metodologia de análise de dados	65
4.5. Conclusão	66
<b>Capítulo 5 – Análise e discussão de resultados</b>	<b>67</b>
5.1. Introdução	67
5.2. Caracterização detalhada das organizações que responderam ao inquérito	67
5.3. Caracterização das viagens	72
5.3.1. Identificação das componentes das viagens	72
5.3.2. Caracterização das componentes das viagens	77
5.4. Potenciais benefícios e custos, sociais, culturais e económicos	89
5.5. O papel das organizações emissoras no desenvolvimento das comunidades	95

5.6. Conclusão	99
<b>Capítulo 6 – Conclusões e recomendações</b>	<b>101</b>
6.1. Conclusões	101
6.2. Recomendações	104
6.3. Limitações do estudo e sugestões de investigação futura	104
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>109</b>
<b>Anexos</b>	<b>113</b>



## **Índice de Figuras**

### **Capítulo 2**

Figura 2.1 – Enquadramento conceptual do turismo comunitário

Figura 2.2 – Evolução cronológica do conceito turismo sustentável

### **Capítulo 3**

Figura 3.1 – Organizações de turismo comunitário

Figura 3.2 – Estrutura organizacional do turismo comunitário em Saraguro, Equador

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

## **Índice de Tabelas**

### **Capítulo 2**

Tabela 2.1 – Áreas de atuação e princípios do turismo ético e solidário

Tabela 2.2 – Dimensões do turismo justo

Tabela 2.3 – Conceito do turismo solidário

Tabela 2.4 – Princípios do turismo comunitário sustentável

### **Capítulo 3**

Tabela 3.1 – Turismo comunitário, Vale de Manduríacos, Equador

Tabela 3.2 – Fatores favoráveis e desfavoráveis relativamente ao modelo misto proposto no âmbito do projeto Formiga verde

Tabela 3.3 – Turismo comunitário, Saraguro, Equador

Tabela 3.4 – Impactes económicos da atividade turística nas comunidades no âmbito do trabalho desenvolvido pela TDS em Burkina Fasso

Tabela 3.5 – Impacte económico da atividade turística em Burkina Fasso, no âmbito do trabalho desenvolvido pela TDS

### **Capítulo 4**

Tabela 4.1 – Métodos de recolha de dados utilizados

Tabela 4.2 – Organizações base para população alvo

Tabela 4.3 – População inquirida

Tabela 4.4 – Questões que integram o inquérito

Tabela 4.5 – Quantificação das respostas do inquérito

Tabela 4.6 – Identificação das organizações que responderam ao inquérito

### **Capítulo 5**

Tabela 5.1 – Organizações que responderam ao inquérito: tipo de organização

Tabela 5.2 - Organizações que responderam ao inquérito: objetivos

Tabela 5.3 - Organizações que responderam ao inquérito: áreas de atuação

Tabela 5.4 – Componentes da viagem

Tabela 5.5 – Identificação das viagens das organizações que responderam ao inquérito

Tabela 5.6 – Viagens: análise dos serviços de alojamento, alimentação e transportes

Tabela 5.7 – Viagens: análise das atividades

Tabela 5.8 – Viagens: duração, mínimo e máximo de participantes

Tabela 5.9 – Benefícios do turismo comunitário percecionados por organizações europeias

Tabela 5.10 – Custos do turismo comunitário percecionados por organizações europeias

Tabela 5.11 – Colaboração de organizações europeias nos projetos comunitários

Tabela 5.12 - Atividades desenvolvidas no âmbito do turismo comunitário

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

## Glossário

ACP – Associação Catalã para a Paz

AECI – Agência espanhola de cooperação internacional;

AITR – Associação italiana de turismo responsável, Itália (*Asociación italiana de turismo responsable*);

ATES – Associação de turismo justo e solidário, França (*Association de tourisme équitable et solidaire*);

ATR – Ação por um turismo responsável, Espanha (*Acción por un turismo responsable*);

CTC – Centros de turismo comunitário;

CVD – Conselhos aldeãos de desenvolvimento (designação da TDS que em francês é *Conseils villageois de développement*).

DEPARTS – Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário, França (*Développer les échanges et les projets d'actions rurales pour le tourisme solidaire*);

EARTH – Aliança europeia para o turismo responsável e hospitalidade (*European alliance for responsible tourism and hospitality*)

ETHNIC - Associação de turismo sustentável ETHNIC;

FEPTCE – Federação plurinacional de turismo comunitário do Equador;

FNTR – Forum nacional do turismo responsável (Forum National Tourisme Responsable);

FTR – Forum turismo responsável, Espanha (*Foro turismo responsable*);

ICID – Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento;

OIT – Organização internacional do trabalho;

ONG – Organização não governamental;

ONGD - Organização não governamental para o desenvolvimento;

REDTURS – Rede de turismo comunitário da América Latina

TDS – Turismo e desenvolvimento solidários viagens, França (*Tourisme & développement solidaires voyages*);

TRES - Turismo responsável e solidário Europa (*Turismo Responsable e Solidale Europa*)

UNAT – União nacional das associações de turismo e ar livre, França (*Union nationale des associations de tourisme et plein air*);

UNCTAD – Conferência das nações unidas sobre comércio e desenvolvimento;

UNORCAC – União das organizações campesinas e indígenas do cantão de Cotacachi;

UNWTO – Organização mundial do turismo das Nações Unidas (*United Nations world travel organization*).

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

## **Capítulo 1 – Introdução**

Segundo a Organização mundial do turismo das Nações Unidas (UNWTO) (“Faits saillants OMT,” 2010:2) ao longo das últimas seis décadas, o turismo denota um incremento e diversificação considerável, permitindo-lhe tornar-se num dos setores da economia mais fortes e com o crescimento mais rápido no mundo. Como refere a UNWTO (“Faits saillants OMT,” 2010:2) o número de chegadas internacionais de turistas evidencia uma evolução notável, passando de 25 milhões em 1950 para 277 milhões em 1980, a 438 milhões em 1990, a 681 milhões em 2000 e atualmente são 880 milhões. Salienta-se, ainda, que segundo a UNWTO (“Faits saillants OMT,” 2010:2) a contribuição do turismo no produto interno bruto (PIB) no mundo estima-se em 5%.

Neste âmbito é importante analisar como é efetuada a implementação da atividade turística, especialmente avaliando os respetivos benefícios e custos. De facto, tem-se verificado, designadamente, em países mais desfavorecidos, com belezas naturais e climas desejáveis para a indústria turística, que os custos para as comunidades locais são muito elevados, muitas vezes, implicando, a perda do seu território e conseqüentemente da sua forma de sobrevivência. Contudo, existem tendências e movimentos que tentam contrariar os interesses económicos, especialmente, através da capacitação e trabalho com as comunidades locais, valorizando os seus conhecimentos e as suas atividades, procurando que a atividade turística seja um complemento de rendimento, evitando a dependência e a perda dos meios de subsistência. Ora, é neste contexto que se considera oportuno e pertinente a realização deste trabalho, o qual possibilitará abordar a temática do turismo responsável, com especial incidência no turismo comunitário. Deve ainda salientar-se que este é um tema relativamente recente a nível internacional e que em Portugal é praticamente desconhecido, pelo que a colaboração da organização Mó de Vida, a documentação e bibliografia internacionais, foram fulcrais para a concretização deste trabalho.

### **1.1. Objetivos e relevância do estudo**

#### **1.1.1. Objetivos**

Face a situações de desequilíbrios e de desaire para populações locais em determinados destinos turísticos importa conhecer e estudar realidades bem sucedidas. A atividade turística tem uma particularidade que a distingue das restantes, pois o seu “consumo” é feito obrigatoriamente no local do respetivo “produto”. Neste sentido, é fundamental realçar quais as conseqüências do comportamento do turista, bem como, a necessidade de envolver as comunidades locais na determinação da existência ou não de turismo e, em caso afirmativo, em que condições este deve desenvolver-se. Daqui decorre a importância do presente trabalho, para analisar o turismo responsável, designadamente, o turismo comunitário.

Com alguma frequência são utilizadas designações diferentes para situações similares. De facto, atualmente é habitual a utilização de expressões como turismo sustentável, turismo responsável, turismo voluntário, turismo solidário ou outras para contextualizar realidades semelhantes. Neste contexto, é importante analisar alguns conceitos (nomeadamente, o turismo comunitário e o turismo justo e solidário), tentando, simultaneamente, apresentar a sua respetiva agregação em termos de abrangência.

Consequentemente, os objetivos do presente trabalho são:

- a) Analisar o processo de elaboração e implementação de viagens de turismo comunitário;
- b) Identificar os impactes para as comunidades receptoras de viagens de turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham na emissão destas viagens.

### **1.1.2. Relevância do estudo**

Sendo o turismo uma atividade transversal a muitas outras e com um envolvimento e dinâmica cultural muito considerável, é deveras importante aprofundar e realizar estudos científicos na área. No que respeita ao turismo comunitário, considerando que é um tema recente, sobre o qual existem muitas dúvidas a nível internacional e sendo praticamente desconhecido em Portugal, mais se acentua a relevância do seu estudo. Convém, salientar que especialistas nesta matéria referem a necessidade de se estudar e aprofundar os conhecimentos no âmbito do turismo comunitário. Neste contexto e segundo Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 1) durante os últimos anos o turismo comunitário foi objeto de atenções contraditórias. Por um lado os fundos de cooperação para este setor têm crescido, mas por outro lado têm aumentado as opiniões que põem em questão os seus benefícios realçando as contradições desta estratégia como fator de desenvolvimento rural. Uma das principais debilidades é, paradoxalmente, a escassez de estudos que evidenciem os benefícios que o turismo comunitário está a gerar no desenvolvimento rural.

Tendo em conta, a proximidade do turismo comunitário e do turismo justo e solidário refere-se que pelas características específicas deste último, este é entendido como um movimento social, pois não é uma atividade por si só, nem uma área de trabalho concreta, pois em termos de objetivos, pretende contribuir para uma maior compreensão do comportamento de cada indivíduo enquanto consumidor e, por outro lado, valorizar todo o trabalho, com especial destaque para a produção de bens alimentares. Neste contexto, mais do que qualquer área do turismo, o turismo justo e solidário evidencia as repercussões e os seus impactes na população receptiva. Assim, sendo notório que em vários destinos do mundo os maiores beneficiados da atividade turística não são as populações locais, refere-se Gascon e Cañada (2005:26) que salientam isso mesmo mencionando que uma parte significativa das despesas dos turistas alimenta as economias dos países ricos. Em média, cerca de 55% da despesa do turista nas suas



viagens a países do Sul (designação utilizada pelos autores) pelos permanecem ou retornam aos países do Norte (designação utilizada pelos autores), percentagem que atinge os 75% no caso de alguns países de África e das Caraíbas.

Realça-se, igualmente, que a perspetiva do turismo justo e solidário, no contexto das comunidades recetivas, deve ser uma atividade complementar a outra ou outras atividades, de forma a evitar dependências, evitar o abandono da terra, que, por sua vez, poderia ter como últimas consequências, dificuldades de sobrevivência. Assim, considera-se que, atendendo aos objetivos e à realidade internacional, o turismo justo e solidário designadamente através do turismo comunitário poderá ser uma via para garantir a sobrevivência de muitas comunidades, assegurando, simultaneamente, a biodiversidade e a manutenção dos ecossistemas.

## **1.2. Estrutura do estudo**

O presente estudo encontra-se estruturado, essencialmente, em duas partes para além da introdução e da conclusão. Assim, a primeira parte é respeitante à revisão da literatura, a qual contempla um capítulo com a delimitação conceptual, que apresenta diversos conceitos para as respetivas designações e conseqüentemente é efetuada a análise e o respetivo enquadramento dos conceitos específicos em conceitos mais generalizados. A revisão da literatura contempla, ainda, um segundo capítulo o qual caracteriza o turismo comunitário, através da contextualização cronológica, respetivos objetivos, caracterização dos respetivos intervenientes e referência a iniciativas internacionais que contribuem para a sua dinamização.

A segunda parte da presente dissertação centra-se no estudo empírico e é constituída por dois capítulos. No primeiro capítulo apresentam-se os objetivos e a metodologia do estudo empírico, designadamente em termos de recolha e análise dos dados. Neste contexto, prevê-se o recurso a vários métodos de recolha de dados, como sejam, a análise de sites e inquérito às organizações intervenientes no turismo comunitário. O segundo capítulo, por sua vez, dedicar-se-á à análise e discussão dos resultados do estudo empírico no qual se pretende caracterizar as organizações envolvidas no turismo comunitário, assim como, apresentar o trabalho em rede em que se inserem e a sua importância. Neste mesmo capítulo pretende-se, igualmente, identificar as componentes das viagens organizadas, caracterizar as viagens organizadas neste âmbito e os conseqüentes impactes sociais, culturais, económicos e ambientais para as comunidades locais, segundo a perceção das organizações europeias.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

## Capítulo 2 – Delimitação conceptual: turismo sustentável, turismo responsável, turismo justo e solidário e turismo comunitário

Na revisão da literatura efetuada detetou-se que existem inúmeros conceitos, com definições diferentes, que, por vezes, possuem áreas de atuação, pressupostos e objetivos comuns. Neste sentido, considerou-se fundamental efetuar a delimitação conceptual e a interligação do turismo comunitário e do turismo justo e solidário com outros conceitos existentes e, ainda, o seu enquadramento em conceitos mais abrangentes.

De facto, nesta área de trabalho existem vários conceitos cujas definições são muito similares e equiparadas, como se pode confirmar na Declaração de Fortaleza (ver anexo I), documento resultante do II Seminário Internacional de turismo sustentável, celebrado em maio de 2008 em Fortaleza (Brasil), que refere:

“.. em contraste com o turismo convencional ou de massas, surge ou afirma-se, por conseguinte, o turismo comunitário solidário, o turismo rural comunitário, o ecoturismo comunitário e o turismo responsável que, mais do que modalidades, são expressões da afirmação de práticas turísticas baseadas na ética da sustentabilidade e da autonomia, construídas coletivamente contrariamente à lógica do domínio económico”. (“La declaración de Fortaleza,” 2008, para. 4).

Consequentemente, segue-se uma análise conceptual gradual, que em termos micro/macro, partirá do nível macro, terminando no micro, permitindo, deste modo, uma caracterização mais detalhada do turismo comunitário e o seu total enquadramento em conceitos mais abrangentes, como se observa na figura 2.1.

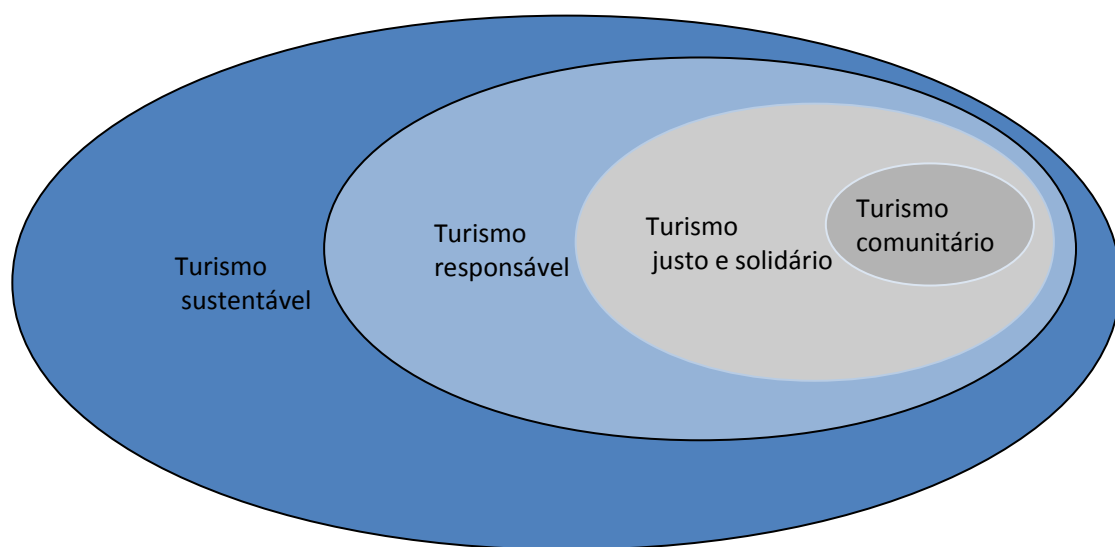


Figura 2.1 – Enquadramento conceptual do turismo comunitário

## 2.1. Turismo sustentável

A designação turismo sustentável indicia a aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável à atividade turística. Contudo, verificam-se abordagens diferentes, o que é compreensível, pois como refere Butler (1999:11) citando Bramwell et al (1996a:5) na análise dos princípios e na prática da gestão do turismo sustentável são consideradas várias dimensões de sustentabilidade, neste caso em particular consideraram sete dimensões: ambiental, cultural, política, económica, social, gestão e governamental. Sendo áreas tão distintas naturalmente que investigadores e decisores têm diferentes interpretações do conceito, em função da respetiva área de trabalho, o que explica a ampla aceitabilidade assim como a sua vasta utilização. Neste contexto, considera-se importante descrever no presente trabalho algumas abordagens em referência.

Segundo Maldonado (2006:1), o turismo sustentável deriva do novo paradigma, na atualidade universalmente difundido e aceite, do desenvolvimento sustentável. Assim e no que respeita ao desenvolvimento sustentável Maldonado (2006:1) defende que esta designação foi utilizada pela primeira vez em 1980 na versão da “Estratégia Mundial para a Conservação”<sup>1</sup>, referindo ainda que a definição mais aceite é da *Brundtland Commission* no *Our Common Future*. Por sua vez, Butler (1999:9) e Saarinen (2006:1122) consideram que a definição original de desenvolvimento sustentável é da *Brundtland Commission* no *Our Common Future* que é: “o desenvolvimento que vai ao encontro das necessidades do presente sem comprometer a capacidade de salvaguardar as necessidades das gerações futuras” (*World commission on environment and development* 1987:43).

Moniz (2006:23), no que respeita ao turismo sustentável, refere que a primeira explicação e justificação da génese do conceito decorre de uma reflexão dos autores Bramwell e Lane (1993) no Editorial do primeiro número da revista *Journal of Sustainable Tourism*. No editorial mencionado foi indicada a obra *The Holiday Makers* (Krippendorf, 1987, citada por Bramwell e Lane, 1993) como primeira referência ao conceito turismo sustentável ao evidenciar e alertar para os danos ambientais que ocorreram nos Alpes Suíços consequentes do crescimento do turismo. Moniz (2006:23) citando Bramwell e Lane (1993) indica que a publicação *Fuer einen andern Tourismus (Towards an Alternative Tourism)* (Krippendorf et al., 1988) foi, igualmente, determinante na génese do turismo sustentável.

Aliás, Moniz (2006:23) menciona que certos autores defendem que numa fase anterior ao reconhecimento oficial do termo desenvolvimento sustentável já existiam, na literatura, referências respeitantes à evolução do conceito de turismo sustentável. Neste contexto Moniz (2006:23) refere a expressão *new tourism* utilizada por Rosenow e Pulsipher (1979, citada por

---

1 IUCN/UNEP/WWF: *World conservation strategy. Living resources conservation for sustainable development*, Gland, Suíça, 1980

Hardy *et al.*, 2002:481) como sinónimo de um tipo de turismo que contribui, simultaneamente, para a preservação das cidades, não excede as capacidades de carga, promove os valores ambientais e patrimoniais e educa os turistas. Ainda neste âmbito Moniz (2006:23) refere que, mesmo de forma indireta, o conceito de desenvolvimento sustentável encontra-se implícito no modelo do ciclo de vida de um destino turístico de Butler (1980, citada por Hardy *et al.*, 2002), bem como, os conceitos de capacidade de carga (Stankey, 1973; Tivy, 1973, citadas por Hardy *et al.*, 2002).

Mowforth e Munt (1998), citados por Moniz (2006:28) afirmam que a noção de turismo sustentável foi consequência dos problemas causados pelo turismo de massas, como sejam, degradação ambiental, perturbações ao nível social e cultural, aumento das desigualdades na distribuição da riqueza, adoção de atitudes paternalistas e até propagação de certas doenças (Lea, 1988, Hong, 1985, Krippendorf, 1984; Harrison, 1979; Bugnicourt, 1977, citadas por Mowforth e Munt, 1988) e por sua vez originaram novas formas de turismo nas décadas de 70 e 80.

Swarbrooke, citado por Moniz (2006:31), também considera que a génese do turismo sustentável se deve ao turismo de massas, sistematizando a evolução cronológica do conceito conforme figura 2.2.

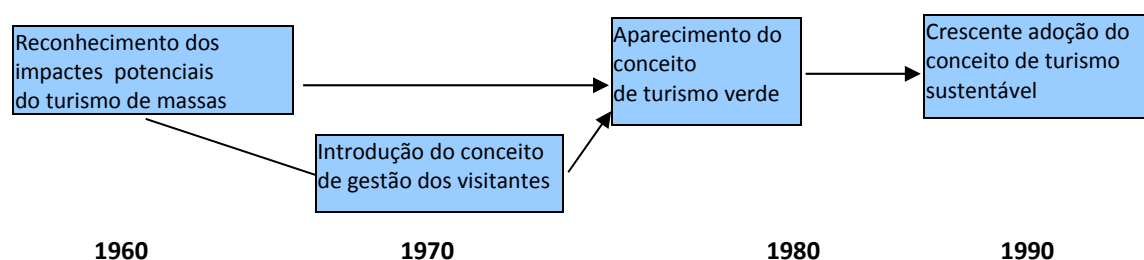


Figura 2.2 – Evolução cronológica do conceito turismo sustentável  
Fonte: Moniz (2006:31).

Ainda no âmbito cronológico do conceito turismo sustentável temos a abordagem do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês (2006:23), na qual a definição conceptual do turismo sustentável data de agosto de 2004, e cujos princípios diretores do desenvolvimento sustentável e as práticas de gestão sustentável do turismo são aplicáveis a todas as formas de turismo nos vários tipos de destino, incluindo o turismo de massas. Os princípios da sustentabilidade compreendem aspetos ambientais, económicos e socioculturais do desenvolvimento do turismo. Para garantir a longo prazo a sustentabilidade deste último, é necessário alcançar o bom equilíbrio entre estes três fatores.

Curiosamente, as abordagens anteriores veem o turismo sustentável como consequência dos impactes negativos do turismo de massas, enquanto que esta do Ministério dos Negócios

Estrangeiros francês (2006:23) menciona que o turismo sustentável deve ser aplicado em todas as formas de turismo "...incluindo no turismo de massas".

Em termos de interpretação do conceito em análise e dos fatores implícitos verificam-se, igualmente, análises diversas. Assim e segundo Moniz (2006:24), citando Bramwell e Lane (1993), a interpretação da sustentabilidade do turismo denota evolução, pois inicialmente estava centrado nos aspetos ambientais, tendo passado a integrar questões económicas, sociais, culturais e fatores ligados ao poder e equidade social (Hall, 1991; Urry, 1990; Crick, 1989, citadas por Bramwell e Lane, 1993).

Por sua vez, o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês (2006:23) refere que o turismo sustentável deve:

- i. Explorar de forma otimizada os recursos ambientais que constituem um elemento chave para a tomada de valor turístico, preservando os processos ecológicos essenciais e ajudando a salvaguardar a biodiversidade;
- ii. Respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades de acolhimento, preservando os valores culturais e os valores tradicionais e contribuir para a tolerância intercultural;
- iii. Assegurar uma atividade económica viável a longo prazo oferecendo a todas as partes vantagens socioeconómicas repartidas de forma equitativa, designadamente nos empregos estáveis, nas possibilidades de benefícios e serviços sociais para as comunidades de acolhimento, contribuindo assim para a redução da pobreza.

A UNWTO (1993:11) citada por Moniz (2006:34) considera que o turismo passa a considerar a comunidade recetora, quer em termos da distribuição dos benefícios económicos, quer participando no processo de desenvolvimento local. Assim, o turismo sustentável é definido como um modelo de desenvolvimento económico que conjuga três áreas essenciais: melhorar a qualidade de vida da população local; oferecer uma experiência de qualidade ao visitante; preservando a qualidade ambiental, sendo esta imprescindível tanto para a comunidade local como para o desenvolvimento do turismo.

Por outro lado, confirmando a diversidade e complexidade deste conceito, Swarbrooke (1999) citado por Moniz (2006:57) constata a dificuldade da conceptualização do turismo sustentável devido a três fatores:

- i. A implementação prática do conceito é dificultada pois a terminologia parece ser demasiado científica e técnica;
- ii. A expressão *sustainable tourism* não é facilmente traduzida noutras línguas, especialmente se for traduzida à letra, originando alguma apreensão quanto ao seu verdadeiro significado;

- iii. Paralelamente existem numerosos termos que, embora não sendo sinónimos de “turismo sustentável”, são frequentemente confundidos com esta expressão, como sejam “turismo alternativo”; “ecoturismo”; “turismo amigo do ambiente” e “turismo responsável”.

Neste contexto, também Butler (1999:11) demonstra esta mesma dificuldade, pois considerando a palavra “sustentável”, sendo uma forma de adjetivo do verbo “sustentar” (“manter ou prolongar” Collins Concise Dictionary 1995:1189), uma definição apropriada do turismo sustentável é segundo Butler (1993:29) “o turismo que na sua forma consegue manter a sua viabilidade em determinada área por um período de tempo indefinido”. Ora, assim Butler (1999:11) refere que este turismo se verifica em locais como as Cataratas de Niagara na América do Norte, ou em Londres, Paris ou Roma. Efetivamente, nestes locais o turismo tem sido bem sucedido durante séculos e demonstra não existirem sinais para o seu desaparecimento. Butler (1999:11) realça que com esta definição, a ênfase é na manutenção do turismo, mas em muitos casos o turismo compete pelos recursos neste ou noutros locais a longo prazo. Por isso, a definição habitual difere da apresentada e nestes termos Butler (1993:29, citado em Butler 1999:12), baseado na literatura, apresenta a seguinte definição:

“o turismo que é desenvolvido e mantido numa área (comunidade, ambiente) de tal forma e numa escala que permite a viabilidade durante um período indefinido, não degrada nem altera o ambiente (humano e físico), sendo que a determinado nível, pode impedir o desenvolvimento com sucesso e o bem estar de outras atividades e processos.”

Ora, como menciona Butler (1999:12) este turismo sustentável não é automaticamente o mesmo que o turismo desenvolvido tendo em conta os princípios do desenvolvimento sustentável. Assim, Butler (1999:12) refere que a tendência em relacionar uma variedade de formas de turismo, que, segundo Smith e Eadington (1992), citados por Butler (1999:12), podem ser caracterizadas como “verdes” ou “alternativas”, no sentido de que não integram o turismo de massas ou convencional, incrementou a ambiguidade desta questão. Contudo, Butler (1999:12-13) realça que este é um desenvolvimento problemático por dois motivos. Primeiro, é praticamente impossível ter uma forma de desenvolvimento turístico que não tenha impactes no local onde ocorre. De facto, é razoável esperar-se que o turismo de pequena escala tenha poucos e menos impactes do que o desenvolvimento de grande escala, tornando-se mais sustentável. Contudo, pode não ser plenamente sustentável, pois muitas formas de turismo alternativo, tais como o ecoturismo, localizam-se em locais altamente sensíveis e vulneráveis em termos ambientais, pelo que os impactes resultantes, mesmo em pequena escala, podem tornar-se sérios devido à sua localização ou pelos efeitos acumulados. Segundo, ainda não se conseguiu provar que todos os exemplos de turismo de massas são insustentáveis. Apesar das evidências sugerirem que assim seja, a pouca investigação existente nos efeitos do turismo de massas deixa muita coisa por explicar (Wheeller 1993, Bramwell et al 1996a; Wall 1996).

Face ao exposto, verifica-se que Butler (1999) introduz uma interpretação mais alargada deste fenómeno, que defende a noção de “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo” por oposição ao “turismo sustentável”. De facto, Moniz (2006:43) refere que Butler (1993) “...foi um dos primeiros autores a criticar a interpretação demasiado restritiva que tem sido dada ao conceito “turismo sustentável”, ao propor que se faça a distinção entre esta noção e a de “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo”...” Esta opinião é partilhada por Hunter (1995) e Wall (1997), como refere Moniz (2006:43), salientando a abordagem multisectorial inerente ao próprio desenvolvimento. Desta forma, realça-se que o processo de desenvolvimento sustentável deve ser percecionado de uma forma abrangente, impossibilitando a individualização de setores, seja o turismo ou outros.

Contudo e como salienta Butler (1999:9), a aplicabilidade do desenvolvimento sustentável no turismo, deve prestar uma particular atenção a três características específicas, designadamente, capacidade de carga, controle no turismo e turismo de massas ou convencional. Consequentemente, é igualmente importante mencionar, como refere Butler (1999:19-20), a questão de como a sustentabilidade deve ser monitorizada e mensurada. Na ausência de indicadores precisos, fidedignos e monitorização, não é possível apreciar a sustentabilidade de qualquer iniciativa até passarem vários anos do seu estabelecimento, comparando a operação e respetivos efeitos, com o estado do ambiente aquando da sua implementação.

Para além das dificuldades indicadas, Butler (1999:20) refere que mesmo quando os elementos e os processos da sustentabilidade estão identificados e compreendidos, continua a não existir a garantia de que vai ser praticada nos locais de destino. Pois é necessário assegurar que todas as partes interessadas estejam dispostas a participar no processo. Se a indústria, em todas as suas escalas, não é convencida de que tal é para o seu interesse direto praticar alguns princípios de sustentabilidade, então os esforços das outras partes interessadas terão poucos efeitos.

Ainda, segundo Butler (1999:20), atualmente, existe uma perturbadora tendência, no desejo de promover o turismo sustentável, aclamando a qualquer pequena-escala, forma de turismo focado no ambiente ou na cultura, como sustentável, particularmente quando é desenvolvido por ou para residentes locais.

Maldonado (2006:5) refere ainda que este se define como:

“O turismo sustentável perspetiva do mesmo modo: a viabilidade económica das empresas, a plena realização das pessoas que trabalham nesta atividade, o bem-estar da população anfitriã, a valorização da sua identidade cultural e a preservação dos ecossistemas em que vivem e se desenvolvem as comunidades locais.”



A análise efetuada permite concluir que o turismo sustentável é um tema que congrega reflexões diversas, com cronologias e conceitos pouco consolidados, salientando-se o seguinte:

- Várias datas para a génese do conceito;
- A origem dever-se aos impactes negativos do turismo de massas, mas outras análises referirem que este é compatível ou deve ser aplicado em todos os tipos de turismo, incluindo no turismo de massas;
- Uma nova interpretação “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo” contrariando a interpretação restritiva do “turismo sustentável”.

Desta análise denota-se uma convergência na eleição do destino como fator de enfoque, de facto constata-se que todos os autores evidenciam que a aplicabilidade do conceito deve ter em consideração diversos fatores, de modo a assegurar que o local de destino salvaguarda as necessidades das gerações residentes atuais e futuras. Efetivamente todas as abordagens se centralizam e valorizam a população e o local de destino. A UNWTO acrescenta também a qualidade da experiência do visitante, elemento que não é referido nas restantes abordagens.

Verifica-se, igualmente, que o conceito não é consensual pois atendendo a que a atividade turística é desenvolvida conjuntamente com outras atividades, vários autores consideram que a sustentabilidade do sistema em referência deve ser analisada no seu conjunto impedindo a individualização em termos de turismo sustentável, ou a qualquer outra atividade. De facto, a própria “sustentabilidade” inviabiliza que esta se individualize a determinada atividade, pois depende dos vários fatores inerentes àquele destino ou sistema, envolvendo portanto várias atividades com recursos comuns e provavelmente interesses diferenciados. Neste sentido, considera-se que a nova interpretação de “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo” permite uma reflexão do todo, fundamental para os objetivos e práticas em referência.

Considerando a abrangência do conceito, a sua aplicabilidade é compreensivelmente difícil. Alguns autores realçam isso mesmo, pelo facto da terminologia ser demasiado científica e técnica, para além dos fatores que lhe estão inerentes como sejam, a capacidade de carga, o controle no turismo e turismo de massas, e a participação de todos os intervenientes no processo. Neste contexto e conforme literatura diversa neste âmbito é importante realçar a complexidade dos fatores mencionados, designadamente, a capacidade de carga e o controle, decorrentes da dificuldade da sua mensurabilidade. A participação de todos os intervenientes é também um processo exigente, com inúmeras variáveis o que dificulta o sucesso da implementação do “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo”.

Neste contexto, considera-se que a responsabilização dos vários atores, numa perspetiva de desenvolvimento sustentável, poderá ser determinante para o êxito. Assim, tendo em conta as dificuldades apresentadas, associadas ao facto de existir uma tendência generalizada da apropriação da “sustentabilidade” a diversas práticas turísticas, importa analisar o conceito de turismo responsável, o qual realça o papel e importância de cada interveniente para os resultados e consequências coletivas, como se pode verificar na secção que se segue.

## 2.2. Turismo responsável

À semelhança do que se verificou na delimitação conceptual do turismo sustentável, o turismo responsável possui também diferentes abordagens. Neste contexto, Joaquim (1997:82) citando Lanfant (1991:4) refere que em 1989 a UNWTO organizou um seminário internacional para abordar a temática do turismo alternativo, do qual surge a definição de turismo responsável:

«Turismo responsável diz respeito a todas as formas de turismo que respeitem os patrimónios naturais, construído e cultural das sociedades de acolhimento e os interesses de todas as partes envolvidas: habitantes, hóspedes, visitantes, indústria, governo, etc.».

Perez (2006:18-19) considera que o turismo responsável é uma «marca» genérica que integra várias definições, designadamente, «turismo justo», «turismo solidário», «ecoturismo», «turismo comunitário», «turismo alternativo», «turismo indígena» e o «turismo equitativo». Considera, igualmente, que existem denominações diferentes para designar fenómenos iguais, como é o caso do «turismo justo» e «turismo equitativo». Perez (2006:18-19) citando a *Asociación Italiana de Turismo Responsable* (AITR) menciona que o turismo responsável é a aplicação dos princípios de justiça social e económica no turismo, associado, igualmente, ao pleno respeito pelo meio ambiente e pela cultura. Outro fator diferenciador assinalado é o facto do turismo responsável reconhecer a centralidade da comunidade local, bem como, o seu direito a ser agente do desenvolvimento turístico durável e socialmente responsável no seu território.

De referir, ainda, que Perez (2006: 18-19) defende que o turismo responsável é um movimento social no qual existem dois tipos de enfoque, que são:

1. Produtos turísticos específicos
2. Sistemas de produção turística

Neste contexto, releva que nos produtos turísticos específicos existem várias modalidades, como sejam o turismo solidário, o turismo comunitário ou inclusivamente o ecoturismo.

No âmbito dos sistemas de produção turística responsável é possível identificar o turismo justo visto este se encontrar na forma de produzir ou em características do processo de produção dos diversos produtos turísticos específicos.

Outra abordagem, que associa a sustentabilidade, realça a responsabilidade de todos os atores e a importância da análise crítica dos impactos do turismo é a do Foro Turismo Responsable <sup>2</sup>(FTR), que define o turismo responsável como um movimento social que:

- a) Procura estabelecer modelos de desenvolvimento turístico sustentáveis e específicos para cada zona de destino, tendo em conta as suas variáveis sociais, económicas e ambientais;
- b) Valoriza e reclama a responsabilidade dos turistas, operadores turísticos, anfitriões e instituições públicas na hora de favorecer modelos turísticos sustentáveis;
- c) Denuncia os impactos negativos que o turismo provoca ou pode provocar nas sociedades anfitriãs, as imagens distorcidas que dão a conhecer.”

Neste mesmo contexto, Gascon (*“Responsible tourism: a term hijacked,”*, 2009, para. 6) refere que a génese do turismo responsável se encontra associada ao intuito de afirmação de modelos de turismo alternativos. Estes modelos privilegiam os benefícios para a economia local e o papel regulador do país de acolhimento, conjugados com o respeito pelo meio ambiente. Neste sentido, Gascon (*“Responsible tourism: a term hijacked,”*, 2009, para. 6) entende que o turismo responsável surgiu também para ser um movimento social, perspetivando contrariar os efeitos negativos decorrentes dos modelos turísticos dominantes e denunciando os respetivos autores, sejam, empresas multinacionais, autoridades governamentais ou outros.

Temos, ainda, outro conceito, que à semelhança dos anteriores, salienta a sustentabilidade, acrescentando a relevância das pessoas residentes nos territórios em causa. Efetivamente, o Forum Nacional de Turismo Responsável (FNTR) (*“Définitions”*, s.d, para. 1) refere que o turismo responsável corresponde à aplicação do desenvolvimento sustentável ao turismo. Neste sentido e, considerando a sustentabilidade, será toda a forma de desenvolvimento, planeamento ou atividade turística que, a longo prazo, respeita e preserva os recursos naturais, culturais e sociais, com todos os benefícios inerentes, para a comunidade do território em causa.

Num contexto em que se associa o solidário<sup>3</sup> e o responsável o Ministério dos Negócios Estrangeiros francês (2006:23) refere que foi adotada uma definição de turismo solidário e responsável em 2003 no Forum internacional de turismo solidário (FITS) em Marselha, segundo a

<sup>2</sup> O Foro de turismo responsable (conforme folheto informativo no anexo II) é uma plataforma formada por organizações não governamentais do Estado Espanhol cujas principais linhas de atuação são:

- a sensibilização da população realçando a respetiva responsabilidade como consumidores de serviços turísticos;
- o apoio a propostas turísticas controladas e geridas pela população local que defendem um mundo natural vivo, uma sociedade justa, respeitadora e o desenvolvimento de atividades sustentáveis;
- a identificação e denúncia das políticas públicas de desenvolvimento turístico que favorecem o capital internacional em detrimento dos direitos das populações anfitriãs e da sustentabilidade dos ecossistemas;
- a identificação e denúncia das políticas corporativas das empresas turísticas que prejudicam o desenvolvimento sustentável das zonas de destino

<sup>3</sup> Conceito que vai ser analisado no ponto 2.3

qual este é um movimento social que procura regulamentar e valorizar a economia turística em benefício das comunidades de acolhimento e inscreve-se numa iniciativa de desenvolvimento territorial, cujas principais características se baseiam em:

- Iniciativa inteiramente construída a partir dos recursos humanos, sociais, culturais, económicos e ambientais que formam o espaço da vida das comunidades de acolhimento;
- Um compromisso de responsabilidade do conjunto dos atores implicados: representação social da comunidade de acolhimento, intermediários e turistas;
- Uma responsabilidade fundada em primeiro lugar no respeito dos ritmos, usos e costumes, os valores dos habitantes e o meio ambiente, com uma redistribuição equitativa das mais-valias da atividade.

No âmbito da responsabilidade dos vários atores, mencionada por alguns autores, convém referir que a UNWTO elaborou o Código Mundial de Ética do Turismo, em 1999, o qual foi adotado pela Assembleia Geral da UNWTO na resolução A/RES/406 (XIII) na sua décima terceira sessão (Santiago do Chile, 1999) e adotado, igualmente, pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2001. Este código dá especial ênfase ao comportamento do turista, salientando comportamentos prejudiciais às comunidades recetoras, a vários níveis. (Código Mundial de Ética do Turismo – ver anexo III)

Do conjunto dos conceitos apresentados verifica-se que todos se associam a questões ambientais, sociais, económicas e culturais. De facto, com exceção do Código Mundial de Ética, que se centraliza no turista, os outros conceitos apresentados, com especificidades próprias, agregam ao turismo responsável todos os atores envolvidos destacando o papel das populações que recebem os turistas e também o papel e as consequências das ações dos turistas no destino. Contudo, Perez (2006:7;19), para além de mencionar o que foi referido anteriormente, salienta que o turismo responsável é uma “marca genérica” que integra várias definições e enquanto marca genérica detém dois tipos de enfoque que são “produtos turísticos específicos” e “sistemas de produção turística”. Perez (2006:19) integra nos “produtos turísticos específicos” várias modalidades, como sejam, o turismo solidário, o turismo comunitário e inclusivamente o ecoturismo. Por outro lado, Perez (2006:19) em termos de “sistema de produção turística responsável” identifica o turismo justo, pois esta é uma forma de produzir ou um conjunto de características do processo de produção, que se aplicam a modalidades específicas de turismo. Neste contexto, pretende-se abordar o sistema de produção turística identificada por Perez (2006:19) que é o turismo justo, bem como, um produto turístico específico que será o turismo comunitário. Consequentemente, segue-se a delimitação conceptual do turismo justo e solidário (efetivamente ao turismo justo é frequentemente associada a questão do “solidário”, o qual, por sua vez, não possui um conceito uniforme, como se poderá verificar).

### 2.3 Turismo justo e solidário

O turismo justo e solidário, como a própria designação indica, congrega os valores do «justo» e do «solidário». Contudo, verificou-se que nem sempre é desta forma. De facto, alguns autores apenas referem um dos termos, como se pode ver na análise que se segue, existindo, inclusivamente, para o mesmo termo, divergência na respetiva conceptualização.

Nesta sequência, o conceito de turismo justo e solidário, com as duas designações é referido pelo FNTR (“Définitions”, s.d, para. 5), o qual destaca o papel das populações locais na elaboração de estadas turísticas e conseqüentemente beneficiando de receitas mais justas<sup>4</sup>, com implicações diretas em projetos de desenvolvimento para melhorar as condições de vida da população (neste último caso, é habitual existir uma quota solidária – percentagem do preço da viagem ou - discriminada no preço da viagem). Ainda neste contexto o FNTR (“Définitions”, s.d, para. 6) refere que são normalmente pequenos grupos que permitem privilegiar o contacto com o quotidiano de um país, através do encontro e interação com os habitantes, com total respeito pela sua cultura e meio ambiente.

Ainda neste contexto temos a organização Mó de Vida que define o turismo ético e solidário como um movimento social, decorrente da aplicação do comércio justo ao turismo, realçando áreas de atuação, respetivos pressupostos e objetivo. A Mó de Vida (<http://www.modevida.com>) refere que o objetivo do turismo ético e solidário é: conseguir condições para o financiamento de projetos de desenvolvimento sustentável, formação e infraestruturas, para além de parcerias em experiências de trabalho concretas. Quanto às áreas de atuação e princípios segue a tabela 2.1 com a respetiva informação.

Tabela 2.1 – Áreas de atuação e princípios do turismo ético e solidário

<b>Turismo ético e solidário</b>
<b>Áreas de atuação</b>
* Acordos de comércio internacional; * Indústria turística (corporações transnacionais e investidores independentes) * Investidores nas comunidades de destino * Comportamento do consumidor * Políticas dos governos nos locais de destino

4 Terminologia decorrente do movimento do Comércio Justo, que será abordado mais adiante.

**Turismo ético e solidário (cont.)**

**Princípios<sup>5</sup>**

- \* Igualdade nas parcerias de comércio entre o Norte e o Sul;
- \* Utilização dos impostos oriundos do turismo, para a erradicação da pobreza no Sul, através de decisões democráticas, baseadas na colaboração e na realização de parcerias entre os pólos emissores e os recetores, para a criação de estruturas;
- \* Construção de uma rede local de abastecimento de serviços do comércio justo, através das operações turísticas;
- \* Transparência, acesso à informação, formação e desenvolvimento em favor das comunidades dos destinos turísticos;
- \* Controle por parte da comunidade do planeamento e decisões sobre o turismo;
- \* Sustentabilidade ambiental, social e cultural;
- \* Diversificação das economias locais;
- \* Respeito pelos direitos humanos.

Fonte: Mó de Vida (modevida: 2010)

Na sequência do que foi referido anteriormente seguem-se os conceitos referentes a apenas uma das designações, isto é, ou turismo justo ou turismo solidário. Deste modo e no que respeita ao turismo justo temos:

A OMT, BITS, Ministério francês dos Negócios estrangeiros e UNAT (2007:24), citando a organização Tourism Concern, referem que:

“O comércio justo no turismo é fundamental. Trata-se de maximizar os benefícios para as partes locais através de parcerias mutuamente benéficas e justas entre as partes nacionais e internacionais; de sustentar o direito das comunidades indígenas – quer sejam ou não diretamente envolvidas na atividade turística – a participar enquanto participantes e beneficiários no processo de desenvolvimento no turismo.”

Segundo Perez (2006:22) o turismo justo encontra-se diretamente vinculado a um sistema de produção de serviços turísticos. Neste sentido, Perez (2006:22) refere que o turismo justo não é nenhuma modalidade nem produto turístico específico, é qualquer atividade turística que considera a participação dos agentes locais, existindo uma distribuição equitativa e transparente do valor acrescido, assumindo os princípios de sustentabilidade. Perez (2006:22) atribui ao turismo justo um carácter multidimensional, constituído por seis dimensões distintas, as quais facilitam a perceção da sua amplitude, conforme tabela 2.2.

---

<sup>5</sup> Conforme informação da Direção da Mó de Vida, estes basearam-se em pesquisas e contactos efetuados com outras organizações internacionais, nomeadamente da Tourism Concern.

Tabela 2.2 - Dimensões do turismo justo

<b>Turismo justo</b>	
<b>Dimensão</b>	<b>Definição</b>
1. Dimensão comercial	Produz-se e comercializa-se no mercado e contempla as negociações entre agentes, que devem ser transparentes e não impostas;
2. Dimensão económica	Existe um valor acrescido que se distribui na base do trabalho e não exclusivamente à disponibilidade de capital;
3. Dimensão ética	Exige o respeito dos Direitos Humanos e laborais;
4. Dimensão sustentável	Incorpora práticas sustentáveis a nível social, cultural e ambiental;
5. Dimensão política	Fomenta a criação de espaços de participação democrática;
6. Dimensão educativa	Propicia processos de auto aprendizagem entre a população local e os visitantes, apoiando-se na sensibilização na origem e na capacitação do destino.

Fonte: Elaborado com base em Perez (2006:22)

Amo (2003:11) refere que a expressão turismo justo contextualiza o turismo como fórmula de comércio, associado ao movimento do comércio justo, tendo portanto em consideração uma justa remuneração dos produtores, bem como, outras práticas obrigatórias. Neste sentido, o turismo justo deve cumprir uma série de condições, como sejam:

- A consciencialização dos turistas de que, pelos seus atos e atitudes, podem favorecer o desenvolvimento das comunidades de acolhimento;
- A participação efetiva das comunidades na definição e gestão das atividades turísticas, na receção dos benefícios produzidos e o reinvestimento maioritário destes em ações de desenvolvimento;
- Contratos ou acordos entre atores e operadores a longo prazo.

No que concerne aos conceitos de turismo solidário existem algumas divergências conceptuais que podemos subdividir em duas bases distintas, isto é, alguns conceitos associam o turismo solidário a ações de voluntariado, entendidas como ações de solidariedade, enquanto que outros o associam ao turismo justo, em que a solidariedade é contextualizada num movimento social, relevando a importância das pessoas, com um envolvimento e responsabilização dos vários atores, como se pode verificar nos conceitos que se apresentam na tabela 2.3.

Tabela 2.3 – Conceito de turismo solidário

AUTOR	CONCEITO(S) TURISMO SOLIDÁRIO
Tuduri e Victoria (“Un debate sobre los,” s.d, para. 14)	“... o turismo solidário é uma das modalidades possíveis do turismo justo, na qual, por sua vez, forma parte do mais amplo movimento social que denominamos consumo responsável ...”
Amo (2003: 8)	Define-se como aquele em que a solidariedade constitui a primeira motivação do viajante. “Introduz uma relação de solidariedade entre o turista e a população de acolhimento. [...] aproveitar a prática turística para estabelecer novas relações com as populações locais. O seu objetivo é levar ao turista uma forma de solidariedade concreta com as populações visitadas. Pode ter várias formas, como por exemplo a sustentabilidade de um projeto de desenvolvimento e assegurando a durabilidade do apoio, do compromisso e das ações de solidariedade.”
Perez (2006:19)	«Este conceito decorre das viagens solidárias – o surgimento destas viagens foi diferenciado segundo a função que lhes foi atribuída. Brigadas, campos de trabalho, estadas solidárias, foram algumas das designações e formas que mais frequentemente foram utilizadas, ainda que compartilhando o seu vínculo com algum tipo de ação de voluntariado ou de solidariedade.» Este mesmo autor refere ainda que em França foi feita uma delimitação mais concreta: «O turismo solidário, refere-se a um turismo sustentável mas que se baseia essencialmente no valor da solidariedade, como primeiro motor da atividade, sendo, portanto, a expressão de uma solidariedade com os países em desenvolvimento.»
União Nacional das Associações de Turismo e ar livre <sup>6</sup> ((2002), citado por OMT <i>et al</i> (2007:23)	«O turismo solidário agrupa as formas de turismo alternativo que colocam no centro da viagem o homem e o encontro, e que se inscrevem numa lógica de desenvolvimento dos territórios. A implicação das populações locais nas diferentes fases do projeto turístico, o respeito pela pessoa, as culturas e a natureza e a repartição mais justa dos recursos gerados são fundamentos deste tipo de turismo.»

Neste contexto, convém referir que a contextualização cronológica do turismo solidário poderá explicar esta sobreposição de conceitos, “solidário” e “voluntário”. De facto, conforme referência bibliográfica com informação a este respeito Gascon (“*El turismo como una actividad*,” 2009, para. 2), o turismo solidário decorre do envio de grupos militantes designados “brigadas de solidariedade” por organizações de apoio à revolução da Nicarágua, na década de 80, do século passado. As “brigadas de solidariedade” eram grupos de trabalho voluntário que se deslocavam durante um período de, aproximadamente, um mês, para colaborar em várias áreas, entre as quais se destacam a construção de infraestruturas, escolas, trabalhos agrícolas, campanhas educativas de alfabetização.

6 Organização francesa cuja sigla é UNAT, a qual será utilizada de ora em diante.



Ainda segundo Gascon (*“El turismo como una actividad,”*, 2009, para. 3-4), estas viagens “solidárias” foram crescendo através do apoio a outros movimentos sociais internacionais como foram os casos da Guatemala, El Salvador e ainda, como movimento de solidariedade ao conflito sahariano, com a invasão de Marrocos, especialmente nos campos de refugiados. Na década de 90, do século passado, com o culminar da guerra fria os processos revolucionários desvaneceram-se, surgindo um novo contexto político, durante algum tempo unipolar, e muitas organizações sociais converteram-se em Organizações Não Governamentais (ONGs). É neste contexto que surgem as viagens com o objetivo de sensibilização, permitindo dar a conhecer a realidade dos países em vias de desenvolvimento, com preparação prévia dos turistas e perspetivando que estes se tornem agentes de sensibilização no fim da viagem.

Na sequência dos conceitos apresentados considera-se oportuno refletir sobre os mesmos. Assim, podemos concluir que o turismo justo está associado ao comércio justo, pressupondo, portanto, a aplicação, com a devida adaptação, dos critérios que lhe estão inerentes e que são:

- Elimina os intermediários desnecessários;
- Garante um salário digno aos produtores dos países do sul;
- Pré-financia a produção até 60%;
- Estabelece relações de longo prazo com os produtores;
- Privilegia a transformação dos produtos nos países de origem;
- Utiliza matérias-primas locais respeitando o meio ambiente;
- Respeita os direitos humanos e valoriza a autonomia das comunidades;
- Parte dos ganhos dos produtores são destinados a projetos comunitários;
- As organizações promovem a gestão participativa dos seus membros.

O turismo justo, como refere Perez (2006: 22), não é, por si só, um produto turístico, pois pode e deveria estar subjacente à prática de qualquer produto turístico, enquanto «sistema de produção». Por outro lado, no que respeita ao conceito «solidário» constata-se uma diversidade de definições, tornando complexa a respetiva análise. De facto, em muitos casos é utilizada a designação «turismo solidário» para deslocações cujo objetivo é contribuir com trabalho não remunerado (voluntário) em projetos, cujo objetivo é beneficiar determinada comunidade, participando em trabalhos de campo, por exemplo para a construção de escolas, de infraestruturas de abastecimento de águas ou outros. Contudo, face aos conceitos apresentados considera-se que estas ações devem enquadrar-se no âmbito do turismo voluntário. Excluindo, desta forma, estas ações de voluntariado existem, ainda, outros conceitos associados ao «solidário» que devem ser objeto de reflexão. Assim, o conceito da OMT, citando a UNAT, é similar ao conceito do turismo justo. Ora, neste contexto o que diferencia o turismo justo do turismo solidário? Ou, deve considerar-se um único conceito associando os dois fenómenos, justo e solidário, como refere o FNTR? Esta análise confirma que subsistem muitas dúvidas nos diferentes conceitos e que a delimitação não se encontra definida. De qualquer modo, no

presente estudo vai ser considerada a associação dos dois conceitos, isto é, turismo justo e solidário por se entender que são totalmente complementares, pois considerando o turismo justo como forma de produção (como refere Perez) esta complementa-se, totalmente, com a solidariedade, enquanto forma de reciprocidade entre os diversos agentes<sup>7</sup> e valorização humana, com a devida responsabilização dos diversos atores.

Ainda analisando os conceitos apresentados no âmbito do turismo justo e solidário, com exceção das descrições enquadradas neste trabalho em turismo voluntário, verifica-se que todos os restantes referenciam e até destacam o papel da comunidade e apresentam como objetivo comum, melhorar as condições de vida das populações locais. Consequentemente, segue a análise conceptual do turismo comunitário.

#### **2.4. Turismo comunitário**

O turismo comunitário, pela própria designação, denota a importância da comunidade<sup>8</sup> no seu desenvolvimento. Desta forma e tal como referem Jamal e Getz (1995: 188)

«o destino turístico de base comunitária pode ser visto pela adoção de uma abordagem de ecossistema, onde o visitante interage com a vida local [...] para experimentar um produto turístico (Murphy 1985). As partes interessadas são os atores com um interesse num problema comum ou preocupação e inclui todos os indivíduos, grupos, ou organizações “diretamente influenciados pelas ações que outros tomam para resolver um problema.” (Gray 1989:5). As decisões são pensadas em conjunto numa base de consenso, sendo que as partes interessadas são autónomas desde que retenham que o seu poder de tomada de decisão considera regras partilhadas numa aliança colaborativa (Wood e Gray 1991).”

Como foi referido anteriormente, a importância do grupo, da comunidade, com especial enfoque no pensamento conjunto e a determinação de ações com base consensual, são muito importantes. Efetivamente a comunidade é o elemento que se destaca neste tipo de turismo, obviamente associada a outros fatores que contribuem para o bem-estar geral de toda a comunidade. Neste sentido, um fator, igualmente, importante é que os benefícios decorrentes da atividade turística sejam um benefício para toda a comunidade, conforme referem Bardales (2004); Campbell (1999); Maldonado (2003, 2005, 2006) citados por Zorn e Farthing (2007:673):

---

<sup>7</sup> Isto é, no relacionamento interpessoal dos habitantes locais (fator determinante nas comunidades), no relacionamento entre a comunidade local e as organizações que promovem as viagens no país de origem dos turistas, no relacionamento entre o turista e a comunidade local ou ainda entre o turista e a organização que promove a viagem no país de origem dos turistas.

<sup>8</sup> Definição de comunidade segundo Porto Editora (2010: 391) “qualquer grupo social cujos membros vivem numa determinada área, sob um governo comum e partilhando uma herança cultural e histórica”

“... pelo que se passou a designar turismo comunitário na América Latina: isto é, o desenvolvimento local, propriedades, e gestão empresarial com distribuição dos benefícios a toda a comunidade.”

Neste mesmo sentido, realçando, portanto, os interesses comunitários com aplicação de práticas democráticas, referindo, igualmente, a motivação do turista, Perez (2006:20-21), baseado em Maldonado (2006), define o turismo comunitário como:

“... aquele produto específico cuja principal motivação é o encontro intercultural de qualidade e mútuo interesse com a população local e no qual a produção é sustentada na propriedade e na autogestão dos recursos patrimoniais comunitários, recorrendo a práticas democráticas e solidárias no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados, para o bem estar dos seus membros.”

Os autores Gascon e Cañada (2007:74) associam a ruralidade a este tipo de turismo e consideram-no um exemplo do turismo sustentável, entendendo por turismo comunitário um tipo de turismo de pequena dimensão, estabelecido em zonas rurais e no qual a população local exerce um papel significativo no respetivo controle e gestão, através das suas estruturas organizativas. Salientam, ainda, que não existe um modelo de turismo comunitário aplicável universalmente, pois este tem de ser adaptado às características do contexto e da população local e, conseqüentemente, uma experiência sustentável e com êxito num determinado contexto pode ser considerado como referência, mas nunca como exemplo a replicar. O turismo comunitário destaca-se também porque se dirige aos setores mais desfavorecidos da sociedade, perspectiva distribuir de forma equitativa os benefícios e estabelece sinergias com outras políticas de desenvolvimento (económicas no âmbito agropecuário, do património cultural, ambiental, etc.).”

Estes autores, tal como os anteriores, destacam o papel da população local, enquanto comunidade, interventiva no seu território, distribuindo de forma equitativa os benefícios da atividade turística, a qual estabelece sinergias com outras políticas de desenvolvimento, quer a nível económico, cultural, ambiental ou outro. Estes autores referem, ainda, que à semelhança de outras áreas, o modelo turístico bem sucedido numa comunidade, não deve ser replicado, pois não existem comunidades iguais, todas têm características próprias. Efetivamente, replicar qualquer modelo de sucesso noutra comunidade poderá ter resultados totalmente opostos, devendo por isso ser apenas uma referência num processo complexo de estudo e análise da e com a comunidade<sup>9</sup> que determinam as ações a implementar em cada caso.

Ainda no âmbito do turismo comunitário destaca-se a análise mais sistematizada de Maldonado (2006:20), o qual refere que segundo a Declaração de São José, o turismo rural comunitário é aquele que promove um adequado equilíbrio de valores éticos, sociais e culturais, complementa

---

9 O recurso a métodos participativos tem permitido a autorreflexão e a participação ativa da população.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

e potencia a economia comunitária e familiar, melhora as condições de vida e de trabalho dos seus membros e revitaliza as expressões da cultura<sup>10</sup>.

Maldonado (2006:21) com base no artigo 2º da referida Declaração de São José (anexo IV) salienta os quatro princípios do turismo comunitário sustentável conforme tabela 2.4.

Tabela 2.4 – Princípios do turismo comunitário sustentável

<b>Princípios do turismo comunitário sustentável</b>	
Socialmente solidário	Promove uma efetiva cooperação entre os membros da comunidade e entre comunidades, baseada na distribuição equitativa das oportunidades e dos benefícios gerados pela atividade turística.
Ambientalmente responsável	Fomenta uma consciência de respeito e formas de gestão sustentáveis dos recursos naturais e da biodiversidade, vinculando-as à defesa dos direitos da terra e dos territórios ancestrais.
Economicamente viável	Incorpora os objetivos e instrumentos de gestão eficientes no uso e valorização dos recursos que se mobilizam, procurando benefícios que permitam remunerar convenientemente o trabalho e as intervenções realizadas.
Culturalmente enriquecedor	Propicia experiências e encontros interculturais de qualidade entre os visitantes e as comunidades anfitriãs, respeitando as expressões da identidade cultural.

Fonte: Adaptado de Maldonado (2006:21)

A Declaração de São José, mencionada anteriormente, é uma referência no turismo comunitário pois é resultante de uma consulta regional a organizações comunitárias para a REDTURS e por isso destacada por vários autores e organizações. Neste sentido, refere-se Maldonado (2006: 22) que realça o respetivo artigo 3º, o qual se passa a descrever:

“somos conscientes de que o turismo pode ser uma fonte de oportunidades mas também uma ameaça para a coesão social dos nossos povos, sua cultura e o seu habitat natural. Por essa razão defendemos a autogestão do turismo, de modo a que as nossas comunidades assumam o protagonismo que lhes corresponde na sua planificação, operação, supervisão e desenvolvimento.”

De referir ainda que a Rede Nicaraguense de turismo rural comunitário entende por turismo comunitário (ver anexo IV):

- “- Turismo como complemento (não substituto) das atividades tradicionais (agricultura, pecuária, pesca...);
- Turismo rural desenvolvido no âmbito das atividades do produtor;

10 OIT-REDTURS: Declaración de San José sobre Turismo Rural e Comunitario, San José, octubre 2003 – ver anexo IV

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

- Turismo comunitário no sentido da gestão e propriedade da iniciativa turística, e/ou a atração turística, e/ou a distribuição dos benefícios;
- Um turismo que procura combinar a rentabilidade económica com a sustentabilidade social e ambiental;
- Um turismo que valoriza recursos disponíveis (por exemplo: pessoas, meio ambiente, tradições, cultura, património arqueológico);
- Um meio para assegurar a propriedade da terra nas mãos dos produtores;
- Um modo de promover espaços de intercâmbio social e cultural.”

Das abordagens apresentadas, referentes ao conceito do turismo comunitário, verifica-se que todas realçam o papel da comunidade, em termos interventivos no turismo, tendo como base reflexões e decisões conjuntas. Ainda neste contexto verifica-se igualmente que vários autores referem a importância dos benefícios decorrentes da atividade turística serem distribuídos de forma equitativa na comunidade.

Convém, ainda, referir o facto das comunidades evidenciarem que o turismo deve ser um complemento às suas atividades habituais, evitando desta forma a dependência e preservando todos os valores da comunidade.

### **2.5. Conclusão**

Após a análise efetuada, podemos concluir, conforme referido no início do presente capítulo, que, de facto, existem inúmeros conceitos, que se encontram interligados, existindo, nalguns casos, para o mesmo tipo de turismo, conceitos divergentes. Provavelmente, pelo facto de serem conceitos recentes, no contexto do turismo, e em evolução, a delimitação conceptual tornou-se um pouco complexa. De qualquer modo, este capítulo permitiu apresentar vários conceitos e definir um “fio condutor” entre os diferentes conceitos.

Os princípios de sustentabilidade são mencionados e realçados em vários conceitos apresentados. Consequentemente, existe total enquadramento dos vários conceitos analisados, no turismo sustentável ou numa perspetiva mais abrangente e apresentada por vários autores no “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo”. De facto, um dos principais pressupostos do turismo comunitário e também do turismo justo e solidário, é assegurar a sustentabilidade das comunidades que recebem os turistas. Neste mesmo contexto Maldonado (2006) menciona que o turismo comunitário é sustentável pelos seus princípios (socialmente solidário; ambientalmente responsável; economicamente viável e culturalmente enriquecedor). Também no artigo 2º da “Declaración de San Jose sobre Turismo Rural e Comunitário” verificamos o princípio da sustentabilidade no seguinte ponto: “um turismo que procura combinar a rentabilidade económica com a sustentabilidade social e ambiental”. Do mesmo modo, no turismo responsável vários conceitos mencionam a sustentabilidade, como é o caso de Perez (2006) que realça o papel da comunidade local no “desenvolvimento turístico durável e socialmente responsável no seu

território”, e do Forum Turismo Responsável (FTR) que na respetiva definição refere que este “procura estabelecer modelos de desenvolvimento turísticos sustentáveis...”.

Outro fator, que se destaca pela consensualidade nos diversos conceitos, é a relevância e o papel atribuído à população local, sendo mais evidente no turismo comunitário, como é compreensível, mas todos os conceitos analisados fazem alguma referência a este fator.

É curioso verificar, no que respeita ao turismo responsável, algumas diferenças nas abordagens analisadas, pois alguns autores apresentam um conceito por si só e outros consideram-no um movimento social perspetivando contrariar os efeitos negativos associados a algumas práticas do turismo e denunciando os respetivos responsáveis ou, ainda, que visa um desenvolvimento territorial, beneficiando as comunidades locais através da regulamentação e valorização da atividade turística. Também enquanto movimento social, foi analisada a abordagem de Perez (2006) que se diferencia das restantes, pois introduz os conceitos de “produto turístico específico” e “sistema de produção turística”, enquadrando, desta forma, o turismo comunitário no primeiro e o turismo justo no segundo. Conforme análise efetuada nos pontos 2.2 e 2.3 constata-se que o turismo justo e solidário não é, por si só, um tipo de turismo, mas sim uma forma de produção, pois pode e deve ser aplicada aos vários tipos de turismo. Por outro lado, o turismo comunitário integra-se no turismo responsável, o qual realça o papel da comunidade local, e cuja forma de produção subentende os princípios do turismo justo e solidário.

Deste modo, esta revisão da literatura evidencia a interligação entre o turismo comunitário e o turismo justo e solidário, e destes dois ao turismo responsável.

Esta análise permitiu agregar os conceitos nesta área, possibilitando alguma reflexão sobre o tema, a qual será aprofundada nos próximos capítulos, especialmente na caracterização do turismo comunitário<sup>11</sup>, bem como, nos estudos de caso, centralizados em organizações europeias que colaboram na dinamização do turismo comunitário.

---

<sup>11</sup> No que respeita ao turismo comunitário e decorrente da presente revisão da leitura, verificou-se que existem outras formas de turismo com o mesmo objetivo, isto é, melhorar as condições de vida da comunidade local, ainda que utilizando meios diferentes. Assim, temos o *pro-poor tourism* (PPT) e as iniciativas turísticas com benefícios para a comunidade (CBTI) e o STEP.

### **Capítulo 3 - Turismo comunitário: aspetos gerais da sua implementação**

#### **3.1 Introdução**

Para além da análise conceptual apresentada na anterior secção 2.4, e tendo em consideração os objetivos do presente estudo, é importante analisar alguns aspetos gerais do turismo comunitário, em virtude da respetiva abrangência em termos de envolvimento das comunidades e efeitos sobre as mesmas.

Este capítulo tem como objetivo caracterizar o turismo comunitário e, neste contexto, a estrutura deste integra a presente introdução à qual se segue uma reflexão sobre a origem do turismo comunitário, sobre as organizações que trabalham no turismo comunitário, os impactes do turismo comunitário e as respetivas conclusões.

#### **3.2. Origem**

Relativamente ao turismo comunitário, a análise conceptual apresentada na secção 2.4 do capítulo anterior permite concluir que o papel da população local neste tipo de turismo, enquanto comunidade, interventiva no seu território, é fulcral, promovendo a distribuição equitativa dos benefícios da atividade turística e estabelecendo sinergias com outras políticas de desenvolvimento, quer a nível económico, cultural, ambiental ou outro.

Para uma melhor perceção do turismo comunitário considera-se importante o respetivo enquadramento cronológico. Assim, segundo Maldonado (*"Fortaleciendo redes,"* 2007, para. 7), o turismo comunitário na América Latina é um fenómeno que surge na década de 90 do século passado, num contexto de grandes mudanças a nível económico, social e político, tais como a liberalização dos fluxos comerciais e financeiros, a vigência de novos paradigmas do desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social das empresas. Em termos da origem geográfica as consultas efetuadas não permitem identificar a mesma, todavia a América Latina é associada ao tema.

Os vários países da América Latina encontram-se em fases distintas de desenvolvimento do turismo comunitário, como referem Irías e Ricarte (*"Reconocen importancia,"* 2007, para. 11), salientando que a Costa Rica é o país que se encontra numa fase mais avançada, enquanto na Nicarágua, nas Honduras, em El Salvador e na Guatemala existe um esforço considerável para este se destacar. Gómez, citado por Irías e Ricarte (*"Reconocen importancia,"* 2007, para. 12), menciona que as diferenças acima referidas decorrem da história recente de cada um dos países, associada às suas respetivas potencialidades. Neste mesmo contexto, também Gómez, citado por Irías e Ricarte (*"Reconocen importancia,"* 2007, para. 12) refere que a Costa Rica foi o primeiro país da América Latina a implementar o turismo comunitário, em virtude deste país não ter vivido todo o período de guerra do resto da América Central, dando-lhe oportunidade de fomentar a sua economia e explorar mais os recursos naturais que possui.

Nesta sequência considera-se importante analisar a estrutura organizacional que suporta o trabalho desenvolvido no turismo comunitário.

### **3.3 Organizações que trabalham no turismo comunitário**

Conforme análise do capítulo anterior, o turismo comunitário está fortemente associado ao turismo justo e solidário. Este último, enquanto sistema de produção, como defende Perez (2006), tem um carácter multidimensional a nível comercial, económico, ético, de sustentabilidade, político e educativo, conforme secção 2.3. referente à análise conceptual do turismo justo. Na estrutura organizacional do turismo justo e solidário, com muita proximidade ao comércio justo, existe uma forte preocupação em estreitar a relação entre consumidor e produtor. Neste âmbito, a estrutura organizacional subjacente a este tipo de turismo deverá restringir-se a um mínimo de intervenientes. É neste sentido que geralmente, nos destinos localizados em países em vias de desenvolvimento, existe uma organização local que trabalha a oferta e receção dos turistas e, ainda, outra organização que promove essa oferta, informando e sensibilizando os interessados para os objetivos inerentes à viagem e que concretiza as respetivas reservas junto da organização local.

Deste modo, foram identificadas organizações com abrangência internacional, nacional e regional e, também, local. Assim, no âmbito do turismo comunitário, proceder-se-á à análise das organizações internacionais, nacionais e regionais na secção 3.3.1. e as organizações locais vão ser analisadas na secção 3.3.2.

#### **3.3.1. Organizações internacionais e nacionais**

Relativamente às organizações internacionais, tendo em consideração a interligação entre o turismo comunitário e o turismo justo, Perez (2006:10) destaca duas organizações:

1. A UNWTO, através dos Departamentos de qualidade e desenvolvimento sustentável que impulsionaram o Código Mundial de Ética para o Turismo e o programa ST-EP sobre o turismo sustentável e o alívio à pobreza, incorporaram nos seus planos anuais de trabalho ações concretas destinadas a melhorar a competitividade do turismo através da promoção do comércio justo. Em colaboração com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a UNWTO realizou também conferências internacionais, entre as quais se pode realçar a que teve lugar em Tunes com o tema “Para uma melhor colaboração nas transações do comércio internacional no setor do turismo”;
2. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), na promoção do turismo comunitário, coordenando e tutelando a Redturs, a qual por sua vez integra redes e organizações de diversos países da América Latina (Argentina; Bolívia; Brasil; Chile; Colômbia; Costa Rica; Equador;



Guatemala; Honduras; México, Nicarágua; Panamá; Perú e Venezuela) e de cada país integra várias organizações ou entidades num total de 316, conforme tabela do anexo VI.

Para além da UNWTO e da OIT verificou-se que existem outras organizações que desenvolvem projetos internacionais de cooperação para o desenvolvimento. É importante salientar o trabalho desenvolvido por outras organizações, entre as quais se destacam as associações e cooperativas, em muitos casos com estatuto de ONG. A este respeito, Perez (2006:12) realça e apresenta um reconhecimento explícito às ONG's que intervêm no turismo comunitário que, especialmente através de estudos teóricos e conceptuais de grande interesse, colmataram a inexistência de investigações académicas nesta área, contribuindo para a evolução do turismo comunitário.

Ainda, a nível internacional mas com trabalho ao nível de turismo responsável e turismo justo e solidário foram identificadas algumas redes, mais associadas ao trabalho realizado junto aos turistas, como sejam: a *Tourism European Ecumenical Network*, a *Tourism Concern*, a *Foro Turismo Responsable*, a *Asociación Italiana de Turismo Responsable (AITR)*, a *Association de Tourisme Équitable et Solidaire (ATES)*, a *European Alliance for responsible Tourism and Hospitality (EARTH)* e a *Turismo Responsabile e Solidale Europa (TRES)*.

Ao nível de cada país verificou-se que, para além, das estruturas locais (que serão analisadas na secção 3.3.2) existem estruturas com maior abrangência, isto é regional e também nacional, designadamente, nos países da América Central e Latina. Deve realçar-se que é provável que existam outros países com organizações a trabalhar neste âmbito, mas com a designação de turismo comunitário a informação obtida restringe-se à América Central e Latina, conforme figura 3.1.



## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Redes	Designação	País	Código mapa
<b>Redes nacionais</b>	TUSOCO – Rede Boliviana de turismo solidário e comunitário	Bolívia	1
	TURISOL – Rede Brasileira de turismo solidário e comunitário	Brasil	2
	Associação Costarriquense de Turismo Rural Comunitário (ACTUAR)	Costa Rica	3
	Consortio cooperativo rede ecoturística nacional – Costa Rica (COOPRENA)	Costa Rica	3
	FEPTCE – Federação plurinacional de turismo comunitário do Equador	Equador	4
	Federação nacional de turismo comunitário da Guatemala (FENATUCGUA)	Guatemala	5
	Rede indígena de turismo do México, A.C (RITA)	México	6
<b>Redes locais</b>	RENITURAL – Rede Nicaraguense de Turismo Rural	Nicarágua	7
	ONPIA – organização de nações e povos indígenas na Argentina	Argentina	8
	Rede de turismo campesino Valles Calchaquíes de Salta	Argentina	8
	Rede provincial de turismo rural de base comunitária de Jujuy – Huella Gaúcha	Argentina	8
	TUCUM – rede de turismo cearense de turismo comunitário	Brasil	2
	Rede de parques comunitários, associação Mapu Lahual	Chile	9
	Kai ecotravel operador comunitário de turismo	Colômbia	10
	REST – Rede solidária de turismo da ribeira do rio Napo	Equador	4
	UNORCAC – União de organizações campesinas e indígenas de Cotacachi	Equador	4
	Rede de Turismo comunitário Garífuna (MUTU)	Honduras	11
	Ruta Moskitia – rede turística de etnias indígenas	Honduras	11
	SENDASUR – Rede de turismo de Chiapas ecotours e etnias nacionais e locais	México	6
	Rede de turismo dos povos Kuna	Panamá	12
	Redturc – Titikaka rede de turismo comunitário de Titikaka	Perú	13
ver anexo VI	Venezuela	14	

Figura 3.1 Organizações de turismo comunitário

Fonte: Elaborada com base em OIT (2008:6-7) e REDTURS (Redturs: 2011)

Analisando a figura 3.1, e realçando que nela estão representadas organizações de âmbito nacional ou regional, constata-se que o turismo comunitário denota uma implementação muito considerável na América Central e Latina. A figura 3.1 permite verificar que 14 países da América Central e Latina possuem organizações representativas do turismo comunitário, o que é muito significativo. Pode equacionar-se se nos países que não foram identificados existirão algumas experiências de turismo comunitário, ainda que sejam apenas em termos locais, talvez com trabalho ainda em fase inicial e por isso não sejam referidas, ou, se efetivamente, o turismo comunitário não tem qualquer implementação nestes países. Relativamente às organizações identificadas na figura 3.1 a OIT (2008: 37) refere que a maioria são associações recentes, criadas entre os anos de 2002 e 2005.

### 3.3.2. Organizações locais

No que respeita à estrutura organizacional do turismo comunitário, a nível local, não existe um modelo único aplicado em várias comunidades. Conforme referido anteriormente um modelo bem sucedido em determinada comunidade pode ser um fracasso noutra, podendo suceder o inverso, dadas as particularidades de cada situação.

Aliás, verifica-se que a estrutura organizacional permanece em evolução e em discussão mesmo quando já se encontra implementada. Segue a análise de dois casos específicos de turismo comunitário que confirmam o que foi referido. Estas duas experiências desenvolvem-se em duas regiões diferentes do Equador, designadamente, no Vale de Manduríacos e a outra em Saraguro. Como se poderá verificar a organização e evolução dos dois casos são distintas, apesar dos objetivos serem similares. De referir, ainda, que as análises baseiam-se em dois autores diferentes e por isso o tipo e a quantidade de informação fornecidos diferem.

Deste modo, apresenta-se na tabela 3.1 a análise da estrutura organizacional no âmbito do turismo comunitário, em Vale de Manduríacos, Equador.

Tabela 3.1 - Turismo comunitário, Vale de Manduríacos, Equador

Instituição da Corporação Oficinas de Grande Vale (Corporação)	A Corporação é uma organização que surge, em 1998, da própria população agrária, com o objetivo de criar empresas de serviços e oficinas artesanais sociais em Vale de Manduríacos, favorecendo a comercialização dos respetivos produtos no mercado local, nacional e internacional de comércio justo (Europa, Japão e Estados-Unidos), com base no desenvolvimento sustentável social, económico e ambiental. Em poucos anos, tornou-se na estrutura mais importante do Vale, a qual funciona de forma democrática e participativa, através da Assembleia-Geral e da Junta Diretiva.
Fundo social	A Corporação gere um Fundo social seguindo as diretrizes estabelecidas pela Junta Diretiva <sup>12</sup> que se destina a ações comunitárias, como sejam a reabilitação dos caminhos e pontes que interligam as diferentes comunidades, melhorar as infraestruturas educativas <sup>13</sup> e sanitárias, construção de espaços de lazer ou culturais, ampliação de armazéns e oficinas da Corporação, entre outros. O referido Fundo social beneficia de receitas das diferentes oficinas de artesanato, das ações de comercialização da organização e de receitas das viagens.
Cooperação internacional	A partir de 1999 inicia-se a cooperação entre a Corporação e a Xarxa Consum Solidari (Xarxa) <sup>14</sup> , designadamente em três áreas: comercialização (esponja natural vegetal; sabões naturais; derivados de amendoim; prevendo-se outros como licores e cestas de sisal), cooperação internacional (formação, apoiando infraestruturas de comercialização e cocapacitação política; formação de líderes, especialmente em temas municipais, ambientais e de género) e turismo (programa de desenvolvimento turístico integral, que considera a formação de agentes turísticos, como sejam, guias, pessoal de restauração e gestão; implementação de infraestruturas, como por exemplo albergues), tendo-se concretizado a primeira viagem em 2001.

Fonte: Elaborada com base em Gascon ("El turismo como una actividade," s.d)

12 Formada pelos líderes de cada comunidade eleita em assembleia comunitária.

13 O estado equatoriano assume as remunerações dos professores, mas as escolas são propriedade das comunidades.

14 A Xarxa de Consum Solidari surge em 1997 por iniciativa de diferentes organizações e entidades catalãs interessadas no desenvolvimento do comércio justo na Catalunha, Espanha. Segundo os seus estatutos, o seu principal objetivo é a "promoção de iniciativas que possam contribuir para a dinamização das ideias de consumo responsável e solidário". Para isso, trabalha em cinco áreas: cooperação internacional, importação e distribuição de produtos de comércio justo, a sensibilização e educação para o desenvolvimento, a pressão política e o apoio em prol de um turismo responsável.

Analisando a tabela 3.1 verifica-se que a população, para agregar, gerir e comercializar os produtos das atividades que desenvolve, criou uma organização coletiva, a Corporação. Foi, igualmente, criado o Fundo social cujas receitas provêm das diversas atividades desenvolvidas que se destina a ações em benefício da comunidade. Na fase inicial, o turismo não integrava as atividades desenvolvidas na comunidade. Este decorre da cooperação internacional com a Xarxa.

Gascon (“El turismo como una actividade,” s.d, para. 47-48) refere que foi desenvolvido um projeto de cooperação em Vale de Manduríacos, Equador, designado “Formiga verde”, entre a Corporação Oficinas do Grande Vale (Corporação) e a Xarxa Consum Solidari (Xarxa), o qual contou igualmente com a Sodepaz e o apoio financeiro da Junta das comunidades Castilla - La Mancha, Espanha. Este projeto integrou os seguintes módulos:

- a. Campanha de divulgação, a nível nacional e internacional, do Vale de Manduríacos como destino turístico;
- b. Formação e capacitação de agentes turísticos (ex: responsáveis de alojamento e guias);
- c. Melhorar as infraestruturas.

Gascon (“El turismo como una actividade,” s.d, para. 50) analisa o debate que surgiu em Vale de Manduríacos com a questão “é exequível aplicar à atividade turística o modelo misto já utilizado noutras, de tipo produtivo?”. Sendo a atividade turística uma atividade desconhecida em Vale de Manduríacos tornava-se necessário definir o modelo a estabelecer, designadamente, no que respeita às infraestruturas, isto é, se totalmente comunitário ou misto. Uma proposta inicial foi estabelecer um modelo que conjugaria benefícios comunitários e individuais, permitindo, neste contexto, à população adequar as suas residências para alojar os turistas, melhorando e ampliando a rede de albergues, através de um fundo de microcrédito, Gascon (“El turismo como una actividade,” s.d, para. 48). Este sistema misto não é estranho à Corporação nem aos projetos que foram realizados com o apoio da Xarxa e outras ONG’s, pois as oficinas são propriedade da Corporação e os seus benefícios são comunitários através do Fundo social, mas as matérias primas com que trabalham as oficinas produzem-se de forma particular nas explorações agrárias da zona (minifundistas), Gascon (“El turismo como una actividade,” s.d, para. 49). Contudo, foram identificados fatores favoráveis e desfavoráveis à proposta em referência, conforme tabela 3.2.

Tabela 3.2 - Fatores favoráveis e desfavoráveis relativamente ao modelo misto proposto no âmbito do projeto Formiga verde

<b>Fatores favoráveis</b>	<b>Fatores desfavoráveis</b>
É o modelo das ações de desenvolvimento realizadas pela Corporação e funciona com êxito.	O modelo de desenvolvimento da Corporação é misto, mas os meios de produção (ex: terrenos, matérias primas.) são particulares e nunca receberam apoio <sup>15</sup> , como se propõe no caso do turismo.
O acesso a apoio financeiro para adequar as casas, com o objetivo de alojar os turistas, estaria disponível a todos.	Contudo, não é certo que o alojamento pode ser proporcionado por toda a população, pois não é uma comunidade homogénea, social e economicamente, pelo contrário, é uma sociedade relativamente diferenciada. Os pobres não têm uma casa adequada para receber turistas, nem tendem a aceder a crédito (pressupõe um risco que não podem assumir). Assim, a aplicação de um modelo misto pode favorecer o aumento das diferenças socioeconómicas e a gestão de processos de conflito.
O apoio financeiro teria uma segunda consequência positiva, que seria o melhoramento das residências.	Devido a demasiadas expectativas associadas ao turismo, muitas famílias podem tomar a decisão de endividar-se ou de cair num círculo vicioso de atração de turistas acima do número considerado ótimo para viabilizar os investimentos privados.
Não se podem criar albergues em todas as comunidades, pois tratar-se-ia de uma estrutura com muitos custos e muitas destas infraestruturas, as quais, devido à sazonalidade do turismo, estariam subutilizadas.	Não é necessário construir albergues em todas as comunidades, pois os benefícios destinam-se ao Fundo social, por isso todas as comunidades são beneficiadas.
Algumas atividades turísticas requerem contratar serviços que só podem ser feitos por particulares, como os serviços de guias e de hospedagem ou contratação de mulas.	A partilha de benefícios não seria muito consensual no caso das eventuais atividades que requerem contratar serviços (aluguer de mulas, serviços de alojamento) que apenas podem ser feitos por particulares.

Fonte: Elaborado com base em Gascon ("El turismo como una actividade," s.d, para. 51-52)

A análise apresentada por Gascon ("El turismo como una actividade," s.d) permite evidenciar as dúvidas relativamente à implementação do projeto, as quais se encontram associadas a diversos detalhes do turismo comunitário. Constata-se, através desta análise, que existem muitas variáveis que devem ser devidamente ponderadas pela própria comunidade, permitindo-lhe estabelecer o modelo mais adequado à sua realidade naquele momento.

No contexto organizacional de Vale de Manduríacos, segundo Gascon ("El turismo como una actividade," s.d, para. 56), a Xarxa responsabiliza-se por organizar e divulgar as viagens em

<sup>15</sup> Apenas a compra com antecedência conforme os princípios de comércio justo.

Espanha, tarefa que realiza conjuntamente com organizações congéneres como a Sodepau, Sodepaz e ACASC, as quais também oferecem viagens similares noutras zonas da América Latina e área mediterrânica. A Corporação responsabiliza-se por preparar a viagem no Equador, tanto no Vale de Manduriacos como nas restantes regiões da viagem. Nestas outras regiões a Corporação conta com o apoio de entidades locais congéneres<sup>16</sup>, que organizam a estada dos turistas, realçando-se a participação dos líderes e dos guias locais na explicação aos turistas das realidades que vivem no dia a dia.

É possível observar na tabela 3.3 a estrutura organizacional no âmbito do turismo comunitário na região de Saraguro<sup>17</sup>, no sul do Equador.

Tabela 3.3 - Turismo comunitário, Saraguro, Equador

Constituição da associação Inka Tours	Em 2002 um grupo de 10 famílias moradoras em várias comunidades de Chukidel (Lagunas), Ilincho, Gunudel, Kisquinchir e Matara decidem formar uma associação para promover produtos turísticos, que se denominou Inka Tours. Por iniciativa própria e sem nenhum tipo de financiamento externo decidem implementar uma oferta turística motivada pelo facto de parte dos associados conhecerem experiências desenvolvidas em Otavalo e outras regiões do país e reconhecerem que Saraguro tinha potencial cultural e natural para esta atividade. Para além disso, consideravam que a população local deveria beneficiar do turismo que chega à região, pois até então o acesso dos turistas era gerido por operadores privados, cujas visitas se limitavam a conhecer alguns sítios de interesse como a igreja, o mercado ou a participar como observadores nalgumas atividades próprias do quotidiano indígena. Esta prática turística não beneficiava a comunidade, com exceção de pessoas que trabalhavam ocasionalmente como carregadores dos bens de turistas ou como vendedores informais de artesanato ou alimentos.
Fundação Jatun Kawsay	A Fundação Jatun Kawsay “tem como objetivo apoiar o desenvolvimento dos Saraguros e as suas organizações, sendo constituída por membros indígenas e não indígenas Saraguros, decididos a enfrentar o desafio do desenvolvimento sustentável, junto do povo de Saraguro”, ( <a href="http://www.saraguro.org/jatun1.htm">http://www.saraguro.org/jatun1.htm</a> ). Como refere Espinosa (s.d: 128), em 2001, a Fundação Jatun Kawsay em parceria com a ONG espanhola Solidariedade Internacional e com o apoio financeiro da AECI (agência espanhola de cooperação internacional) inicia um primeiro projeto sobre ecoturismo comunitário em Saraguro, cujo objetivo central era consolidar a experiência no campo do turismo em comunidades da região de Saraguro. “O projeto pretende criar serviços de atenção ao cliente, alojamento e serviços turísticos complementares gerando fontes de trabalho vinculadas à atividade” (Espinosa, s.d: 128). Posteriormente, o <i>Ayuntamiento de Alcobendas</i> e <i>Paradores</i> turísticos de Espanha também colaboraram no financiamento do presente projeto.
Constituição	Em 2003, e no âmbito do projeto mencionado, identificou-se a necessidade de formalizar

16 Parceiros locais: Frente de la Lucha por la Vida, em Manduriacos; o Grupo de Mulheres de El Rosal, a AACRI, a DECOIN e o Centro de Investigação do Bosque Tropical, em Intag, a Assembleia de Unidade Cantonal e a organização indígena UNORCAC, na serra Cotacachi, ou a associação Projeto Guacamayo, em Manabi.

17 Região a sul do Equador que abrange cerca de 30.000 habitantes, envolvendo cerca de 183 comunidades.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

<p>da “Rede de turismo comunitário Saraguro Rikuy”</p>	<p>uma rede de turismo local para aglutinar as comunidades que naquela data tinham alguma oferta de turismo na zona. Foi assim que se iniciou a consolidação da Rede de turismo comunitário Saraguro Rikuy que, a 26 de abril de 2004, mediante acordo ministerial nº 04-129 da Subsecretaria regional do Ministério do Comércio Exterior, MICIP, do Austro, recebeu a sua personalidade jurídica que a reconhece como uma organização de direito. A “Rede” (designação utilizada na fonte para a Rede de turismo comunitário Saraguro Rikuy) reconhece-se como “uma organização comunitária sem fins lucrativos que promove o desenvolvimento comunitário mediante a conservação do meio ambiente, costumes ancestrais, novas alternativas de desenvolvimento sustentável e equitativo, o intercâmbio de experiências e uma constante capacitação com a finalidade de oferecer produtos de qualidade e melhorar as condições de vida das comunidades” (<a href="http://www.turismosaraguro.com">http://www.turismosaraguro.com</a>, citado por Espinosa, s.d., 128-129). A “Rede” inicialmente integrava cerca de 20 pessoas residentes nas comunidades de Oñacapak, Ñamarin, La Papaya, San Fernando e Sabadell em que, à exceção de La Papaya e Sabadell, onde a experiência do turismo estava ligada diretamente a pequenos grupos familiares, tinham formado Centros de turismo comunitário (CTC) que contavam, para o seu funcionamento, com a aprovação da comunidade através do líder.</p>
<p>Integração da Inka Tours e Rede de Turismo Comunitário Saraguro Rikuy</p>	<p>Entretanto, verificaram-se vários fatores que marcaram o modelo organizacional do turismo comunitário em Saraguro. Por um lado, a Inka Tours constatava a necessidade de legalizar-se para poder competir mais livremente no mercado, mas não contava com recursos económicos suficientes, para o efeito. Por outro lado, a “Rede” pretendia alargar a sua oferta de serviços. Para além disto, ambas as organizações apercebiavam-se da necessidade de dispor de canais de distribuição no que respeita à comercialização, assim como uma promoção efetiva para oferecer os serviços turísticos. Neste contexto, e tendo em consideração que a Federação plurinacional de turismo comunitário do Equador (FEPTCE) era uma organização com um certo reconhecimento a nível nacional, existia todo o interesse numa maior aproximação, para incrementar os processos locais e para um reconhecimento daquele destino turístico. Nesta conjuntura, as famílias da Inka Tours e as que formavam a “Rede” decidiram integrar-se e oferecer conjuntamente os seus serviços.</p>
<p>Constituição da agência de viagens Saraurku Compañia Limitada (“Operador”)</p>	<p>Ainda no processo de formação da “Rede” surge outra organização complementar, em janeiro de 2004, em consequência da legislação vigente no Equador, que foi um operador turístico. De facto, a lei do turismo requer um operador legalmente constituído, para a comercialização de serviços turísticos. Por isso, as comunidades agrupadas na “Rede” e a Fundação Jatun Kawsay decidem consolidar uma entidade própria para este efeito. A agência operadora de turismo Saraurku Compañia Limitada tem uma estrutura de empresa privada com categoria de agência de viagens, licenciada em outubro de 2004. Esta foi constituída por cinco membros locais e tem como objetivo posicionar a oferta do turismo comunitário da Rede no mercado, garantindo a prestação dos serviços oferecidos nos diversos pacotes turísticos.</p>

Fonte: Elaborado com base em Espinosa (s.d: 126-133)

A tabela 3.3 permite verificar a criação e desenvolvimento de várias organizações intervenientes no turismo comunitário em Saraguro. De forma a percebermos mais facilmente o que está subjacente a cada organização identificada na tabela 3.3, considera-se importante complementar esta informação, designadamente, através da respetiva caracterização e objetivos. Assim, segundo Espinosa (s.d: 126-133), a oferta turística organizada pela Inka Tours apresentou-se de forma integrada, oferecendo alojamento, alimentação, serviços de guia turístico, música e dança.

Em termos de alojamento a oferta integra cinco hospedagens localizadas em Lagunas (Hotensia Chalan, Baudilio Quizphe), Ilincho (Luz Angelita Sarango), Centro de Saraguro (Benigno Zhingre) e Matara (Luis Medina), tendo-se centralizado esta oferta, em termos de funcionamento, numa loja no centro de Saraguro na casa de um dos seus membros, Benigno Zhingre. Dali realizava-se parte da divulgação dos serviços, incluindo a promoção “boca a boca” aproveitando os contactos que alguns associados tinham com organizações sociais e através do site de internet da FEPTCE.

Por outro lado, no que respeita aos objetivos do primeiro projeto da Fundação Jatun Kawsay, Espinosa (s.d:126-133) refere que uma das atividades foi a identificação das comunidades indígenas e/ou mestiças e de famílias concretas com interesse em oferecer serviços turísticos, desde a alimentação e alojamento até ao reconhecimento de possíveis roteiros, atrativos naturais ou culturais. A isto seguiu-se um processo de sensibilização à comunidade, e especialmente aos líderes, com o objetivo de se obter o seu consentimento. De seguida procedeu-se à identificação das famílias que seriam prestadoras de serviços, assim como à identificação das suas necessidades mais imediatas para poder qualificá-las como prestadoras de serviços e realizou-se o melhoramento e apetrechamento de albergues, assim como a formação em temas como a gastronomia, atenção ao cliente, serviço de guia, entre outros. Kawsay e as famílias que se vincularam ao albergue ou alojamento assinaram protocolos nos quais a Fundação se comprometia a financiar em 60% das infraestruturas inerentes. Posteriormente formaram-se em cada comunidade os CTC com as pessoas interessadas em oferecer diversos serviços (ex: alojamento, alimentação e música).

No que respeita ao funcionamento da Rede, Espinosa (s.d:126-133) menciona que segundo a regulamentação interna da “Rede”, a assembleia das oito comunidades é o espaço onde se tomam as decisões a nível de políticas de funcionamento que são aplicadas para todas as comunidades. Por exemplo, neste espaço definem-se os preços dos serviços, as percentagens da distribuição das receitas e parâmetros de qualidade e, com base nos dados obtidos, avaliam-se e planificam-se estratégias para melhorar os serviços.

Relativamente ao trabalho da Rede e Operador (designação utilizada na fonte para a agência de viagens), Espinosa (s.d:126-133) indica que desde a sua constituição até 2007 as suas atividades centraram-se na formação dos seus membros, para aumentar as respetivas competências e alargar os serviços proporcionados. De igual forma, deram continuidade ao processo de melhoramento e criação de albergues, centros recreativos, restauração, promoção da oferta turística, relação com outras organizações dedicadas a esta atividade e posicionamento no mercado regional. O desenvolvimento deste processo resulta de financiamento externo em coordenação com a Fundação Jatun Kawsay. Sobre a interligação entre a Rede e o Operador, que são as duas organizações centrais da promoção e oferta de serviços de turismo comunitário em Saraguro, Lauro Guillas, coordenador dos projetos de turismo promovidos por Kawsay, que era



## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

(à data da fonte) gerente do operador Saraurku, indica que o objetivo era adquirir competências permitindo-lhes funcionar autonomamente.

Da descrição efetuada relativamente ao caso de Saraguro constata-se que esta experiência denota uma forte dinâmica pois num curto espaço de tempo foram efetuadas alterações significativas em termos organizacionais, como se pode verificar na figura 3.2.

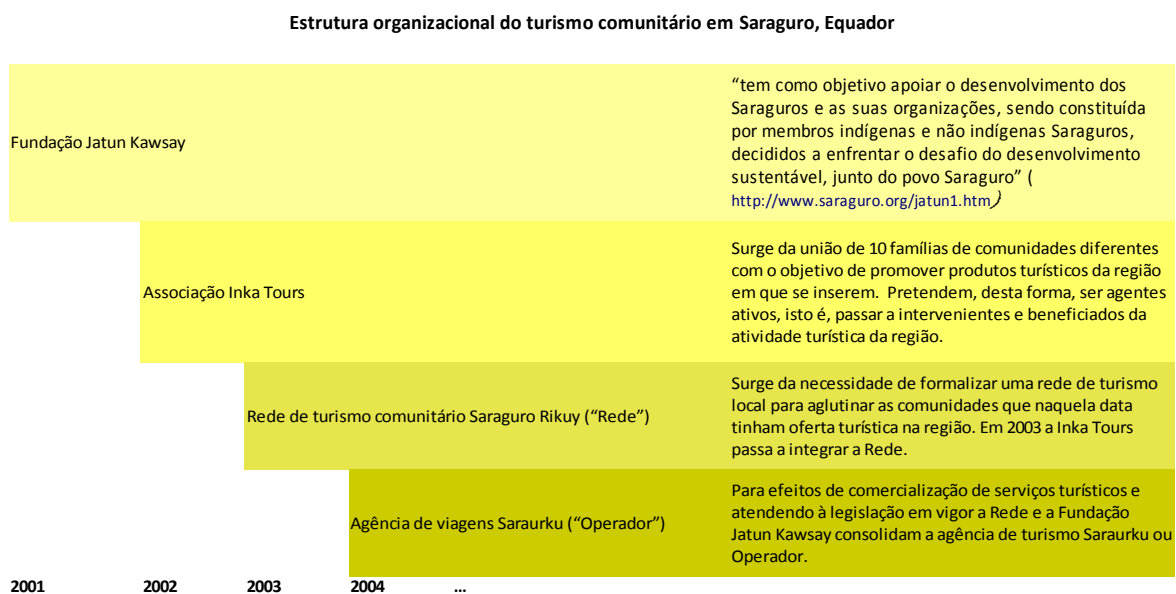


Figura 3.2 – Estrutura organizacional do turismo comunitário em Saraguro, Equador.

Fonte: Elaborado com base em Espinosa (s.d: 126-133)

Conforme referido anteriormente as análises dos autores diferem e por isso a informação obtida dificulta a comparação dos dois casos em análise. De qualquer modo, seguem algumas conclusões das análises apresentadas.

A análise, referente ao caso de Grande Vale de Manduríacos, demonstra que foi criada uma organização coletiva da comunidade perspetivando abranger as várias áreas económicas da região, favorecendo a comercialização dos respetivos produtos. Posteriormente, no âmbito de um projeto de cooperação internacional, surge o turismo comunitário.

Quanto à análise do caso de Saraguro verifica-se uma evolução a nível organizacional significativa, pois neste caso temos a constituição de uma associação, Inka Tours, cuja área de trabalho é especificamente o turismo. Os fundadores da Inka Tours pretendem promover produtos turísticos, com uma oferta integrada do turismo na região. Por outro lado, surge a Fundação Jatun Kawsay com um objetivo muito abrangente, pois pretende apoiar o desenvolvimento dos Saraguros e das suas organizações. Neste contexto, surge na Fundação Jatun Kawsay um primeiro projeto de ecoturismo comunitário com apoio internacional. Com este trabalho, surgem os CTC, em diferentes comunidades, tendo-se identificado a necessidade de formalizar uma rede de

turismo, surgindo, deste modo, a Rede de turismo comunitário Saraguro Rikuy (Rede). Por necessidades diversas a Inka Tours e a Rede decidem integrar-se e oferecer conjuntamente os seus serviços e, mais tarde, por imposição legal, criam uma agência de viagens/operador turístico designado Saraurku com o objetivo de posicionar a oferta do turismo comunitário da Rede no mercado, garantindo a prestação dos serviços oferecidos nos diversos pacotes turísticos.

Da análise comparativa das duas experiências apresentadas pode-se concluir que a experiência turística nos dois casos é muito diferente, pois numa primeira fase, em Grande Vale de Manduriacos, esta atividade não existe, surge apenas com a consolidação comunitária das atividades tradicionais. Efetivamente, a Corporação é constituída pelas comunidades com o objetivo de incrementar a área comercial das suas produções. Mais tarde, a atividade turística surge no âmbito da Corporação como forma de complemento económico às restantes atividades desenvolvidas. No caso de Saraguro depreende-se que esta é uma região que já tem turismo e com o objetivo de aumentar os benefícios para as comunidades locais surgem estruturas organizadas, com os objetivos concretos de:

- i. Intervir e beneficiar diretamente da atividade turística, pois esta estava a ser desenvolvida e os benefícios para as comunidades locais eram exíguos;
- ii. Promover os produtos turísticos da região;
- iii. Formalizar uma rede de turismo comunitário agregando as diversas comunidades com oferta turística;
- iv. Comercializar os serviços turísticos, correspondendo à legislação em vigor.

Ainda em termos de análise comparativa deve assinalar-se o facto dos casos em análise mencionarem a existência de financiamento decorrente de projetos de cooperação internacional, não sendo, contudo, possível quantificar os mesmos e a respetiva relevância no total de cada projeto.

### **3.4 Impactes do turismo comunitário**

Na sequência das secções anteriores importa analisar os impactes do turismo comunitário, de forma a complementar a caracterização deste tipo de turismo. Assim, os impactes identificados foram os seguintes:

#### **a) A interação da população com os turistas.**

Este impacte é referido por Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3), por Ouedraogo (2009:12) e também por Espinosa (s.d:142-143). Realça-se que Espinosa (s.d:142-143) menciona que este impacte decorre de caminhadas ou de outras atividades que propiciam o diálogo sobre a riqueza e a importância da conservação dos recursos naturais da região, sensibilizando as comunidades locais para a preservação e valorização dos recursos naturais.

#### **b) Alterações nas relações de género.**

Este impacte é identificado por Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3), por Ouedraogo (2009:13) e também por Espinosa (s.d:142-143). Sendo que Espinosa (s.d:142-143) refere que:

- Na atividade do turismo a mulher é considerada economicamente importante, contudo, a nível político organizativo, não ocupa nenhum cargo de direção no interior das estruturas de poder;
- As mulheres incrementam substancialmente a sua autoestima, potenciada especialmente pela sua participação em espaços de capacitação, feiras, intercâmbios e na relação com outros núcleos familiares que participam na atividade e pertencem a outras comunidades;
- A mulher adquiriu maior autonomia para relacionar-se com pessoas de fora da sua comunidade e familiar, o que provocou mudanças nas relações de casal, incluindo em determinados casos na diminuição de violência intrafamiliar;
- As mulheres reconhecem ter adquirido mais conhecimentos e destrezas na administração de recursos económicos e logísticos. Na maioria das famílias diversificou-se a economia familiar, a mulher complementa a sua economia com o artesanato, potencia-se a recuperação de produtos andinos nas hortas, podem partilhar a sua experiência com outras mulheres ao nível gastronómico destes produtos e denota-se uma participação importante de mulheres seniores na transmissão deste saber.

Por sua vez, Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3) refere as alterações nas relações de género salientando que os trabalhos de acompanhamento e serviços aos turistas são essencialmente realizados por mulheres e atendendo às receitas decorrentes destas atividades verificaram-se alterações nas relações de poder entre homens e mulheres.

### **c) Recuperação e valorização cultural**

Este é um impacte assinalado por Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3), por Ouedraogo (2009:14) e também por Espinosa (s.d:142-143). Neste contexto Espinosa (s.d:142-143) realça a recuperação paulatina de saberes e práticas ancestrais que vão incorporando nos serviços prestados através de elementos próprios da sua cultura, tanto na decoração dos albergues como na gastronomia, roupa, recuperação do idioma e das práticas quotidianas de subsistência. Neste domínio e de modo a valorizar a memória histórica, cultural e a origem do povo Saraguro construiu-se no âmbito do projeto da Fundação Jatari, em coordenação com a Associação Inti Ñan e com o apoio de Acsud Las Segovias, o Museu Central Cultural Saraguro, Espinosa (s.d:142-143).

Por sua vez, Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3) indica que o turismo comunitário contribui de forma considerável para a valorização e reconhecimento da vida rural, quer em termos materiais (ex: arquitetura e gastronomia), assim como nas várias expressões artísticas (ex: música, bailes, canções). Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3) realça também que o contacto das comunidades com pessoas de outras regiões e países tem permitido trocas de conhecimentos, proporcionando um enriquecimento cultural assinalável.

### **d) Diversificação produtiva, criação de emprego e criação de recursos económicos.**

Este impacte é identificado por Ouedraogo (2009:12) e por Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3). O relatório de Ouedraogo (2009:12) refere a fixação dos jovens no seu território através da criação de micro empresas. Cañada (“Aportes del turismo,” 2009, para. 3) refere que o turismo comunitário permite o acréscimo de mais uma atividade, no conjunto da atividade produtiva da

respetiva comunidade, com a conseqüente criação de empregos e ocupações diversas. Como habitualmente o turismo desenvolve-se em épocas específicas do ano, não coincidindo com as atividades agropecuárias tradicionais, permite que as famílias melhorem o seu bem-estar e as suas condições de vida, o que contribuiu de forma significativa para melhorar a alimentação familiar e a educação dos filhos, Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3).

**e) Manutenção da propriedade e melhoramentos de infraestruturas.**

Segundo Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3), o turismo comunitário valorizou os bens e recursos comunitários, designadamente a terra, a floresta e a água. Esta valorização foi determinante para a manutenção da sua propriedade face a fortes pressões do mercado para a sua venda. Por outro lado, as infraestruturas familiares e comunitárias criadas para os turistas (alojamento, restauração, salas recreativas) são utilizadas com outros objetivos pela própria comunidade, Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3). Também Ouedraogo (2009:19) identifica impactes a nível das infraestruturas, designadamente, a realização de projetos comunitários (ex: melhor acesso à água potável que se traduz na redução das doenças associadas à água; ganho de tempo para as mulheres e ganho de energia e forças para utilizar nas deslocações até aos mercados para escoar os produtos; a construção de alojamentos na escola para os professores; a implementação de salas de alfabetização).

**f) Dinamização da economia local.**

Neste âmbito Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3) refere que:

- As receitas decorrentes do turismo, para além dos benefícios diretos nas famílias envolvidas e do reinvestimento no próprio funcionamento desta atividade verifica-se que também são utilizadas no progresso e fortalecimento de outras atividades produtivas que integram as mesmas cooperativas ou comunidades rurais;
- Existem diversos exemplos da aplicação de receitas turísticas para renovar plantações de café ou construir outras infraestruturas necessárias para a transformação e comercialização da produção agrícola;
- Os efeitos indiretos nas comunidades são tanto ou mais importantes que os diretos pois dinamizam as economias locais, criando uma forte procura de alimentos e bebidas e, conseqüentemente, as respetivas produções locais beneficiam disso mesmo, assim como, o aluguer de serviços, de transporte;
- Nas comunidades onde o turismo comunitário impulsiona as economias locais verifica-se uma redução significativa da emigração.

Em termos de impactes económicos Ouedraogo (2009:21-22) apresenta dados resultantes do balanço da atividade da organização francesa Turismo e desenvolvimento solidários viagens (TDS) durante dez anos em Burkina-Fasso (tabelas 3.4 e 3.5).

Tabela 3.4 - Impactes económicos da atividade turística nas comunidades, no âmbito do trabalho desenvolvido pela TDS em Burkina-Fasso

<b>Impactes económicos da atividade turística nas comunidades</b>	
<b>Acumulado 2000-2008</b>	<b>Burkina- Fasso</b>
Número de turistas TDS Voyage	1194
Número de viagens em grupo vendidas	150
Número total de diárias de turistas	11327
Preço médio da viagem/diária de turista	1.882,75 €
Vendas de prestações estadas de turistas à TDS Voyage	18.999.824,07 €
Vendas de prestações diretas aos turistas (bar, artesanato, lavandaria)	1.726.790,02 €
<b>Impacte económico total nas comunidades</b>	<b>20.726.614,09 €</b>

Fonte: Adaptado de Ouedraogo (2009:21)

Estes dados permitem quantificar os impactes económicos da atividade turística nas comunidades assinalando-se que representam mais de dois milhões de euros por ano, o que é considerável.

A tabela 3.5 permite analisar os impactes induzidos noutras atividades decorrentes da atividade turística.

Tabela 3.5 - Impacte económico da atividade turística em Burkina-Fasso, no âmbito do trabalho desenvolvido pela TDS

<b>Impacte económico da atividade turística no país</b>	
<b>Rubricas</b>	<b>Burkina-Fasso</b>
Compra de bilhetes de avião (sem taxas)	44.126.368,04 €
<b>Sub- total Air Burkina (sem taxas)</b>	<b>44.126.368,04 €</b>
Vendas de prestações estadas de turistas à TDS Voyage	18.999.824,07 €
Vendas de prestações diretas aos turistas (bar, artesanato, lavandaria)	1.726.790,02 €
<b>Sub-total prestações associadas às “estadas” das Aldeias de Acolhimento TDS</b>	<b>20.726.614,09 €</b>
Prestações da organização recetiva local	9.101.206,33 €
Prestações dos acompanhantes locais	4.321.929,64 €
<b>Sub- total das prestações locais</b>	<b>13.423.135,97 €</b>
Prestações dos transportes locais (aluguer, combustíveis, portagens)	10.936.538,07 €
Prestações locais (hotéis, restaurantes, museus, monumentos)	14.061.263,16 €
Outras compras dos turistas	4.550.603,16 €
Visas dos turistas	1.951.600,03 €
<b>Sub-total das prestações complementares (transportes locais, hotéis, etc)</b>	<b>31.500.004,42 €</b>
<b>Sub-total impacte espaços redaccionais nos media</b>	<b>6.666.666,72 €</b>
<b>Impactes económicos diretos totais da atividade turística das Aldeias de Acolhimento TDS</b>	
	<b>116.442.789,24 €</b>
Construção e apetrechamento de 6 acampamentos turísticos comunitários	13.381.390,85 €
Formação dos atores das comunidades (incluindo deslocações) + acompanhantes, formadores, consultores nacionais	15.391.391,20 €
Apoio técnico, especialistas e avaliação	12.751.427,91 €
<b>Impactes indiretos totais do programa</b>	<b>41.524.209,97 €</b>
<b>Impactes económicos totais</b>	<b>157.966.999,21 €</b>

Fonte : Adaptado de Ouedraogo (2009:22)

Estes dados refletem os diversos impactes que decorrem da atividade turística promovida pela *Voyage TDS*, subdividindo os impactes diretos e os indiretos, concluindo com o somatório destes. De salientar que nos impactes diretos se encontram refletidas várias prestações de serviços como sejam o aéreo, transportes locais terrestres, entre outros, que possibilitam uma análise geral das receitas geradas através desta atividade.

**g) Democratização do acesso a espaços rurais.**

Comparativamente a outros modelos de desenvolvimento turístico com restrições de acesso a vários espaços a apenas alguns setores, pessoas, com maior poder económico, o turismo comunitário disponibiliza à maioria da população espaços, infraestruturas e serviços, Cañada ("Aportes del turismo," 2009, para. 3).

Sendo a criação de recursos económicos e a dinamização da economia impactes identificados do turismo comunitário, como se verificou anteriormente, considera-se oportuno aprofundar um pouco mais a questão das receitas geradas pelo turismo comunitário. Neste contexto, e tal como foi referido anteriormente, a estrutura organizacional do turismo comunitário varia de região para região. Consequentemente, a caracterização da repartição das receitas das viagens deste tipo de turismo difere. Para além disso, as estruturas organizacionais também se vão adaptando e ajustando face às novas realidades.

Aguilera e Sanchez ("Entrevista a Harold Ramos, presidente," 2007, para. 6), citando Harold Ramos, mencionam que, no caso da Nicarágua, cada turista gastava em média 35 dólares por dia no turismo comunitário e o tempo de estada variava entre três a sete dias, representando um nível de receitas muito considerável para as comunidades, superando os respetivos custos e até as expectativas. Os referidos 35 dólares eram recebidos diretamente pela comunidade, sendo 10% para a manutenção da organização de turismo comunitário da comunidade, outros 10% para melhorar as infraestruturas e o restante distribuído equitativamente pelos membros da comunidade que intervêm na oferta turística.

No caso de Saraguro, Equador, segundo Espinosa (s.d:139) do custo total do pacote (100%) 70% correspondem à retribuição do prestador de serviços (entenda-se a família ou famílias que disponibilizam o alojamento, alimentação e eventualmente outros serviços), os restantes 30% distribuem-se em igual percentagem, 10% para a comunidade, 10% para a operadora e 10% para a rede. Com isto pretende-se cobrir os custos da operação, gerar mais valias e realizar reinvestimento para melhorar a oferta.

No que se refere a impactes negativos, apenas foi identificada a informação de Ouedraogo (2009: 12-18) destacando-se o seguinte:

- i. Jovens: constata-se o nascimento da inveja, o aumento do individualismo e o dinheiro substitui os trabalhos de entre-ajuda;
- ii. Crianças: o sistema de apadrinhamento cria ciúmes, descredibiliza os Conselhos Aldeões de Desenvolvimento (CVD- "*conseils villageois de developement*"), o pedido de prendas, pode conduzir à mendicidade, à dependência e condicionar a escolarização.

### 3.5. Conclusão

Este capítulo permitiu caracterizar em termos gerais o turismo comunitário. Na informação apresentada deve salientar-se o facto deste tema/atividade ser recente, com pouco mais de uma década, facto que certamente justifica a informação exígua e dispersa existente. Para além disso, é relevante mencionar que dada a importância da comunidade, isto é, das pessoas, na dinâmica do turismo comunitário, as várias experiências existentes são necessariamente diferentes, mesmo que os objetivos e pressupostos sejam similares.

A assinalar, igualmente, que em termos geográficos se identifica a América Central e do Sul como as regiões com uma dinâmica e identificação clara do turismo comunitário, o que provavelmente estará associada à forma de organização social da população nos países onde o turismo comunitário se encontra implementado.

Assim, foram identificados na América Central e do Sul vários locais onde existe a prática de turismo comunitário, sendo possível que existam outros. Nestes países foram identificadas várias redes e organizações de âmbito nacional e regional, com áreas de intervenção consideráveis. Em termos de organizações internacionais foi possível, igualmente, identificar várias organizações com trabalho neste domínio, nalguns casos integrados em projetos de cooperação internacional.

Foram, igualmente, identificadas várias organizações locais associadas ao turismo comunitário e efetuou-se a análise de casos concretos da implementação do turismo comunitário, os quais confirmaram que a implementação do turismo comunitário a nível local é, muitas vezes, efetuada de forma diferenciada, de acordo com a realidade territorial e organizacional existente a nível local. Efetivamente, apesar dos objetivos similares a implementação do turismo comunitário diferenciou-se, nos dois casos em análise, pois as realidades de cada comunidade têm características próprias e, por isso, os processos foram distintos.

Por último, identificaram-se vários impactes do turismo comunitário, tendo-se verificado que este tipo de turismo tende a apresentar mais benefícios do que custos. Os principais benefícios do turismo comunitário parecem ser as alterações nas relações de género, a recuperação e a valorização cultural, a diversificação produtiva, a criação de emprego e a criação de recursos económicos, a manutenção da propriedade e o melhoramento de infraestruturas, a dinamização da economia local e a democratização do acesso a espaços rurais.



## **Capítulo 4 – Objetivos e metodologia do estudo empírico**

### **4.1. Introdução**

Como se verificou no capítulo dois existem vários tipos de turismo relacionados com o turismo comunitário cujas definições e fronteiras não se encontram devidamente delimitadas, como sejam, o turismo solidário, o turismo responsável e o turismo sustentável. Verifica-se, que esta é uma área de estudo exígua em Portugal e, mesmo a nível internacional, existe ainda um número limitado de estudos que analisa os impactes do turismo comunitário.

No sentido de contribuir para o aumento do conhecimento neste domínio pretende-se, neste trabalho de investigação, analisar o processo de elaboração e implementação de viagens de turismo comunitário, identificando os respetivos impactes para a comunidade local, segundo a perceção de organizações europeias que trabalham nestas viagens.

Este capítulo é constituído por três secções. Na primeira secção apresentam-se os objetivos de investigação deste projeto. A segunda secção descreve os métodos de recolha de dados utilizados. Por fim, a terceira secção apresenta as metodologias de análise de dados utilizadas.

### **4.2. Objetivos da investigação**

Pretende-se com este trabalho de investigação contribuir para o aumento do conhecimento no domínio do turismo comunitário. Para concretizar este objetivo geral foram definidos para esta investigação os seguintes objetivos específicos:

- i. Caracterizar o âmbito e os objetivos do turismo comunitário;
- ii. Identificar e caracterizar algumas das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário;
- iii. Identificar e caracterizar o tipo de viagens que fazem parte do turismo comunitário;
- iv. Identificar os impactes para as comunidades locais do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens.

A concretização dos objetivos descritos implicou a recolha de um conjunto de informação. Para tal, os métodos utilizados encontram-se descritos na secção seguinte.

### 4.3. Métodos de recolha de dados

Devido à escassez de estudos no domínio do turismo comunitário e de informação disponível, o estudo que se apresenta nesta investigação assume o carácter de estudo exploratório. Por sua vez, também se optou por realizar um estudo mais de natureza qualitativa, o que permitirá um conhecimento mais abrangente da temática que está a ser objeto de análise.

A concretização dos objetivos descritos na secção anterior implicou o recurso a vários métodos de recolha de dados (ver tabela 4.1). A definição das metodologias para a recolha de dados é complexa, sendo que, como refere Eusébio (2006:54), a consulta dos dados secundários existentes deve anteceder a recolha dos dados primários, entendendo-se por dados secundários, informação que foi recolhida com um objectivo diferente da investigação na qual é mencionado, pois o investigador é um utilizador secundário desses dados. Por dados primários, segundo Eusébio (2006:54), entendem-se os dados recolhidos para corresponder aos objetivos da investigação em referência, visto tratar-se de informação que não foi utilizada por outro investigador ou para outra finalidade. Neste sentido apresentam-se nas subsecções seguintes os métodos utilizados categorizados em dois grupos: métodos de recolha de dados secundários e métodos de recolha de dados primários.

Tabela 4.1 - Métodos de recolha de dados utilizados

Questões da investigação	Métodos de recolha de dados		
	Dados secundários		Dados primários
Caracterizar o âmbito e os objetivos do turismo comunitário	Revisão da literatura (1)	Páginas de internet (2)	NA (3)
Identificar e caracterizar algumas das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário	Revisão da literatura (1)	Páginas de internet (4)	Observação participante
Identificar e caracterizar o tipo de viagens que fazem parte do turismo comunitário	Páginas de internet (5)		NA
Identificar os impactes para as comunidades locais do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens	Páginas de internet (6)		Inquérito por questionário aberto

(1) Artigos científicos, outros artigos, publicações e relatórios.

(2) Site de internet do FTR através do qual se acedeu a um artigo com informação diversa sobre este tema e uma publicação recebida por correio electrónico (enviado pela organização Sodepaz).

(3) Não aplicável.

(4) Site de internet do FTR através do qual se acedeu a várias publicações e artigos; sites de internet de várias organizações.

(5) Sites de internet das organizações europeias que trabalham estas viagens.

(6) Relatório que avalia os impactes do trabalho desenvolvido em 10 anos pela organização TDS no Burkina-Fasso, o qual se encontra disponível no site de internet da referida organização.

#### **4.3.1. Recolha de dados secundários**

Como se pode verificar na tabela 4.1 o método de recolha de dados secundários foi utilizado em todas as questões. A tabela 4.1 permite, igualmente, verificar que os dados secundários basearam-se essencialmente na revisão da literatura, designadamente, através de artigos científicos, outros artigos, publicações e relatórios e através da internet, na qual se destacam os sites de organizações com trabalho no turismo comunitário.

Refere-se, ainda, que a recolha de dados secundários foi efetuada, numa primeira fase, através da revisão da literatura e em função dos dados obtidos recorrer-se-ia ou não à internet. Deve, igualmente, mencionar-se que esta metodologia foi a mais adequada na presente investigação pois através da revisão da literatura foi possível identificar alguns sites, que serviram de base à pesquisa a nível de internet. De salientar que a internet é, atualmente, uma ferramenta de excelência pela facilidade de acesso e porque reúne uma quantidade muito considerável de informação. De facto, para além da informação que cada página contém existem, com muita frequência, ligações ou referências que permitem uma recolha de dados significativa.

Para determinar os métodos de recolha de dados secundários foi importante analisar os objetivos de cada questão. Efetivamente, clarificar os objetivos das questões contribuiu consideravelmente para a determinação dos métodos a utilizar. Neste sentido, considera-se oportuno referir a associação efetuada, para este efeito, relativamente a cada questão:

##### **i) Caracterizar o âmbito e os objetivos do turismo comunitário**

Para uma melhor perceção do tema, para além da informação em termos concetuais, considera-se importante o seu enquadramento cronológico e geográfico. Deste modo, a recolha de dados pretende clarificar o referido enquadramento identificando, ainda, os respetivos objetivos associados ao desenvolvimento deste tipo de turismo. Para este efeito, os dados secundários recolhidos basearam-se na revisão da literatura (através de artigos científicos, outros artigos, publicações, relatórios) que permitiu identificar parte da informação e a restante foi obtida através da internet, via site do FTR no qual foi obtido um artigo com informação diversa sobre este tema e também através de email da organização Sodepaz que enviou uma publicação com dados nesta matéria.

**ii) Identificar e caracterizar algumas das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário**

A recolha de dados deve permitir identificar e caracterizar organizações locais, as organizações com abrangência nacional e as internacionais. Para este efeito, é, igualmente, importante identificar e caracterizar organizações que trabalham neste âmbito mas contextualizadas em termos de turismo justo e solidário, com um trabalho mais próximo dos turistas e que no âmbito da sua atividade integrem o turismo comunitário.

Neste contexto realça-se que a revisão da literatura efetuada não permitiu localizar informação sistematizada neste domínio, isto é, com uma identificação exaustiva destas organizações. Contudo, verificou-se a referência a algumas das organizações de abrangência nacional de turismo comunitário, mencionadas na secção 2.4, como sejam, a REDTURS e a Rede Nicaraguense de turismo rural comunitário cujos membros são organizações locais. Assim, recolheram-se dados secundários, com base nas duas redes mencionadas, recorrendo-se à internet, o que permitiu obter informação considerável. Porém, em termos de organizações europeias emissoras a informação obtida foi muito exígua, o que poderá dever-se ao facto de muitas destas organizações não se identificarem como turismo comunitário, como foi mencionado na secção 2.3. Deste modo, foi necessário recorrer a dados primários como se poderá verificar na subsecção 4.3.2. Contudo, a atualização dos referidos dados primários foi efetuada recorrendo a dados secundários, o que permitiu constatar que existem três redes de âmbito nacional que agregam diversos membros com trabalho nesta área, que são o FTR (espanhol), a Associação de turismo justo e solidário francesa (ATES) e a Associação italiana de turismo responsável (AITR).

Foram, igualmente, obtidos dados secundários através de apresentações e material disponibilizado nas “I Jornadas por um turismo ético e solidário em Almada”, realizadas em 26 e 27 de março de 2010, promovidas pela organização Mó de Vida, na qual participaram várias organizações, algumas internacionais, com experiência nesta área, como sejam a União das organizações campestinas e indígenas do cantão de Cotacachi (UNORCAC) e a Sodepaz.

**iii) Identificar e caracterizar o tipo de viagens que fazem parte do turismo comunitário**

No âmbito da presente investigação considera-se que a identificação e caracterização das viagens de turismo comunitário é imprescindível. Assim e sendo um dos objetivos da presente dissertação a perceção das organizações europeias, a recolha destes dados centralizou-se nestas organizações. De salientar que, as organizações europeias não trabalham exclusivamente o turismo comunitário, pois trabalham noutra nível de abrangência, contribuindo para que se identifiquem como organizações que trabalham no domínio do turismo responsável (Espanha e Itália) e turismo justo e solidário (França), como se poderá verificar no capítulo 5.

Por sua vez, como se verificou que o número de viagens é muito considerável entendeu-se que a análise detalhada destas viagens deveria ser efetuada apenas a viagens promovidas pelas organizações que responderam ao inquérito. Porém, como se constatou que neste universo o volume de viagens ainda é muito significativo proceder-se-á à análise das viagens programadas por organização, mas por destino e não à totalidade das partidas previstas, pois o programa é igual ou muito similar, mas com datas de partidas diferenciadas.

Em termos de método de recolha dos dados em referência, visto que a revisão de literatura não permitiu obter a informação desejável, recorreu-se à internet (como demonstra a tabela 4.1). Deste modo, através dos sites das organizações europeias que responderam ao inquérito foi possível obter informação referente às viagens que desenvolvem, existindo, em vários casos, uma brochura de viagens.

**iv) Identificar os impactes para as comunidades locais do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens.**

Relativamente a este objetivo muito específico, a revisão de literatura efetuada e a pesquisa via internet não permitiram obter qualquer informação neste contexto. A obtenção de dados secundários indicada na tabela 4.1 decorre dos dados de um relatório que analisa os impactes da atividade desenvolvida pela TDS, durante 10 anos, no Burkina-Fasso, o qual foi conhecido através da resposta da TDS ao inquérito por questionário aberto (ver secção 4.3.2).

**4.3.2. Recolha de dados primários**

Como se verificou na subsecção 4.3.1, os dados secundários obtidos respeitantes à caracterização das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário e para identificar os impactes, para as comunidades locais, do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens, verificou-se que estes são exíguos, inviabilizando, portanto o recurso exclusivo a dados secundários. Consequentemente, deve recorrer-se a métodos de recolha de dados primários, como refere Eusébio (2006:60). Esta recolha permite a minimização de desvios e incorreções face aos objetivos, contudo tem custos financeiros e temporais consideráveis, como salienta Eusébio (2006:60).

Os dados primários recolhidos decorrem da utilização de métodos diferentes, isto é, a observação participante no que respeita à caracterização das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário e o inquérito por questionário aberto relativamente à identificação dos impactes para as comunidades locais do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens (conforme tabela 4.1).

#### 4.3.2.1. Observação participante

Como foi referido, anteriormente, a recolha de dados primários por via da observação participante foi utilizada para obter informações quanto às principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário. Neste sentido, a observação participante concretizou-se através da análise do trabalho e da experiência da Mó de Vida, cooperativa/Organização não governamental para o desenvolvimento (ONGD). A Mó de Vida, cooperativa/ONGD detém uma considerável base de dados e informação das várias organizações com trabalho no turismo justo e solidário, mas efetuada há alguns anos, carecendo, portanto de ser atualizada. A partir desta informação de base recorreu-se a dados secundários, nomeadamente, através da internet como foi referido na subsecção 4.3.1. De referir que, atendendo à diversidade e abrangência do tema, a recolha dos dados respeitantes às principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário foi dificultada e provavelmente estará incompleta.

#### 4.3.2.2 – Inquérito por questionário

Como foi referido anteriormente, relativamente à perceção dos impactes para as comunidades do ponto de vista das organizações europeias que promovem viagens que integram o turismo comunitário, não foi possível obter dados secundários sobre esta temática, implicando o recurso a dados primários. Em termos de métodos diretos Lima (2008:95) refere que existem diversos instrumentos de observação científica, cuja eficácia depende da sua adequação aos objetivos da investigação, às hipóteses de trabalho, às características da amostra e aos recursos disponíveis. O inquérito por questionário é um dos instrumentos de observação científica, contudo este, à semelhança de outros, denota algumas limitações, como sejam, a disponibilidade de tempo exigida, como menciona Lima (2008:95). Pois, como refere, ainda, Lima (2008:95), enquanto indivíduos, com conceções e objetivos pessoais próprios, a transmissão da informação poderá ou não corresponder à real opinião, para além de condicionantes exteriores como o nível de cansaço, o estado anímico, o grupo socioeconómico e cultural em que se integra, entre outros, que influenciam as respostas dadas.

Assim, no âmbito do inquérito por questionário, entendeu-se que a recolha de dados deveria ser abrangente, não se limitando ao objectivo de identificar os impactes para as comunidades locais do desenvolvimento do turismo comunitário, segundo a perceção das organizações europeias que trabalham estas viagens, mas para conhecer, também, o papel das organizações inquiridas no desenvolvimento das comunidades. Deste modo e concretizando o que foi referido, os dados que se pretendem recolher através do inquérito por questionário visam conhecer de que forma as organizações europeias colaboram nos projetos locais das comunidades, quais são as atividades de turismo comunitário que desenvolvem, contextualizando-as em termos geográficos e temporais, assim como, conhecer os principais benefícios e custos (sociais, ambientais, culturais e económicos) para as comunidades locais decorrentes do turismo comunitário, na perspetiva das

organizações inquiridas. As respostas obtidas a este questionário também permitirão aprofundar o estudo relativamente às organizações que trabalham no domínio do turismo comunitário, designadamente, em termos de caracterização das organizações e das viagens que realizam.

Consequentemente, tendo em consideração os objetivos da informação pretendida e o método de recolha de dados a utilizar é necessário descrever:

- i. População alvo;
- ii. Instrumento de inquirição;
- iii. Método de administração.

#### **i. População alvo**

A própria investigação define desde logo a população alvo, isto é, organizações europeias que trabalham com viagens de turismo comunitário. Assim e com base na recolha de dados secundários decorrente da segunda questão, isto é, *“Identificar e caracterizar algumas das principais organizações que trabalham no âmbito do turismo comunitário”* foi possível identificar as organizações europeias que trabalham nesta área. Como referido anteriormente, é provável que a informação não se encontre completa pois não foi possível localizar informação sistematizada neste domínio e tendo em consideração a respetiva abrangência, impossibilita assegurar que a recolha seja exaustiva. De qualquer modo, como a base da investigação foram redes, considera-se que se assegurou uma boa representação.

Assim e resultante da pesquisa efetuada através da internet, visto que em termos de revisão da literatura não se obteve esta informação sistematizada, verificou-se que existem duas associações de âmbito nacional, uma francesa que é a Associação de turismo justo e solidário (ATES – *association de tourisme équitable et solidaire*) e outra italiana, Associação italiana de turismo responsável (AITR – *associazione italiana de turismo responsabili*). Em Espanha existe um conjunto de membros que integram uma plataforma de turismo responsável (*Forum de Turismo Responsável*) e também a associação Ação por um turismo responsável (ATR) que gere um portal sobre turismo e desenvolvimento no qual constam viagens neste âmbito, com indicação dos respetivos promotores.

Após esta primeira fase de definição da população alvo verificou-se que a ATES e a AITR possuem diferentes categorias de membros diferenciados. Assim, a ATES possui três categorias de membros:

- i. Membros de direito – fundadores
- ii. Membros ativos
- iii. Membros associados

Os membros de direito – fundadores, por sua vez, integram a:

- a) UNAT;
- b) Federação Ternélia;
- c) Plataforma para o comércio justo.

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Os membros ativos são todos os organismos agregados pelo Conselho de administração, diretamente envolvidos na organização, produção ou comercialização de viagens correspondendo aos critérios fixados pela associação para definir as viagens justas e solidárias e apoiando-se nos princípios da economia social que se subdividem em duas categorias de associações:

- a) “*Voyagistes*” - associações profissionais de viagens que concebem e organizam a totalidade da estada e se responsabilizam pelos aspetos logísticos (estas associações dispõem de “*l’agrément tourisme*” que equivale ao licenciamento dos operadores e agências de viagens);
- b) “*Relais*” - têm o papel de informar os parceiros locais e os programas de turismo solidário em prática. Não se responsabilizam pela organização da estada (reserva e venda de bilhetes de avião, designadamente) mas informam e aconselham sobre a viagem, são intermediários entre o cliente e a estrutura de acolhimento.

Por último, o Conselho de administração da ATES pode aprovar a integração de membros associados, desde que tenham personalidade jurídica definida podendo ser públicos, privados ou em nome individual e cujas ações sustentam ou divulgam a oferta de viagens justas e solidárias. Os atuais membros associados são:

- a) *CADR*;
- b) *Echoway*;
- c) *Citoyens de la Terre*;
- d) *Accueil Paysan*;
- e) *Réseau Archimède*;
- f) *Ça se visite*.

Atendendo aos objetivos do presente estudo definiu-se que, do universo de membros descritos, integrariam a população alvo apenas os membros ativos.

No que concerne a AITR os respetivos sócios subdividem-se pela área de atividade desenvolvida, da seguinte forma:

- i. Acessibilidade e inclusão social;
- ii. Acolhimento e viagem em Itália;
- iii. Associação cultural;
- iv. Campanha, sensibilização;
- v. Editora;
- vi. Formação, edu-didática;
- vii. ONG, cooperação para o desenvolvimento;
- viii. Organização de viagens;
- ix. Produto e serviço para o turismo;
- x. Representação associativa;
- xi. Proteção ambiental;
- xii. Turismo para crianças e jovens.



Tendo em consideração a diversidade das áreas de atividade existentes e os objetivos do presente estudo determinou-se que a recolha das entidades a integrar na população alvo deste estudo vai incidir no grupo viii – Organização de viagens<sup>18</sup>.

Relativamente a Espanha, como existem duas organizações com âmbitos complementares, a FTR e a ATR, considerar-se-ão os membros da primeira complementando com outras organizações com trabalho na área de viagens indicadas no portal sobre turismo e desenvolvimento da ATR.

De modo a permitir uma leitura mais resumida das organizações e forúns mencionadas anteriormente as quais serviram de base para identificar as organizações que trabalham no domínio do turismo comunitário, que irão ser objeto de inquirição neste projeto de investigação, apresenta-se na tabela 4.2 uma caracterização sumária das mesmas<sup>19</sup>.

Tabela 4.2 - Organizações base para a definição da população alvo

Designação	Constituição jurídica	Data da fundação	País
<b>Ação por um turismo responsável (ATR)</b>	Associação	Personalidade jurídica em 2005, mas com trabalho desenvolvido desde 2003	Espanha
<b>Forum turismo responsável</b>	Plataforma informal, sem constituição jurídica	2004	Espanha
<b>Associação de turismo justo e solidário (ATES)</b>	Associação	Personalidade jurídica em 2006, mas com trabalho desenvolvido desde 2001	França
<b>Associação italiana de turismo responsável (AITR)</b>	Associação	2004	Itália

Face ao exposto e tendo em consideração os objetivos da presente dissertação definiu-se que a população alvo deste estudo seria composta por organizações com trabalho em viagens com destinos vários na América do Sul, América Central, África ou Ásia. Tal, deve-se ao facto da organização comunitária evidenciar-se nos países em vias de desenvolvimento, provavelmente devido aos contributos que esta forma de organização tem para superar as dificuldades nas atividades desenvolvidas. Neste pressuposto, considera-se que a probabilidade de identificar o turismo comunitário em viagens para os referidos destinos deverá ser maior. Por outro lado e da consulta efetuada para determinar a população alvo obteve-se informação de mais algumas organizações com trabalho nesta área referidas nas páginas de internet destas primeiras

18 Deve referir-se que no grupo IX- “Produto e serviço para o turismo” não se encontram indicadas quaisquer organizações.

19 Ver anexo VII correspondente a esta mesma tabela mas com informação dos objetivos e áreas de atuação.

#### Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

organizações, mencionadas, por exemplo, como parceiros na concretização de determinadas viagens ou ainda através de referência a outras associações com membros que não aderiram à respetiva estrutura nacional. Como resultado, obteve-se um total de 47 organizações que foram objeto de inquirição nesta investigação (tabela 4.3).

Tabela 4.3 - População inquirida

Designação	País
ACSUD Las Segovias Pais Valencia	Espanha
Alter Nativas	Espanha
Associação de turismo sustentável ETHNIC	Espanha
Asociación Catalã para a Paz (ACP)	Espanha
Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (ICID)	Espanha
Investigação e comunicação para o desenvolvimento (Alba Sud)	Espanha
SETEM Catalunha	Espanha
Sodepaz	Espanha
Xarxa Consum Solidari	Espanha
Zubiak Eginez	Espanha
Alter Enga	França
Arvel	França
Association Djibouti Espace Nomade	França
Azi mut voyage	França
Croq' Nature – amitié franco touareg	França
Culture contact	França
DEPARTS	França
E-changeons de monde	França
Ecotours	França
Ekkö Voyage	França
Elans	França
ICD Afrique	França
La case d'Alidou	França
La route des sens	França
les amis du Shekhawati	França
Libertalia	França
Migrations & Developpement	França
Mosaik Guinée	França
Rencontres au bout du monde	França
Taddart	França
Tamadi	França
Tempelga	França
Tourisme & Developpement solidaires voyages	França
Vision & thique	França
Vision du monde	França
Voyag'acteur	França
Voyage Autrement	França
Voyages developpement solidarité	França
ARDEA soc. Coop	Itália
Associação Tremembé	Itália
I viaggi del sogno	Itália
Mowgli esplora	Itália
Peru responsabile	Itália
Piccoli mondi	Itália
Pindorama viaggi consapevoli	Itália
Ram viaggi incontro	Itália
Viaggi solidali	Itália

## ii. Instrumento de inquirição

O instrumento de inquirição utilizado na presente investigação foi o questionário aberto. Considera-se que este é o tipo de instrumento de inquirição mais ajustado, tendo em

consideração a população alvo e a natureza do estudo, especialmente pelo tipo de informação que se pretende obter neste estudo.

Efetivamente, na construção do questionário importa definir o tipo de informação que se pretende obter, isto é, quantitativa, qualitativa ou ambas. Dependendo desta decisão utilizar-se-ão questões fechadas, para o caso de informação quantitativa, questões abertas para a informação qualitativa ou a conjugação de ambas para obter informações quantitativas e qualitativas. As informações quantitativas possibilitam um tratamento estatístico dos dados de forma mais rápida, enquanto que as informações qualitativas requerem um tratamento mais moroso, mas permitem uma melhor compreensão dos dados e por vezes captar outras informações, como refere Lima (2008:98). Tratando-se de uma investigação exploratória onde se pretende obter informação sobre as perceções, o questionário será constituído por perguntas abertas. As perguntas abertas permitem a liberdade de resposta ao inquirido, o que poderá contribuir para recolher mais informação e neste pressuposto enriquecer os dados obtidos. Contudo, as perguntas abertas podem também desmotivar a resposta pois requerem mais tempo de dedicação por parte do inquirido, o que na atualidade devido à pouca disponibilidade de tempo, poderá resultar numa taxa de respostas muito baixa.

Consequentemente e em função das características da informação perspetivada deve definir-se o conteúdo, a dimensão e o formato do questionário. Assim, o questionário deverá ser curto e por isso entende-se que este deverá ter apenas dois grupos de questões. O primeiro grupo pretende identificar o nível de envolvimento da organização inquirida nos projetos locais comunitários e identificar, igualmente, as atividades de turismo comunitário que desenvolve. Por sua vez, o segundo grupo de questões visa obter informação relativamente a benefícios e custos para as comunidades que desenvolvem o turismo comunitário, na perspetiva da organização inquirida (tabela 4.4).

Tabela 4.4 - Questões que integram o questionário

<b>Grupo de questões</b>	<b>Questões</b>
Atividades que desenvolvem de turismo comunitário	De que forma essa organização colabora nos respetivos projetos locais?
	Que tipo de atividades são desenvolvidas? Onde e quando essas atividades são desenvolvidas?
Impactes do turismo comunitário (benefícios e custos) para as comunidades recetoras	Na perspetiva dessa organização quais são os principais benefícios (a nível social, ambiental, cultural e económico) que as comunidades locais obtêm das atividades de turismo comunitário?
	Na perspetiva dessa organização quais são os principais custos (a nível social, ambiental, cultural e económico) que as comunidades locais obtêm das atividades de turismo comunitário?

### iii. Método de administração

No que concerne ao método de administração do inquérito por questionário aberto detetou-se, desde logo, um forte condicionalismo. De facto, a população alvo integra organizações estrangeiras sendo inerente a questão da distância entre inquiridor e inquiridos. Consequentemente, considera-se que o método de administração do instrumento de pesquisa tem que ser por correio, designadamente, por via eletrónica. Tal como refere Veal (1997:154) existem determinadas situações em que o correio, seja via postal ou eletrónica, é a única técnica possível. Tendo em consideração a facilidade das novas tecnologias, nomeadamente, em termos de celeridade no envio e receção de correspondência, assim como, a sua familiarização para um universo muito significativo de utilizadores, o método de administração que vai ser adotado é a via eletrónica. Por outro lado, Veal (1997:154) refere que o principal problema desta técnica é o número reduzido de respostas obtidas. Assim, e atendendo, igualmente, aos constrangimentos próprios na interpretação e resposta numa língua estrangeira, o inquérito por questionário aberto será apresentado no idioma dos próprios inquiridos<sup>20</sup>, perspetivando-se desta forma aumentar a taxa de respostas.

Relativamente à definição temporal para a administração do referido instrumento de inquirição considerou-se que a população-alvo desenvolve as suas atividades ao longo do ano, não sendo possível definir um período cuja intensidade seja inferior, que, eventualmente, permitisse uma maior disponibilidade para responder ao inquérito. Consequentemente, procedeu-se à definição das questões e do formato final do inquérito por questionário aberto e este foi enviado através de correio, via eletrónica.

Como foi referido, procedeu-se ao envio do inquérito por questionário aberto através do correio eletrónico nos idiomas de origem, a 16/05/2011, às organizações francesas e espanholas, e a 21/05/2011<sup>21</sup>, às organizações italianas. Nestes correios eletrónicos foram indicados prazos limites para envio da resposta, alguns dias após a sua receção, tendo como objetivo não tornar muito moroso este processo. Contudo, na primeira avaliação efetuada às respostas obtidas referentes às organizações francesas e espanholas verificou-se que apenas tinham sido recebidas três respostas, sendo uma delas a informar que “lamentava mas não tinha tempo”. Neste contexto, procedeu-se ao reenvio do correio eletrónico nesse mesmo dia para as organizações que não responderam, lembrando o assunto e a data para resposta.

No dia 27/05/2011 (após termo dos prazos indicados a todas as organizações, francesas, espanholas e italianas) efetuou-se uma segunda avaliação detetando-se que não tinha sido obtida mais nenhuma resposta. Assim, fez-se nova pesquisa de outros endereços eletrónicos e de contactos telefónicos. Nesta sequência reenviou-se o email, desta vez sem data limite de resposta, através do mesmo endereço e de outros identificados, tais como, formulários de correio eletrónico disponíveis no próprio site. Efetuaram-se, igualmente, contactos telefónicos

---

20 Em três idiomas, conforme anexos: IX - castelhano, X - francês e XI - italiano.

21 A diferença de datas deve-se apenas ao facto da tradução para italiano ter sido um pouco mais morosa.

abordando o assunto e informando que tinha sido reenviado o email, demonstrando disponibilidade para o esclarecimento de eventuais dúvidas e solicitando a respetiva colaboração. No referido contato telefónico denotou-se que várias organizações não estão familiarizadas com a designação de turismo comunitário, pois designam a sua área de trabalho como sendo turismo solidário, ou turismo responsável, pelo que se esclareceu o conceito e a sua interligação ao trabalho que desenvolvem. Dos contactos efetuados verificou-se, ainda, que várias organizações francesas informaram que recebem diariamente emails com questionários, no âmbito de trabalhos académicos, apresentando desculpas por não ter respondido, mas com o volume de trabalho que possuem é muito difícil responder a todas as solicitações. Neste contexto, foi proposto que a resposta fosse no próprio telefonema e duas organizações concordaram com a proposta, permitindo obter mais duas respostas.

Alguns dias mais tarde procedeu-se à terceira avaliação tendo-se registado duas novas respostas. Tendo em consideração ser já a terceira avaliação e os resultados serem inferiores aos expectados entendeu-se que deveria solicitar-se a colaboração das redes que integram os membros identificados. Neste contexto, procedeu-se ao envio de email às duas associações nacionais (francesa e italiana) informando que o questionário tinha sido enviado às organizações membro, mas cujas respostas eram reduzidas, solicitando a respetiva colaboração para a obtenção de mais respostas dos seus associados.

Em finais de junho efetuou-se a quarta avaliação e constatou-se que apenas mais uma organização tinha respondido e que as associações nacionais não tinham respondido até àquela data, mas atendendo ao número de dias decorridos e o número de organizações que teriam que contactar entendeu-se não efetuar qualquer insistência. No que respeita às organizações em termos individuais efetuaram-se novos contactos telefónicos e tentativas através de *skype*.

No dia 30/06/2011, em virtude de algumas organizações terem solicitado novo contacto nos dias seguintes, efetuou-se nova análise tendo-se verificado que uma organização tinha respondido e voltou a insistir-se telefonicamente tendo-se obtido três respostas por esta via. Nesta mesma data constatou-se que a associação nacional italiana tinha respondido, informando que lamentava as organizações membro não terem colaborado nesta investigação e juntou informação relativamente ao projeto de cooperação e turismo de uma rede europeia designada TRES – Turismo responsável e solidário Europa. Atendendo às diversas diligências efetuadas desde o dia 16/05/2011 entendeu-se que se deveriam aguardar mais alguns dias para verificar se existiria mais algum contributo, concluindo assim o processo de obtenção de respostas. Consequentemente, foi recebida mais uma resposta a 11/07/2011 perfazendo um total de 12 respostas (excluindo o email da organização que informou não ter tempo para responder e o email da associação nacional italiana) num total de 47 inquiridos (não considera as associações nacionais francesa e italiana), o que perfaz uma taxa de respostas de aproximadamente 26% (tabela 4.5).

Tabela 4.5 - Quantificação das respostas obtidas

<b>País</b>	<b>Organizações inquiridas</b>	<b>Respostas obtidas</b>	<b>% respostas</b>
Espanha	10	5	50,00%
Itália	9	0	0,00%
França	28	7	25,00%
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>12</b>	<b>25,53%</b>

Na tabela 4.6 estão identificadas as organizações espanholas e francesas que responderam ao inquérito.

Tabela 4.6 - Identificação das organizações que responderam ao inquérito

<b>Designação</b>	<b>País</b>
Alter Nativas	Espanha
Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (ICID)	Espanha
Sodepaz	Espanha
Xarxa Consum Solidari	Espanha
Associação de turismo sustentável ETHNIC	Espanha
Alter Enga	França
DEPARTS	França
E-changeons de monde	França
Ecotours	França
Taddart	França
Tamadi	França
Tourisme & Developpement Solidaires voyages	França

#### 4.4. Metodologia de análise de dados

Como foi mencionado na secção 4.3. esta investigação pretende ser uma análise exploratória dos dados, procurando-se para esse efeito recorrer a métodos de análise de dados qualitativos. Segundo Veal (1997:129) a abordagem qualitativa privilegia reunir mais informação, em termos de conteúdo, de um grupo menor de pessoas, do que informação limitada de um número considerável de pessoas. Kelly (1980) citado por Veal (1997:129-130) sugere que a pesquisa qualitativa detém seis vantagens face à pesquisa quantitativa. Destas seis vantagens e atendendo à presente investigação considera-se oportuno destacar as seguintes:

- O método qualitativo associa-se à natureza do lazer, pois é uma experiência qualitativa;
- O método qualitativo envolve as pessoas na pesquisa do lazer;
- Os resultados da pesquisa qualitativa são mais compreensíveis para pessoas que não estão familiarizadas com a estatística.

Realçam-se estas três vantagens pois refletem, de certo modo, a presente investigação. Como foi referido anteriormente, pretende-se uma investigação exploratória, sendo esta na área do turismo, portanto, experiência qualitativa, maximizando os dados qualitativos e, por último, cujos resultados sejam compreensíveis para um público abrangente.

Nestes termos e, designadamente, no que respeita a dados primários considera-se que a análise de conteúdo é a mais adequada. Assim, proceder-se-á à sistematização das respostas do inquérito numa tabela, tentando reproduzir o conteúdo das respostas. Com base nesta informação proceder-se-á a uma análise de conteúdo, explorando a riqueza e diversidade da informação obtida.

#### **4.5. Conclusão**

Tendo em consideração os objetivos do presente estudo, na primeira secção deste capítulo identificaram-se os objetivos de investigação do estudo empírico. Face aos objetivos identificados verificou-se que era necessário proceder à recolha de dados referentes aos aspetos gerais do turismo comunitário, nos quais se incluem o âmbito, as organizações envolvidas, as viagens, os benefícios e os custos segundo a perceção das organizações emissoras europeias e o papel destas organizações no desenvolvimento das comunidades.

Neste contexto, em termos de recolha de dados verificou-se que era necessário utilizar o método de recolha de dados secundários e também de dados primários. Em termos de dados secundários recorreu-se à revisão da literatura e a páginas de internet, tendo esta última algum destaque pois é comum a todos os objetivos identificados. A recolha de dados primários baseou-se na observação participante e no inquérito por questionário aberto. Tal como foi referido nos métodos de recolha de dados, os métodos diretos para recolher dados primários têm associados custos temporais e financeiros mais elevados, mas de modo a otimizar os resultados face aos constrangimentos procurou adotar-se um inquérito por questionário aberto que permitisse uma maior abrangência de informação. Ainda na subsecção do inquérito por questionário caracterizou-se a respetiva aplicação, na qual foi definida a população alvo, a respetiva população inquirida, os métodos de administração utilizados e a quantificação das respostas obtidas. Assim, foi identificada uma população alvo constituída por 47 organizações, de três países europeus, Espanha, França e Itália. O método de administração utilizado foi através do correio eletrónico complementado com o telefone. Do total dos inquiridos obtiveram-se 12 respostas, o que corresponde uma taxa de cerca de 26%.

Na última secção deste capítulo caracterizou-se a metodologia adotada para a análise dos dados recolhidos, a qual privilegiou o método qualitativo, designadamente, a análise de conteúdo, a qual permite explorar a riqueza e a diversidade da informação obtida.

Face ao exposto e à análise teórica do turismo comunitário objeto do capítulo três segue-se análise e discussão dos resultados.



## Capítulo 5 – Análise e discussão de resultados

### 5.1. Introdução

No presente capítulo pretende-se analisar e discutir os resultados obtidos nesta investigação. Deste modo, iniciar-se-á pela caracterização detalhada das organizações que responderam ao inquérito tendo em consideração informações diversas, como sejam, o tipo de organização, quando foi criada, os objetivos, o país e as áreas de atuação.

Na secção seguinte será efetuada a caracterização das viagens realizadas pelas organizações que responderam ao inquérito e que trabalham no domínio do turismo comunitário. Para este efeito, esta secção vai ser subdividida em duas subsecções. Na primeira subsecção proceder-se-á à identificação das componentes das viagens. Na segunda subsecção vão ser analisadas as viagens promovidas pelas organizações que responderam ao inquérito, sistematizando informação diversa, como seja a designação, o destino, a duração, número mínimo e máximo de participantes e identificação das diferentes componentes que integram, normalmente, uma viagem de turismo comunitário.

De seguida vão ser apresentados os potenciais benefícios e custos, sociais, culturais e económicos para as comunidades que desenvolvem o turismo comunitário que são percecionados pelas organizações que trabalham com viagens de turismo comunitário.

Finalmente, será apresentado o papel das organizações emissoras no desenvolvimento das comunidades, ao qual se seguem as conclusões deste capítulo.

### 5.2. Caracterização detalhada das organizações que responderam ao inquérito

De modo a permitir um maior conhecimento das organizações que responderam ao questionário administrado no âmbito desta investigação, possibilitando um melhor enquadramento das respostas obtidas, assim como, uma contextualização mais apropriada das atividades desenvolvidas, entendeu-se que era importante reunir e sistematizar a seguinte informação: designação, tipo de organização, data em que foi fundada, objetivos, país, áreas de atuação, observações e contatos<sup>22</sup>. De modo a permitir uma leitura mais legível e conseqüentemente uma análise mais eficiente, a referida informação será apresentada em três pontos diferenciados. Assim, cada ponto aprofundará a análise de um fator específico, sendo no primeiro ponto o tipo de organização, no segundo os respetivos objetivos e no terceiro as áreas de atuação.

#### Tipo de organização

Neste contexto segue a tabela 5.1 que sistematiza os dados respeitantes a cada organização, identificando o tipo, quando foi criada e o respetivo país.

---

22 Ver anexo XII correspondente à tabela que congrega toda esta informação.

Tabela 5.1 - Organizações que responderam ao inquérito: tipo de organização

<b>Designação</b>	<b>Tipo de organização</b>	<b>Quando foi criada</b>	<b>País</b>
Alter Nativas	Associação	1998	Espanha
Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (ICID)	Associação	1990	Espanha
Sodepaz	Associação	1987	Espanha
Xarxa Consum Solidari	Associação	1997	Espanha
Associação de turismo sustentável ETHNIC (ETHNIC)	Associação	2006	Espanha
Alter Enga	Associação	2005	França
Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (DEPARTS)	Associação	2003	França
E-changeons de monde	Associação	2003	França
Ecotours	Associação	1996	França
Taddart	Associação	2003	França
Tamadi	Associação	2005	França
TDS (1)	Associação	1998	França

(1) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

Da análise da tabela 5.1 verifica-se que as organizações que responderam ao inquérito têm em comum serem associações, tendo sido constituídas entre 1987 e 2006. Através da data de constituição poderá subentender-se alguma maturidade no trabalho desenvolvido, pois a mais antiga possui 24 anos de experiência e a mais recente já tem cinco anos.

### **Objetivos**

Considera-se que a apresentação e análise dos objetivos das organizações é, igualmente, importante e por isso apresenta-se a tabela 5.2. Para além dos objetivos, a tabela 5.2 inclui informação quanto à associação das organizações em redes nacionais.

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.2 - Organizações que responderam ao inquérito: objetivos

Organização	Objetivos	Observações
Alter Nativas	Promover a interculturalidade na comunidade de Navarra como meio para combater o racismo e a xenofobia.	Pertence à rede FTR (1)
ICID (2)	Orientar e estimular o desenvolvimento integral humano e sustentável das comunidades e povos do Sul realizando todo o tipo de atividades para fomentar a solidariedade entre os povos, a defesa e promoção dos direitos humanos e a cooperação internacional ao desenvolvimento, através de programas de Educação e Cooperação para o Desenvolvimento, realizados em Espanha e noutros países.	Pertence à rede FTR (1)
Sodepaz	Contribuir para a mobilização política, o <i>empowerment</i> popular e a construção de outros mundos possíveis através da cooperação ao desenvolvimento nos países desfavorecidos. Para tal, o trabalho é desenvolvido com organizações sociais locais para a consciencialização coletiva crítica no Norte mediante: a criação e difusão de informação e práticas transformadoras, o planeamento e a execução de programas, conteúdos e ações de sensibilização e a promoção e realização de um trabalho cooperativo em redes, destinados a toda a sociedade.	Pertence à rede FTR (1)
Xarxa Consum Solidari	O principal objetivo é “a promoção de iniciativas que contribuam para a dinamização dos princípios do consumo responsável e solidário”.	Fundadora da ATR (3)
ETHNIC	Desenvolver iniciativas turísticas responsáveis e solidárias / promover e difundir uma forma de fazer turismo que seja sustentável e responsável, tendo em consideração os países de acolhimento e o respetivo meio ambiente. A atividade turística deve contribuir para o desenvolvimento local e para a diminuição da pobreza, contribuindo, igualmente, para superar a incompreensão cultural e as desigualdades sociais, abrindo novos caminhos de solidariedade equitativa.	Encontra-se no diretório de entidades da <a href="http://www.coneixmon.org">www :coneixmon.org</a> (localizada através dos links da página da ATR (3))
Alter Enga	Apoiar projetos nos países em vias de desenvolvimento através de viagens de turismo solidário.	Membro da ATEs (4)
DEPARTS (5)	Promover viagens fora dos trilhos conhecidos, respeitando a carta do turismo responsável, num espírito de solidariedade e de intercâmbios com os habitantes. Sensibilizar e descobrir as culturas do mundo em França através das “Noites do Mundo”.	Membro da ATEs (4)
E-changeons de monde	Promover viagens à Ásia, África e Europa de leste respeitando as populações locais associada à descoberta cultural, caminhadas, estadas em casa dos habitantes e encontro com parceiros sociais e comerciais.	Membro da ATEs (4)
Ecotours	Desenvolver o turismo justo e solidário na América Central com a participação das comunidades locais.	Membro da ATEs (4)
Taddart	Promover, com sentido de solidariedade, de partilha e equidade, um turismo com identidade, para o desenvolvimento local e mantendo a dignidade das populações de acolhimento.	Membro da ATEs (4)
Tamadi	Promover, suscitar, facilitar as iniciativas a favor de um turismo associativo, responsável e solidário prioritariamente nos países em desenvolvimento, tais como: atividades turísticas desenvolvidas por associações ou cooperativas dos países de acolhimento; as atividades ou associações, cooperativas parceiras; a remuneração dos prestadores locais serem justas; um turismo que favoreça os encontros e trocas entre culturas e cidadanias do Mundo; um turismo preocupado com o seu impacto no meio ambiente e cultura local.	Membro da ATEs (4)
TDS (6)	A atividade turística ser um contributo para o desenvolvimento das regiões onde esta se implementa.	Membro da ATEs (4)

(1) Forum turismo responsável (Espanha);

(2) Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (Espanha);

(3) Ação para um turismo responsável (Espanha);

(4) Associação de turismo justo e solidário (França);

(5) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);

(6) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

Em termos de objetivos é curioso verificar que no caso das organizações francesas todas mencionam a área do turismo, enquanto que as organizações espanholas têm objetivos mais abrangentes, ligados à área de desenvolvimento, com exceção da associação Ethnic que menciona o turismo. Constatou-se, igualmente, que a maioria das organizações se encontra associada a uma rede nacional, existindo, contudo, algumas organizações em que não foi encontrada essa informação explícita mas as quais foram localizadas através de referência às mesmas em *links* de páginas de internet das redes consultadas sejam europeias ou outras. Consequentemente, equaciona-se a possibilidade de existirem outras organizações na Europa, inclusive nos três países em análise, que poderão desenvolver atividade neste domínio e que não foram identificadas neste projeto de investigação.

### **Áreas de atuação**

Ainda em termos de caracterização das organizações em análise considera-se que, para complementar a informação anterior, deve igualmente apresentar-se e analisar as respetivas áreas de atuação (tabela 5.3).

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.3 - Organizações que responderam ao inquérito: áreas de atuação

Organização	Áreas de atuação
Alter Nativas	<p>Programas interculturais através de diferentes manifestações artísticas, com o objetivo de potenciar a interculturalidade;</p> <p>Programas de sensibilização; arte e interculturalidade, programas de rádio, cozinhas do mundo, etc., com a finalidade de criar espaços de encontro e intercâmbio na sociedade;</p> <p>Espaços de reflexão e formação;</p> <p>Cooperação internacional, turismo responsável, assessoria, captação de recursos e colaboração com organizações brasileiras que trabalham no turismo responsável, sendo este um elemento de cooperação ao desenvolvimento;</p>
ICID (1)	<p>Cooperação para o desenvolvimento, educação para o desenvolvimento e consumo responsável. Acções: defender e promover todos os direitos humanos, especialmente, os direitos económicos, sociais e culturais, de maneira que todos e todas tenham acesso a condições de vida dignas, justas e equitativas; fortalecer a organização e capacidades da sociedade civil para a participação direta na definição e construção do seu desenvolvimento; contribuir para que as sociedades, compreendam a dimensão dos problemas dos países em vias de desenvolvimento e sua corresponsabilidade para resolvê-los, transformar a vida quotidiana, gerar laços de solidariedade com o Sul e propostas aos governos com perspectivas e critérios para confrontar estes problemas de forma realista e justa; trabalhar para a igualdade de género tanto no Norte como no Sul.</p>
Sodepaz	<p>Cooperação, educação para o desenvolvimento, turismo responsável, comércio justo e investigação.</p>
Xarxa Consum Solidari	<p>Cooperação internacional, a importação e distribuição de produtos de comércio justo, a sensibilização e educação para o desenvolvimento, a pressão política e apoio ao turismo responsável.</p>
ETHNIC	<p>Turismo: “rotas sustentáveis” e “rotas solidárias” (trabalha como agência de viagens).</p>
Alter Enga	<p>Inicialmente, organizava viagens à África ocidental, região do mundo com a qual mantém laços. Mais tarde e a pedido de parceiros decidiu trabalhar outros destinos como sejam a América Latina e a Bulgária. Em todos os países promove a organização e acompanhamento de estadas pedagógicas e projetos associativos. Outra área de atuação são as ações de formação e sensibilização realizadas em França.</p>
DEPARTS (2)	<p>A descoberta itinerante, geralmente afastada dos spots turísticos; a transparência das ações solidárias empreendidas e os projetos de micro-crédito apoiados; a informação e sensibilização referente às comunidades de acolhimento.</p>
E-changeons de monde	<p>A conceção das viagens visa um turismo mais participativo do que passivo reforçando e facilitando os intercâmbios entre povos de culturas diferentes, com relações privilegiadas e autênticas, de modo a serem enriquecedoras para todos.</p>
Ecotours	<p>Propõe viajar de forma diferente, tendo como base valores de equidade e solidariedade perspetivando que o turismo seja uma ferramenta de desenvolvimento. Promove, atualmente, onze destinos latino americanos.</p>
Taddart	<p>Organiza e promove viagens ao estrangeiro, sejam personalizadas, de estudo (com temas relacionados com a educação, a saúde, a área social, o comércio justo ou outro) ou em grupo. Estas viagens pretendem permitir viver com o habitante, conhecendo as suas tradições e desenvolver atividades que têm em consideração o turismo solidário e a equidade, contribuindo para o desenvolvimento local, para a valorização cultural e o saber fazer das comunidades locais. Estas viagens pretendem, ainda, aproximar o mais possível os turistas dos habitantes da comunidade, valorizando a preservação ambiental e assegurando a remuneração justa para as populações locais.</p>
Tamadi	<p>Campanhas de sensibilização junto de potenciais turistas; comercializar, entre outros, produtos turísticos e artesanais; realizar, divulgar e eventualmente comercializar publicações ou outros produtos editados.</p>
TDS (3)	<p>Propõe um turismo baseado no encontro e trocas nas aldeias e comunidades de acolhimento, inspirado nos princípios da economia social e solidária. Inicialmente as propostas concentravam-se no continente Africano, mas recentemente alargaram-se à América do sul. Desenvolver o conceito de “<i>Accueil villageois</i>” no qual a TDS acompanha as comunidades aldeãs para lhes permitir receber, por elas próprias, na sua aldeia, pequenos grupos (aproximadamente 12 pessoas) e propor-lhes uma estada harmoniosa com o seu modo de vida, face à própria cultura. Apoia comunidades que demonstram espírito de abertura, forte coesão, vitalidade cultural e sabedoria das suas instituições tradicionais. Após um processo de formação, TDS atribui um selo “<i>Village d’Accueil</i>”<sup>TDS</sup> aos seus parceiros locais.</p>

(1) Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (Espanha);

(2) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);

(3) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

Analisando a caracterização das áreas de atuação constata-se que todas as organizações mencionam a área do turismo, com exceção da ICID que refere áreas mais abrangentes, como a cooperação para o desenvolvimento, a educação para o desenvolvimento e o consumo responsável. Deve assinalar-se que as organizações francesas e a associação ETHNIC denotam que trabalham exclusivamente a área do turismo, com exceção da Alter Enga que refere outra área de atuação (ações de formação e sensibilização) e a TAMADI que menciona a realização, divulgação e, eventualmente, comercialização de publicações ou outros produtos editados, mas ambas destacam a área do turismo. As organizações espanholas, salvo a ETHNIC (referida anteriormente), mencionam o turismo como uma das áreas de atuação, entre outras, designadamente questões de interculturalidade, cooperação, educação para o desenvolvimento, comércio justo e a investigação. Refere-se, ainda, que todas as organizações que mencionam o turismo nas respetivas áreas de atuação denotam práticas e objetivos diferenciados. No caso das organizações espanholas é feita a identificação como turismo responsável e no caso da ETHNIC refere rotas sustentáveis e rotas solidárias. Quanto às organizações francesas, como nos objetivos referem a atividade turística (em vários casos, identificada como turismo solidário, turismo responsável, turismo justo e solidário, turismo associativo, responsável e associativo), ao nível das áreas de atuação procuram detalhar mais os objetivos e ações em concreto, salientando o facto de ser mais participativo, com maior proximidade às comunidades locais, contribuindo para o desenvolvimento local, o qual, por sua vez, subentende a remuneração justa para as populações locais.

### **5.3. Caracterização das viagens**

Nesta secção pretende-se caracterizar as viagens de turismo comunitário considerando-se que, para esse efeito, deve proceder-se à identificação das componentes das viagens de forma geral e posteriormente caracterizar as viagens de turismo comunitário. Assim, esta secção encontra-se subdividida em duas subsecções, sendo que na primeira vão identificar-se as componentes das viagens e na segunda caracterizar-se-ão as viagens de turismo comunitário.

#### **5.3.1. Identificação das componentes das viagens**

No âmbito da identificação das componentes da viagem não existe um consenso. Contudo, quando se analisa a composição do produto turístico, composto por todos os elementos que os visitantes podem utilizar desde que saem de casa numa viagem turística até ao regresso, é possível identificar diversos elementos que podem constituir componentes importantes das viagens, como se pode constatar na tabela 5.4.

Tabela 5.4 - Componentes da viagem

Referência bibliográfica	Elementos do produto turístico que podem constituir importantes componentes da viagem				
Cooper <i>et al.</i> (1993)	Alojamento	Transporte	Atrações		
McIntosh <i>et al.</i> (1995:269)	Recursos naturais	Infraestruturas	Transporte	Hospitalidade e recursos culturais	
Middleton e Clarke (2001)	Atrações do destino e meio ambiente	Serviços e equipamentos e infraestruturas do destino	Acessibilidade para e no destino	Imagem do destino	Preço para o consumidor

Pode concluir-se que o transporte é uma das componentes identificada por vários autores, sendo que Middleton e Clarke (2001) apresentam uma análise mais abrangente da área dos transportes que designam por “acessibilidade para e no destino”. Apesar de não ser tão evidente verifica-se que, também o alojamento é uma componente identificada por vários autores, que, segundo McIntosh *et al.* (1995:269), pertence à componente “infraestruturas”, que considera a construção desenvolvida debaixo de terra e à superfície, isto é, as redes de águas, esgotos, gás, elétricas, de comunicações e sistemas de drenagem, as vias de comunicação (autoestradas, aeroportos, rede ferroviária e estradas), estacionamentos, marinas e docas, estações de autocarros e comboios, outras construções para serviços diversos (ex: empreendimentos turísticos, restaurantes, centros comerciais, museus, lojas e outras estruturas similares). Por sua vez, Middleton e Clarke (2001) integram o alojamento na componente “serviços e equipamentos e infraestruturas do destino”. Outra componente identificada por Cooper *et al.* (1993) é o conjunto das “atrações”. McIntosh *et al.* (1995:269) mencionam “recursos naturais”, “infraestruturas” (designadamente os museus, lojas) e “hospitalidade e recursos culturais”. Middleton e Clarke (2001), assim como, Cooper *et al.* (1993) agregam, numa única componente, as atrações do destino e o meio ambiente. Por outro lado, Middleton e Clarke (2001) tendo em consideração que a análise do produto turístico que apresentam se enquadra no âmbito do marketing, para além destas componentes comuns aos vários autores em análise, acrescentam mais duas componentes do produto turístico - a “imagem do destino” e o “preço para o consumidor”.

Considera-se relevante fazer uma análise mais detalhada relativamente às principais componentes comuns identificadas, isto é, o transporte, o alojamento e as atrações.

### 5.3.1.1. Transporte

Segundo Burkart e Medlik (1981:47) citados por Cooper *et al.* (1993:175) o transporte pode ser definido como o meio para alcançar o destino e também como o meio de deslocação no destino. Segundo McIntosh *et al.* (1995:95-96) o turismo e o transporte são indissociáveis, pois as pessoas que viajam deslocam-se através de diversos meios, desde a deslocação a pé até à utilização do

avião supersónico. Middleton e Clarke (2001) apresentam uma análise mais abrangente pois salientam outros aspetos específicos associados ao transporte, seja público ou privado. Deste modo, integram na componente “acessibilidade para e no destino” as infraestruturas (estradas, parques de estacionamento, aeroportos, caminhos de ferro, portos marítimos, percursos aquáticos interiores e marinas), equipamento (dimensão, velocidade e variedade de transportes públicos), fatores operacionais (rotas existentes, frequência dos serviços, preços praticados e preços das portagens), regulamentação governamental (regulamentação aplicada nas operações dos transportes).

Cooper *et al.* (1993:176) e McIntosh *et al.* (1995:95-96) classificam o transporte em categorias semelhantes, designadamente: aéreo, rodoviário, ferroviário e aquático. A estas quatro categorias McIntosh *et al.* (1995:95-96) acrescentam mais uma, que identificam como “outro”, na qual consideram, por exemplo, o pedestre, bicicleta, transporte na neve e veículos de tração animal.

Considerando que o produto turístico integra tudo o que turista consome, não apenas no destino mas também no trajeto até ao destino, como referem Cooper *et al.* (1993:175), o transporte providencia alguns elementos chave do produto. Neste contexto, Cooper *et al.* (1993:175), mencionam ainda que numa viagem com transporte aéreo, o custo do transporte pode representar 55% do custo da viagem e, no caso de viagens de longo curso, esta percentagem pode ser superior.

De modo a realçar mais ainda a importância do transporte, Cooper *et al.* (1993:176) indicam que em alguns casos o próprio transporte é o motivo da viagem, como é o caso de:

- Produtos ferroviários: o Palácio sobre Rodas (Índia), o Comboio Azul (África do Sul) e o Expresso do Oriente;
- Produtos aéreos: viagens curtas no Concorde, voos nostálgicos em aviões antigos;
- Produtos marítimos: cruzeiros temáticos tais como produtos do Carnival Cruise Line.

### **5.3.1.2. Alojamento**

Conforme referem Cooper *et al.* (1993:161), o alojamento é uma componente essencial do turismo, pois este pode implicar uma estada fora do local habitual de residência. Cooper *et al.* (1993:162), através de um estudo efetuado no Reino Unido, em 1990, a turistas nacionais e internacionais, demonstram que nas despesas totais da viagem (alojamento, alimentação, compras, transporte, lazer e serviços) o que respeita ao alojamento corresponde a 32,3% e 37,0%, respetivamente. Estes mesmos autores (1993:162) referem ainda que apenas metade das noites passadas fora da residência habitual são pagas, a outra metade é passada em casa de amigos, familiares, em caravanas próprias ou segundas casas. Em termos de categorização dos meios de alojamento Cooper *et al.* (1993:164) referem que o alojamento turístico pode variar de acordo com os seguintes critérios:

- Ter ou não serviços

Durante as estadas em alojamento com serviços o cliente espera que lhe sejam prestados serviços, tais como troca de toalhas, arrumação diária do quarto, ou ainda, em alguns casos, abertura da cama ao final do dia. Por outro lado, ninguém espera estes serviços num parque de



campismo ou em apartamentos que são exemplos de alojamento sem serviços. Mesmo neste grupo de empreendimentos, nalgumas situações é possível a prestação de determinados serviços mediante um pagamento extra.

- Próprio ou pago

A maioria do alojamento utilizado pelos turistas é pago. As segundas casas e o alojamento de timesharing constituem um setor em crescimento no âmbito do alojamento próprio que crescem ao elevado número de caravanas próprias.

- Principal objetivo/ocupação secundária

Algum alojamento é providenciado em unidades que são designadas especificamente para este objetivo e cujo principal propósito é prestar serviços de alojamento. Isto inclui hotéis, “guest-house”, aldeias de férias, etc. Outros alojamentos para turistas são assegurados em estabelecimentos cujo principal objetivo não é o serviço de alojamento. Neste segundo caso, podem considerar-se casas agrárias, universidades e escolas, ou aluguer de quartos em casas privadas.

- Casas estáticas ou móveis

Apesar da maioria dos tipos de alojamento serem fixos ao chão de forma firme, outros são fixos de forma temporária e outros ainda podem ser movimentados livremente. Por exemplo, os parques de caravanismo tendem a usar caravanas estáticas mas que podem ser movimentadas de forma mais fácil do que uma construção tradicional.

- Objetivo da visita

A designação de alguns tipos de alojamento está associada ao objetivo da visita, enquanto outros são mais abrangentes, pois os serviços que disponibilizam correspondem a necessidades variadas. Assim, os campos de férias, tal como o próprio nome sugere, destinam-se a turistas em férias e não são viáveis para turismo de negócios. Os hotéis, por sua vez, podem receber, em simultâneo, hóspedes com estadas com diferentes objetivos, necessitando no entanto de uma gestão adequada para evitar conflitos de interesses.

Middleton e Clarke (2001), como foi referido anteriormente, integram o alojamento nos serviços e equipamentos e infraestruturas no destino. A componente “serviços e equipamentos e infraestruturas no destino”, segundo Middleton e Clarke (2001), é constituída pelos elementos que permitem que os turistas permaneçam no destino, pois correspondem às infraestruturas e serviços existentes no destino ou com ligação a estes. Neste contexto, incluem as unidades de alojamento (por exemplo: hotéis, apartamentos, villas, parques de caravanismo, parques de campismo, condomínios), os restaurantes, bares e cafés (desde fast-food e restaurantes de luxo), o transporte no destino (taxis, aluguer de automóveis, entre outros), atividades ou interesses desportivos (nomeadamente, escolas de esqui, escolas de surf, clubes de golfe, estádios, centros artísticos), outros equipamentos (por exemplo, escolas de línguas, clubes de saúde) ou ainda serviços informativos, aluguer de equipamento e polícia turística que integram noutros serviços.

Das duas análises apresentadas verifica-se que ambas realçam o papel do serviço de alojamento como componente fundamental no produto turístico, pois esta determina a possibilidade de

turista poder ou não permanecer num determinado destino. Estas análises permitem ainda constatar que a prestação do serviço de alojamento pode ser efetuada por um conjunto muito considerável de opções de alojamento.

### 5.3.1.3. Atrações

Na tabela 5.4 verifica-se que existem identificações diversas das atrações (atrações, atrações do destino e meio ambiente e, ainda, recursos naturais, hospitalidade e recursos culturais), mas que se referem a fatores muito similares. Deste modo, tendo em consideração que são atividades integradas nas viagens permitindo o seu enriquecimento, tornando-as mais atrativas entende-se que a designação atrações é a mais indicada para estes elementos.

Cooper *et al.* (1993:204) salientam as atrações no produto turístico e caracterizam-nas como naturais ou feitas pelo homem. Existem inúmeros tipos de atrações e, neste sentido, propõem uma classificação em função da dimensão, da seguinte forma:

- Propriedade;
- Capacidade;
- Capacidade de atração;
- Permanência;
- Tipo.

Peters (1969) citado por Cooper *et al.* (1993:204) classificou as atrações por tipo, e distinguiu-as entre naturais e não naturais. Nas não-naturais considerou as que se seguem:

- Cultural – religião, cultura moderna, museus, galerias de arte, estações arqueológicas e construções;
- Tradições – folclore, cultura animada, festivais;
- Eventos – desportos (Jogos Olímpicos, Taça do Mundo), eventos culturais (noivados reais).

Nas naturais incluem elementos como áreas protegidas, a vida selvagem, monumentos naturais como sejam as Cataratas do Niagara ou o Grand Canyon.

No que respeita ao tipo, McIntosh *et al.* (1995:269) propõem a categorização das atrações em “recursos naturais” e “hospitalidade e recursos culturais”:

1. **Recursos naturais** - Esta categoria é considerada fundamental na oferta, pois corresponde aos recursos naturais disponíveis para usufruto dos visitantes. Esta categoria inclui elementos como sejam o ar, o clima, o relevo, o terreno, a flora, a fauna, praias, belezas naturais e a água nas suas várias vertentes.
2. **Hospitalidade e recursos culturais**. Nesta categoria incluem-se todas as formas ou manifestações culturais que possibilitem o sucesso da experiência do turista, como por exemplo o “aloha” no Hawai e a hospitalidade dos residentes, entre outras. São ainda consideradas ofertas culturais como exposições, literatura, história, música, arte dramática, dança, desporto, compras e outras atividades.

Clawson e Knetsch (1966, citados por Cooper *et al.*, 1993:205) associam a classificação das atrações à sua naturalidade e artificialidade. Neste contexto, Clawson e Knetsch (1966, citados por Cooper *et al.* 1993:205) consideram:

- i. Atrações naturais aquelas que se baseiam no recurso, cujo enfoque principal é a qualidade, com a mínima interferência humana, muitas vezes distantes dos utilizadores e cujo recurso determina a atividade (ex: observação da paisagem, interesse científico e histórico, caminhadas, alpinismo, pesca e caça);
- ii. Atrações artificiais as que se baseiam em quaisquer recursos disponíveis, muitas vezes feitas pelo Homem, desenvolvidas artificialmente, localizadas em grandes centros populacionais, com uma utilização intensiva e, muitas vezes, com efeitos sazonais, encerrando na época baixa. Incluem nestas atividades, entre outras, o golfe e o ténis.

Por sua vez, Middleton e Clarke (2001) salientam o papel da componente que identificam como “atrações do destino e o meio ambiente”, pois consideram que esta determina a escolha do turista. Nesta componente, Middleton e Clarke (2001) incluem atrações: naturais, construídas, culturais e sociais. Nas atrações naturais consideram, por exemplo, as paisagens, praias, clima, flora, fauna e os recursos naturais. Em termos de atrações construídas exemplificam com prédios e infraestruturas turísticas incluindo arquitetura histórica e moderna, monumentos, parques, jardins, centros de convenções, marinas, pistas de esqui, arqueologia industrial, comércio de especialidades, cursos de golfe, entre outros. No que respeita a atrações culturais são referidas, por exemplo, a história, o folclore, religião e a arte, teatro, música, dança, museus, eventos especiais e festivais. Relativamente às atrações sociais referem formas de vida e costumes, a linguagem e oportunidades de encontros sociais. Deve, ainda, referir-se que Middleton e Clarke (2001) mencionam que, por vezes, é difícil distinguir entre atrações e equipamentos e infraestruturas, pois nalguns casos as infra-estruturas ou serviços do destino são simultaneamente atrações, pois, por exemplo, um determinado hotel, uma pista de esqui ou um campo de golfe, podem, pelas respetivas características, tornar-se a atração principal do destino onde se inserem.

### **5.3.2. Caracterização das componentes das viagens**

Tendo como base a caracterização geral das viagens apresentada segue-se a análise das viagens de turismo comunitário. Neste contexto, relativamente à informação recolhida na pesquisa efetuada, verifica-se que muitas viagens não são identificadas como turismo comunitário, provavelmente porque o turismo comunitário integra a viagem num determinado período de tempo, mas não é permanente nos dias todos. Como se poderá verificar, as viagens integram várias componentes e, entre estas, algumas são propostas e desenvolvidas pelas comunidades que integram as viagens. Contudo, vai verificar-se que as viagens integram também componentes que não são organizadas em termos comunitários. Assim, temos viagens identificadas como turismo responsável, turismo solidário ou outra, na qual, parte da estada se realiza no âmbito do turismo comunitário. Consequentemente, procedeu-se à análise das viagens conforme anexo XIII tendo em consideração as componentes identificadas na caracterização das viagens, isto é, alojamento, transporte, atrações e tendo, igualmente, identificado o destino, a duração da

viagem, o número mínimo e máximo de participantes, o preço e eventualmente alguma observação pertinente.

A identificação das viagens apresentadas no anexo XIII foi efetuada com base nas organizações que responderam ao inquérito. Deste modo, identificaram-se as diversas viagens que as organizações que foram objeto de análise neste projeto de investigação realizam tendo-se verificado que o total era um número muito elevado. Consequentemente, entendeu-se que em cada organização deveriam ser analisadas uma viagem por destino, entenda-se país (visto que se identificaram vários programas para o mesmo destino), cuja seleção teve em consideração ser o primeiro programa apresentado na informação disponível da respetiva organização, normalmente, na respetiva brochura. Deve assinalar-se, igualmente, que para cada programa existem habitualmente diversas datas para a sua realização, o que se constata inclusivamente na informação do respetivo preço, em que se mencionam valores de suplemento ou está indicado “a partir de”, não tendo sido efetuada qualquer quantificação disso mesmo. Por outro lado, foram identificados programas cuja análise não permite confirmar que os mesmos integram turismo comunitário. Neste contexto, referem-se as viagens da:

- Alter-Enga: Nigéria, Roménia – entre Maramures e Bucovina, Roménia e Bulgária;
- DEPARTS: França – Alpes;
- Ecotours: Canadá – Quebec, Irlanda, Espanha – caminho Andaluz;
- Taddart: Marrocos – cidades imperiais, Espanha, Países Baixos – as pérolas dos Países Baixos e França – Paris alternativo.

Nos respetivos programas, como se pode verificar no anexo XIII, não se identificam serviços ou atividades que sejam organizados de forma comunitária, como por exemplo o alojamento ou a realização de encontros com organizações comunitárias, entre outros. Contudo, entendeu-se que deveriam ser apresentados todos os destinos programados pelas organizações reunindo-se desta forma mais informação relativamente ao trabalho desenvolvido por estas. Face ao exposto, apresenta-se a tabela 5.5 elaborada a partir do anexo XIII, a qual identifica a organização e os programas em análise.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.5 - Identificação das viagens das organizações que responderam ao inquérito

Organização	Designação da viagem
ETHNIC	Rota solidária – Gâmbia
	Rota solidária – Marrocos
SODEPAZ	Cuba
	Palestina – turismo político e cultural
	Equador – turismo comunitário
	Nicarágua – turismo rural e comunitário
	Bolívia – turismo e participação em projectos
ALTER ENGA	Argentina
	Burkina Fasso – especial comércio justo
	Chile
	Mali
	Nigéria
	Roménia – entre Maramures e Bucovina
	Ghana-Burkina Fasso
	Roménia e Bulgária
DEPARTS (1)	Benim
	Bolívia
	Brasil
	Cambodja
	Chile
	Marrocos
	Perú
	Senegal
	Nepal
	França – Alpes
ECOTOURS	Canadá – Quebec
	Guatemala – nos vestígios do Quetzal
	Nicarágua – no país dos lagos e vulcões
	Costa Rica e Nicarágua – o corredor ecológico
	Costa Rica- no país do ecoturismo
	Panamá – no coração da América central
	República Dominicana
	Venezuela
	Equador
	Perú – a rota dos Andes
	Bolívia – país das Aymaras
	Argentina
	Irlanda
	Espanha – caminho andaluz
	México – sobre os passos do comércio justo
E Changeons le Monde	Índia – de Calcutá ao Sikkim até ao Taj Mahal
	Marrocos
	Mauritânia
	Senegal
	Ucrânia
Vietname – caminhada de Phu Luong à Baía de Ha Long	
TADDART	Albania
	Burkina Faso
	Mali – o rio Níger
	Marrocos – cidades imperiais
	Equador
	Espanha
	Países Baixos – As pérolas dos Países Baixos: as ilhas do Norte
França – Paris alternativo	
TAMADI	Índia – o coração da Índia
	Madagascar – Mafane/Menabe
	Mali – Kéné Dougou Moussou
	Sahara
	Turquia
TDS (2)	Marrocos
	Benim (entre mar e lagoas)
	Benim – Burkina Fasso
	Burkina-Fasso: Noites atípicas de Koudougou
	Mali – passeio no País Dogon, descobertas culturais
	Equador – comunidades de Kuya Llakta, San Martin Alto e Sinchi Pura
	México – Yucatan

(1) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);

(2) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

Analisando a tabela 5.5 verifica-se que foram objeto de análise nesta dissertação 66 programas, subdivididos pelas organizações da seguinte forma:

- i. Ethnic: dois programas (Gâmbia e Marrocos);
- ii. Sodepaz: cinco programas (Cuba, Palestina, Equador, Nicarágua e Bolívia);
- iii. Alter Enga: oito programas (Argentina, Burkina-Fasso: especial comércio justo, Chile, Mali, Nigéria, Roménia – entre Maramures e Bucovina, Ghana – Burkina-Fasso, Roménia e Bulgária);
- iv. DEPARTS: dez programas (Benim, Bolívia, Brasil, Cambodja, Chile, Marrocos, Perú, Senegal Nepal e França);
- v. Ecotours: 15 programas (Canadá-Quebec, Guatemala, Nicarágua, Costa Rica e Nicarágua, Costa Rica, Panamá, República Dominicana, Venezuela, Equador, Perú, Bolívia, Argentina, Irlanda, Espanha e México);
- vi. E-Changeons le Monde: seis programas (Índia, Marrocos, Mauritânia, Senegal, Ucrânia e Vietname);
- vii. Taddart: oito programas (Albânia, Burkina-Fasso, Equador, Espanha, Mali, Marrocos, Países Baixos e França);
- viii. Tamadi: cinco programas (Índia, Madagáscar, Mali, Sahara e Turquia);
- ix. TDS: sete programas (Marrocos, Benim, Benim e Burkina Fasso, Burkina-Fasso, Mali, Equador e México).

Como foi referido na secção 4.3 o universo das viagens realizadas pelas organizações que responderam ao inquérito é muito significativo. Por esse motivo, determinou-se que se procederia à análise das viagens programadas por organização, mas por destino e não à totalidade das partidas previstas, pois o programa é igual ou similar. Assim, no caso de existir mais do que uma viagem para o mesmo destino, a análise é efetuada à primeira viagem, para determinado destino, conforme apresentação das mesmas nos dados recolhidos, como por exemplo uma brochura. Refere-se, ainda, que várias viagens são programadas em datas diferentes, mas também na análise realizada apenas foi considerado o programa da viagem, sem quantificar o número de partidas, isto é, as datas previstas para a realização das mesmas. Por outro lado, esta análise detetou viagens cujo programa, por motivos vários, ainda não está disponível. Existem ainda outras questões que foram consideradas na identificação das viagens da tabela 5.5. Consequentemente, seguem notas, por organização, que para além de algumas observações, complementam a informação anterior e justificam as viagens que não integraram a tabela 5.5.

**Alter Nativas** - Divulga e sugere a descoberta do Brasil através do Projeto Bagagem, Rede Turisol, Rede Tucum e Casa da Gente cujos contactos são feitos diretamente pelas pessoas interessadas. A Alter Nativas é interlocutora e consultora não apresentando, por isso, programas de viagens.

**Ethnic** - Subdivide as viagens em dois grupos: rota solidária e rota sustentável. A rota solidária pressupõe a convivência com famílias ou comunidades rurais, a visita a organizações ou entidades locais que trabalham para o desenvolvimento, os direitos humanos ou a justiça social. Tal não se verifica nos programas de rota sustentável, pelo que não foram incluídos os respetivos quatro

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

programas: Costa Atlântica e sul de Marrocos; Gâmbia da costa ao interior; Nómadas do deserto Sahara e Senegal.

**Alter Enga** - o destino Burkina-Fasso tem mais quatro programas disponíveis; o destino Mali tem mais programas com menos dias de duração (não vai ser realizado em 2011); para o destino Roménia existem mais dois programas; Roménia, com outras combinações, existem mais quatro programas; também trabalha o destino Senegal mas cujo programa não estava disponível no site; Grécia é outro destino, mas cujo programa detalhado não se encontra disponível; Bolívia/Perú e Patagónia é outro destino mas cujo programa se encontra em construção.

**Departs** - Brasil existem mais dois programas; França existem mais dois programas; trabalha o destino Índia mas não disponibiliza o programa; Perú existem mais dois programas; Nepal existem mais três programas.

**Ecotours** - México existe mais um programa; Equador existe mais um programa (15 dias); para além de grupos existem programas para individuais para a República Dominicana, a Nicarágua, a Costa Rica, o Perú, o México, o Panamá, a Espanha e o Canadá.

**E Changeons le Monde** - Índia existe mais um programa; Vietname existem mais três programas; trabalham os destinos: Nepal, Madagascar e Roménia mas cujos programas detalhados não se encontram disponíveis.

**Sodepaz** - Trabalha o destino Argentina, mas apenas se encontra disponível a descrição da experiência de um grupo de três participantes, na qual não se encontra informação de todas as componentes, por isso não foi incluída na tabela 5.5. Trabalha, igualmente, os destinos: México, Perú e Venezuela mas como turismo voluntário.

**Taddart** - Burkina-Fasso existe mais um programa; Equador existe mais um programa; Espanha existem mais dois programas; Mali existem mais dois programas; Marrocos existem mais 12 programas; Países Baixos existe mais um programa.

**Tamadi** - Índia existem mais dois programas; Madagáscar existem mais dois programas; Mali existem mais três programas; Turquia existe mais um programa.

**TDS** - Benim existem mais quatro programas; Burkina-Fasso existem mais cinco programas; Mali existe mais um programa.

De referir que os programas em análise são muito completos, com detalhe descritivo considerável, denotando-se, de forma geral nas várias organizações, preocupações inerentes à programação de viagens como sejam conciliar tempos e atividades, incluir as refeições, assegurar o transporte no destino seja terrestre, aéreo ou fluvial/marítimo, ou outro. Todavia, tendo em consideração a quantidade de informação, o preenchimento do anexo XIII implicou o resumo de toda a informação dos programas detalhados.

Consequentemente e para facilitar a leitura da respetiva informação proceder-se-á à respetiva análise por tipo de informação. Assim, segue a tabela 5.6 referente aos serviços de alojamento e refeições e de transporte, por viagem.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.6 - Viagens: análise dos serviços de alojamento, alimentação e transportes.

Organização	Designação da viagem	Alojamento e alimentação	Transportes
ETHNIC	Rota solidária – Gâmbia	✓	✓
ETHNIC	Rota solidária – Marrocos	✓	✓
SODEPAZ	Cuba	✓	✓
SODEPAZ	Palestina – Turismo Político e Cultural	✓	✓
SODEPAZ	Equador – turismo comunitário	✓	✓
SODEPAZ	Nicarágua – turismo rural e comunitário	✓	✓
SODEPAZ	Bolívia – turismo e participação em projectos	✓	✓
ALTER ENGA	Argentina	✓	✓
ALTER ENGA	Burkina Fasso – especial comércio justo	✓	✓
ALTER ENGA	Chile	✓	✓
ALTER ENGA	Mali	✓	✓
ALTER ENGA	Nigéria	✓	✓
ALTER ENGA	Roménia – entre Maramures e Bucovina	✓	✓
ALTER ENGA	Ghana-Burkina Faso	✓	✓
ALTER ENGA	Roménia e Bulgária	✓	✓
DEPARTS (1)	Benim	✓	✓
DEPARTS (1)	Bolívia	informação indisponível	✓
DEPARTS (1)	Brasil	✓	✓
DEPARTS (1)	Cambodja	✓	✓
DEPARTS (1)	Chile	✓	✓
DEPARTS (1)	Marrocos	✓	✓
DEPARTS (1)	Perú	✓	✓
DEPARTS (1)	Senegal	✓	✓
DEPARTS (1)	Nepal	✓	✓
DEPARTS (1)	França – Alpes	✓	✓
ECOTOURS	Canadá – Quebec	✓	✓
ECOTOURS	Guatemala – nos vestígios do Quetzal	✓	✓
ECOTOURS	Nicarágua – no país dos lagos e vulcões	✓	✓
ECOTOURS	Costa Rica e Nicarágua – o corredor ecológico	✓	✓
ECOTOURS	Costa Rica- no país do ecoturismo	✓	✓
ECOTOURS	Panamá – no coração da América central	informação indisponível	✓
ECOTOURS	República Dominicana	✓	✓
ECOTOURS	Venezuela	✓	✓
ECOTOURS	Equador	✓	✓
ECOTOURS	Perú – a rota dos Andes	✓	✓
ECOTOURS	Bolívia – país das Aymaras	✓	✓
ECOTOURS	Argentina	✓	✓
ECOTOURS	Irlanda	✓	✓
ECOTOURS	Espanha – caminho andaluz	informação indisponível	✓
ECOTOURS	México – sobre os passos do comércio justo	✓	✓
E Changeons le Monde	Índia – de Calcutá ao Sikkim até ao Taj Mahal	✓	✓
E Changeons le Monde	Marrocos	✓	✓
E Changeons le Monde	Mauritânia	✓	✓
E Changeons le Monde	Senegal	✓	✓
E Changeons le Monde	Ucrânia	✓	✓
E Changeons le Monde	Vietname – caminhada de Phu Luong à Baía de Halong	✓	✓
TADDART	Albânia	✓	✓
TADDART	Burkina Faso	✓	✓
TADDART	Mali – o rio Níger	✓	✓
TADDART	Marrocos – cidades imperiais	✓	✓
TADDART	Equador	✓	✓
TADDART	Espanha	✓	✓
TADDART	Países Baixos – As pérolas dos Países Baixos: as ilhas do Norte	✓	✓
TADDART	França – Paris alternativo	✓	-
TAMADI	Índia – o coração da Índia	✓	✓
TAMADI	Madagascar – Mafane/Menabe	✓	✓
TAMADI	Mali – KénéDougou Moussou	✓	✓
TAMADI	Sahara	✓	✓
TAMADI	Turquia	✓	✓
TDS (2)	Marrocos	✓	✓
TDS (2)	Benim (entre mar e lagoas)	✓	✓
TDS (2)	Benim – Burkina Fasso	✓	✓
TDS (2)	Burkina-Fasso: Noites atípicas de Koudougou	✓	✓
TDS (2)	Mali – passeio no País Dogon, descobertas culturais	✓	✓
TDS (2)	Equador – comunidades de Kuya Llakta, San Martín Alto e Sinchi Pura	✓	✓
TDS (2)	México – Yucatan	✓	✓

(1) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);

(2) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).



Da análise da tabela 5.6 constata-se que os serviços de alojamento, alimentação e transportes se encontram presentes em todas as viagens para as quais existe informação disponível. Nas três viagens em que esta informação não se encontra disponível, pressupõe-se, pelos respetivos destinos e os serviços das restantes viagens destas mesmas organizações, que os serviços em causa se encontrem incluídos nas viagens.

Ainda no que respeita aos serviços em análise, mas tendo em consideração o anexo XIII e ainda os programas detalhados das viagens, constatou-se que em viagens que integrem a visita ou a permanência em cidades, por vezes as refeições durante este período não são incluídas. Deve realçar-se que a referida exceção, mesmo noutros programas de viagens, são habituais, pois as cidades têm ofertas diversas neste domínio e assim concede-se liberdade de opção, permitindo aos turistas realizarem a visita dessa cidade em função das suas preferências. No que respeita ao alojamento identificaram-se designações diversas tendo-se optado manter a designação do programa.

No que respeita ao transporte aéreo até ao país de destino algumas organizações incluem esse serviço no preço, outras referem que este não se encontra incluído, sendo que nesta última situação várias organizações informam que podem prestar esse serviço e outras não<sup>23</sup>. Quanto ao transporte no destino deve informar-se que este nem sempre é caracterizado em termos de tipologia, porém verificou-se que se encontra salvaguardado em todos os programas.

Relativamente ao tipo de atividades que integram as viagens que estão a ser objeto de análise nesta investigação (tabela 5.7) observa-se que existem inúmeras atividades, surgindo a necessidade destas serem categorizadas. A determinação das atividades a analisar tiveram em consideração os programas das viagens, assim como, os objetivos da presente dissertação. Neste sentido, considerou-se que do programa detalhado seria importante recolher dados referentes a:

- i. Atividades de natureza;
- ii. Visitas culturais;
- iii. Atividades educativas;
- iv. Atividades produtivas nas quais participam os turistas;
- v. Atividades de socialização/encontros.

---

<sup>23</sup> Relativamente a esta questão do transporte até ao destino, que nos casos analisados implica o recurso ao transporte aéreo deve mencionar-se que este, atualmente, tem canais de venda diversos sendo muito usual a compra direta pelo próprio cliente. A política de preços das companhias aéreas encontra-se muito associada à respetiva procura, existindo uma variação de preços para o mesmo voo extraordinária. Por outro lado, as condições de negociação com as companhias aéreas são muito condicionadas, especialmente para organizações com as dimensões das que se encontram em análise.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.7 - Viagens: análise das atividades.

Organização	Designação da viagem	Atividades incluídas				
		Natureza	Visitas culturais	Atividades educativas	Participação nas atividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)	Atividades de socialização/encontros
ETHNIC	Rota solidária – Gâmbia	✓	✓	✓	-	✓
ETHNIC	Rota solidária – Marrocos	-	✓	✓	-	✓
SODEPAZ	Cuba	✓	✓	✓	-	✓
SODEPAZ	Palestina – Turismo Político e Cultural	-	✓	✓	-	✓
SODEPAZ	Equador – turismo comunitário	✓	✓	✓	✓	✓
SODEPAZ	Nicarágua – turismo rural e comunitário	✓	✓	-	-	✓
SODEPAZ	Bolívia – turismo e participação em projectos	-	✓	-	-	✓
ALTER ENGA	Argentina	✓	✓	✓	✓	✓
ALTER ENGA	Burkina Fasso – especial comércio justo	✓	✓	-	-	✓
ALTER ENGA	Chile	✓	✓	-	✓	✓
ALTER ENGA	Mali	✓	✓	-	-	✓
ALTER ENGA	Nigéria	✓	✓	-	-	-
ALTER ENGA	Roménia – entre Maramures e Bucovina	✓	✓	✓	-	✓
ALTER ENGA	Ghana-Burkina Faso	✓	✓	-	-	✓
ALTER ENGA	Roménia e Bulgária	✓	✓	-	-	-
DEPARTS (1)	Benim	✓	✓	✓	✓	✓
DEPARTS (1)	Bolívia	✓	✓	✓	-	✓
DEPARTS (1)	Brasil	✓	✓	✓	-	✓
DEPARTS (1)	Cambodja	✓	✓	-	-	✓
DEPARTS (1)	Chile	✓	✓	-	-	✓
DEPARTS (1)	Marrocos	✓	✓	-	-	✓
DEPARTS (1)	Perú	-	✓	-	-	✓
DEPARTS (1)	Senegal	✓	✓	-	-	✓
DEPARTS (1)	Nepal	✓	✓	-	-	-
DEPARTS (1)	França – Alpes	✓	✓	✓	-	-
ECOTOURS	Canadá – Quebec	✓	✓	✓	-	-
ECOTOURS	Guatemala – nos vestígios do Quetzal	✓	✓	✓	-	✓
ECOTOURS	Nicarágua – no país dos lagos e vulcões	✓	✓	-	✓	✓
ECOTOURS	Costa Rica e Nicarágua – o corredor ecológico	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	Costa Rica- no país do ecoturismo	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	Panamá – no coração da América central	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	República Dominicana	✓	✓	✓	-	✓
ECOTOURS	Venezuela	✓	✓	✓	-	✓
ECOTOURS	Equador	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	Perú – a rota dos Andes	✓	✓	✓	-	✓
ECOTOURS	Bolívia – país das Aymaras	✓	✓	-	✓	✓
ECOTOURS	Argentina	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	Irlanda	✓	✓	-	-	-
ECOTOURS	Espanha – caminho andaluz	✓	✓	-	-	✓
ECOTOURS	México – sobre os passos do comércio justo	✓	✓	✓	✓	✓
E Changeons le Monde	Índia – de Calcutá ao Sikkim até ao Taj Mahal	✓	✓	-	✓	✓
E Changeons le Monde	Marrocos	✓	✓	✓	-	-
E Changeons le Monde	Mauritânia	✓	-	-	-	-
E Changeons le Monde	Senegal	-	✓	✓	-	✓
E Changeons le Monde	Ucrânia	-	✓	-	-	✓
E Changeons le Monde	Vietname – caminhada de Phu Luong à Baía de Halong	✓	✓	-	-	-
TADDART	Albania	✓	✓	✓	-	-
TADDART	Burkina Faso	-	✓	-	-	-
TADDART	Mali – o rio Níger	✓	✓	✓	✓	✓
TADDART	Marrocos – cidades imperiais	-	✓	-	-	-
TADDART	Equador	✓	✓	✓	-	✓
TADDART	Espanha	-	✓	-	-	-
TADDART	Países Baixos – As pérolas dos Países Baixos: as ilhas do Norte	-	✓	-	-	-
TADDART	França – Paris alternativo	-	✓	-	-	-
TAMADI	Índia – o coração da Índia	-	✓	✓	-	✓
TAMADI	Madagascar – Mafane/Menabe	✓	✓	✓	-	✓
TAMADI	Mali – KénéDougou Moussou	-	✓	-	✓	✓
TAMADI	Sahara	-	✓	-	-	✓
TAMADI	Turquia	✓	✓	-	✓	✓
TDS (2)	Marrocos	✓	✓	-	-	✓
TDS (2)	Benim (entre mar e lagoas)	✓	✓	✓	-	✓
TDS (2)	Benim – Burkina Fasso	✓	✓	-	-	✓
TDS (2)	Burkina-Fasso: Noites atípicas de Koudougou	✓	✓	-	-	✓
TDS (2)	Mali – passeio no País Dogon, descobertas culturais	-	✓	-	-	✓
TDS (2)	Equador – comunidades de Kuya Llakta, San Martin Alto e Sinchi Pura	✓	✓	-	-	✓
TDS (2)	México – Yucatan	✓	✓	-	-	✓

- (1) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);  
(2) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

Por atividade de natureza entendem-se as atividades desenvolvidas com o objetivo de conhecer a fauna e a flora, designadamente, em áreas protegidas ou a realização de atividades ao ar livre. Deste modo, detetaram-se várias propostas, tendo-se constatado que se encontram presentes em 51 viagens, o que é significativo.

Em termos de visitas culturais, foram incluídas, por exemplo, visitas de localidades, monumentos, museus. Assim, verifica-se que estas atividades estão patentes em todas as viagens, podendo ser de maior ou menor expressão e com propostas várias. Pode considerar-se que as visitas culturais são inerentes a qualquer viagem, não sendo as que se encontram em análise, exceção. De facto e considerando que a identificação cultural no destino é geralmente um ponto de interesse de todos os turistas, as viagens integram de forma geral estas visitas. De qualquer modo e como foi referido poderá ter maior ou menor destaque na viagem, em termos globais, em função dos objetivos da mesma e da respectiva relevância para quem a organiza.

As atividades educativas consideram atividades que integram o programa da viagem e cujo principal objetivo é proporcionar novos conhecimentos aos turistas. Neste sentido, foram identificadas algumas atividades, como sejam visitas a um centro de energias renováveis, a um projeto de eletrificação com energia solar, entre outras. Verificou-se que estas atividades constam em 25 programas.

Atendendo às características do turismo comunitário considerou-se que seria importante identificar atividades produtivas nas quais participam os turistas. Consequentemente, foi possível verificar que vários programas preveem a participação dos turistas em atividades do quotidiano das comunidades, seja na colaboração da confeção de refeições, em atividades agrárias ou outras. Esta atividade encontra-se presente de forma expressa em 12 programas.

Pelo motivo referido anteriormente entendeu-se que deveriam ser indicadas as atividades de socialização/encontros que integrem os programas em análise. Deste modo, foi possível reunir vários exemplos destas concretizações, constando em 52 programas, correspondendo à segunda atividade mais referida. Este resultado confirma a relevância do contato direto entre os turistas e as comunidades de forma a conhecer melhor as respetivas realidades. Para este efeito, assinalam-se atividades para conhecer os trabalhos desenvolvidos nas comunidades, a nível de artesanato, agricultura, transformação de produtos, centros de formação, projetos de integração social, a participação em atividades culturais ou serões com a comunidade, entre outros (anexo XIII).

Para complementar a informação anterior apresenta-se a tabela 5.8 a qual reflete a duração, o mínimo e o máximo de participantes previstos nas viagens em análise.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.8 - Viagens: duração, mínimo e máximo de participantes.

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes
ETHNIC	Rota solidária – Gâmbia	10 dias	10 a 12 pessoas
ETHNIC	Rota solidária – Marrocos	15 dias	10 a 12 pessoas
SODEPAZ	Cuba	14 dias	8 a 15 pessoas
SODEPAZ	Palestina – turismo político e cultural	12 dias	10 a 15 pessoas
SODEPAZ	Equador – turismo comunitário	15 dias	11 a 14 pessoas
SODEPAZ	Nicarágua – turismo rural e comunitário	22 dias	4/15 pessoas
SODEPAZ	Bolívia – turismo e participação em projetos	8 dias	informação indisponível
ALTER ENGA	Argentina	14 dias	12 pessoas( partida possível com 4)
ALTER ENGA	Burkina Fasso – especial comércio justo	11/12 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 4 pessoas.
ALTER ENGA	Chile	14 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 a 4 pessoas.
ALTER ENGA	Mali	15 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.
ALTER ENGA	Nigéria	7 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.
ALTER ENGA	Roménia – entre Maramures e Bucovina	10 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.
ALTER ENGA	Ghana-Burkina Faso	15 dias	Desde 4 pessoas
ALTER ENGA	Roménia e Bulgária	12 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín deve ser 6 pessoas (ver coluna preço).
DEPARTS (1)	Benim	16 dias	Desde 3 pessoas
DEPARTS (1)	Bolívia	19 dias	informação indisponível
DEPARTS (1)	Brasil	12 dias	informação indisponível
DEPARTS (1)	Cambodja	18 dias	Máximo de 10 pessoas
DEPARTS (1)	Chile	22 dias	Máximo de 12 pessoas
DEPARTS (1)	Marrocos	11 dias	De 5 a 8 pessoas
DEPARTS (1)	Perú	12 dias	Máximo de 12 pessoas
DEPARTS (1)	Senegal	15 dias	máximo de 8 pessoas
DEPARTS (1)	Nepal	16 dias	7 a 10 pessoas
DEPARTS (1)	França – Alpes	7 dias	máximo de 8 pessoas
ECOTOURS	Canadá – Quebec	10 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Guatemala – nos vestígios do Quetzal	14 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Nicarágua – no país dos lagos e vulcões	15 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Costa Rica e Nicarágua – o corredor ecológico	22 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Costa Rica- no país do ecoturismo	15 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Panamá – no coração da América central	15 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	República Dominicana	15 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Venezuela	15 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Equador	22 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Perú – a rota dos Andes	22 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Bolívia – país das Aymaras	22 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Argentina	20 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Irlanda	8 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	Espanha – caminho andaluz	8 dias	8 a 12 pessoas
ECOTOURS	México – sobre os passos do comércio justo	15 dias	8 a 12 pessoas
E Changeons le Monde	Índia – de Calcutá ao Sikkim até ao Taj Mahal	24 dias	2 a 12 pessoas
E Changeons le Monde	Marrocos	8 dias	2 a 12 pessoas
E Changeons le Monde	Mauritânia	8 dias	4 a 15 pessoas
E Changeons le Monde	Senegal	8 dias	2 a 14 pessoas
E Changeons le Monde	Ucrânia	8 dias	2 a 12 pessoas
E Changeons le Monde	Vietname – caminhada de Phu Luong à Baía de Halong	16 dias	2 a 12 pessoas
TADDART	Albânia	15 dias	10 pessoas (mínimo 4 pessoas)
TADDART	Burkina Faso	11/12 dias	6 a 10 pessoas
TADDART	Mali – o rio Níger	8 dias	3 a 10 pessoas
TADDART	Marrocos – cidades imperiais	9 dias	a partir de 2 pessoas
TADDART	Equador	16 ou 22 dias	a partir de 2 pessoas
TADDART	Espanha	9 dias	a partir de 2 pessoas
TADDART	Países Baixos – As pérolas dos Países Baixos: as ilhas do Norte	8 dias	12 a 20 pessoas
TADDART	França – Paris alternativo	4 dias a 1 semana	2 a 10 pessoas
TAMADI	Índia – o coração da Índia	15 dias	4 a 8 pessoas
TAMADI	Madagascar – Mafane/Menabe	15 dias	4 a 7 pessoas
TAMADI	Mali – KénéDougou Moussou	15 dias	4 a 7 pessoas
TAMADI	Sahara	11 dias	4 a 8 pessoas
TAMADI	Turquia	10 dias	5 a 8 pessoas
TDS (2)	Marrocos	8 dias	4 a 12 pessoas
TDS (2)	Benim (entre mar e lagoas)	12 dias	4 a 12 pessoas
TDS (2)	Benim – Burkina Fasso	15 dias	4 a 12 pessoas
TDS (2)	Burkina-Fasso: Noites atípicas de Koudougou	8 dias	4 a 12 pessoas
TDS (2)	Mali – passeio no País Dogon, descobertas culturais	9 dias	4 a 12 pessoas
TDS (2)	Equador – comunidades de Kuya Lllakta, San Martín Alto e Sinchi Pura	14 dias	5 a 12 pessoas
TDS (2)	México – Yucatan	13 dias	4 a 12 pessoas

(1) Desenvolver as trocas e os projetos de ações rurais pelo turismo solidário (França);

(2) Turismo e desenvolvimento solidários viagens (França).

A tabela 5.8 permite constatar que a duração das viagens está devidamente identificada, sendo, compreensivelmente, variável, tal como acontece com quaisquer outras viagens, essencialmente influenciada pelo destino e o preço final. Tendo como base três intervalos de duração das viagens, o primeiro até nove dias (inclusive), o segundo entre 10 a 17 dias (inclusive) e o último com 18 ou mais dias constata-se que a maioria das viagens integram o segundo intervalo, isto é, entre 10 a 17 dias, com 39 viagens, seguindo-se 17 viagens com uma duração até 9 dias (inclusive) e 10 viagens com 18 ou mais dias de duração. Verifica-se, igualmente, que 63 programas indicam o mínimo e o máximo de participantes, dos quais 45 limitam o grupo a um máximo de 12 pessoas. Esta informação permite confirmar que existe uma forte preocupação na limitação dos participantes, resultando desta forma a concretização de grupos pequenos.

Para além da informação apresentada anteriormente, o anexo XIII permite ainda analisar a informação respeitante ao preço e eventuais observações.

Nesta sequência, convém mencionar que o preço se encontra identificado em todos os programas, com exceção de uma viagem cuja data de realização não se encontrava definida (prevendo-se ser em janeiro/fevereiro de 2012), podendo subentender-se que esta se encontra em construção e por isso ainda não disponibilizar o preço, na data em que a informação foi consultada. De assinalar que algumas organizações indicam preços diferenciados consequentes do número de participantes inscritos, demonstrando transparência e criteriosidade na cálculo do preço, decorrente da afetação dos custos fixos a um maior ou menor número de participantes, determinando esta variação. Como foi referido anteriormente por vezes o preço não inclui o transporte aéreo, sendo em muitos casos mencionado um valor de referência para esse serviço.

De modo a melhorar a caracterização das viagens foram, ainda, recolhidos outros elementos de interesse, que constam nos programas sem enquadramento nas informações anteriores, como por exemplo a identificação de parceiros na organização da viagem, informação relativamente a fundos de desenvolvimento, projetos desenvolvidos ou em curso.

Numa análise mais abrangente no que respeita às componentes das viagens do anexo XIII realça-se que o turismo comunitário encontra-se presente e em muitos casos com diversos serviços, como sejam a alimentação, o alojamento, passeios, atividades diárias das comunidades, etc... É, igualmente, interessante verificar que existe a preocupação em incluir a estada e visita a localidades ou locais reconhecidos turisticamente pelo público em geral, seja a capital do país ou outro. Por outro lado, denota-se que, dependendo da organização, a oferta de atividades é diversa, isto é, verifica-se que algumas propostas destacam as caminhadas, nalguns casos referindo a respetiva duração e até dificuldade, noutros casos a visita a produtores ligados ao comércio justo, ainda outros com encontros/reuniões/discussões com grupos com lutas/atividades específicas, sejam grupos de mulheres ou outros, entre outras.

Verifica-se, ainda, que várias organizações propõem programas que, até pelo próprio destino, não integram o turismo comunitário. De facto, a análise das viagens promovidas permite confirmar que a área de trabalho destas organizações é mais abrangente, não se restringindo à oferta de turismo comunitário. Como foi referido anteriormente foram identificados programas cuja análise não permite confirmar que os mesmos integram turismo comunitário. Nos respetivos programas,

como se pode verificar no anexo XIII, não se identificam serviços ou atividades que sejam organizados de forma comunitária, como por exemplo o alojamento ou a realização de encontros com organizações comunitárias, entre outros. Nesta sequência é compreensível que a identificação das viagens que propõem não seja a de turismo comunitário, mas outra, como por exemplo turismo solidário ou turismo responsável.

Da análise dos programas em referência, mas no que respeita a outras informações indicadas nas respetivas condições gerais ou específicas, considera-se oportuno mencionar algumas referências que não interferindo diretamente nos programas, são informações curiosas e excecionais neste contexto. Assim, verificou-se que várias organizações realizam reuniões informativas e preparatórias das viagens. Estas organizações consideram que sendo viagens com características e objetivos muito específicos estas requerem reuniões preparatórias junto dos interessados para assim evitar quaisquer dissonâncias com as expectativas existentes de todos os envolvidos. É determinante aprofundar a informação e os objetivos das viagens através das referidas reuniões preparatórias, pois, algumas pessoas interessadas vêem e motivam-se, numa primeira análise pelo exótico, mas não estão conscientes do que efetivamente vão viver. Quanto à realização da reunião, nalguns casos, foi referido o transtorno de existirem pessoas interessadas de origens geográficas dispersas dificultando este objetivo, mas o qual é ultrapassado através de outros meios de comunicação de modo a assegurar que todas as informações são transmitidas e esclarecendo quaisquer dúvidas existentes.

Neste âmbito, Gascon (“El turismo como una actividad,” s.d, para. 41-42) menciona que após o período de inscrições para a viagem, são realizadas sessões de formação com os turistas sobre várias temáticas (ex: a realidade do Equador, designadamente de Cotacachi e o Vale de Manduriacos; o que é o movimento pela Soberania alimentar, como funciona o Comércio justo, o que é o turismo responsável, o que é a Xarxa e a sua relação com o Equador), por técnicos especializados, e durante as quais tentam coincidir a vinda à Europa de um representante da Corporação Oficinas do Grande Vale (Corporação) para promover a comercialização dos seus produtos ou para formação. Ainda, Gascon (“El turismo como una actividad,” s.d, para. 43) refere que estas sessões de formação são o início de um processo de aprendizagem que continua e se desenvolve especialmente durante a viagem. No final da viagem realizam novas oficinas que têm como objetivo avaliar a viagem, para eventuais ajustamentos e melhorias para as seguintes, tanto para a Xarxa como para a Corporação, assim como, para partilhar experiências e facilitar o envolvimento dos participantes, que assim o desejem, nas atividades da Xarxa. Geralmente, a avaliação das viagens é muito positiva (Gascon, “El turismo como una actividad,” s.d, para. 43-44).

Também se verificou que algumas organizações solicitam a avaliação aos turistas após o respetivo regresso. Assinala-se ainda que algumas organizações referem a obrigatoriedade de adesão à associação (constituição jurídica comum aos casos identificados) aquando da inscrição na viagem, com valores anuais diferenciados em individuais e família que variam entre os 16,00 € e 40,00 €. Nalguns casos também se verificou que se realçam as condições modestas de alojamento das comunidades perspetivando a respetiva sensibilização dos participantes. A caracterização das comunidades de acolhimento é efetuada nalgumas brochuras permitindo uma maior aproximação das respetivas realidades.

Ainda em termos de outras informações considera-se oportuno referir Gascon ("El turismo como una actividad," s.d, para. 39) que na análise da experiência da viagem ao Equador, Vale de Manduriacos realizada pela Xarxa refere que a idade média dos turistas varia entre os 25 e os 45 anos, com uma formação de nível universitário e maioritariamente mulheres. Em termos gerais não possuem um conhecimento profundo da realidade equatoriana, mas sim interesse e sensibilidade para as relações norte-sul. Normalmente, o objetivo dos turistas é vivenciar e aprofundar o conhecimento da realidade destes países e esta não é a primeira viagem que realizam ao estrangeiro Gascon ("El turismo como una actividad," s.d, para. 40).

Em conclusão, as viagens analisadas demonstram que estas organizações promovem várias viagens que integram o turismo comunitário associado a outros produtos. Nestas viagens existe uma forte preocupação em aproximar e integrar os turistas nas comunidades de acolhimento e que os benefícios revertam para as respetivas comunidades. Salientou-se, igualmente, que os grupos devem ser de pequena dimensão, existindo preocupação em realizar sessões informativas e preparatórias com as pessoas interessadas na viagem. Neste contexto, considera-se oportuno mencionar que, segundo a Sodepaz<sup>24</sup>, tendo como base o número de interessados nas viagens o correspondente aos que efetivamente se inscrevem na viagem são aproximadamente 20%. Tal facto, deve-se, ainda, segundo a Sodepaz, a diversos fatores entre os quais o esclarecimento da realidade da viagem e os princípios e objetivos que lhe estão inerentes, sendo, para esta organização, prioritário e obrigatória a participação nas sessões informativas.

#### **5.4. Potenciais benefícios e custos, sociais, culturais e económicos, percecionados pelas organizações que responderam ao inquérito**

Para responder a esta questão vai proceder-se à análise das respostas do segundo grupo de questões do inquérito por questionário aberto aplicado. Refere-se, desde já, que, analisando as respostas obtidas, duas organizações informaram que na atualidade não promovem viagens, que são a ICID e a Xarxa. Neste sentido, a análise é feita às respostas das restantes organizações. Para esse efeito apresentam-se na tabela 5.9 os benefícios percecionados, pelas organizações inquiridas neste estudo, do turismo comunitário para as comunidades recetoras.

---

24 Informação obtida na Mó de Vida.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.9 - Benefícios percebidos pelas organizações europeias decorrentes do turismo comunitário

Organizações que responderam	Benefícios
<b>Alter Nativas</b>	A comunidade detém e controla a atividade turística, é proprietária e gestora dos empreendimentos e serviços (por exemplo: pousadas, restaurantes, rotas). O turismo é uma forma de fortalecimento da comunidade, não deve ser uma ameaça, contribui para o intercâmbio cultural entre visitantes e comunidade visitada, assim como, para a preservação do meio ambiente.
<b>Ethnic</b>	<p>Sociais: promoção do entendimento intercultural, apreciação do relativismo cultural, experiências enriquecedoras a nível moral e cultural; sensibilizar as populações de acolhimento da importância de preservar as tradições ancestrais, assim como a linguagem, artes e religiões; redução do despovoamento, adotar boas práticas provenientes do comportamento e sistema de valores dos visitantes, designadamente, os direitos dos animais, entre outros.</p> <p>Ambientais: sensibilização sobre a importância do meio ambiente e a conservação do mesmo, educação e sensibilização sobre as boas práticas; conhecimento da diversidade e da importância do meio em sociedades primárias.</p> <p>Económicos: incremento das receitas da economia local, criação de fonte de recursos mediante os quais a comunidade local pode intervir a vários níveis (infraestruturas, serviços, entre outros); é importante garantir a distribuição dos benefícios de forma equitativa e tentar ajudar os grupos mais desfavorecidos.</p>
<b>Sodepaz</b>	Valorização da cultura local; benefícios económicos que revertem para a comunidade; preservação dos recursos naturais; intercâmbio cultural e abertura a outras realidades; criação de emprego na comunidade (guias, cozinheiras, condutoras, artesãs); contribui, nalguns casos, à emancipação das mulheres e à mudança das estruturas de desigualdade de género no grupo familiar e nas comunidades (publicações afirmam que o setor turístico promove vários pontos de entrada para o emprego e oportunidades das mulheres ao criar o auto-emprego em atividades geradoras de receitas de pequenas e médias dimensões).
<b>Alter Enga</b>	O objetivo é o desenvolvimento, mas no qual o turismo seja uma atividade complementar mantendo as atividades de base. Contribui para a valorização das atividades e da cultura das comunidades. Em suma existem benefícios em termos financeiros e a nível moral e psicológico, mas numa visão de troca e não de ajuda.
<b>DEPARTS</b>	As vantagens do ponto de vista económico, social e ambiental são indissociáveis para as populações que ajudamos e podemos constatar-las ao longo dos anos pois promovemos a durabilidade dos projetos. Acrescenta-se também que as vantagens têm duplo sentido visto que os nossos viajantes retiram uma grande satisfação de ter visitado o país de outra forma do que um simples turista, interessando-se pela vida local e partilhando alguns momentos da vida das famílias (por exemplo: logo que os viajantes chegam são recebidos pelas famílias) o contacto e as trocas são muito calorosas de parte a parte, logo vantagens culturais na descoberta dos costumes e tradições. Somos uma pequena estrutura, gerida unicamente por uma equipa de voluntários, os nossos objetivos solidários não são muito significativos, os nossos projetos não são colossais... mas pouco a pouco, constatamos que a nossa ajuda serviu para melhorar a vida da população mais desfavorecida. Lançámos há 3 anos uma atividade de micro-crédito para financiar a compra de búfalos no Nepal, o melhoramento de alojamentos no Perú, para o arranque de microempresas no Benim, ou a compra de um mini-autocarro no Senegal. Vamos fazer viajar mais de 80 pessoas este ano ao Perú, Chile, Nepal, Marrocos, Benim e Senegal.
<b>Ecotours</b>	O turismo responsável permite trocas interculturais muito enriquecedoras para quem viaja e para quem recebe e permite também trocas interculturais entre as diferentes comunidades que integram os projetos da Ecotours. Em termos ambientais também existem benefícios pois os grupos da Ecotours têm no máximo 12 pessoas de modo a minimizar os impactos ambientais (e também sociais), este trabalho conjunto permite a valorização do meio ambiente, dos cuidados em termos de limpeza da comunidade. Ainda em termos ambientais e em ações mais concretas, a Ecotours também participa em projetos de reforestação. Em termos económicos os benefícios, como foi referido anteriormente, consistem no complemento de receitas para as comunidades e na melhoria de condições de vida das populações. Em termos culturais é a riqueza das trocas interculturais e valorização da cultura da comunidade.
<b>E-Changeons le Monde</b>	O turismo é uma atividade complementar que: permite algum retorno e deste modo um suplemento de receita; possibilita o encontro e trocas com os viajantes que por vezes resulta em ligações entre um viajante e determinada família das quais já decorreram criações de associações para angariar fundos para um projeto específico.
<b>Taddart</b>	As pessoas são remuneradas de forma justa, permitindo-lhes viver melhor (comer melhor, escolarizar as crianças, vestidas, tratamentos de saúde, etc...). 70% do preço da estada reverte para o parceiro local para toda a estada e 5% é dedicada a um fundo de desenvolvimento para um projeto de interesse coletivo (escolaridade, compra de equipamento para a cooperativa, implementar o micro-crédito, ajuda à criação de hortas familiares, etc). O turismo justo e solidário baseia-se na troca, no encontro e valorização da cultura e tradições das zonas visitadas. O fato de partilhar o quotidiano (trocas sobre as condições de vida), as atividades das pessoas permite compreender melhor e apreender a situação do país ou de uma região. As deslocações fazem-se na medida do possível a pé ou em transporte público. Os grupos são pequenos entre 2 a 12 pessoas. Benefícios para as populações locais e para os viajantes que desejam viajar "inteligentemente e de forma responsável".
<b>Tamadi</b>	A valorização da cultura da comunidade, do seu quotidiano, permitir que o turismo contribua como receita complementar para a população da comunidade e a abertura do espírito para novas culturas.



A análise da tabela 5.9 permite constatar que as organizações inquiridas identificaram vários benefícios, isto é, sociais, ambientais, culturais e económicos. Do conjunto dos benefícios identificados verifica-se que existem mais referências a benefícios sociais e o número de referências nos restantes domínios, isto é, ambientais, culturais e económicos, são similares.

Neste contexto seguem os benefícios sociais mencionados pelas organizações:

- i. Redução do exódo rural;
- ii. Criação de emprego na comunidade;
- iii. A emancipação das mulheres com as devidas mudanças na desigualdade do género no grupo familiar existente;
- iv. Fortalecimento da comunidade detendo e controlando a atividade turística;
- v. Melhores condições de vida, pois esta é uma atividade complementar permitindo aumentar os rendimentos das famílias;
- vi. Criação de associações entre alguns turistas e famílias locais para angariar fundos para projetos específicos.

Convém, igualmente, referir que uma das organizações, tendo em vista minimizar os impactes sociais e ambientais negativos, realçou a importância de limitar os grupos a um máximo de 12 pessoas.

Relativamente a benefícios culturais as organizações inquiridas identificaram os seguintes:

- i. As trocas culturais entre turistas e comunidades, permitindo um conhecimento mais aprofundado das diferentes culturas com o conseqüente enriquecimento pessoal;
- ii. A valorização da cultura da comunidade, contribuindo para a sua preservação;
- iii. As trocas interculturais entre as várias comunidades (esta é uma situação particular que foi indicada pela Ecotours).

Seguem-se os benefícios económicos identificados pelas organizações inquiridas:

- i. A complementaridade económica da atividade turística através das receitas geradas com benefícios para as comunidades;
- ii. As receitas serem repartidas de forma equitativa pela comunidade;
- iii. Receitas específicas para projetos comunitários.

Em termos ambientais, as organizações inquiridas identificaram dois benefícios, que são:

- i. As comunidades locais valorizam mais o meio ambiente, contribuindo para a sua preservação;
- ii. Participação em projetos de reflorestação nalgumas comunidades.

Dos benefícios assinalados resultantes da análise dos resultados obtidos verifica-se que estes referem, de forma geral, os que se encontram sistematizados no capítulo teórico respeitante ao turismo comunitário, designadamente, na secção 3.4., isto é, a interação da população com os turistas; o papel da mulher com o conseqüente incremento da sua autoestima; a recuperação e valorização de saberes e práticas ancestrais; a diversificação produtiva, a criação de emprego e a criação de recursos económicos; os melhoramentos de infraestruturas e a dinamização da

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

economia local. Para além destes pontos comuns, os resultados obtidos sistematizam e especificam outros benefícios. Por sua vez, verifica-se que existem duas referências na secção 3.4. que não se encontram nos resultados obtidos que são a manutenção da propriedade e a democratização do acesso a espaços rurais, os quais se interligam e que poderão não ter sido indicados, em virtude das suas experiências não se encontrar associada a regiões com pressões de entidades externas sobre a propriedade para a instalação e implementação de empreendimentos turísticos.

A tabela 5.10 agrega as respostas obtidas à questão 2.2. cuja análise permitirá avaliar os custos percebidos pelas diversas organizações decorrentes do turismo comunitário nas comunidades locais.

Tabela 5.10 - Custos percebidos pelas organizações europeias decorrentes do turismo comunitário

Organizações que responderam	Custos
<b>Alter Nativas</b>	Entende que cumprindo os pressupostos dos benefícios não se contemplam consequências negativas, pois os benefícios são equitativos, em benefício de uma maioria, e não como se desenvolve atualmente no turismo convencional ou de massas. O turismo comunitário e/ou responsável, como movimento, não tem custos, contudo tem várias ameaças pois as cadeias e empresas hoteleiras e outras entidades vêem-no como um novo nicho de mercado e querem vender que fazem turismo responsável como estratégia de marketing ou responsabilidade partilhada.
<b>Ethnic</b>	Sociais: uma má gestão do encontro entre os locais e os viajantes pode provocar impactes negativos; não respeitando as tradições locais, criando falsas expectativas nos países do Norte ou provocando diferentes problemas de aculturação. A Ethnic tenta organizar grupos de viajantes reduzidos e sensibilizados nestes temas, para assim reduzir ao máximo os possíveis impactes negativos. Ambiental: o incremento da atividade turística no caso de incrementar os níveis de contaminação ambiental. Mas na Ethnic tentamos diversificar a nossa atividade para não ultrapassar a capacidade de carga dos diferentes ecossistemas nos quais trabalhamos. Assim como promover a arquitetura tradicional e a educação em temas de higiene. Económico: o controle e a distribuição dos benefícios requer uma atenção especial, nem sempre é possível assegurar a distribuição equitativa.
<b>Sodepaz</b>	Os resultados económicos do turismo comunitário nem sempre cumprem as expectativas prévias geradas e provocam um certo desânimo entre os impulsionadores. Sendo um acréscimo a outras atividades da comunidade pode implicar uma carga excessiva de trabalho. Prioritização do turismo sobre as outras atividades da comunidade, progressivo abandono das atividades tradicionais criando uma dependência forte da chegada de turistas. Pode gerar conflitos se não for bem gerido, ao criar uma certa diferenciação económica entre as famílias envolvidas no projeto de turismo comunitário e as restantes. Folclorização da cultura local.
<b>Ecotours</b>	Não sendo expressivo mas já se tem verificado, a longo prazo nalguns projetos, as comunidades pretenderem um turismo de massas, sendo que nessas situações a Ecotours tenta evidenciar os aspetos negativos subjacentes ao turismo de massas de modo a dissuadir a comunidade, mas nos casos em que a comunidade decide que essa é a via que querem, a Ecotours não continua o trabalho desenvolvido até esse momento (a Ecotours referiu que teve alguns casos no México e, por exemplo, no Panamá devido à intervenção de outras organizações com visões diferentes, na qual o "folclore" é valorizado subestimando a cultura efetiva das comunidades.
<b>E-Changeons le Monde</b>	Custos com melhoramentos nas casas os quais nalguns casos tiveram um financiamento prévio da Echangeons le Monde. A disponibilidade em termos de tempo das famílias para acompanharem os grupos. Neste contexto, foi referido que tentam sempre confirmar a viagem às comunidades com um mínimo de um mês de antecedência, permitindo que, em conjunto, verifiquem qual a família que poderá estar disponível para o grupo.
<b>Tamadi</b>	Nalguns casos, o responsável com quem a Tamadi se relaciona apropria-se indevidamente do projeto. São situações pontuais e que são detetadas pois todos os anos realizam uma reunião anual na qual participam, entre outros, os guias, coordenadores nacionais, as mulheres responsáveis pela receção dos turistas. Esta reunião ocorre em vários dias permitindo avaliar as ações desenvolvidas ao longo do ano e também ações de formação em diversas áreas.

Relativamente aos custos percebidos verificou-se que nem todas as organizações identificaram custos ou consequências negativas do turismo comunitário. Nas respostas obtidas assinala-se a informação da organização Alter Nativas que refere que, no pressuposto de serem cumpridas as respostas às questões anteriores, não se prevêem custos, em virtude dos benefícios serem equitativos para a maioria, contrariamente ao que sucede no turismo convencional ou de massas.

Porém, como se verifica nas respostas das restantes organizações constata-se que tal não é linear tendo sido assinalados alguns constrangimentos. Assim, a organização E-Changeons le Monde, dentro dos pressupostos das respostas anteriores do inquérito, referiu que nas comunidades onde as infraestruturas existentes não permitam garantir o serviço de alojamento aos turistas, as comunidades têm que despende recursos, propositadamente, para criar ou melhorar as casas. Para evitar estas situações, a E-Changeons le Monde concede um financiamento prévio para este efeito, o qual é amortizado nos serviços subsequentes prestados pelas comunidades. Mencionou, ainda, que existem condicionalismos na gestão do tempo das famílias para acompanharem os grupos. Assim, de modo a minimizar os impactes, a confirmação do grupo aos parceiros locais deve ser efetuada com uma antecedência mínima de um mês, para permitir uma organização atempada das diversas tarefas, definindo qual será a família a acompanhar o respetivo grupo e minimizando os transtornos nas actividades quotidianas da comunidade.

Por sua vez, da leitura das respostas da Ecotours, Ethnic, Sodepaz e da Tamadi denota-se que os custos identificados decorrem do incumprimento ou de algum insucesso dos pressupostos anteriores. Nesta sequência foram identificados custos sociais, ambientais, culturais e económicos, entre os quais se destacam os sociais. Assim, em termos de custos sociais identificados foram:

- i. Podem surgir impactes negativos devidos à má gestão do encontro entre as comunidades e os viajantes, designadamente, através do desrespeito pelas tradições locais, criando falsas expectativas nos turistas ou provocando problemas de aculturação;
- ii. Os resultados do turismo comunitário nem sempre correspondem às expectativas prévias geradas e provocam um certo desânimo entre os impulsionadores;
- iii. A atividade turística pode provocar um excesso de trabalho para as pessoas da comunidade e, eventualmente, tornar-se prioritária face às restantes atividades podendo originar um progressivo abandono das atividades tradicionais e fomentando a dependência da chegada de turistas;
- iv. A possibilidade do turismo gerar conflitos por não ser bem gerido, ao criar diferenciação económica entre as famílias envolvidas.

Em termos ambientais foi mencionada a preocupação que deve existir para não ultrapassar a capacidade de carga, de modo a evitar quaisquer impactes negativos. No âmbito dos custos económicos foi mencionado que o controle e a distribuição dos benefícios requerem uma atenção especial, de modo a assegurar a distribuição equitativa dos mesmos. No que respeita a custos culturais foi referido o risco da folclorização da cultura local.

A Ecotours não identificou nenhum custo concreto, enquanto tal, contudo referiu que a longo prazo algumas comunidades pretendem o desenvolvimento do turismo de massas. Neste mesmo contexto a Tamadi informou que, por vezes, o responsável local da parceria apropria-se indevidamente do projeto, mas nesse caso é facilmente identificado e corrigido pois na reunião anual que promovem participam todos os intervenientes (os guias, os coordenadores nacionais, as mulheres responsáveis pelo acolhimento dos turistas, etc) e ao longo dos vários dias trabalham a avaliação da atividade desse ano, permitindo a deteção de qualquer inconformidade.

Relativamente a esta mesma questão e resultado da análise do material informativo que as organizações sugeriram a respetiva consulta, refere-se que a Taddart, na sua Carta (ver anexo XIV), refere alguns princípios simples que se não forem considerados pelos turistas poderão ter efeitos negativos nas comunidades, tais como:

- a) É importante que o turista tenha consciência que a sua atitude e atos podem ser para as populações locais tanto um fator de desenvolvimento como um elemento destabilizador;
- b) Ter consciência do valor dos recursos naturais (por exemplo: água, madeira), muitas vezes escassos, minimizando a sua utilização;
- c) Respeitar a integridade cultural e social das comunidades, designadamente, o ritmo de vida, as tradições e costumes, sendo para tal importante ter em consideração a informação prestada quanto à sua conduta, como por exemplo em termos de vestuário.

No que respeita à consciencialização do turista relativamente às consequências dos seus atos e atitudes, a Carta da Taddart realça que é importante que o turista evite qualquer atitude ou intervenção que possa causar transtornos nos equilíbrios sociais, culturais ou ambientais. Neste contexto, salienta, ainda, que é proibido qualquer donativo ou intervenção direta que não seja do conhecimento dos responsáveis da comunidade. Por exemplo doces oferecidos a crianças têm efeitos a longo prazo difíceis de tratar, como sejam as cáries dentárias. Os donativos podem ser mal interpretados ou conotados com desprezo, desvirtuando o valor da troca, podendo ainda originar desequilíbrios económicos locais e dependências, nos casos de donativos consideráveis;

Em termos comparativos entre os dados obtidos na presente análise dos resultados e a informação apresentada no capítulo teórico respeitante ao turismo comunitário, designadamente, na secção 3.4. verifica-se que neste último apenas foi referido Ouedraogo (2009: 12-18) que identificou alguns impactes negativos, considerando-se que a análise dos resultados permitiu salientar mais impactes negativos. Relativamente aos impactes assinalados na secção 3.4, estes vêm reforçar a importância de alguns fatores mencionados nos dados obtidos no inquérito, tais como, a má gestão do encontro entre as comunidades e os viajantes referido por Ethnic, a possibilidade de gerar conflitos, indicado pela Sodepaz, a atitude e os atos dos turistas serem fator destabilizador e infringir a regra da proibição de donativos, mencionados pela Taddart.

### **5.5. O papel das organizações emissoras no desenvolvimento das comunidades**

Para responder a esta questão vai proceder-se à análise das respostas do primeiro grupo de questões do inquérito por questionário aberto aplicado. Para esse efeito apresenta-se na tabela 5.11 de que forma as organizações inquiridas colaboram nos projetos locais do turismo comunitário.

## Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

Tabela 5.11 - Colaboração das organizações europeias nos projetos locais

Organizações que responderam	Colaboração nos projetos locais
<b>Alter Nativas</b>	A Alter Nativas divulga e promove o trabalho realizado pela Rede Turisol de Brasil no sentido de fortalecer as experiências do turismo comunitário naquele País.
<b>Ethnic</b>	Entende que a atividade turística pode colaborar para o desenvolvimento da economia local e pode, por sua vez, ser uma ferramenta de sensibilização social. Baseiam todas as atividades em empresas locais, geridas e fundadas por pessoas locais evitando assim a fuga de capital. Colaboram em projetos locais promovendo os respetivos serviços junto dos sócios e clientes e, ainda, aconselhando sobre temas relacionados com a viabilidade e sustentabilidade dos diferentes projetos.
<b>Sodepaz</b>	SODEPAZ iniciou a sua trajetória dentro do turismo responsável com a organização de viagens solidárias a Cuba em 1992, durante o período especial que o país conheceu após a queda do bloco socialista. Devido à situação do povo cubano, que se encontrava num dos momentos mais difíceis da sua história recente, viu a necessidade de colaborar através do envio de brigadas de solidariedade cujos participantes realizavam alguma tarefa agrícola não qualificada e interagiam com as organizações sociais e políticas de Cuba. Os primeiros viajantes foram sócios da SODEPAZ que tinham interesse em conhecer as realidades dos projetos de cooperação e para mostrar a sua solidariedade às organizações locais. Nos primeiros anos, os grupos que viajaram participaram em tarefas agrícolas, como a recolha de cana, a limpeza das terras cultivadas, ou em brigadas para a reabilitação ou construção de edifícios públicos. Em 1995, acrescentou-se a organização de brigadas a El Salvador, e ano após ano foi-se ampliando a oferta de viagens solidárias aos diferentes países em que SODEPAZ colaborava com projetos de cooperação ao desenvolvimento e de solidariedade internacional (México, Palestina, Perú, Bolívia, Marrocos, entre outros). Atualmente, o programa de viagens solidárias de SODEPAZ converteu-se numa das principais atividades da organização e envia em cada verão uma centena de pessoas à América Latina e à Palestina. Nos últimos anos incorporaram-se propostas de turismo rural comunitário para apoiar iniciativas turísticas autogeridas pelas próprias comunidades anfitriãs, com o objetivo de vincular a solidariedade do/da cidadão/ã com a responsabilidade do consumidor. Os objetivos gerais relativamente aos viajantes são os seguintes: sensibilizar e respeito pelas situações e problemáticas gerais das relações Norte-Sul e em concreto dos processos e conjunturas das questões geográficas em que se desenvolve a viagem. Conseguir que os viajantes alcancem um conhecimento e uma experiência multicultural que lhes permita refletir e situar a sua atitude no nosso mundo desenvolvido. Dotar de ferramentas os viajantes para que no seu regresso sejam a voz do sul na nossa sociedade. Incrementar entre os viajantes, as comunidades e SODEPAZ vínculos estáveis e frutíferos que nos permitam colaborar em ações comuns. Quanto a projetos de turismo comunitário, integram a programação de viagens solidárias. Possuem cinco anos de experiência na organização de viagens de turismo rural comunitário à Nicarágua, em parceria com a União de Cooperativas Agropecuárias Terra e Água, na Nicarágua e a ONG basca Zubiak Eginez. A SODEPAZ nasceu vinculada à solidariedade com a Nicarágua nos anos 80, mas atualmente já não trabalha diretamente esse destino. A viagem que promovem à Nicarágua é realizada através de uma aliança com a organização Zubiak Eginez, decorrente dos encontros no FTR. Zubiak Eginez está em contacto permanente com a UCA Terra e Água e apoiam a criação e o fortalecimento do programa de turismo rural comunitário da UCA, desde o início. A SODEPAZ colabora com este projeto local organizando viagens com cerca de 10 pessoas em cada verão. No caso do Equador trabalham em colaboração com a Fundação Cordilheira e as organizações Corporação Oficinas do Grande Vale de Manduriacos e a Associação Agroartesanal de cafeicultores de Intag (AACRI). Não participam diretamente nos projetos locais relacionados com o ecoturismo e o turismo comunitário mas trabalham com outros atores da região (saúde, água, soberania alimentar). Com a Corporação Oficinas do Grande Vale de Manduriacos e a AACRI participam indiretamente em projetos de cooperação e vendem alguns dos produtos de comércio justo produzidos por ambas as organizações (café, sabão, artigos de lufa).
<b>Alter Enga</b>	É efetuado de duas formas: dois terços do valor da viagem revertem para as comunidades locais, evitando a existência de intermediários; 5% do valor da viagem destinam-se a um Fundo para projetos comunitários decididos pela própria comunidade (em áreas diversas, como é o caso da educação ou outros).
<b>DEPARTS</b>	Desenvolve há cerca de sete anos o turismo justo e solidário, isto é, entre 5 a 8% do preço da viagem (fora o bilhete de avião) paga pelos viajantes financiam ações solidárias beneficiando associações locais. Selecionam as associações parceiras em função da ação: ajuda aos mais desfavorecidos, as mulheres e as crianças, ajudamos também as comunidades aldeãs a desenvolver o turismo. Por exemplo no Perú, têm como parceiro uma aldeia de pescadores à beira do lago Titicaca, ajudam-nos financeiramente a instalar os painéis solares para a produção de água quente nas suas casas, permitindo que as famílias possam receber os turistas e desta forma terem um complemento de receitas. O parceiro no Perú é a associação Mano a Mano que trabalha num bairro de lata de Lima e no projeto conjunto contribuem para a sustentabilidade escolar, designadamente, através da criação de uma biblioteca e de uma ludoteca para as crianças. Nesta mesma parceria contribuem para a formação profissional das mulheres sós com crianças (formação na área da construção) para poderem construir as suas próprias casas e eventualmente esta ser a sua área de trabalho. Em cada país que visitam têm uma ou mais associações parceiras, as quais são visitadas e os seus respetivos projetos durante as viagens.
<b>Ecotours</b>	Trabalha com diversos países na América Latina, desde o México à Argentina, diretamente com comunidades indígenas e locais. Colabora de duas formas distintas, isto é, a prestação dos serviços ser efectuada nas próprias comunidades e através do Fundo de desenvolvimento. Assim, permite o encontro dos turistas com as populações locais, privilegiando o alojamento em casa dos habitantes e neste contexto presta apoios financeiros para melhorar as condições das habitações (por exemplo através de melhores infra-estruturas sanitárias, abastecimento de água, pinturas) com reflexos nas condições habitacionais das comunidades e permitindo o alojamento dos turistas (com o pagamento desse serviço). Cerca de 30 a 35% do valor da viagem reverte diretamente para as comunidades locais. O Fundo de desenvolvimento reverte para toda a comunidade. Neste contexto, por exemplo, foi recentemente desenvolvido um projeto de ecoalojamento na Nicarágua financiado através deste fundo, mas cuja construção e gestão é da inteira responsabilidade da comunidade local. Outro projeto financiado com este Fundo foi desenvolvido na Venezuela, o qual tem como objetivo as comunidades terem acesso a informação de outras culturas, designadamente, através da leitura e contadores de histórias em comunidades cujos acessos são muito difíceis. Para esse efeito, o projeto previu o transporte dos livros em mulas. Este fundo corresponde a 3% dos resultados anuais da Ecotours.
<b>E-Changeons le Monde</b>	Trabalha com nove países através de parceiros locais que conheceram nas viagens que realizaram a estes destinos. Em termos de projetos locais, 8% do valor da viagem (sem transporte aéreo) destina-se a um fundo, cujos projetos são propostos pelos parceiros locais abarcando áreas diversas, como a saúde ou outras. Estes projetos são visitados pelos grupos, permitindo uma maior aproximação da aplicação de parte do custo da viagem e o respetivo acompanhamento. O valor da viagem que se destina às comunidades é pago pela organização ao parceiro local que, por sua vez, o distribui pela comunidade.
<b>Taddart</b>	Trabalha com associações, ONG's que se encontram no local e conhecem as necessidades da população. Neste contexto, trabalham com estruturas já existentes permitindo corresponder da melhor forma às necessidades da população. Até ao momento trabalham com comunidades (Equador e Burkina Fasso) que criaram uma associação ou organização aldeã que trabalha em diversas áreas: saúde, educação, agricultura, artesanato, com produção de diversos produtos, como sejam, sabão à base de aloe vera, café, manteiga de karité, entre outros e cujo objetivo é melhorar as condições de vida dos habitantes. Estas associações desenvolvem, igualmente, o turismo, no qual as famílias, de forma rotativa, recebem nas suas casas os turistas. Estas mesmas associações criam alojamento comunitário, organizam circuitos guiados por pessoas da comunidade, entre outros serviços. Assim, a Taddart comercializa as propostas/ os produtos turísticos da comunidade recetora, respeitando as suas escolhas.
<b>Tamadi</b>	Trabalham com federações de agricultores, perspetivando o turismo rural. A definição dos circuitos e das atividades das viagens é feita conjuntamente com a organização do país em referência, assim como a definição dos respectivos custos. Cerca de 70% do valor da viagem corresponde aos serviços prestados pela organização do país recetor que por sua vez se responsabiliza pela distribuição dos benefícios aos diversos intervenientes/comunidades.
<b>TDS</b>	Trabalha diretamente com organizações locais, sejam comunitárias, cooperativas ou outras como por exemplo o "Conselho de aldeias de desenvolvimento" ou CVD, designação utilizada especialmente nos países de África, em que a organização comunitária não é muito usual e por isso a TDS criou com as comunidades esta estrutura que representa a comunidade. A responsável referiu que estava com muito trabalho, mas lendo na diagonal as questões realçou que no site têm muita informação que poderia ser muito útil para as informações que se solicitam nestas questões.
<b>ICID</b>	ICID neste momento não promove viagens nem de turismo comunitário nem de outro tipo. Têm algumas propostas em curso em Cabo Verde, mas ainda não se encontram implementadas. Em Cabo Verde têm vindo a realizar um projeto de desenvolvimento local com uma organização local, AMIPAL, na ilha de Santo Antão de 2007 a 2010. Este projeto baseava-se numa estratégia de turismo sustentável na ilha de Santo Antão na qual estiveram envolvidos numerosos atores locais (câmaras municipais, ministérios, organizações de base locais...). A ICID apoiou esta iniciativa apresentando o projeto à Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento - AECID, que foi aprovado em 2007 e acompanhando a AMIPAL no seguimento técnico e económico do projeto.

Denota-se nas várias respostas constantes na tabela 5.11, um ponto comum que é o trabalho direto de parceria com organizações locais, de forma a maximizar os benefícios para as populações locais, o qual é quantificado por algumas organizações no valor global da viagem, variando entre os 30 a 70%.

Outro fator mencionado, não por todas, mas por várias organizações, é a existência de um fundo para projetos comunitários cuja receita provém de 5 a 8% do valor das viagens (não incluindo o valor do transporte aéreo), sendo que um dos casos (Ecotours) a taxa é de 3% calculada não sobre o valor da viagem, mas em função dos resultados anuais da organização. Ainda relativamente a estes projetos foi mencionado que os turistas nas viagens realizadas conhecem e acompanham o desenvolvimento dos mesmos. Apesar destas ligeiras diferenciações o objetivo pode considerar-se muito similar pois é referido que se destina a projetos comunitários em áreas diversas (saúde, educação ou outras) que são decididos pela própria comunidade. No caso da DEPARTS (ver resposta à questão 2.1.) não quantificam o contributo em termos percentuais mas exemplificam com algumas ações em curso ou concluídas, como é o caso de apoio a micro-crédito para compra de búfalos no Nepal, para melhorar alojamentos no Perú, a microempresas no Benim, na aquisição de um miniautocarro no Senegal.

Pode verificar-se ainda outro ponto em comum em diferentes respostas que é o facto do benefício correspondente aos serviços locais ser pago à(s) organização(ões) local(is) que integram o projeto e que esta(s), por sua vez, é que paga(m) aos diferentes intervenientes.

Ainda no contexto desta questão e resultado da análise do material informativo que as organizações sugeriram a respetiva consulta, refere-se que a Taddart, no dossier de imprensa (ver anexo XV), informa que criou em 2007 uma comissão, composta designadamente por antigos clientes, responsável pelo acompanhamento dos projetos locais decididos pelas próprias comunidades, dando conhecimento disso mesmo à assembleia geral da associação. Consequentemente as ações de desenvolvimento local em que participou entre 2007 e 2010 foram:

**A. Mali** – Abertura de três salas de aula e implementação de ações de alfabetização para adultos – participação no financiamento do estabelecimento de ensino; criação de oficinas de artesanato e melhoria do caminho de acesso à aldeia; implementação de oficinas de formação de marcenaria;

**B. Burkina Fasso** – Equipamento em energia solar da biblioteca da comunidade de Tiébélé; criação de hortas para o agrupamento feminino de Korabié; implementação do microcrédito para as famílias adquirirem animais da quinta (galinhas, cabras e ovelhas);

**C. Marrocos** – Participação no financiamento da construção do jardim-de-infância de Taghia, no seu estabelecimento de ensino;

**D. Equador** – Participação no financiamento dos estabelecimentos de ensino ambiental de Rio Muchacho; participação no financiamento das duas primeiras instalações sanitárias secas da escola da zona comunitária de Piñan;

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

**E. Albânia** – Participação na manutenção da atividade apícola através da aquisição de abelhas e de colmeias;

**F. Europa** – O fundo de desenvolvimento vai beneficiar os “restaurantes do coração” (restaurantes franceses para os sem abrigo).

Complementando a informação anterior importa conhecer as atividades desenvolvidas no âmbito do turismo comunitário apresentando-se, para este efeito, a tabela 5.12.

Tabela 5.12 - Atividades desenvolvidas no âmbito do turismo comunitário.

Organizações que responderam	Atividades desenvolvidas no âmbito do turismo comunitário
<b>Alter Nativas</b>	Em várias linhas de ação, tais como, a sensibilização, a denúncia e a promoção de viagens de turismo responsável. Estas ações são realizadas através de vários meios, como por exemplo, através de um boletim digital, um programa próprio de rádio ( <a href="http://www.nativas.org/ondas_nativas.html">http://www.nativas.org/ondas_nativas.html</a> ), conversas, materiais impressos, entrevistas aos meios de comunicação e cursos de formação, procurando, desta forma, um outro modelo de turismo.
<b>Ethnic</b>	Desenvolvem rotas e itinerários baseados nos critérios da sustentabilidade turística. A atividade caracteriza-se por ser duradoura para que seja economicamente viável a longo prazo, respeitando o meio e adaptada à capacidade de carga dos espaços naturais e culturais. As atividades desenvolvidas procuram ser integradas e diversificadas no país de destino e baseiam-se em empresas locais, não exigindo a monofuncionalidade turística. As atividades que integram nas viagens visam o encontro e as trocas entre as populações autóctones e os viajantes. Habitualmente, organizam quatro propostas por ano, coincidindo com os períodos de férias. Os itinerários têm uma duração de, aproximadamente, 12 dias e os destinos que trabalham são o Senegal, a Gâmbia e Marrocos. Antes de cada viagem realizam várias sessões informativas, para informar os viajantes sobre questões relacionadas com o país e sobre o turismo sustentável.
<b>Sodepaz</b>	As viagens organizam-se nos meses de verão para grupos de 10 a 15 pessoas. As atividades que integram as viagens vão desde visitas a comunidades (encontros com as suas gentes), a reuniões com as cooperativas (explicação do funcionamento da cooperativa), visitas a atividades produtivas, passeios a pé pela comunidade, em bicicleta ou a cavalo, visitas aos atrativos turísticos da zona, oficinas de artesanato, de cozinha, entre outros.
<b>Alter Enga</b>	Atividades de divertimento, de descoberta, de visita, mas sempre autênticas, não se pretendem recreações ou forçar as comunidades a realizar ações que não correspondam ao seu dia-a-dia.
<b>Ecotours</b>	Os circuitos integram diversas atividades e maximiza-se a participação das pessoas da comunidade nas viagens. Consequentemente, trabalham com guias das comunidades e as atividades incluídas nas viagens, são atividades que caracterizam a respetiva comunidade, como por exemplo, nos campos de café, nas cooperativas onde se prepara, embala ou transformam os produtos, conhecer as plantas medicinais, realizar passeios de barco em lagos ou rios.
<b>E-Changeons le Monde</b>	Dependendo do destino as atividades diferem, por exemplo no Nepal, em Katmandu, o parceiro local é especializado em trek e em termos de alojamento ficam em casas de diferentes famílias. No Vietname o parceiro local promoveu a formação de guias locais e como trabalha com outros parceiros da Ásia permitiu alargar o âmbito destas viagens, permitindo realizar, por exemplo, passeios, cruzeiros, em diferentes países.
<b>Taddart</b>	Ver o catálogo no site e o dossier de imprensa. As viagens consideram o que as comunidades fazem e propõem.
<b>Tamadi</b>	Integram-se diversas atividades da vida quotidiana da comunidade, como sejam, a cozinha, atividades agrárias, o artesanato, entre outras.

No que respeita às respostas à alínea b) verificou-se que as atividades são diversas sendo referido, por praticamente todas as organizações, a realização de atividades propostas pelas próprias comunidades, resultantes portanto do seu dia a dia, sem recurso a recreações. As atividades diferem em função do destino, passando por visitas e participação na vida quotidiana das



comunidades, sejam atividades produtivas, nos campos de café, conhecimento de plantas medicinais, cozinha, conhecer o trabalho de organizações como sejam associações, cooperativas ou outras.

Assinalam-se algumas informações mencionadas nestas respostas que se consideram oportunas. Deste modo, realça-se o facto da Ethnic realizar sessões preparatórias com os interessados nas viagens cujo tema é o país de destino e o turismo sustentável. Por sua vez, a Alter Nativas desenvolve o seu trabalho junto dos turistas ou potenciais turistas, em termos de sensibilização sobre o turismo responsável recorrendo a diversos meios de comunicação, designadamente, boletim digital, programa de rádio, materiais impressos, entrevistas e cursos de formação.

Em termos comparativos entre os dados obtidos na presente análise dos resultados e a informação apresentada no capítulo 3, designadamente, no desenvolvimento do turismo comunitário em Vale de Manduriacos, verifica-se que neste último são referidas várias áreas de intervenção, da organização emissora, no desenvolvimento das comunidades. Desde o trabalho prévio em termos organizacionais e de formação para o desenvolvimento do turismo comunitário até à fase das viagens, nas quais parte significativa do respetivo custo resulta em receitas para a comunidade, em serviços diretos e em projetos comunitários. A informação obtida na presente análise de resultados vem confirmar que parte significativa do valor das viagens reverte para a comunidade, seja diretamente para as prestações de serviço ou ainda indiretamente através de projetos comunitários. De referir que a presente análise de resultados confirma, igualmente, o facto da comunidade receber de forma diferenciada a receita decorrente das viagens, pois nalguns casos os pagamentos são efetuados ao prestador individual de serviços e, noutros, os pagamentos são feitos ao líder ou à associação da comunidade, que procederá à respetiva repartição das receitas. Os resultados obtidos permitem, igualmente, constatar que as organizações inquiridas participam no desenvolvimento das comunidades.

## **5.6. Conclusão**

Como foi referido na introdução do presente capítulo procedeu-se à identificação da população alvo do inquérito sendo esta, em termos genéricos, organizações europeias que organizam e promovem viagens que integrem o turismo comunitário. Neste contexto e visto que esta informação não foi localizada de forma sistematizada foi necessário efetuar alguma pesquisa identificando numa fase inicial as organizações de nível nacional com identificação de membros que desenvolvam estas atividades. Consequentemente, foram identificadas, no total, 47 organizações, de três países, Espanha, França e Itália, as quais constituíram a população inquirida. Deve referir-se que sendo uma área com escassez de estudos, com informação dispersa admite-se que as organizações identificadas não correspondam à totalidade de organizações que trabalhem neste domínio.

Procedeu-se à definição das questões que integraram o inquérito cujos objetivos foram identificar o nível de envolvimento das organizações inquiridas nos projetos locais comunitários, identificando as atividades que desenvolvem e, por outro lado, obter informação relativamente a benefícios e custos para as comunidades que dinamizam o turismo comunitário. Nesta sequência

procedeu-se à caracterização do método de administração do inquérito que em termos de resultados obteve 12 respostas, representando uma taxa de respostas de cerca de 26%.

Para um maior conhecimento das organizações que responderam ao inquérito, permitindo, igualmente, um melhor enquadramento das respostas obtidas e uma contextualização mais adequada das atividades desenvolvidas procedeu-se à caracterização detalhada das referidas organizações.

Relativamente às componentes das viagens, de forma geral, verificou-se que estas se subdividem, essencialmente, em três grupos que são o transporte, o alojamento e as atrações. Neste seguimento procedeu-se à caracterização das viagens desenvolvidas pelas organizações que responderam ao inquérito, tendo em consideração as componentes referidas anteriormente acrescentando-se outros fatores, como sejam, o destino, a duração da viagem, o número mínimo e máximo de participantes e o preço das viagens. Neste ponto foram analisadas 66 viagens com destinos vários, nos continentes Africano, Americano, Asiático e Europeu. Foram identificados alguns pontos comuns como sejam a limitação do número de participantes, tendo-se verificado que o máximo de participantes previstos, varia em função da organização e ainda do destino, mas o número mais elevado identificado foi de 15 pessoas, em termos de alojamento e atividades privilegiam opções que aproximem os turistas das comunidades e que a viagem complementa de forma equilibrada o turismo comunitário com a visita a zonas emblemáticas do país em referência.

Seguiu-se a análise dos benefícios e custos sociais, culturais e económicos, percecionados pelas organizações que responderam ao inquérito tendo-se verificado que foram identificados vários benefícios mencionados no capítulo 3, para além de outros. Por outro lado, os dados resultantes do inquérito permitiram identificar mais custos e/ou constrangimentos comparativamente aos identificados no capítulo 3, sendo possível identificar estes últimos também nos resultados do inquérito. Neste contexto pode considerar-se que os custos/constrangimentos comuns ao capítulo 3 e aos resultados do inquérito reforçam a atenção que estes requerem, os quais são a possibilidade de surgirem conflitos decorrentes da má gestão do encontro dos turistas com as comunidades, os atos dos turistas serem fator desestabilizador e as consequências dos donativos. Na secção seguinte analisou-se o papel das organizações emissoras no desenvolvimento das comunidades no qual se constatou que existe uma forte preocupação para a entrega direta das receitas à comunidade, que esta seja de forma equitativa e perspetivando que seja um complemento às restantes atividades permitindo, deste modo, melhorar as respetivas condições de vida.

## Capítulo 6 – Conclusões e recomendações

A presente dissertação teve como objetivos analisar o processo de elaboração e implementação de viagens de turismo comunitário e identificar os potenciais benefícios para as comunidades receptoras de viagens de turismo comunitário, segundo a perceção de organizações europeias que trabalham na emissão de turistas nas referidas viagens. Como foi mencionado na introdução desta dissertação tem-se verificado, designadamente, em países mais desfavorecidos, com fortes potencialidades turísticas inerentes aos seus próprios recursos, a introdução da atividade turística com custos consideráveis para as comunidades locais. De forma a contrariar esta tendência têm surgido novos conceitos associados a outros métodos de trabalho na área do turismo. Neste contexto, esta dissertação tentou agregar informação e experiências neste domínio perspetivando os objetivos anteriormente mencionados. Deste modo, todo este trabalho de investigação permitiu obter conclusões, as quais serão objeto de análise no primeiro ponto do presente capítulo baseando-se no seguinte:

- Enquadramento conceptual e caracterização teórica do turismo comunitário;
- Elaboração e implementação de viagens de turismo comunitário;
- Potenciais benefícios para as comunidades, segundo a perceção de organizações europeias que trabalham na emissão de turistas.

O segundo ponto do presente capítulo pretende descrever a utilidade e o contributo desta investigação para o estudo dos conceitos de turismo comunitário, turismo justo e solidário e o turismo responsável, assim como, para os temas da metodologia participativa<sup>25</sup>, os riscos da dependência da atividade turística e os diversos impactes (sociais, culturais, económicos e ambientais) do turismo.

Na terceira e última parte deste capítulo serão enunciadas as principais limitações do estudo desenvolvido e serão apresentadas propostas para futuros trabalhos de investigação.

### 6.1. Conclusões

A realização da revisão de literatura perspetivando a base teórica desta investigação permitiu concluir que existem inúmeros conceitos, que se encontram interligados, existindo, nalguns casos, para a mesma designação, conceitos divergentes, o que dificultou a delimitação conceptual. De qualquer modo concluiu-se que os princípios de sustentabilidade são mencionados e realçados em vários conceitos apresentados. Consequentemente, existe total enquadramento dos vários conceitos analisados, no “desenvolvimento sustentável no contexto do turismo” designação defendida por vários autores em detrimento de turismo sustentável. De facto, um dos principais pressupostos do turismo comunitário e também do turismo justo e solidário, é assegurar a sustentabilidade das comunidades que recebem os turistas. Do mesmo modo, no turismo responsável vários conceitos mencionam a sustentabilidade. Outro fator, que se destaca pela

---

25 Segundo Andrade et al (2005) este é um processo de reflexão-ação, que incentiva a participação ativa dos sujeitos envolvidos, valorizando o saber local associado ao saber científico.

consensualidade nos diversos conceitos, é a relevância e o papel atribuído à população local, sendo mais evidente no turismo comunitário. No que respeita ao turismo responsável destacou-se a abordagem de Perez (2006) que considera que este tem dois enfoques que são o produto turístico específico e o sistema de produção turística, integrando no primeiro o turismo comunitário e no segundo o turismo justo. Assim, concluiu-se que o enquadramento do turismo comunitário, como produto específico cuja forma de produção corresponde ao turismo justo e solidário, integra o turismo responsável e por último o desenvolvimento sustentável no contexto do turismo.

No que respeita à caracterização do turismo comunitário concluiu-se que este é um tema e atividade recentes, com pouco mais de uma década. As experiências apresentadas demonstraram que estas são diferentes, ainda que os objetivos e pressupostos sejam similares, o que se deve à relevância do papel da comunidade, isto é das pessoas, na dinâmica do turismo comunitário, pois sendo desenvolvido pelas próprias pessoas da comunidade, estas terão necessariamente características intrínsecas. Ainda neste contexto, constatou-se que, em termos geográficos, a América Central e do Sul se destacam como regiões com uma dinâmica e identificação clara do turismo comunitário.

A análise e discussão dos resultados, a qual teve em consideração dados secundários e dados primários obtidos, como foi referido no capítulo cinco, permitiu concluir que as organizações europeias emissoras que responderam ao inquérito são todas associações, cuja constituição data entre 1987 e 2006 e em termos de objetivos existe alguma diferenciação, pois todas as organizações francesas mencionam o turismo, enquanto que as espanholas, com exceção de uma que especifica o turismo, têm objetivos mais abrangentes, ligados à área do desenvolvimento. A maioria destas organizações integra a respetiva rede nacional.

No que concerne às viagens promovidas pelas referidas organizações foi possível concluir que estas contemplam as diversas componentes que caracterizam as viagens, mas que em termos de alojamento e atividades privilegiam opções que aproximem os turistas das comunidades. Nesta mesma análise verificou-se que as viagens têm destinos diversos abrangendo os continentes Africano, Americano, Asiático e Europeu, existindo limitação no número de participantes que varia em função da organização e do destino, mas o número mais elevado identificado foi 15 pessoas. Refere-se, ainda, que as viagens complementam de forma equilibrada o turismo comunitário com a visita a zonas emblemáticas do país em referência. Foi possível identificar algumas propostas de viagens das organizações que responderam ao inquérito, até pelo próprio destino, que não contemplam o turismo comunitário, sendo portanto compreensível que as referidas organizações se identifiquem em termos de turismo responsável ou solidário e não comunitário, pois o trabalho que desenvolvem é mais abrangente. Assinala-se que várias organizações realizam reuniões informativas e preparatórias das viagens. De facto, estas organizações consideram que sendo viagens com características e objetivos muito específicos estas requerem reuniões preparatórias junto dos interessados para assim evitar quaisquer dissonâncias com as expectativas existentes de todos os envolvidos. Como se verificou na caracterização das viagens, estas privilegiam o encontro e o envolvimento direto com as

comunidades, cujas condições de alojamento e de refeições, em muitos casos, são completamente diferentes do padrão europeu. Assim, é determinante aprofundar a informação e os objetivos das viagens através das referidas reuniões preparatórias. Pois, algumas pessoas interessadas vêem e motivam-se, numa primeira análise pelo exótico, mas não estão conscientes do que efetivamente vão viver. Por outro lado, para estas organizações é importante que estas viagens permitam uma maior consciencialização dos turistas<sup>26</sup> enquanto consumidores e por isso a importância destas reuniões. Neste contexto, a Sodepaz refere que o número de pessoas que efetivamente se inscrevem após a realização da reunião informativa e preparatória referida anteriormente são aproximadamente 20% do número de interessados. Tal facto, deve-se, ainda segundo a Sodepaz, a vários fatores, entre os quais o esclarecimento da realidade da viagem e dos princípios e objetivos que lhe estão inerentes, sendo, por isso, para esta organização, obrigatória a presença dos interessados nesta sessão. Quanto à realização da reunião, foi referido, nalguns casos, o transtorno de existirem pessoas interessadas de origens geográficas dispersas dificultando este objetivo, mas o qual é ultrapassado através de outros meios de comunicação de modo a assegurar que todas as informações são transmitidas e esclarecendo quaisquer dúvidas existentes.

Em termos de benefícios percebidos pelas organizações europeias emissoras no âmbito do turismo comunitário que responderam ao inquérito verificou-se que foram identificados inúmeros benefícios, salientando-se os seguintes:

- i. Interação da população com os turistas;
- ii. O papel da mulher com o conseqüente incremento da sua autoestima;
- iii. A recuperação e valorização de saberes e práticas ancestrais;
- iv. A diversificação produtiva, a criação de emprego e a criação de recursos económicos;
- v. Os melhoramentos de infraestruturas e a dinamização da economia local.

Relativamente ao papel das organizações europeias emissoras que responderam ao inquérito no desenvolvimento das comunidades constatou-se que se privilegia o trabalho direto em parceria com organizações locais, maximizando os respetivos benefícios, quantificados entre os 30% e 70% do valor da viagem (sem aéreo) para os serviços prestados pela comunidade, inerentes à própria viagem. Para além destas receitas diretas da própria atividade turística, várias organizações referem também a existência de um fundo para projetos comunitários cuja receita, na maioria dos casos, provém de 5% a 8% do valor da viagem (sem aéreo). Normalmente, uma das atividades que integra a viagem em referência é a visita aos projetos mencionados os quais abrangem áreas diversas, sejam infraestruturas várias, formação ou outras, os quais resultam de propostas da própria comunidade. Assim, concluiu-se, que o papel das organizações emissoras no desenvolvimento das comunidades decorre da forte preocupação na entrega direta das receitas à comunidade, devendo esta ser efetuada de forma equitativa e perspetivando que seja um

---

<sup>26</sup> Em muitos casos, as referidas organizações, identificam os participantes das suas viagens como viajantes e não como turistas, precisamente, para diferenciar da conotação que têm de turistas.

complemento às restantes atividades permitindo, deste modo, melhorar as respetivas condições de vida.

## **6.2. Recomendações**

Esta dissertação realça-se pela sua utilidade e contributo para o estudo dos conceitos de turismo comunitário, turismo justo e solidário e o turismo responsável, assim como, para os temas da metodologia participativa<sup>27</sup>, os riscos da dependência da atividade turística e os diversos impactes (sociais, culturais, económicos e ambientais) do turismo. Sendo um tema relativamente recente, objeto de poucos estudos científicos a nível internacional e desconhecendo-se qualquer estudo português neste âmbito, considera-se que a realização desta investigação é oportuna, contribui para a sistematização de informação neste contexto e conseqüente divulgação em Portugal.

No que respeita a áreas disciplinares de estudo considera-se que a presente investigação apresenta informação pertinente, designadamente, nas áreas do Planeamento e desenvolvimento em turismo, da Economia do turismo e do Comportamento do consumidor em turismo. Considera-se, ainda, que congrega informação diversa sobre o turismo comunitário, entre as quais os seus impactes e tendo em conta a relevância dos benefícios poderá contribuir para a sua valorização e adoção noutras regiões. Apesar das limitações inerentes aos pressupostos e objetivos de um trabalho de investigação desta natureza foi possível constatar os contributos do turismo comunitário no desenvolvimento das regiões ou países onde existe, designadamente nos capítulos 3 e 5.

A realização da presente dissertação, de forma similar a outras investigações, foi confrontada com várias dificuldades, implicando algumas limitações no estudo como se pode constatar na secção que se segue.

## **6.3. Limitações do estudo e sugestões de investigação futura**

### **6.3.1. Limitações do estudo**

A primeira limitação do estudo, foi desde logo, a identificação do enfoque da presente dissertação. Pois sendo um tema abrangente, com escassez de estudos e tendo em conta os pressupostos e objetivos de um trabalho de investigação desta natureza, a definição dos limites da área de estudo foi dificultada. Como refere Cañada (2009) os estudos que evidenciem os benefícios do turismo comunitário no desenvolvimento rural são escassos. Neste contexto seria importante esta investigação contribuir para este estudo, contudo as distâncias e a dispersidade geográfica das comunidades, das organizações que colaboram na sua promoção, assim como, dos turistas que integram as viagens, limitou o presente estudo. Conseqüentemente, entendeu-se que era importante apresentar uma caracterização geral do turismo comunitário, tentando abordar subtemas como sejam o âmbito, a caracterização organizacional, a caracterização das

---

<sup>27</sup> Segundo Andrade et al (cultura.ufpa: 2011) este é um processo de reflexão-ação, que incentiva a participação ativa dos sujeitos envolvidos, valorizando o saber local associado ao saber científico.

viagens, os seus impactes na comunidade. No conjunto destas áreas definiu-se ainda centralizar o estudo nas viagens e nos impactes do turismo comunitário percebidos pelas organizações europeias.

Por outro lado, a delimitação conceptual foi dificultada pelas inúmeras designações e conceitos que se inter-relacionam e confundem neste domínio. Efetivamente existem várias designações que são utilizadas com objetivos similares, pelo que a delimitação conceptual dos diversos conceitos implicou a análise de diferentes autores, tendo-se verificado que existem algumas divergências.

O enquadramento teórico apresentado encontra-se limitado, pois tendo em consideração os objetivos da presente dissertação verificaram-se algumas dificuldades em localizar literatura para este efeito. Esta foi minimizada através da colaboração da organização Sodepaz (Espanha) que por sua vez trabalha com a Mó de Vida (Portugal) que pela sua experiência e acesso a informação neste domínio disponibilizou desde o início da presente dissertação muita informação, assim como, a base informativa disponível do sítio de internet da Ação por um Turismo Responsável (ATR – Espanha).

Em termos de recolha de dados, como foi referido anteriormente, não foi possível localizar informação sistematizada relativamente às organizações europeias que trabalham nesta área e apesar da investigação efetuada considera-se que devem existir mais organizações do que aquelas que foram identificadas. Por outro lado, a distância impossibilitou um contacto mais direto na aplicação do inquérito o que provavelmente permitiria obter mais respostas e dessa forma enriquecer a análise de resultados. Envidaram-se vários esforços para minimizar o efeito da distância conforme descrito no ponto 4.3.3., desde logo com a apresentação do inquérito no idioma de origem, restringindo o questionário a dois grupos de questões, efetuando contactos telefónicos para sensibilizar para a resposta ao inquérito e possibilitando a resposta ao mesmo por esta via, etc. Dos contactos efetuados verificou-se que provavelmente uma limitação à obtenção das respostas foi o facto do inquérito ter como enfoque o turismo comunitário, cujo conceito não é muito usual nestas organizações. Efetivamente, pode constatar-se na caracterização das organizações que responderam ao inquérito, designadamente, nos objetivos e nas áreas de atuação, que as designações utilizadas são geralmente turismo responsável ou turismo solidário. Assim, o enfoque no turismo comunitário poderá ter gerado alguma confusão. Tendo em consideração a dificuldade verificada na delimitação conceptual poderiam ter-se previsto dúvidas neste âmbito, por parte dos inquiridos. Neste sentido, a introdução do inquérito deveria integrar o respetivo esclarecimento, mencionando que o turismo comunitário corresponde à organização da atividade turística pelas próprias comunidades nos destinos e o qual integra muitas viagens das organizações que dinamizam o turismo responsável e solidário. De qualquer modo e para ultrapassar esta eventual limitação, nos contactos telefónicos efetuados posteriormente esclareceu-se o conceito e a sua interligação à atividade que desenvolvem.

Face às limitações e conclusões apresentadas seguem algumas sugestões de investigação futura perspetivando melhorar e complementar o presente estudo.

### 6.3.2. Sugestões de investigação futura

Na sequência do que foi referido anteriormente interessa que outras investigações melhorem e complementem o trabalho realizado. Ainda no âmbito dos objetivos da presente dissertação é importante aprofundar o estudo das organizações europeias que trabalham nesta área sugerindo-se que esta seja efetuada pesquisando a oferta de viagens neste domínio, assim como, junto das organizações locais de turismo comunitário. Também neste contexto sugere-se que na investigação proposta a identificação dos impactes, no caso da metodologia ser, igualmente, o inquérito este seja ligeiramente diferenciado para organizações que trabalham a área da cooperação para o desenvolvimento, a da promoção de viagens e as duas áreas em simultâneo.

Também na área específica dos impactes do turismo comunitário considera-se importante:

- i. Investigar os impactes percebidos pelas organizações locais de turismo comunitário e pelos turistas que aderem a estas viagens;
- ii. Investigar o trabalho das redes de turismo comunitário nos países recetores, como se interligam a nível nacional e também internacional e os benefícios decorrentes do trabalho em rede;
- iii. Ter como objetivo de investigação realizar a análise comparativa, de forma pormenorizada e abrangendo diversas áreas e intervenientes, entre regiões com potencialidades similares em termos turísticos mas cujo desenvolvimento desta atividade, num caso, seja o turismo convencional e no outro o turismo comunitário;
- iv. Investigar os condicionalismos, transtornos detetados no desenvolvimento do turismo comunitário, de que forma estes são ultrapassados e evitados ou minimizados em novas experiências.

Sendo o turismo comunitário um “produto turístico específico” e por sua vez o turismo justo no “sistema de produção turística”, como refere Perez (2006), considera-se que é importante alargar e complementar a presente dissertação com investigações mais específicas no âmbito do turismo justo e solidário, seguindo-se algumas sugestões:

- i. Investigar o seu desenvolvimento nos respetivos países e em termos internacionais;
- ii. Investigar o trabalho desenvolvido nas redes identificadas e entre estas;
- iii. O perfil dos turistas que aderem a estas viagens, associando a caracterização socioeconómica a questões motivacionais;
- iv. Impactes no comportamento dos turistas que participam nestas viagens (enquanto consumidor de uma maneira geral e especificamente no turismo).

As sugestões de investigação apresentadas são alguns dos temas que decorrem da presente dissertação admitindo-se que existem outros e que os que foram apresentados sejam demasiado abrangentes implicando uma maior delimitação. Por outro lado e atendendo às limitações identificadas na sub-secção 6.3.1 propõe-se que as investigações futuras considerem o conhecimento e experiência de autores e organizações especializados no turismo comunitário. Estes contributos foram muito importantes na presente dissertação e como as propostas de investigação são mais específicas julga-se que estes serão fundamentais.



Por último referir que para além da importância da presente dissertação e das propostas de investigações futuras no âmbito do turismo, considera-se que estas são ainda de maior importância para o desenvolvimento sustentável, valorizando as práticas e os objetivos do turismo responsável. Atualmente e até por força do que é evidenciado na promoção das viagens, o comportamento do consumidor no momento da decisão das férias pretendidas privilegia outros fatores em detrimento dos impactes causados por via dessa decisão. Isto também se deve ao facto dos impactes não serem divulgados ou desconhecidos e como o consumidor não os questiona, a prosperidade da prática do turismo cujos benefícios para a população local é questionável, mantém-se.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amo, M. (2003). *Turismo solidário marco de aproximación*. Diploma de Estudios avanzados (DEA) en Turismo, Universidad de Antonio de Nebrija, Madrid.
- Butler, R. (1999). Sustainable tourism: a state-of-the-art review. *Tourism Geographies*, 1 (1), 7-25
- Eusébio, M. C. (2006). *Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional – O caso da Região Centro de Portugal*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 2006.
- Cooper, C., Fletcher, J., Gilbert, D. e Wanhill, S. (1993). *Tourism principles & practice*. London: Pitman.
- Espinosa, Maria, (s.d). Un debate entre la realidad y el deber ser: Turismo comunitario en Saraguro, Equador. In Foro de Turismo Responsable (Ed.), *Construyendo resistencias: experiencias de turismo local*.
- França, Ministère des Affaires Étrangères (2006). *Vade-Mecum: Coopération décentralisée, tourisme responsable et solidaire et développement des territoires*.
- Gascon, J. e Cañada, E. (2005). *Viajar a todo tren- Turismo, desarrollo y sostenibilidad*. Barcelona: Icaria editorial, S.A.
- Gascon, J. e Cañada, E. (2007). Turismo y desarrollo: Herramientas para una mirada crítica.
- Jamal, T. e Getz, D. (1995). Collaboration theory and community tourism planning, *Annals of Tourism Research*, vol 22, nº 1, pp 186-204
- Joaquim, G (1997). Da identidade à sustentabilidade ou a emergência do “turismo responsável”. *Sociologia – Problemas e práticas*, nº 23, 1997, pp 71-100.
- Lima, J. (2008). *Turismo e desenvolvimento económico – segmentos de maior valor económico para a Covilhã*, Tese de mestrado, Universidade de Aveiro, 2008.
- Maldonado, C. (2006). Turismo y comunidades indígenas: impactos, pautas para autoevaluación y códigos de conducta, SEED: Documento de Trabajo nº 79. Ginebra: Oficina Internacional del Trabajo.
- McIntosh, Goeldner and Ritcher (1995). *Tourism: Principles, practices, philosophies*, New York: John Wiley & Sons Inc (Trabalho original publicado em 1990).
- Midleton, V. T. C. e Clarke, J. (2001). *Marketing in travel and tourism (3<sup>rd</sup> ed.)*, Oxford: Butterworth Hernemann.
- Moniz, A. (2006). *A sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: o caso dos Açores*. Tese de Doutoramento, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.
- Organización Internacional del Trabajo (2008). *Gobiernos locales, turismo comunitario y sus redes: Memoria V Encuentro consultivo regional (REDTURS); Sector del empleo; Documento de trabajo nº 12*. Ginebra: Organización Internacional del Trabajo.
- OMT, BITS, Ministério francês dos Negócios estrangeiros & UNAT (2007). *Études sur les concepts et réalités du Tourisme Social et Solidaire en Afrique*. Madrid: Organización Mundial del Turismo.
- Ouedraogo, F. (2009). Rapport du processus d'autoévaluation des villages d'accueils<sup>TDS</sup> du Burkina Fasso.
- Perez, P. S. (2006). El turismo justo y la creación de sistemas de producción de servicios turísticos. *Estudios Turísticos*, nº 168, pp 7-46 – Madrid.
- Porto Editora (2010). *Dicionário da Língua Portuguesa 2010*
- Ryan, C. (2002). Equity, management, power sharing and sustainability: issues of the “new

- tourism". *Tourism Management* vol. 23, pp 17-26.
- Saarinen, J. (2006). Traditions of sustainability in tourism studies, *Annals of tourism research*, vol. 33, nº 4, pp 1121-1140.
- Simpson, Murray C. (2008). Community benefit tourism initiatives: A conceptual oxymoron?. *Tourism Management*, vol 29, pp 1-18.
- Veal, A. J. (1997). *Research methods for leisure and tourism – Practical guide*. Harlow: Longman.
- Zorn, E., Farthing, L. (2007), Communitarian tourism – hosts and mediators in Peru, *Annals of Tourism Research*, vol 34, nº 3, pp 673-689

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ELETRÓNICAS

- Aguilera, A. e Sanchez, N., Entrevista a Harold Ramos, presidente de la Red Nicaraguense de Turismo Rural y Comunitario (RENITURAL). Acedido em 02/12/2009, em <http://www.turismoresponsable.org>. Artigo publicado originalmente em *La Prensa*, 19/12/2007.
- Andrade, H., Souza, R. & Ramos, E. (2005). Metodologia participativa como ferramenta e estratégia utilizada pela INCUBACOOP para a inclusão de grupos populares em Recife-PE. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Acedido em: 31/10/2011, em [http://www.cultura.ufpa.br/itcpes/documentos/metodologia\\_participativa\\_incubaccop.pdf](http://www.cultura.ufpa.br/itcpes/documentos/metodologia_participativa_incubaccop.pdf).
- Cañada, E., Aportes del turismo comunitário al desarrollo rural. Acedido em 02/11/2009, em <http://www.turismoresponsable.org>
- Définitions. Acedido em 10/05/2010, em <http://www.forum-national-tourisme-responsable.com/définitions/>
- Gascon, J (s.d). El turismo como una actividad más en la búsqueda de un desarrollo sostenible integral. El caso del Valle de Manduriacos (Ecuador). Acedido em 15/03/2010, em: <http://www.turismo-responsable.org>
- Gascon, J. (2009). El turismo solidario: devenir histórico y despolitización. Acedido em 15/03/2010, em: <http://www.turismo-responsable.org/> Artigo publicado originalmente em *el Boletín Digital Turismo Responsable* editado por *Alter Nativas*
- Gascon, J. (2009). Responsible tourism: a term hijacked by transnational capital?”, publicado originalmente na revista *Contours*, vol 19 (nº 3). Acedido em 02/12/2009, em <http://www.turismoresponsable.org>
- Irias, A. e Ricarte, N. (2007). Reconocen importancia del turismo rural comunitario en centroamerica (artigo publicado em *La Prensa*, 12/12/2007). Acedido em 02/12/2009, em [www.turismoresponsable.org](http://www.turismoresponsable.org),
- La “Declaración de Fortaleza”, documento resultante del II seminário internacional de Turismo sostenible celebrado en mayo del 2008 en Fortaleza (Brasil) (2008). Acedido em 01/11/2009, em <http://www.turismoresponsable.org>
- Maldonado, C. (2007). Fortaleciendo redes de turismo comunitario en America Latina. Acedido em 16/12/2009, em <http://www.turismoresponsable.org>
- Mó de Vida. Turismo ético e solidário. Acedido em 15/03/2010, em <http://www.modevida.com>.
- Saraguro. Acedido em 2011, em <http://www.saraguro.org/jatun1.htm>.
- Tuduri, C. e Victoria, R. (2006). Un debate sobre los viajes organizados por ONG debate entre duas ONG espanholas, artigo publicado em SAVIA, Revista de Economia y Gestión de Viajes. Acedido em 23/12/2009, <http://www.turismoresponsable.org>.
- UNWTO (2010). *Faits saillants OMT du tourisme, édition 2010*. Acedido em 09/01/2011, <http://www.unwto.org>.

Turismo comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte

# ANEXOS

# ANEXO I



II SEMINARIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTABLE  
Fortaleza-Ceará – Brasil; 12 al 15 de mayo de 2008  
[www.sits2008.org.br](http://www.sits2008.org.br)

---

## **II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL 12 A 15 DE MAIO DE 2008 DECLARAÇÃO DE FORTALEZA**

---

Nós, cidadãs, cidadãos, comunidades, pequenas operadoras de turismo, pesquisadores/as, organizações governamentais e não- governamentais e movimentos sociais, provenientes de 19 Estados do Brasil e de outros 13 países da América e Europa (Bolívia, Peru, Equador, Costa Rica, Honduras, Nicarágua, México, Estados Unidos, França, Espanha, Suíça, Alemanha e Itália), participantes do II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, realizado na cidade de Fortaleza, região Nordeste do Brasil, no período de 12 a 15 de maio de 2008, declaramos nosso apoio, disponibilidade, ação e defesa da construção do turismo comunitário solidário como um projeto político pautado na autonomia das culturas locais, na conservação ambiental e na socioeconomia solidária.

Durante esses quatro dias de trabalho, que incluíram painéis temáticos, oficinas, rodas de conversas, troca de experiências e confraternizações, constatamos que outro turismo não só é possível e necessário como já acontece. São múltiplas experiências que refletem pensamentos, práticas e novas possibilidades do fazer turístico, tendo como premissas o fortalecimento das organizações comunitárias através da vivência permanente de processos participativos e autogestionários.

Destacamos que os modos de vida que vinculam as populações tradicionais aos ecossistemas locais, estreitamente relacionados aos processos históricos de resistência às lógicas colonizadoras e degradadoras do meio ambiente, são pano de fundo de onde surgem processos criativos de implementação do turismo solidário de base comunitária como expressão de um projeto de vida que afirma culturas diversas, empodera sujeitos e defende territórios. Nesse contexto, citamos como marcas dessas iniciativas:

- A luta por mecanismos de proteção ambiental, tais como estabelecimento de Unidades de Conservação e de áreas ambientalmente protegidas, inclusive marinhas e estuarinas;
- A garantia de acesso legítimo à terra, à água e ao território como mecanismo de reprodução das culturas e dos modos de vida locais;



# ANEXO I



II SEMINARIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTABLE  
Fortaleza-Ceará – Brasil; 12 al 15 de mayo de 2008  
[www.sits2008.org.br](http://www.sits2008.org.br)

- A implementação de infraestruturas turísticas de pequeno porte, integradas ao ambiente natural e construídas pelas comunidades;
- A rearticulação de expressões culturais populares que valorizam o intercâmbio e o diálogo entre culturas;
- A integração da atividade turística aos demais processos produtivos, notadamente no campo da pesca, da pequena agricultura, da culinária e da artesanaria;
- A criação de mecanismos autônomos de gestão territorial que regulam as relações entre turistas e comunidades receptoras;
- A efetivação de meios alternativos de promoção e divulgação de atrativos e produtos turísticos;
- O estabelecimento de parcerias estratégicas com Organizações Não-Governamentais, agências de cooperação internacional, instituições de pesquisas, movimentos sociais, redes, fóruns e outras articulações de defesa de direitos.

Em contraponto ao turismo convencional ou de massa, surge e se afirma, portanto, o turismo comunitário solidário, o turismo rural comunitário, o ecoturismo comunitário e o turismo responsável que, mais do que modalidades, são expressões da afirmação de práticas turísticas pautadas pela ética da sustentabilidade e da autonomia, construídas coletivamente em contraponto à lógica da dominação economicista.

Compreendemos que, diante dos conflitos e disputas que envolvem a atividade turística, são desafios estratégicos e teórico-metodológicos a serem enfrentados com convicção, disposição e compromisso pelos sujeitos que acreditam e animam os múltiplos processos para consolidar o turismo comunitário solidário:

- A construção de alianças entre organizações e movimentos sociais para produzir informações, dar visibilidade, denunciar e enfrentar os impactos do turismo de massa em níveis nacionais e internacionais;
- A construção de atividades turísticas alternativas livres dos marcos da exploração economicista da natureza e das culturas, viabilizando práticas solidárias de experiências locais que fortaleçam o turismo comunitário solidário;
- O aprofundamento dos debates sobre as dimensões de gênero, de raça/etnia, de geração e de classe na atividade turística comunitária e solidária, no sentido de reverter os valores e práticas de opressão e dominação (re)produzidas no turismo de massa;

# ANEXO I



II SEMINARIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTABLE  
Fortaleza-Ceará – Brasil; 12 al 15 de mayo de 2008  
[www.sits2008.org.br](http://www.sits2008.org.br)

- A construção coletiva da autonomia e da autodeterminação das comunidades como sujeitos de suas histórias;
- A articulação do turismo comunitário solidário às diversas lutas sociais em defesa dos territórios das populações locais como forma de enfrentamento da recolonização e desterritorialização provocadas pelo processo de desenvolvimento capitalista neoliberal;
- A incidência em políticas públicas para a construção e promoção de direitos humanos coletivos e individuais dos povos, e não simplesmente de geração de empregos precários e ações compensatórias;
- Aprofundar a compreensão das dinâmicas e caracterização dessas experiências, no sentido de qualificar e potencializar nossas intervenções;
- Sistematizar e elaborar conhecimentos para consolidar uma base teórica sobre o turismo comunitário solidário, situando-o no marco da crítica ao modelo de turismo convencional;
- Construir processos que consolidem relações igualitárias no turismo, nas quais o intercâmbio não seja focado somente dos ricos para os pobres, mas que o contrário também seja viabilizado, na perspectiva de superar as desigualdades sociais;
- Desenvolver estratégias para situar o turismo comunitário e solidário no mercado, garantindo consumo ético, sem se deixar corromper pela lógica acumulativa e da concorrência;
- Desenvolver estratégias solidárias de captação e mobilização de recursos que viabilizem as experiências gestadas nos variados contextos locais;
- Efetivar, cotidianamente, a transparência e a democracia na gestão dos recursos disponíveis;
- Estabelecer processos que consolidem a democratização das informações, assim como estabelecer sistemas de comunicação que favoreçam a divulgação das experiências de turismo solidário;
- Enfrentar o debate sobre as dimensões de raça/etnia e gênero, com especial atenção à exploração sexual, ao tráfico de pessoas e à mercantilização do corpo e da sexualidade das mulheres, das crianças e adolescentes;
- Construir, apoiar e desenvolver redes de cooperação solidária para o fortalecimento do turismo de base comunitária solidário em níveis nacionais e internacionais.

# ANEXO I



II SEMINARIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTABLE  
Fortaleza-Ceará – Brasil; 12 al 15 de mayo de 2008  
[www.sits2008.org.br](http://www.sits2008.org.br)

Por fim, ressaltamos junto aos governos — embora reconhecendo a importância de algumas ações já implementadas pelos governos de alguns países — a necessidade de redirecionar suas políticas no sentido da conformação de um projeto de desenvolvimento do turismo que leve em conta as necessidades e os direitos dos povos, refletido nas experiências e no pensamento que vêm sendo constituídos pela proposta do turismo comunitário solidário. Pelo que enfatizamos como necessidades urgentes:

- Implementar políticas específicas que garantam os direitos das populações aos seus territórios, tais como indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras, urbanas etc;
- Garantir a ampliação da participação qualificada dessas populações nas instâncias de formulação e deliberação de políticas públicas voltadas para o turismo;
- Implementar políticas de infraestrutura básica necessárias para a consolidação das experiências autogestionadas de turismo comunitário solidário;
- Implementar políticas de apoio e fomento ao turismo comunitário solidário não como políticas compensatórias, mas estruturantes do desenvolvimento comunitário;
- Implementar políticas de formação profissional na área de turismo, priorizando uma visão integralizada das dimensões socioambientais;
- Implementar mudanças na legislação, no sentido de garantir a viabilização do turismo comunitário solidário a partir de um marco legal adequado às necessidades dos sujeitos (grupos solidários, pequenas operadoras, dentre outros) que desenvolvem essa experiência nos diversos países;
- Estabelecer uma legislação que favoreça a preservação dos ecossistemas e territórios, revertendo a tendência mundial de flexibilizar as legislações ambientais em favor dos grandes empreendimentos turísticos e imobiliários que em muito têm desfavorecido as populações locais e provocado sérios danos à sustentabilidade socioambiental do planeta.

Reconhecendo a amplitude das questões que envolvem a afirmação do turismo comunitário solidário, terminamos nosso encontro convidando toda a sociedade a participar de uma grande viagem coletiva na utopia e na ação, concretizando este novo turismo solidário, comprometido com os direitos humanos, com a justiça (socioambiental, de gênero, racial e étnica), a democracia, a soberania e autonomia de todos os povos.

# ANEXO I



II SEMINARIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTABLE  
Fortaleza-Ceará – Brasil; 12 al 15 de mayo de 2008  
[www.sits2008.org.br](http://www.sits2008.org.br)

# turismo y desarrollo

## ¿es oro todo lo que reluce?



f(TR)

Las políticas neoliberales asignan a los países empobrecidos el papel de proveedores de mano de obra barata y recursos naturales a una economía desigualmente globalizada. Al abrigo de este marco ideológico, el turismo se vende como una vía rápida, sencilla y barata hacia el desarrollo. La realidad muestra lo contrario. El turismo que reciben los países empobrecidos se caracteriza por un grado de beneficios muy bajo para la economía local: la mayor parte del desembolso que realiza el turista acaba engrosando las ganancias de las empresas que controlan la actividad, en su mayoría originarias de los países ricos. Además, su impacto en el nivel de vida en la mayoría de la población anfitriona y de su ecosistema suele ser negativo: aumento de las diferencias socioeconómicas, sobreexplotación y contaminación de recursos naturales, desvío de los usos tradicionales del agua para cubrir las necesidades de infraestructuras turísticas, incremento del precio de la tierra, condiciones laborales deplorables, sustitución de sectores productivos tradicionales, explotación sexual o trabajo infantil.

## turismo responsable

Sin embargo, si es cierto que un turismo de pequeño formato, gestionado por la propia población anfitriona, puede reforzar las economías locales, inclusive en los colectivos campesinos, ámbito donde se concentra la mayor parte de la pobreza en el Sur, convirtiéndose en una herramienta de lucha por la Soberanía Alimentaria de los pueblos.

Ante esta situación el **Turismo Responsable** se define como un movimiento social que:

- busca establecer modelos de desarrollo turístico sostenibles y específicos para cada zona de destino, para lo que se han de tener en cuenta sus variables sociales, económicas y medioambientales.
- valora y reclama la responsabilidad de turistas, tour-operadores, anfitriones e instituciones públicas a la hora de favorecer modelos turísticos sostenibles.
- denuncia los impactos negativos que el turismo conlleva o puede conllevar en las sociedades anfitrionas, así como la imagen distorsionada que los visitantes pueden hacerse de la realidad que han ido a conocer.

[www.forturismoresponsable.org](http://www.forturismoresponsable.org)



# foro de turismo responsable

El Foro está conformado por un grupo de organizaciones no gubernamentales del Estado español, preocupadas por las consecuencias que el turismo puede tener en todos los países, especialmente del Sur. Vienen trabajando conjuntamente desde el 2004 a favor de un turismo sostenible y denunciando los impactos negativos de los modelos turísticos dominantes.

Sus principales líneas de actuación son:

- La sensibilización de la población reclamando su responsabilidad como consumidores de servicios turísticos.
- El apoyo a propuestas turísticas controladas y gestionadas por la población local que defienden un mundo natural vivo, una sociedad justa, respetuosa y equitativa y el desarrollo de actividades verdaderamente sostenibles.
- La incidencia y denuncia de las políticas públicas de desarrollo turístico que favorecen al capital internacional en detrimento de los derechos de la población anfitriona y de la sostenibilidad de los ecosistemas.
- La incidencia y denuncia de las políticas corporativas de las empresas turísticas que perjudican el desarrollo local sostenible de las zonas de destino.

[www.foroturismoresponsable.org](http://www.foroturismoresponsable.org)

## conforman el foro:



Acció per un Turisme Responsable - ATR  
[www.turismo-responsable.org](http://www.turismo-responsable.org)



Asociació per a la Cooperació amb el Sud  
ACSUD Las Segovias País Valencià  
[www.acsud.org](http://www.acsud.org)  
[www.turismoresponsable.net](http://www.turismoresponsable.net)



Iniciatives Interculturals  
Alter Natives  
[www.nativas.org](http://www.nativas.org)



Iniciativa de Cooperación  
Internacional para el Desarrollo

Iniciativas de Cooperación Internacional para el  
Desarrollo - ICID  
[www.asociacionicid.org](http://www.asociacionicid.org)



SODEPAZ

SODEPAZ - Solidaridad para el Desarrollo y la Paz  
[www.sodepaz.org](http://www.sodepaz.org)



Zubiak Eginez - Euskal Herria Nicaragua  
[www.zubiakeginez.org](http://www.zubiakeginez.org)

Colabora



# foro turismo responsable



# f(TR)



# Code Mondial d'Éthique du Tourisme

Pour un Tourisme responsable



NATIONS UNIES



OMT



## Résolution adoptée par l'Assemblée générale des Nations Unies, le 21 décembre 2001

**A/RES/56/212. Code mondial d'éthique du tourisme,**

**L'Assemblée générale,**

**Réaffirmant** le paragraphe 5 de sa résolution 36/41 du 19 novembre 1981, par lequel elle a décidé que l'Organisation mondiale du tourisme pourrait participer, à titre permanent, aux travaux de l'Assemblée générale dans les domaines qui l'intéressent,

**Rappelant** aussi la Déclaration de Manille sur le tourisme mondial, du 10 octobre 1980, adoptée sous les auspices de l'Organisation mondiale du tourisme<sup>1</sup>, la Déclaration de Rio sur l'environnement et le développement<sup>2</sup> et le programme Action 21<sup>3</sup> adopté lors de la Conférence des Nations Unies sur l'environnement et le développement le 14 juin 1992, ainsi que la Déclaration d'Amman sur la paix par le tourisme<sup>4</sup>,

**Considérant** que la Commission du développement durable, à sa septième session, tenue en avril 1999, a manifesté son intérêt pour le Code mondial d'éthique du tourisme et invité l'Organisation mondiale du tourisme à envisager d'associer les grands groupes, selon que de besoin, à la formulation, à la mise en oeuvre et au suivi du Code mondial d'éthique du tourisme<sup>5</sup>,

**Rappelant** en outre sa résolution 53/200 du 15 décembre 1998, sur la proclamation de 2002 en tant qu'Année internationale de l'écotourisme, par laquelle elle a, entre autres, réaffirmé la résolution 1998/40 du Conseil économique et social, en date du 30 juillet 1998, constatant l'importance attachée à l'écotourisme par l'Organisation mondiale du tourisme, en particulier à la proclamation de 2002 Année internationale de l'écotourisme, pour ce qui est de favoriser la compréhension entre tous les peuples, de faire mieux connaître le riche héritage des différentes civilisations et de faire davantage apprécier la valeur intrinsèque des différentes cultures contribuant ainsi à renforcer la paix mondiale,

**Reconnaissant** la dimension importante et le rôle du tourisme comme instrument positif propre à atténuer la pauvreté et à améliorer la qualité de vie de tous les peuples, sa contribution potentielle au développement socio-économique en particulier dans les pays en développement, et sa fonction naissante de force vitale pour la promotion de la compréhension, de la paix et de la prospérité internationales,

1. Prend note avec intérêt du Code mondial d'éthique du tourisme adopté à la treizième session de l'Assemblée générale de l'Organisation mondiale du tourisme, énonçant les principes qui devraient régir le développement du tourisme et servir de cadre de référence pour les différents acteurs du secteur touristique, dans le but de réduire au minimum les retombées négatives du tourisme sur l'environnement et sur le patrimoine culturel tout en étendant au maximum les avantages qu'il peut procurer en favorisant le développement durable et l'atténuation de la pauvreté ainsi que la compréhension entre les nations ;

2. Met l'accent sur la nécessité de promouvoir un tourisme responsable et écologiquement viable qui puisse être bénéfique pour tous les secteurs de la société ;

3. Invite les gouvernements et d'autres acteurs du secteur touristique à envisager d'incorporer, selon qu'il convient, le contenu du Code mondial d'éthique du tourisme dans les lois, règlements et usages déontologiques pertinents et, à cet égard, prend acte avec satisfaction des efforts accomplis et des mesures déjà prises par certains États ;

4. Encourage l'Organisation mondiale du tourisme à favoriser un suivi efficace de la mise en oeuvre du Code mondial d'éthique du tourisme, avec la participation des acteurs intéressés du secteur touristique.

5. Prie le Secrétaire général de suivre les faits nouveaux relatifs à l'application de la présente résolution sur la base des rapports de l'Organisation mondiale du tourisme, et de lui faire rapport à ce sujet lors de sa cinquante-neuvième session.

1 A/36/236, annexe, appendice 1.

2 Rapport de la Conférence des Nations Unies sur l'environnement et le développement, Rio de Janeiro, 3-14 juin 1992 (publication des Nations Unies, numéro de vente : F.93.I.8 et rectificatifs), vol. I : Résolutions adoptées par la Conférence, résolution 1, annexe I.

3 Ibid., annexe II.

4 Voir A/55/640.

5 Voir Documents officiels du Conseil économique et social, 1999, Supplément No 9 (E/1999/29).

## CODE MONDIAL D'ÉTHIQUE DU TOURISME

adopté par l'Assemblée générale de l'OMT dans la résolution A/RES/406(XIII) de sa treizième session (Santiago [Chili], 27 septembre-1<sup>er</sup> octobre 1999).

### PRÉAMBULE

**Nous, Membres de l'Organisation mondiale du tourisme (OMT), représentants de l'industrie touristique mondiale, délégués des États, territoires, entreprises, institutions et organismes réunis en Assemblée générale à Santiago du Chili ce 1er octobre 1999,**

**Réaffirmant** les objectifs énoncés dans l'article 3 des Statuts de l'Organisation mondiale du tourisme, et conscients du rôle « décisif et central » reconnu à cette Organisation par l'Assemblée générale des Nations Unies, dans la promotion et le développement du tourisme, en vue de contribuer à l'expansion économique, à la compréhension internationale, à la paix, à la prospérité ainsi qu'au respect universel et à l'observation des droits de l'homme et des libertés fondamentales, sans distinction de race, de sexe, de langue ou de religion,

**Profondément convaincus** que, par les contacts directs, spontanés et non médiatisés qu'il permet entre des hommes et des femmes relevant de cultures et de modes de vie différents, le tourisme représente une force vive au service de la paix ainsi qu'un facteur d'amitié et de compréhension entre les peuples du monde,

**S'inscrivant** dans une logique tendant à concilier durablement protection de l'environnement, développement économique et lutte contre la pauvreté, telle que formulée par les Nations Unies en 1992 lors du « Sommet de la Terre » de Rio de Janeiro, et exprimée dans le Programme d'action 21, adopté à cette occasion,

**Prenant en compte** la croissance rapide et continue, aussi bien passée que prévisible, de l'activité touristique, que celle-ci résulte de motifs de loisirs, d'affaires, de culture, de religion ou de santé, et ses effets puissants, tant positifs que négatifs, sur l'environnement, l'économie et la société des pays tant d'origine que d'accueil, sur les communautés locales et les populations autochtones, comme sur les relations et échanges internationaux,



**Ayant pour but** de promouvoir un tourisme responsable et durable, accessible à tous dans le cadre du droit de toute personne d'utiliser son temps libre à des fins de loisirs ou de voyages, et dans le respect des choix de société de tous les peuples,

**Mais également persuadés** que l'industrie touristique mondiale, dans son ensemble, a beaucoup à gagner à se mouvoir dans un environnement favorisant l'économie de marché, l'entreprise privée et la liberté du commerce, lui permettant d'optimiser ses effets bénéfiques en termes de création d'activité et d'emplois,

**Intimement convaincus** qu'au prix du respect d'un certain nombre de principes, et de l'observance d'un certain nombre de règles, un tourisme responsable et durable n'est nullement incompatible avec une libéralisation accrue des conditions qui président au commerce des services et sous l'égide desquelles opèrent les entreprises de ce secteur, et qu'il est possible, dans ce domaine, de concilier économie et écologie, environnement et développement, ouverture aux échanges internationaux et protection des identités sociales et culturelles,

**Considérant**, dans une telle démarche, que tous les acteurs du développement touristique –administrations nationales, régionales et locales, entreprises, associations professionnelles, travailleurs du secteur, organisations non gouvernementales et organismes de toute nature de l'industrie touristique– mais aussi les communautés d'accueil, les organes de presse et les touristes eux-mêmes, exercent des responsabilités différenciées mais interdépendantes dans la valorisation individuelle et sociétale du tourisme, et que la formulation des droits et devoirs de chacun contribuera à la réalisation de cet objectif,

**Soucieux**, comme l'Organisation mondiale du tourisme s'y emploie elle-même depuis sa résolution 364(XII) adoptée lors de son

Assemblée générale de 1997 (Istanbul), de promouvoir un véritable partenariat entre les acteurs publics et privés du développement touristique, et souhaitant voir un partenariat et une coopération de même nature s'étendre, de manière ouverte et équilibrée, aux relations entre pays émetteurs et récepteurs et leurs industries touristiques respectives,

**Nous plaçant dans le prolongement** des Déclarations de Manille de 1980 sur le tourisme mondial et de 1997 sur l'impact du tourisme sur la société, ainsi que de la Charte du tourisme et du Code du touriste adoptés à Sofia en 1985 sous l'égide de l'OMT,

**Mais estimant** que ces instruments doivent être complétés par un ensemble de principes interdépendants dans leur interprétation et leur application, sur lesquels les acteurs du développement touristique devraient régler leur conduite à l'aube du XXI<sup>e</sup> siècle,

**Utilisant**, aux fins du présent instrument, les définitions et classifications applicables aux voyages, et spécialement les notions de « visiteur », de « touriste » et de « tourisme », telles qu'adoptées par la Conférence internationale d'Ottawa, tenue du 24 au 28 juin 1991, et approuvées, en 1993, par la Commission de statistique des Nations Unies lors de sa vingt-septième session,

**Nous référant** notamment aux instruments suivants :

- Déclaration universelle des droits de l'homme du 10 décembre 1948 ;
- Pacte international relatif aux droits économiques, sociaux et culturels du 16 décembre 1966 ;
- Pacte international relatif aux droits civils et politiques du 16 décembre 1966 ;
- Convention de Varsovie sur le transport aérien du 12 octobre 1929 ;
- Convention internationale de l'aviation civile de Chicago, du 7 décembre 1944 ainsi que les Conventions de Tokyo, La Haye et Montréal, prises en relation avec celle-ci ;

- Convention sur les facilités douanières pour le tourisme du 4 juillet 1954 et Protocole associé ;
- Convention concernant la protection du patrimoine mondial culturel et naturel du 23 novembre 1972 ;
- Déclaration de Manille sur le tourisme mondial du 10 octobre 1980 ;
- Résolution de la VI<sup>ème</sup> Assemblée générale de l'OMT (Sofia) adoptant la Charte du tourisme et le Code du touriste du 26 septembre 1985 ;
- Convention relative aux droits de l'enfant du 20 novembre 1989 ;
- Résolution de la IX<sup>ème</sup> Assemblée générale de l'OMT (Buenos Aires) portant notamment sur la facilitation des voyages ainsi que sur la sécurité et la protection des touristes du 4 octobre 1991 ;
- Déclaration de Rio de Janeiro sur l'environnement et le développement du 13 juin 1992 ;
- Accord général sur le Commerce des Services du 15 avril 1994 ;
- Convention sur la biodiversité du 6 janvier 1995 ;
- Résolution de la XI<sup>ème</sup> Assemblée générale de l'OMT (Le Caire) sur la prévention du tourisme sexuel organisé du 22 octobre 1995 ;
- Déclaration de Stockholm contre l'exploitation sexuelle d'enfants à des fins commerciales du 28 août 1996 ;
- Déclaration de Manille sur l'impact du tourisme sur la société, du 22 mai 1997 ;
- Conventions et recommandations adoptées par l'Organisation internationale du travail en matière de conventions collectives, de prohibition du travail forcé et du travail des enfants, de défense des droits des peuples autochtones, d'égalité de traitement et de non-discrimination dans le travail ;

**affirmons le droit au tourisme et à la liberté des déplacements touristiques,**

**marquons notre volonté de promouvoir un ordre touristique mondial, équitable, responsable et durable, au bénéfice partagé de tous les secteurs de la société, dans un contexte d'économie internationale ouverte et libéralisée, et**

**proclamons solennellement à ces fins les principes du Code mondial d'éthique du tourisme.**



## Article 1

### **Contribution du tourisme à la compréhension et au respect mutuels entre hommes et sociétés**

1. La compréhension et la promotion des valeurs éthiques communes à l'humanité, dans un esprit de tolérance et de respect de la diversité des croyances religieuses, philosophiques et morales, sont à la fois le fondement et la conséquence d'un tourisme responsable ; les acteurs du développement touristique et les touristes eux-mêmes se doivent de porter attention aux traditions ou pratiques sociales et culturelles de tous les peuples, y compris celles des minorités et des populations autochtones, et de reconnaître leur richesse.

2. Les activités touristiques doivent être conduites en harmonie avec les spécificités et traditions des régions et pays d'accueil, et dans l'observation de leurs lois, us et coutumes.

3. Les communautés d'accueil, d'une part, et les acteurs professionnels locaux, d'autre part, doivent apprendre à connaître et à respecter les touristes qui les visitent, et à s'informer sur leurs modes de vie, leurs goûts et leurs attentes ; l'éducation et la formation qui sont délivrées aux professionnels contribuent à un accueil hospitalier.

4. Les autorités publiques ont pour mission d'assurer la protection des touristes et visiteurs, et de leurs biens ; elles doivent porter une attention spéciale à la sécurité des touristes étrangers, en raison de la vulnérabilité particulière qui peut être la leur ; elles facilitent la mise en place de moyens d'information, de prévention, de protection, d'assurance et d'assistance spécifiques correspondant à leurs besoins ; les attentats, agressions, enlèvements ou menaces visant les touristes ou

les travailleurs de l'industrie touristique, de même que les destructions volontaires d'installations touristiques ou d'éléments du patrimoine culturel ou naturel, doivent être sévèrement condamnés et réprimés conformément à leurs législations nationales respectives.

5. Les touristes et visiteurs doivent se garder, à l'occasion de leurs déplacements, de tout acte criminel ou considéré comme délictueux au regard des lois du pays visité, et de tout comportement ressenti comme choquant ou blessant par les populations locales, ou encore susceptible de porter atteinte à l'environnement local ; ils s'abstiennent de tout trafic de drogue, d'armes, d'antiquités, d'espèces protégées, ainsi que de produits et substances dangereux ou prohibés par les réglementations nationales.

6. Les touristes et visiteurs ont la responsabilité de chercher à s'informer, avant même leur départ, sur les caractéristiques des pays qu'ils s'appêtent à visiter ; ils doivent avoir conscience des risques en matière de santé et de sécurité inhérents à tout déplacement hors de leur environnement habituel, et se comporter de manière à minimiser ces risques.



## Article 2

### **Le tourisme, vecteur d'épanouissement individuel et collectif**

1. Le tourisme, activité le plus souvent associée au repos, à la détente, au sport, à l'accès à la culture et à la nature, doit être conçu et pratiqué comme un moyen privilégié de l'épanouissement individuel et collectif ; pratiqué avec l'ouverture d'esprit nécessaire, il constitue un facteur irremplaçable d'auto-éducation personnelle, de tolérance mutuelle et d'apprentissage des différences légitimes entre peuples et cultures, et de leur diversité.

2. Les activités touristiques doivent respecter l'égalité des hommes et des femmes ; elles doivent tendre à promouvoir les droits de l'homme et, spécialement, les droits particuliers des groupes les plus vulnérables, notamment les enfants, les personnes âgées ou handicapées, les minorités ethniques et les peuples autochtones.

3. L'exploitation des êtres humains sous toutes ses formes, notamment sexuelle, et spécialement lorsqu'elle s'applique aux enfants, porte atteinte aux objectifs fondamentaux du tourisme et constitue la négation de celui-ci ; à ce titre, conformément au droit international, elle doit être rigoureusement combattue avec la coopération de tous les États concernés et sanctionnée sans concession par les législations nationales tant des pays visités que de ceux des auteurs de ces actes, quand bien même ces derniers sont accomplis à l'étranger.

4. Les déplacements pour des motifs de religion, de santé, d'éducation et d'échanges culturels ou linguistiques constituent des formes particulièrement intéressantes de tourisme, qui méritent d'être encouragées.

5. L'introduction dans les programmes d'éducation d'un enseignement sur la valeur des échanges touristiques, leurs bénéfices économiques, sociaux et culturels, mais aussi leurs risques, doit être encouragée.



## Article 3

### **Le tourisme, facteur de développement durable**

1. Il est du devoir de l'ensemble des acteurs du développement touristique de sauvegarder le milieu naturel, dans la perspective d'une croissance économique saine, continue et durable, propre à satisfaire équitablement les besoins et les aspirations des générations présentes et futures.

2. L'ensemble des modes de développement touristique permettant d'économiser les ressources naturelles rares et précieuses, notamment l'eau et l'énergie, ainsi que d'éviter dans toute la mesure du possible la production de déchets, devront être privilégiés et encouragés par les autorités publiques nationales, régionales et locales.

3. L'étalement dans le temps et dans l'espace des flux de touristes et de visiteurs, spécialement ceux résultant des congés payés et des vacances scolaires, et un meilleur équilibre de la fréquentation doivent être recherchés de manière à réduire la pression de l'activité touristique sur l'environnement, et à accroître son impact bénéfique sur l'industrie touristique et l'économie locale.

4. Les infrastructures doivent être conçues et les activités touristiques programmées de sorte que soit protégé le patrimoine naturel constitué par les écosystèmes et la biodiversité, et que soient préservées les espèces menacées de la faune et de la flore sauvages ; les acteurs du développement touristique, et notamment les professionnels, doivent consentir à ce que des limitations ou contraintes soient imposées à leurs activités lorsque celles-ci s'exercent dans des espaces particulièrement sensibles : régions désertiques, polaires ou de haute montagne, zones côtières, forêts tropicales ou zones humides, propices à la création de parcs naturels ou de réserves protégées.

5. Le tourisme de nature et l'écotourisme sont reconnus comme des formes particulièrement enrichissantes et valorisantes de tourisme dès lors qu'ils s'inscrivent dans le respect du patrimoine naturel et des populations locales et répondent à la capacité d'accueil des sites.



Article 4

#### **Le tourisme, utilisateur du patrimoine culturel de l'humanité et élément contribuant à son enrichissement**

1. Les ressources touristiques appartiennent au patrimoine commun de l'humanité ; les communautés sur les territoires desquelles elles se situent ont, vis-à-vis d'elles, des droits et des obligations particuliers.

2. Les politiques et activités touristiques sont menées dans le respect du patrimoine artistique, archéologique et culturel, qu'elles doivent protéger et transmettre aux générations futures ; un soin particulier est accordé à la préservation et à la mise en valeur des monuments, sanctuaires et musées, de même que des sites historiques ou archéologiques, qui doivent être largement ouverts à la fréquentation touristique ; doit être encouragé l'accès du public aux biens et monuments culturels privés, dans le respect des droits de leurs propriétaires, de même qu'aux édifices religieux, sans préjudice des nécessités du culte.

3. Les ressources tirées de la fréquentation des sites et monuments culturels ont vocation, au moins partiellement, à être utilisées pour l'entretien, la sauvegarde, la valorisation et l'enrichissement de ce patrimoine.

4. L'activité touristique doit être conçue de manière à permettre la survie et l'épanouissement des productions culturelles et artisanales traditionnelles ainsi que du folklore, et non à provoquer leur standardisation et leur appauvrissement.



Article 5

#### **Le tourisme, activité bénéfique pour les pays et communautés d'accueil**

1. Les populations locales sont associées aux activités touristiques et participent équitablement aux bénéfices économiques, sociaux et culturels qu'elles génèrent, et spécialement aux créations d'emplois directes et indirectes qui en résultent.

2. Les politiques touristiques doivent être conduites de telle sorte qu'elles contribuent à l'amélioration des niveaux de vie des populations des régions visitées et répondent à leurs besoins ; la conception urbanistique et architecturale et le mode d'exploitation des stations et hébergements doivent viser à leur meilleure intégration possible dans le tissu économique et social local ; à compétence égale, l'emploi de la main-d'œuvre locale doit être recherché en priorité.

3. Une attention particulière doit être portée aux problèmes spécifiques des zones côtières et territoriales insulaires, ainsi que des régions rurales ou de montagne fragiles, pour lesquels le tourisme représente souvent l'une des rares opportunités de développement face au déclin des activités économiques traditionnelles.

4. Les professionnels du tourisme, notamment les investisseurs, doivent, dans le cadre des réglementations établies par les autorités publiques, procéder aux études d'impact de leurs projets de développement sur l'environnement et les milieux naturels ; ils doivent également délivrer, avec la plus grande transparence et l'objectivité requise, les informations quant à leurs programmes futurs, et leurs retombées prévisibles, et faciliter un dialogue sur leur contenu avec les populations intéressées.



## Article 6

### Obligations des acteurs du développement touristique

1. Les acteurs professionnels du tourisme ont l'obligation de fournir aux touristes une information objective et sincère sur les lieux de destination, et sur les conditions de voyage, d'accueil et de séjour ; ils assurent la parfaite transparence des clauses des contrats proposés à leurs clients, tant en ce qui concerne la nature, le prix et la qualité des prestations qu'ils s'engagent à fournir que les contreparties financières qui leur incombent en cas de rupture unilatérale de leur part desdits contrats.

2. Les professionnels du tourisme, pour autant que cela dépende d'eux, se préoccupent, en coopération avec les autorités publiques, de la sécurité, de la prévention des accidents, de la protection sanitaire et de l'hygiène alimentaire de ceux qui font appel à leurs services ; ils veillent à l'existence de systèmes d'assurance et d'assistance adaptés ; ils acceptent l'obligation de rendre des comptes, selon des modalités prévues par les réglementations nationales, et, le cas échéant, de verser une indemnisation équitable en cas de non respect de leurs obligations contractuelles.

3. Les professionnels du tourisme, pour autant que cela dépende d'eux, contribuent au plein épanouissement culturel et spirituel des touristes et permettent l'exercice, pendant les déplacements, de leur culte religieux.

4. Les autorités publiques des États d'origine et des pays d'accueil, en liaison avec les professionnels intéressés et leurs associations, veillent à la mise en place des mécanismes nécessaires au rapatriement des touristes en cas de défaillance de l'entreprise ayant organisé leur voyage.

5. Les gouvernements ont le droit –et le devoir– spécialement en cas de crise, d'informer leurs ressortissants des conditions difficiles, voire des dangers, qu'ils peuvent rencontrer à l'occasion de leurs déplacements à l'étranger ; il leur incombe cependant de délivrer de telles informations sans porter atteinte de manière injustifiée ou exagérée à l'industrie touristique des pays d'accueil et aux intérêts de leurs propres opérateurs ; le contenu d'éventuelles mises en garde devra donc être préalablement discuté avec les autorités des pays d'accueil et les professionnels intéressés ; les recommandations formulées seront strictement proportionnées à la gravité des situations rencontrées et limitées aux zones géographiques où l'insécurité est avérée ; elles devront être allégées ou annulées dès que le retour à la normale le permettra.

6. La presse, notamment la presse touristique spécialisée, et les autres médias, y compris les moyens modernes de communication électronique, doivent délivrer une information honnête et équilibrée sur les événements et situations susceptibles d'influer sur la fréquentation touristique ; ils ont également pour mission d'apporter des indications précises et fiables aux consommateurs de services touristiques ; les nouvelles technologies de la communication et du commerce électronique doivent également être développées et utilisées à cette fin ; de même que la presse et les médias, elles ne doivent en aucune manière favoriser le tourisme sexuel.



## Article 7

### Droit au tourisme

1. La possibilité d'accéder, directement et personnellement, à la découverte des richesses de la planète constitue un droit également ouvert à tous les habitants du monde ; la participation toujours

plus étendue au tourisme national et international doit être considérée comme l'une des meilleures expressions possibles de la croissance continue du temps libre, et ne pas se voir opposer d'obstacles.

2. Le droit au tourisme pour tous doit être regardé comme le corollaire de celui au repos et aux loisirs, et notamment du droit à une limitation raisonnable de la durée du travail et à des congés payés périodiques, garanti par l'article 24 de la Déclaration universelle des droits de l'homme et l'article 7 d) du Pacte international relatif aux droits économiques, sociaux et culturels.

3. Le tourisme social, et notamment le tourisme associatif, qui permet l'accès du plus grand nombre aux loisirs, aux voyages et aux vacances, doit être développé avec l'appui des autorités publiques.

4. Le tourisme des familles, des jeunes et des étudiants, des personnes âgées et des handicapés doit être encouragé et facilité.



## Article 8

### Liberté des déplacements touristiques

1. Les touristes et visiteurs bénéficient, dans le respect du droit international et des législations nationales, de la liberté de circuler à l'intérieur de leur pays comme d'un État à un autre, conformément à l'article 13 de la Déclaration universelle des droits de l'homme ; ils doivent pouvoir accéder aux zones de transit et de séjour ainsi qu'aux sites touristiques et culturels sans formalité exagérée ni discrimination.

2. Les touristes et visiteurs se voient reconnaître la faculté d'utiliser tous les moyens de communication disponibles, intérieurs ou extérieurs ; ils doivent bénéficier d'un

prompt et facile accès aux services administratifs, judiciaires et de santé locaux ; ils peuvent librement contacter les autorités consulaires du pays dont ils sont ressortissants conformément aux conventions diplomatiques en vigueur.

3. Les touristes et visiteurs bénéficient des mêmes droits que les citoyens du pays visité quant à la confidentialité des données et informations personnelles les concernant, notamment lorsque celles-ci sont stockées sous forme électronique.

4. Les procédures administratives de passage des frontières, qu'elles relèvent des États ou résultent d'accords internationaux, telles que les visas, ou les formalités sanitaires et douanières, doivent être adaptées de manière à faciliter la liberté des voyages et l'accès du plus grand nombre au tourisme international ; les accords entre groupes de pays visant à harmoniser et simplifier ces procédures doivent être encouragés ; les impôts et charges spécifiques pénalisant l'industrie touristique et portant atteinte à sa compétitivité doivent être progressivement éliminés ou corrigés.

5. Les voyageurs doivent pouvoir disposer, autant que la situation économique des pays dont ils sont originaires le permet, des allocations de devises convertibles nécessaires à leurs déplacements.



### Article 9

#### **Droits des travailleurs et des entrepreneurs de l'industrie touristique**

1. Les droits fondamentaux des travailleurs salariés et indépendants de l'industrie touristique et des activités connexes doivent être assurés sous le contrôle des administrations tant de leurs États d'ori-

gine que de celles des pays d'accueil, avec un soin particulier compte tenu des contraintes spécifiques liées notamment à la saisonnalité de leur activité, à la dimension globale de leur industrie et à la flexibilité qu'impose souvent la nature de leur travail.

2. Les travailleurs salariés et indépendants de l'industrie touristique et des activités connexes ont le droit et le devoir d'acquérir une formation adaptée, initiale et continue ; une protection sociale adéquate leur est assurée ; la précarité de l'emploi doit être limitée dans toute la mesure du possible ; un statut particulier, notamment pour ce qui concerne leur protection sociale, doit être proposé aux travailleurs saisonniers du secteur.

3. Toute personne physique et morale, dès lors qu'elle a les dispositions et qualifications nécessaires, doit se voir reconnaître le droit de développer une activité professionnelle dans le domaine du tourisme, dans le cadre des législations nationales en vigueur ; les entrepreneurs et les investisseurs – spécialement dans le domaine des petites et moyennes entreprises – doivent se voir reconnaître un libre accès au secteur touristique avec un minimum de restrictions légales ou administratives.

4. Les échanges d'expériences offertes aux cadres et travailleurs, salariés ou non, de pays différents, contribuent à l'épanouissement de l'industrie touristique mondiale ; ils doivent être facilités autant que possible, dans le respect des législations nationales et conventions internationales applicables.

5. Facteur irremplaçable de solidarité dans le développement et de dynamisme dans les échanges internationaux, les entreprises multinationales de l'industrie touristique ne doivent pas abuser de la position dominante qu'elles ont parfois ; elles doivent éviter de devenir le vecteur de modèles culturels et sociaux artificiellement imposés aux communautés d'ac-

cueil ; en échange de la liberté d'investir et d'opérer commercialement qui doit leur être pleinement reconnue, elles doivent s'impliquer dans le développement local en évitant, par le rapatriement excessif de leurs bénéfices ou par leurs importations induites, de réduire la contribution qu'elles apportent aux économies où elles sont implantées.

6. Le partenariat et l'établissement de relations équilibrées entre entreprises des pays générateurs et récepteurs concourent au développement durable du tourisme et à une répartition équitable des bénéfices de sa croissance.



### Article 10

#### **Mise en œuvre des principes du Code mondial d'éthique du tourisme**

1. Les acteurs publics et privés du développement touristique coopèrent dans la mise en œuvre des présents principes et se doivent d'exercer un contrôle de leur application effective.

2. Les acteurs du développement touristique reconnaissent le rôle des institutions internationales, au premier rang desquelles l'Organisation mondiale du tourisme, et des organisations non gouvernementales compétentes en matière de promotion et de développement du tourisme, de protection des droits de l'homme, d'environnement ou de santé, dans le respect des principes généraux du droit international.

3. Les mêmes acteurs manifestent l'intention de soumettre, à fin de conciliation, les litiges relatifs à l'application ou à l'interprétation du Code mondial d'éthique du tourisme à un organisme tiers impartial, dénommé Comité mondial d'éthique du tourisme.



L'ORGANISATION MONDIALE DU TOURISME (OMT) est une institution spécialisée des Nations Unies et la seule organisation intergouvernementale faisant office de tribune mondiale pour les questions de politique touristique et constituant une source pratique de savoir-faire dans ce domaine. Elle compte 154 États membres, 7 Membres associés et plus de 400 Membres affiliés représentant le secteur privé, des établissements d'enseignement, des associations de tourisme et des autorités touristiques locales. L'OMT joue un rôle central dans la promotion du développement du tourisme durable, responsable et accessible à tous, en veillant tout particulièrement aux intérêts des pays en développement.

[www.unwto.org](http://www.unwto.org)

## **Declaración de San José sobre Turismo Rural Comunitario**

<http://www.redturs.org/ini/index.php?newlang=spanisho>

Nosotros, representantes de los pueblos indígenas y comunidades rurales de América Latina, congregados en San José, ratificamos los principios y recomendaciones de la "Declaración de Otavalo sobre turismo comunitario sostenible, competitivo y con identidad cultural" (septiembre del 2001), en la que instábamos a los gobiernos nacionales y locales, empresas privadas, ONGs y organismos de cooperación internacional a promover, apoyar y garantizar el ejercicio del turismo comunitario. Si bien reconocemos que se han logrado avances importantes en los últimos años, creemos que es necesario llevar a cabo mejoras de las políticas y estrategias nacionales de turismo, fortalecer nuestras organizaciones y optimizar la gestión de los servicios que brindamos a los turistas.

Las comunidades de Bolivia, Brasil, Costa Rica, Ecuador, Guatemala y Perú, convocadas a consulta por la OIT, no hemos desmayado en nuestro empeño por posicionar el turismo comunitario como uno de los componentes estratégicos del desarrollo local, nacional y regional. Convencidos de que esta forma de turismo contribuye a generar ingreso y empleo en nuestros países, y puede traer bienestar a nuestras comunidades, declaramos que:

- 1.** Nuestra concepción del desarrollo del turismo se sustenta en los valores de solidaridad, cooperación, respeto a la vida, conservación y aprovechamiento sostenible de los ecosistemas y de la diversidad biológica que éstos albergan. En consecuencia, estamos en contra de todo desarrollo turístico en nuestros territorios que cause perjuicio a nuestros pueblos, su cultura y el medio ambiente.
- 2.** Aspiramos a que nuestras comunidades prosperen y vivan dignamente, mejorando las condiciones de vida y de trabajo de sus miembros. El turismo puede contribuir a concretar esta aspiración en la medida en que hagamos de él una actividad socialmente solidaria, ambientalmente responsable, culturalmente enriquecedora y económicamente viable. Con estos fines, reclamamos una justa distribución de los beneficios que genera el turismo entre todos los actores que participamos en su desarrollo.
- 3.** Somos conscientes de que el turismo puede ser una fuente de oportunidades pero también una amenaza para la cohesión social de nuestros pueblos, su cultura y su hábitat natural. Por ello, propiciamos la autogestión del turismo, de modo que nuestras comunidades asuman el protagonismo que les corresponde en su planificación, operación, supervisión y desarrollo.
- 4.** El turismo debe complementar adecuadamente nuestra economía comunitaria y familiar, potenciando el desarrollo de la agricultura, la pesca, la artesanía, la pequeña agroindustria, el transporte y otros servicios. En esta óptica, queremos explorar toda iniciativa productiva sostenible que contribuya al desarrollo económico local y genere empleo nuevo y trabajo decente en nuestras comunidades.
- 5.** Queremos que nuestra cultura y sus diversas formas de expresión permanezcan vivas y auténticas, y se revitalicen gracias a los encuentros interculturales que propiciamos. Abrigamos la esperanza que el diálogo entre diferentes culturas contribuya al entendimiento entre los pueblos y a la edificación de una cultura universal de paz.

**6.** En nuestras asambleas comunitarias hemos consensuado Códigos Éticos con el objeto de regular el comportamiento de los turistas y sus relaciones con la comunidad. El presente encuentro consultivo nos ha permitido apreciar la pertinencia de sus contenidos, orientados a salvaguardar los invalorable recursos naturales, culturales y sociales de nuestro patrimonio comunitario. La utilidad práctica de estos códigos se ha traducido en experiencias turísticas de calidad para el visitante y en bienestar para las comunidades anfitrionas. En consecuencia, invitamos a los operadores turísticos y a los viajeros solidarios a fomentar su reconocimiento, difusión y observación, en aras de una convivencia intercultural armoniosa. El Código Ético Mundial para el Turismo de la OMT debe también inspirar dichos comportamientos.

**7.** Reafirmamos el derecho de propiedad y control de nuestras tierras y territorios - fuente de subsistencia, identidad y espiritualidad-, derecho consagrado en el Convenio núm. 169 de la OIT, ratificado por todos los países presentes en este evento. Consideramos que al emprender cualquier actividad económica, y el turismo en particular, ha de adoptarse una política de planificación y gestión sostenible de los recursos naturales. Queremos ser cautos a la hora de construir infraestructura nueva o de ampliar la existente. Declinamos vender o ceder en concesión nuestras tierras a personas que no sean de nuestras comunidades. Desaprobamos toda decisión que contravenga este principio.

**8.** Reafirmamos nuestro derecho de consulta previa y participación bien informada en los procesos de adopción de decisiones relacionados con la planificación, ejecución y evaluación de políticas y programas en materia medioambiental, cultural, económica y turística, en la medida en que esas decisiones afecten directamente nuestras vidas, instituciones y bienestar espiritual. La consulta previa habrá de llevarse a cabo a través de nuestras organizaciones representativas, respetando las instancias establecidas y los procedimientos apropiados.

**9.** Alentamos la participación de equipos interdisciplinarios en la planificación comunitaria, en la gestión y operación de los servicios turísticos, al igual que en la realización de estudios para apreciar la incidencia del turismo en la vida de nuestras comunidades.

**10.** Invitamos a las instituciones nacionales e internacionales de cooperación, así como a los organismos públicos y privados favorables al turismo comunitario, a sumar sus esfuerzos para consolidar nuestra Red de Turismo Sostenible (REDTURS) en América Latina, impulsada por la OIT. Acordamos que su misión es fortalecer y desarrollar las redes locales, nacionales y regionales de turismo rural comunitario, brindándolas servicios para el desarrollo sostenible de nuestros pequeños negocios, mediante:

**a)** la elaboración de un marco conceptual y estratégico sobre el turismo comunitario a fin de incorporarlo en las políticas y agendas de gestión pública y privada de nuestros países;

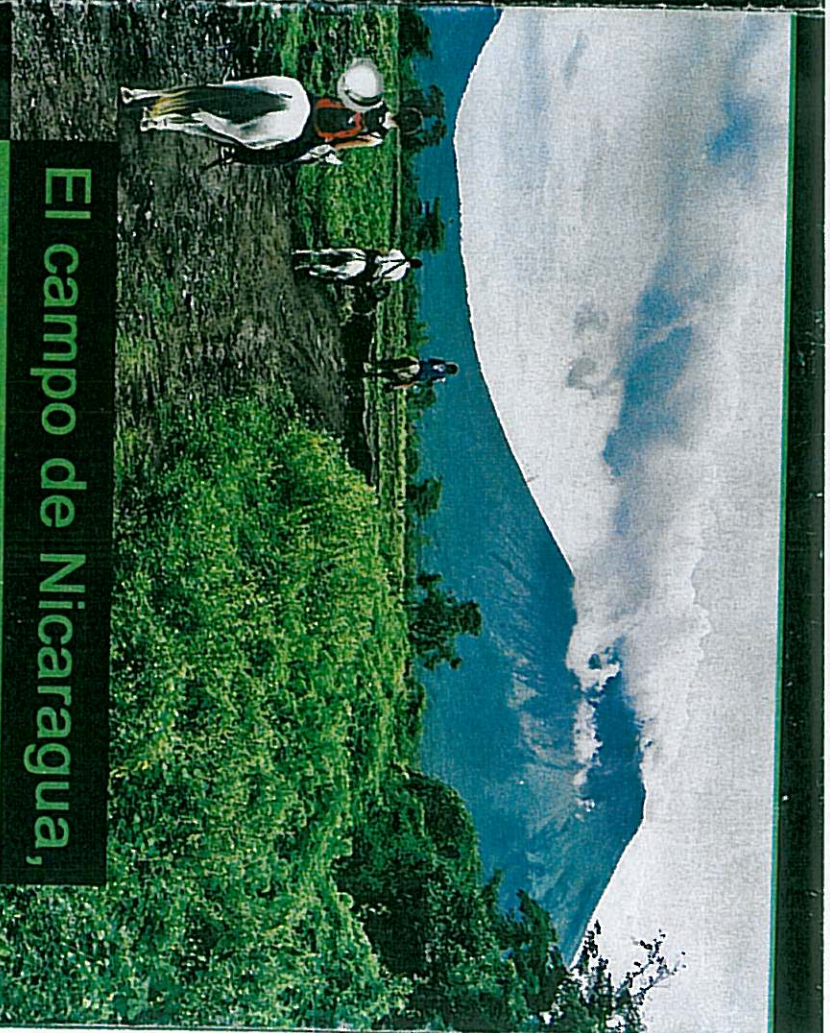
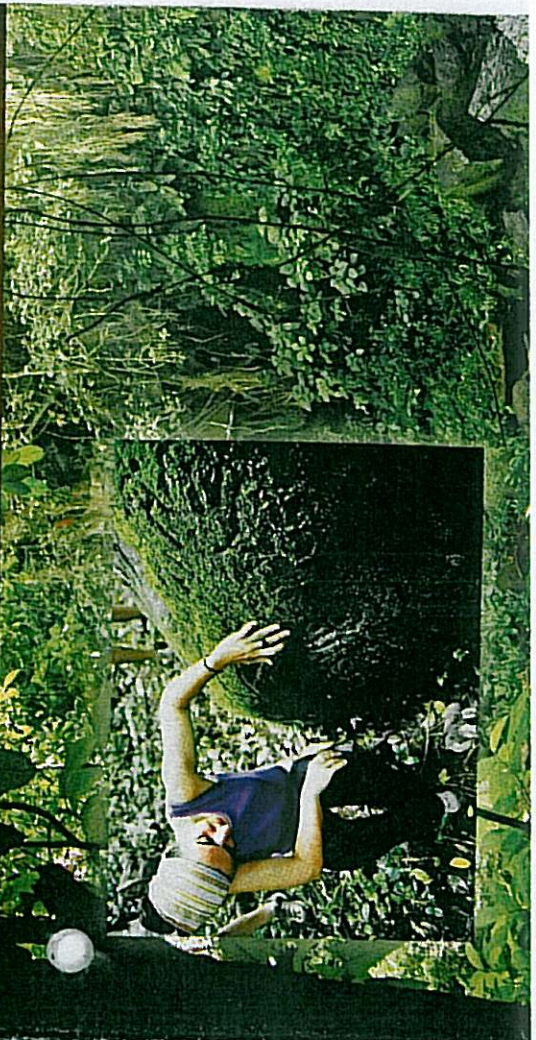
**b)** la constitución de una Secretaría Técnica Regional que procurará conseguir cooperación internacional para emprender tareas prioritarias como:

- el afianzamiento de las redes locales, nacionales y regionales de turismo comunitario;
- la producción, recopilación y difusión de información relevante sobre el turismo;
- el fomento del intercambio de experiencias entre comunidades;
- el apoyo a la promoción y mercadeo de los destinos turísticos comunitarios en el mercado europeo gracias a la participación en ferias y salones,



- al lanzamiento de una marca de autenticidad de los destinos miembros de REDTURS;
- c)** el establecimiento de alianzas estratégicas de colaboración y apoyo con otras redes y agencias internacionales como la CONPEHT, la OMT, el PNUD, la FAO-FIDA, la UNESCO y el IICA, entre otras;
- d)** el impulso a la creación dentro de la institución rectora de la política nacional de turismo, de una unidad técnica con capacidad para promover y afianzar las redes locales y nacionales de turismo comunitario;
- e)** la aplicación de las conclusiones y el seguimiento de las recomendaciones del presente encuentro consultivo comunitario.

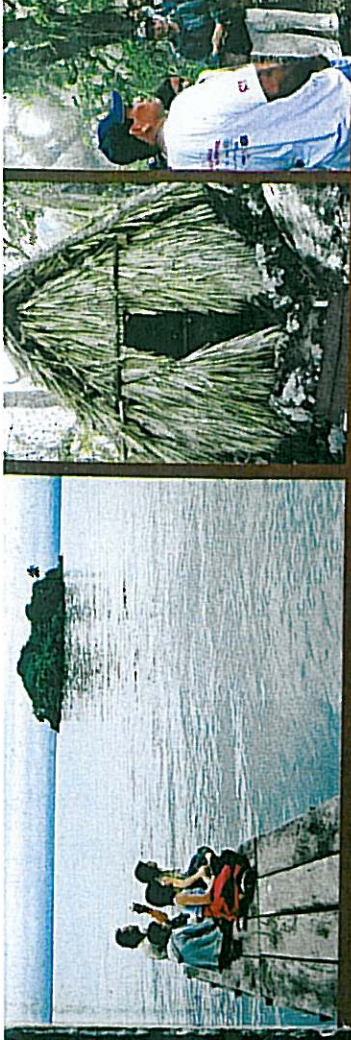
**Dado en San José de Costa Rica, el 28 de octubre 2003.**



**El campo de Nicaragua,  
¡la auténtica Nicaragua!**



**RED NICARAGÜENSE  
de  
TURISMO RURAL COMUNITARIO**

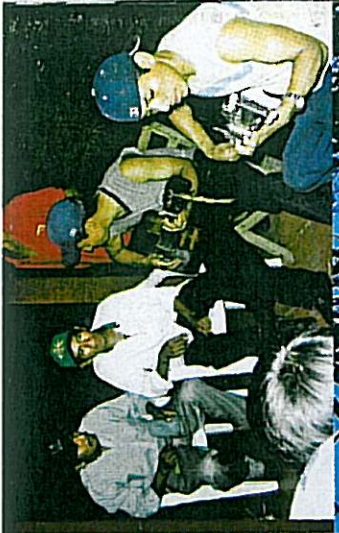
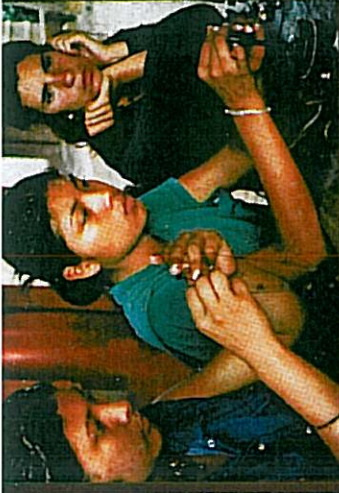
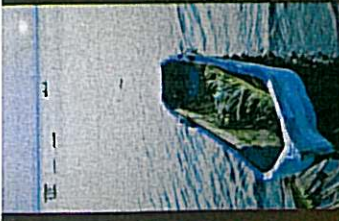


**OBJETIVOS**

**DE LA RED NICARAGÜENSE DE TURISMO RURAL COMUNITARIO**

**OBJETIVO GENERAL**

Gestionar el fortalecimiento de iniciativas turísticas de índole comunitaria que están operando en el ámbito rural de Nicaragua.



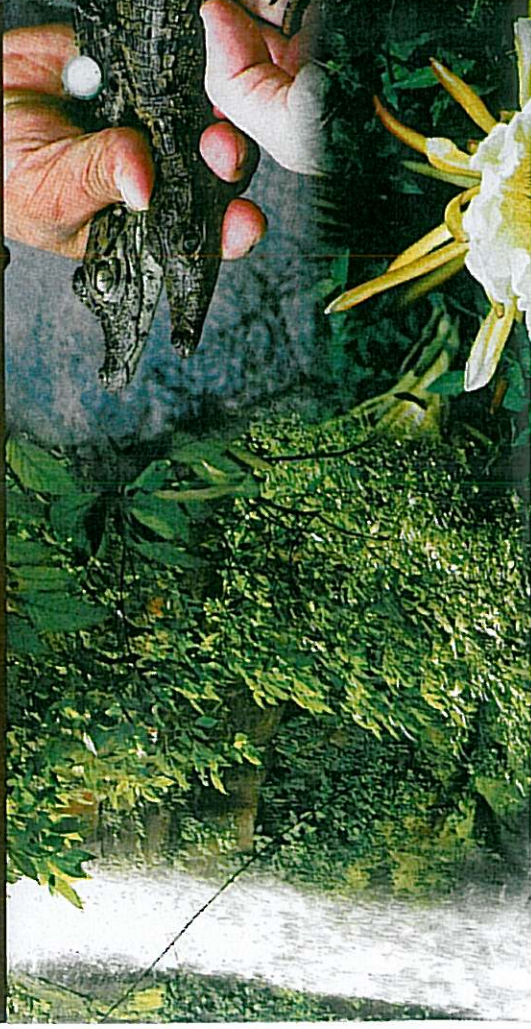
## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

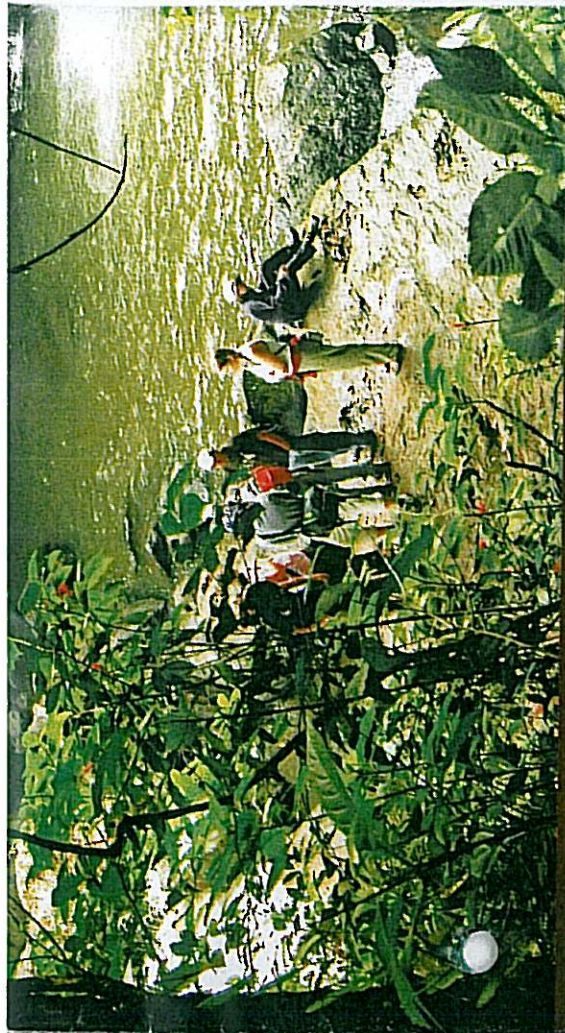
-Mejorar la calidad de los servicios y productos turísticos ofertados por los miembros de la Red, a través de:

- un plan de capacitación acorde a las necesidades de las organizaciones de la Red
- obtención de financiamiento y asistencia técnica para la mejora de infraestructuras y servicios turísticos
- creación de una normativa mínima de calidad de asistencia y del carácter comunitario de la iniciativa

- Difundir y promover la oferta turística de la Red.

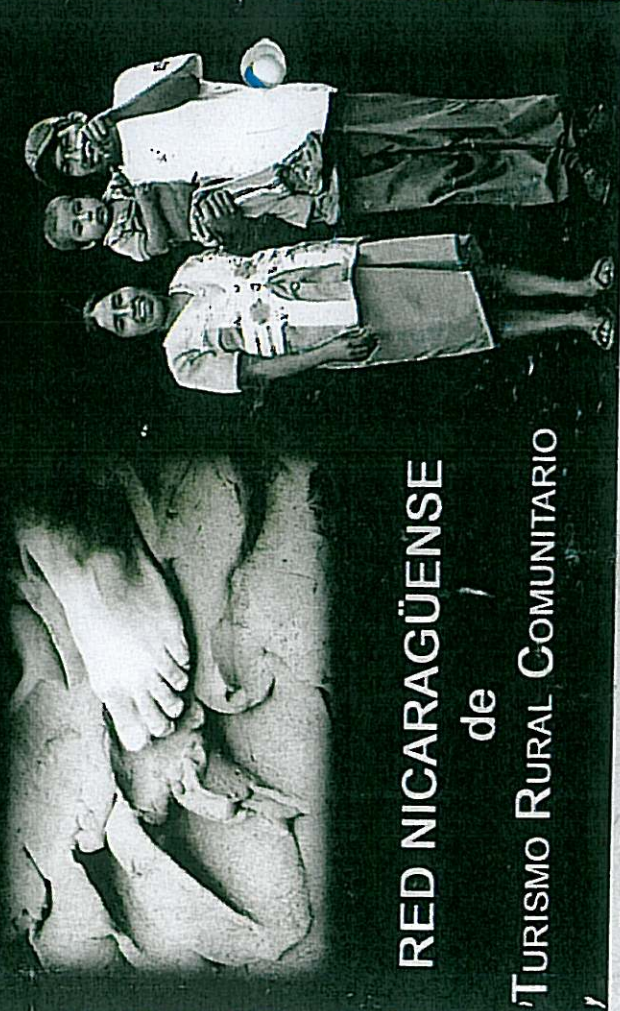
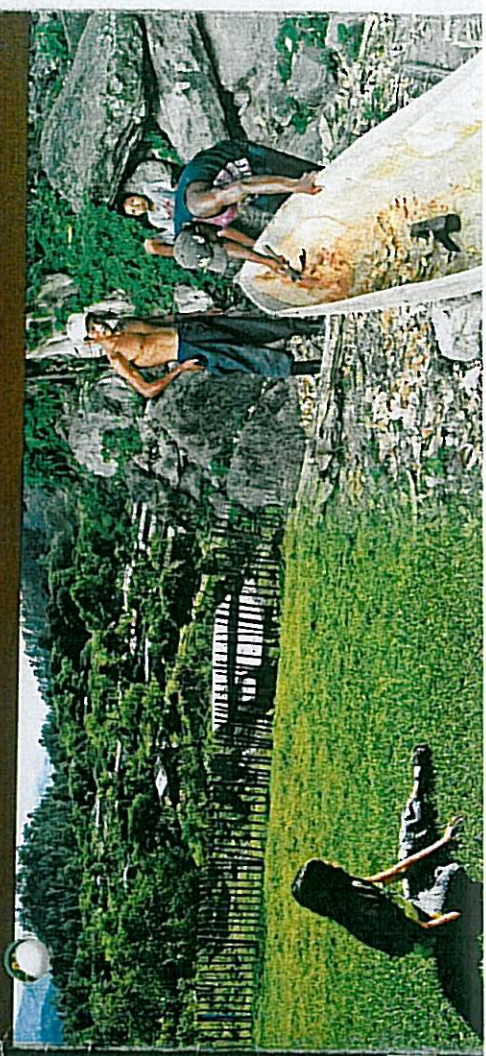
- Promover el desarrollo de políticas turísticas nacionales que beneficien a los miembros de la Red.





¿Qué entendemos por Turismo Rural Comunitario?

- turismo como complemento (no sustituto) de las actividades rurales
- turismo rural, que se desarrolla en el entorno campesino
- turismo comunitario en el sentido de la gestión y propiedad y/o la distribución de los beneficios
- un turismo que busca combinar la rentabilidad económica con la sostenibilidad social y ambiental
- un turismo que valoriza recursos disponibles (personas, entornos, tradiciones)
- un medio para afianzar la propiedad de la tierra en manos campesinas
- un modo de promover espacios de intercambio social y cultural



**RED NICARAGÜENSE**  
de  
**TURISMO RURAL COMUNITARIO**

e-mail: [renitural.com2004@yahoo.com](mailto:renitural.com2004@yahoo.com)



...s tradicionales (agricultura, ganadería, pesca....)

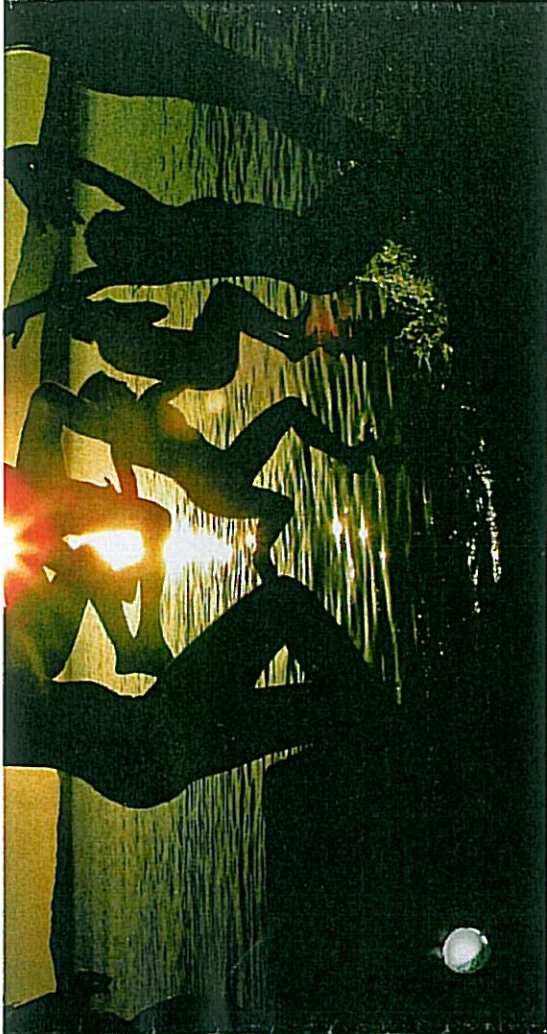
...de la iniciativa turística, y/o la atención turística,

...on la sostenibilidad social y ambiental

...orno natural, tradiciones, cultura, patrimonio arqueológico....)

...e los campesinos

...ural



Créditos fotográficos:

CECOCAFEN - UCA SAN RAMÓN

EXPOSICIÓN ATR - ACCIÓN POR UN TURISMO RESPONSABLE

FUNDACIÓN ECOLOGÍA Y DESARROLLO

GUÍA DE TURISMO RURAL COMUNITARIO - FUNDACIÓN LUCIÉRNAGA

UCA TIERRA Y AGUA

Mapa cortesía de INTUR

Diseño: Antonio Díez Parra

Con el apoyo de:





# SIMBOLOGÍA



Alojamiento en casas familiares



Alojamiento en albergue



Camping



Servicio de comida



Visitas a cultivos



Senderismo



Artesanías



Caballos

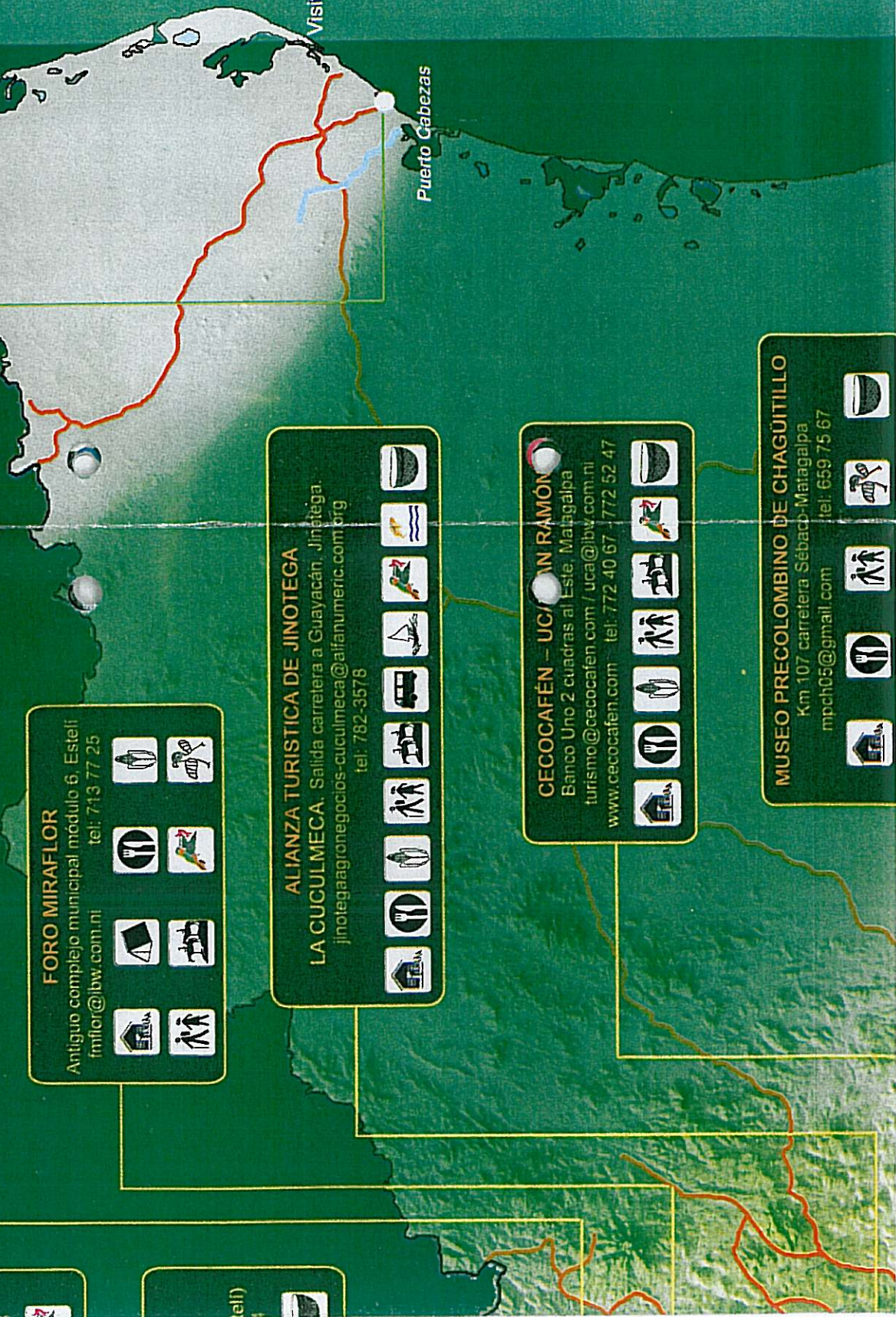


Transporte terrestre



Transporte acuático

**AMICA**  
(ASOCIACIÓN DE MUJERES INDÍGENAS DE LA COSTA ATLÁNTICA DE NICARAGUA)  
B° Libertad, del Estadio Municipal 2 ½ c. al sur, Puerto Cabezas  
asociacionamica@yahoo.es tel: 792 22 19



**PUEBLO INDÍGENA DE MOZONTE**  
5 km carretera a Jalapa, Ocotal.  
puebloindigenademozonte@yahoo.com  
tel: 639 45 47 - 825 47 91

**FORO MIRAFLORES**  
Antiguo complejo municipal módulo 6, Estelli  
fmflor@lbw.com.ni tel: 713 77 25

**ALIANZA TURÍSTICA DE JINOTEGA**  
**LA CUCULMECA.** Salida carretera a Guayacán, Jinotega.  
jinotegaagronegocios-cuculmecca@alfanumeric.com.ni  
tel: 782-3578

**CECOCAFÉN - UC/ SAN RAMÓN**  
Banco Uno 2 cuadras al Este, Matagalpa  
turismo@cecofafen.com / uca@lbw.com.ni  
www.cecofafen.com tel: 772 40 67 - 772 52 47

**MUSEO PRECOLOMBINO DE CHAGÜTILLO**  
Km. 107 carretera Sébaco-Matagalpa  
mpch05@gmail.com tel: 659 75 67



**COOPERATIVA DE TURISMO RURAL COMUNITARIO  
LAS PILAS-EL HOYO**

León  
tel: 640 78 14 – 696 73 81  
jaspilaselhoyo@león@yahoo.com



**COTURNEL  
(COOPERATIVA DE TURISMO RURAL  
EN EL NORESTE DE LEÓN)**

León  
tel: 676 42 05 – 878 04 47  
marucadiva@yahoo.es



**PARQUE ECOLÓGICO  
GUARDATINAJA**

Km. 21 de la carretera Masaya- Managua  
parqueecologico@yahoo.com



**COOPERATIVA TURÍSTICA  
PASO DE LOS DIRIANES**

parqueecologico@yahoo.com  
tel: 618 42 45



**COMUNIDAD INDÍGENA DE NINDIRI**

Del Parque 2 cuadras al Norte  
y 1/2 al Oeste. Nindirí  
comunidadindigenadenindirí@yahoo.com  
justopramos@yahoo.es



**ADIE  
(ASOCIACIÓN PARA EL DESARROLLO  
INTEGRAL DEL ECOSISTEMA)**

haroldramos74@yahoo.com tel: 6291983



**PUEBLO INDÍGENA DE  
SAN JUAN DE ORIENTE**

De la entrada a S. Juan de Oriente  
75 vrs. al oeste  
tel: 568 03 28



**APRODIN  
(ASOCIACIÓN PARA LA PROMOCIÓN Y  
DESARROLLO INDÍGENA)**

De la entrada a S. Juan de Oriente 1 c. al este  
tel: 558 03 28



**AIDRE  
(ASOCIACIÓN INTEGRAL PARA EL  
DESARROLLO RURAL LA ESCOBA)**

Parque de la Reserva Natural Montacho,  
del empalme de Monteverde 2 km al este  
aidre@hotmail.com tel: 697 47 53



**COMMUNITY TOURS**

Ofic. S. Juan del Sur, de La Cabaña 25 vrs  
En El Ostial, frente a la terminal de la  
communitytours@yahoo.es tel: 840



**ZONA SUR**







## ANEXO VI

País	Organização/Entidade		
Argentina	<ul style="list-style-type: none"> <li>• La Huella Gaucha, asociación de productores</li> <li>1 Barro Blanco (Jujuy)</li> <li>2 Cañadas San Basilio (Jujuy)</li> <li>3 Ecoturs (Jujuy)</li> <li>4 Hostal Ocloyas (Jujuy)</li> <li>5 Tata Balta (Jujuy)</li> <li>6 Comunidad Santa Rosa de Tastil (Salta)</li> <li>7 Red de Turismo Campesino de los Valles Calchaquíes de Salta</li> </ul>		
	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 Albergue ecológico Chalalán, Parque Nacional Madidi (Beni)</li> <li>2 Albergue ecológico San José, Parque Nacional Madidi (Beni)</li> <li>3 Albergue ecológico San Miguel del Bala, Parque Nacional Madidi (Beni)</li> <li>4 Mapajo ecoturismo indígena, Reserva de Pilón Lajas (Beni)</li> <li>5 Turismo multiétnico. Reserva de Pilón Lajas (Beni)</li> <li>6 Albergue Agua Blanca, Área Protegida Apolobamba (La Paz)</li> <li>7 Albergue la Estancia, Isla del Sol en el Titicaca (La Paz)</li> <li>8 Albergue Lagunillas, Área Protegida Apolobamba (La Paz)</li> <li>9 Cordillera Real (La Paz)</li> <li>10 Mallku Tours, Transporte lacustre a la Isla del Sol (La Paz)</li> </ul>		
	Bolivia	<ul style="list-style-type: none"> <li>11 Trekking Qutapampa-Chari, Área Protegida Apolobamba (La Paz)</li> <li>12 Albergue Tomarapi en el Parque Nacional Sajama (Oruro)</li> <li>13 Albergue San Cristóbal, circuito el Salar de Uyuni (Potosí)</li> <li>14 Artesanías en Culpina K, circuito el Salar de Uyuni (Potosí)</li> <li>15 Hotel Palacio de la Sal, en el Salar de Uyuni (Potosí)</li> <li>16 Jardines de Mallku Cueva cerca de la Reserva Eduardo Avaroa (Potosí)</li> <li>17 Posada La Escuelita en Mallku Cueva (Potosí)</li> <li>18 Ecoturismo comunitario en el Área Protegida de Amboró (Santa Cruz)</li> <li>19 Albergue Calderillas en la Reserva Biológica Cordillera Sama (Tarija)</li> <li>20 Albergue Pujzara en la Reserva Biológica Cordillera Sama (Tarija)</li> <li>21 Pinos Sud en la Reserva Biológica Cordillera Sama (Tarija)</li> </ul>	
		Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>1 Pousada Aldeia dos Lagos, Silves (Amazonas)-portugues-</li> <li>2 Pousada Uacari (Amazonas)-portugues-</li> <li>3 Turismo comunitario en el Río Unini (Amazonas)</li> <li>4 Ecoturismo en Cassurubá (Bahia)</li> <li>5 Proyecto senderos de Lençóis (Bahia)</li> <li>6 Turismo de base comunitaria en Lençóis (Bahia)</li> <li>7 Turismo comunitario en la Costa de Cacau (Bahia)</li> <li>8 Casa Grande, Memorial del Hombre de Kariri, Nova Olinda (Ceará) -portugues-</li> <li>9 Ponta Grossa (Ceará) -portugues-</li> <li>10 Prainha do Canto Verde (Ceará)-portugues-</li> <li>11 Red de ecoturismo para la vida (Ceará)</li> <li>12 Turismo comunitario: afirmando identidades (Ceará)</li> <li>13 Turismo comunitario en Tijuca Boa Vista (Ceará)</li> <li>14 Turismo comunitario y solidario en Assaré de Patativa (Ceará)</li> <li>15 Turismo comunitario en la Isla Caieiras (Espírito Santo)</li> <li>16 Valorando la cultura popular en Pirenópolis (Goiás)</li> <li>17 Turismo comunitario en Río Negro (Manaos)</li> <li>18 Centro de turismo de Santo Amaro de Maranhão (Maranhão)</li> <li>19 Guardianes del pantanal (Mato Grosso)</li> <li>20 Turismo comunitario en Brumadinho (Minas Gerais)</li> <li>21 Cooperativa de turismo comunitario en Curuçá (Pará)</li> <li>22 Ecoturismo comunitario en el Litoral Norte de Paraná (Paraná)</li> <li>23 Ecoturismo comunitario en Polo Tapajós (Pará)</li> <li>24 Proyecto VEM (Pará)</li> <li>25 Comunidades del Río Sagrado (Paraná)</li> <li>26 Turismo comunitario en Porto de Galinhas (Pernambuco)</li> <li>27 Turismo solidario y cultura popular (Rio Grande do Norte)</li> <li>28 Buenas prácticas en el turismo comunitario (Rio Grande do Sul)</li> <li>29 Ruta caminos rurales (Rio Grande do Sul)</li> <li>30 Caiçaras, indígenas y quilombolas: turismo cultural (Río de Janeiro)</li> </ul>

## ANEXO VI

País	Organización/Entidade
	31 Ecoturismo comunitario en la Ruta de Oro (Río de Janeiro y São Paulo)
	32 Revive Paqueta (Río de Janeiro)
	33 Turismo comunitario con mujeres de Joinville (Santa Catarina)
	34 Turismo comunitario en Santa Catarina (São Paulo)
	35 Turismo comunitario en Jucituba (Sao Paulo)
	36 Turismo comunitario en el pueblo Terra Caída (Sergipe)
	37 Turismo comunitario en Taquaruçu (Tocantins)
Chile	1 Queitao Patagonia (Aisén)
	2 Circuitos turísticos Mapuche en el Lago Budi (Araucanía)
	3 Red de Parques Comunitarios Mapu Lahual (Los Lagos)
	4 Excursión con los pescadores del Puerto natales, en el Sendero de los Alacalufes (Magallanes)
	5 Ruta Hacienda Machali (O'Higgins)
	6 Asociación de turismo indígena Ecored Lickan Antay
	1 Parque Amayacú: convivencia con comunidades indígenas (Amazonas)
	2 Ecoturismo comunitario en el Parque Nacional Natural Los Corales del Rosario y San Bernardo (Bolívar)
	3 Hostal la Casa Azul, Barú, Islas del Rosario (Bolívar)
	4 Asociación de Guican y Cocuy: Parque Nacional Natural Cocuy (Boyacá)
	5 Ecoturismo comunitario en el Santuario de Fauna y Flora Iguaque (Boyacá)
	6 Asociación Veredas y Caminos, turismo campesino (Boyacá)
	7 Ecoturismo comunitario en el Parque Nacional Natural Utría (Chocó)
	8 Asociaciones Agroturísticas en Nimaima y Vergara (Cundinamarca)
Colômbia	9 Posada las Bromelias (Cundinamarca)
	10 Asociación de pequeños hoteleros, comunidades negras en Nuquí y Bahía Solano (Chocó)
	11 Ecoturismo comunitario en el Santuario de Fauna y Flora Flamencos (La Guajira)
	12 Kaí Ecotravel: un operador comunitario (La Guajira)
	13 Asociación de Fincas Agroturísticas en Los Llanos Orientales (Meta)
	14 Asociación ECONATIVE de prestadores turísticos (Isla San Andrés)
	15 Asociación ECOASTUR: en las Islas de Providencia y Santa Catalina
	16 Agroturismo en las Haciendas del Café (Quindío)
	17 Manglares de Buenaventura (Valle del Cauca)
	18 Asociación comunitaria CORPOCALIMA (Valle del Cauca)
	1 Albergue ecoturístico Heliconia (Alajuela)
	2 Albergue ecoturístico La Catarata (Alajuela)
	3 Albergue Vista al Bosque en Bajo La Paz (Alajuela)
	4 Asociación Lagunas y Orquídeas (Alajuela)
	5 Ecoturismo científico en Santa Clara (Alajuela)
	6 Rincón Volcán de la Vieja (Alajuela y Guanacaste)
	7 Asociación Integración Zooagroecológica (Cartago)
	8 Ecoturismo en el Macizo de la Muerte (Cartago y San José)
	9 Agroturismo con la Fundación Monte Alto (Guanacaste)
	10 Albergue agroecoturístico Curubanda (Guanacaste)
	11 Albergue Ostional asociativo (Guanacaste)
	12 Eco-coffee tour Coopeldos (Guanacaste)
	13 Asociación de pequeños productores de Ortega (Guanacaste)
	14 Asociación de guías autóctonos de Manzanillo (Limón)
	15 Asociación de microempresarios ecoturísticos de Pococí (ASOMEPE) (Limón)
	16 Asociación de mujeres artesanas (AMPALEC) (Limón)
	17 Turismo comunitario con indígenas en Yorkín (Limón)
Costa Rica	18 Fincas agroecológicas ASIREA (Limón)
	19 Turismo comunitario con indígenas Bri-bri, Kekoldi (Limón)
	20 Servicios turísticos diversificados Cariari (Limón)
	21 Albergue Bosque Esquinas en La Gamba (Puntarenas)
	22 Albergue Cerro Escondido (Puntarenas)
	23 Albergue ecoturístico El Silencio (Puntarenas)
	24 Asociación de damas de Chira, Posada La Amistad (Puntarenas)
	25 Aventuras Tropicales en Golfito (Puntarenas)
	26 Asociación de mujeres en Costa de Pájaros (Puntarenas)
	27 Ecoaventuras Kuasran, un negocio indígena (Puntarenas)
	28 Finca el Roble en Avellán (Puntarenas)

## ANEXO VI

País	Organización/Entidade
Ecuador	29 Asociación de microempresarios turísticos de Osa (Puntarenas)
	30 Agroturismo comunitario en La Gamba (Puntarenas)
	31 Corporación Tarrazú Mountain Coffee, Benefami (San José)
	32 El Brujo Tent Camp (San José)
	33 Promotora de turismo Grifoalto (San José)
	34 Senderos de Aventura en los Cerros de Turrubares (San José)
	35 Albergue Sueños del Bosque (San José)
	1 Centro de turismo comunitario Kushi Wayra (Azuay)
	2 Salinas de Tomabela: pioneros del turismo comunitario andino (Bolívar)
	3 Ingapirca: arqueología y cultura Cañari en los Andes (Cañar)
	4 Casa Cóndor en Pulingui San Pablo: turismo de alta montaña (Chimborazo)
	5 Centro turístico cultural Pucará Tambo en los Andes (Chimborazo)
	6 Centro Turístico Pulingui Santa Ana: excepcionales atractivos de alta montaña (Chimborazo)
	7 Guarguallá en el Parque Nacional Sangay, patrimonio de la Humanidad (Chimborazo)
	8 Asociación de pequeños productores de banano certificado: el Guabo (El Oro)
	9 Asociación de mariscadores Promar: gestión comunitaria de manglares (El Oro)
	10 Cabaña Manglares de Olmedo: ecoturismo con una asociación de mujeres (Esmeraldas)
	11 Choco Lodge: culturas Chachi y Afroecuatoriana en una Reserva Ecológica (Esmeraldas)
	12 Corredor turístico Costa Verde: manglares y crustáceos en Reservas Ecológicas (Esmeraldas)
	13 Asociación de fincas de la zona rural de San Cristóbal (Galápagos)
	14 Asociación de hospederías comunitarias en las hermosas playas de Manglaralto (Guayas)
	15 Centro de educación ambiental Puerto Hondo (Guayas)
	16 Olón: turismo de playa con una acogedora comunidad (Guayas)
	17 Golondrinas: en una Reserva del bosque protector (Imbabura)
	18 Kichwa Llakta: etnoturismo con una comunidad matriarcal (Imbabura)
	19 Runa Tupari: encuentro con indígenas en una región lacustre (Imbabura)
	20 Agua Blanca: reviviendo la cultura Manteña (Manabí)
	21 El Pital en el maravilloso Parque Nacional Machalilla (Manabí)
	22 Isla Corazón: compartiendo la vida que pulsa en los manglares (Manabí)
	23 Cascadas Kunkup en el Parque Nacional Sangay (Morona-Santiago)
	24 Ecoturismo en Wapu, Parque Nacional Sangay (Morona-Santiago)
	25 Oshe: navegación fluvial y aventura con una comunidad amazónica (Morona-Santiago)
	26 Allucos en la Reserva los Llanganates (Napo)
	27 Amaru Paccha: ritos sanatorios con shamanes en la Amazonía (Napo)
	28 Capirona: comunidad pionera en el turismo amazónico (Napo)
	29 Chuva Urcu: en el Parque Nacional Sumaco (Napo)
	30 Machacuyacu: etnoturismo en el Parque Nacional Sumaco (Napo)
	31 Pacto Sumaco: en el Parque Nacional del volcán Sumaco (Napo)
	32 Wasila Talag: en el Parque Nacional los Llanganates (Napo)
	33 Mushullacta: en un Parque Nacional amazónico (Napo)
	34 Yachana Lodge: magia y cultura de la selva tropical (Napo)
	35 Centro Agroturístico Lago Verde (Orellana)
	36 Jungal Tour: selva y pesca con los Huaorani (Orellana)
	37 Tropic: con los Huaoranis cerca del Parque Nacional Yasuní (Orellana)
	38 Witoto Tour: turismo de aventura en la Amazonía ecuatoriana (Orellana)
	39 Bataburo Lodge en Kempery: compartiendo con los Huoarani (Pastaza)
	40 Cotococha: encuentro con indígenas en la selva amazónica (Pastaza)
	41 Ikiam Shiwiar: lagunas y camping en la Amazonía (Pastaza)
	42 Indichuris: naturaleza y shamanismo en la exuberante Amazonía (Pastaza)
	43 Los Tayos: cuevas y bosque primario en la Amazonía (Pastaza)
	44 Omeede Nawe en la Reserva Natural Omere (Pastaza)
	45 Opip Sarayacu en la selva sagrada de Pingullo (Pastaza)
46 Pavacachi turismo comunitario (Pastaza)	
47 Kari Yaku Alli Kawsay: turismo vivencial (Pichincha)	
48 Refugio de vida silvestre Pasochoa (Pichincha)	
49 Santa Lucía: bosque nublado protegido (Pichincha)	
50 Oyacachi : termas y cabalgatas (Pichincha)	
51 Yunguilla: en el bosque nublado y cerca de la Mitad del Mundo (Pichincha)	
52 Siona Tour: operador comunitario en la Amazonía (Sucumbios)	

ANEXO VI

País	Organización/Entidade
Guatemala	1 Ecoquetzal: Comunidades San Lucas y Chicacnab (Alta Verapaz)
	2 Ecoquetzal: Comunidad Rocjá Pomtilá (Alta Verapaz)
	3 Hostal Nuboso Maya Pokomchi' (Alta Verapaz)
	4 Salto de Chilascó (Baja Verapaz)
	5 Comunidad Maya Laj Chimel (El Quiché)
	6 Kumool Región Ixil (El Quiché)
	7 Restaurante Valle De Pascual Abaj-CASODI (El Quiché)
	8 Aldea Maya Plan Grande Quehueche (Izabal)
	9 Asociación Ak' Tenamit (Izabal)
	10 Comunidad de Carmelita y sitio arqueológico El Mirador (Petén)
	11 Comunidad Paso Caballos y sitio arqueológico El Perú Waka' (Petén)
	12 Puerta al Mundo Maya (Petén)
	13 Finca Santa Anita La Unión (Quetzaltenango)
	14 Asociación de guías de ecoturismo Rupalaj K'istalin San Juan de la Laguna (Sololá)
	15 Turicentro Corazón del Bosque (Sololá)
	16 Aventura Maya K'iche' (Totonicapán)
Honduras	1 Comunidad Pech Santa María del Carbón (Olancho)
	2 Alianza Ecoturística La Ruta Moskitia
	3 Comunidad Belén, La Ruta Moskitia
	4 Comunidades Brus Laguna y Yamari, La Ruta Moskitia
	5 Comunidad Las Marías, La Ruta Moskitia
	6 Comunidad Raista, La Ruta Moskitia
México	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Red Indígena de Turismo de México (RITA)</b></li> <li>1 Emiliano Zapata II de los Chenes (Campeche)</li> <li>2 Lirio de Pich (Campeche)</li> <li>3 Ubeel Maya (Campeche)</li> <li>4 Mujeres Mayas de Jovel (Chiapas)</li> <li>5 Tsol kin Nueva Alianza (Chiapas)</li> <li>6 Umbral Axochiatl: Xochimilco (Distrito Federal)</li> <li>7 Tecelhiqui (Estado de México)</li> <li>8 Campamento Tortuguero Sirenito Macho (Guerrero)</li> <li>9 Cooperativa Flores de la Tierra Amuzga (Guerrero)</li> <li>10 Comunidades posesionarias del Parque Nacional Grutas de Cacahuamilpa (Guerrero)</li> <li>11 Centro Ecoturístico Pantzingo (Michoacán)</li> <li>12 Centro Ecoturístico Tzaráracua (Michoacán)</li> <li>13 Comunidad Nahua de Turismo Morelense Tepoztlán (Morelos)</li> <li>14 Ecoturismo comunitario Capulalpam (Oaxaca)</li> <li>15 Red de turismo alternativo Totaltikpak (Puebla)</li> <li>16 Ubelilek Kaxtik Kuxtal (Quintana Roo)</li> <li>17 X'Yatt (Quintana Roo)</li> <li>18 Desarrollo rural integral Vicente Guerrero (Tlaxcala)</li> <li>19 Tortuga Carey (Veracruz)</li> <li>20 Unajil Ek Balam (Yucatán)</li> <li>• <b>SENDASUR: Red de ecoturismo comunitario de Chiapas</b></li> <li>21 Centro ecoturístico Las Guacamayas (Chiapas)</li> <li>22 Campamento Margarito Chanaj (Chiapas)</li> <li>23 Campamento Río Lacanja (Chiapas)</li> <li>24 Campamento Top-Che (Chiapas)</li> <li>25 Campamento Ya'ajche (Chiapas)</li> <li>26 Campamento Yatoch Barum (Chiapas)</li> <li>27 Centro ecoturístico Cueva del Tejón (Chiapas)</li> <li>28 Centro ecoturístico Escudo Jaguar (Chiapas)</li> <li>29 Centro ecoturístico Poza Po'op Chan (Chiapas)</li> <li>30 Cooperativa Pájaro Jaguar IV (Chiapas)</li> <li>31 Cascada el Aguacero (Chiapas)</li> <li>32 Centro ecoturístico Sima de las Cotorras (Chiapas)</li> <li>33 Cooperativa Jun Jnopbentik: Puente Chiapas (Chiapas)</li> <li>34 Cooperativa Tzo-Blem Ukúm: Río la Junta (Chiapas)</li> <li>35 Cooperativa Totopac: Embarcadero Apic Pac (Chiapas)</li> </ul>

## ANEXO VI

País	Organización/Entidade
	36 Cascada del Chiflón (Chiapas)
Nicarágua	1 Asociación Cosigüina (Chinandega)
	2 Campamento ecológico Campuzano (Chinandega)
	3 Centro eco-turístico Aguas Termales (Chinandega)
	4 Asociación agrícola San Nicolas en La Garnacha (Estelí)
	5 Comunidad Venecia Cantagallo (Estelí)
	6 Eco-posada Tisey (Estelí)
	7 Foro Miraflor (Estelí)
	8 Unión de cooperativas agrícolas (UCA) Miraflor (Estelí)
	9 Aguas Agrias (Granada)
	10 Albergue Sazapote (Granada)
	11 Cooperativa campesina en La Granadilla (Granada)
	12 Cooperativa campesina Nicaragua Libre (Granada)
	13 Alianza Turística de Jinotega (Jinotega)
	14 Cooperativa Lina Herrera (Jinotega)
	15 Finca Estrella (Jinotega)
	16 Cooperativa Guardianes del Bosque (Jinotega)
	17 Cooperativa Juan Ramón Corea (Jinotega)
	18 Cooperativa 22 de Septiembre (Jinotega)
	19 Cooperativa de turismo rural Pilas El Hoyo (León)
	20 Cañón Somoto (Madriz)
	21 Refugio de fauna silvestre el Chocoyero (Managua)
	22 Asociación de Artesanos de Juan de Oriente (Masaya)
	23 Cooperativa Tierra hecha Arte (Masaya)
	24 Turismo comunitario indígena en Nindirí (Masaya)
	25 CECOCAFEN (Matagalpa)
	26 Museo precolombino de Chaguitillo (Matagalpa)
	27 Turismo comunitario indígena en Mozonte (Nueva Segobia)
	28 Comunidad Indígena de Kahakabila (Región Autónoma del Atlántico Sur)
	29 Comunidad Indígena de Orinoco (Región Atlántico Sur)
	30 Comunidad Indígena de Rama Cay (Región Atlántico Sur)
	31 Comunidades misquito de pescadores Halouver, Karata y Waba Bar Asociación de mujeres indígenas – AMICA (Región Atlántico Sur)
	32 Pueblo Hotel (Rivas)
	33 Finca Magdalena: Cooperativa Carlos Díaz Cajina (Rivas)
	34 Cooperativa Alejandro Smith (Rivas)
	35 Comunidad Indígena Urbaite - Las Pilas (Rivas)
	36 Un operador turístico comunitario:Community Tours (Rivas)
Panamá	1 Cabañas Kuanidup en el Caribe panameño (Comarca Kuna Yala)
	2 El Porvenir, una isla encantada en el Caribe panameño (Comarca Kuna Yala)
	3 Hotel Yandup, ideal para el descanso y el intercambio cultural (Comarca Kuna Yala)
	4 Sapibenega Kuna Lodge: descanso y cultura para unas plácidas vacaciones (Comarca Kuna Yala)
	5 Comunidades en la Comarca Kuna de Madungandi (Panamá)
	1 Asociación Huascar Huandi en Yungay (Ancash)
	2 Comunidad campesina de Vicos (Ancash)
	3 Inka Naani: comunidades en el Camino del Inka (Ancash)
	4 Perú Llama Trek Kulturas Vivas (Ancash)
	5 Agroturismo en Granja Porcón (Cajamarca)
	6 Andean Lodges: camino al Apu Ausganate (Cusco)
	7 Amaru: naturaleza, aventura y tradición en los Andes (Cusco)
	8 Cachiccata: el rastro de las piedras vivas (Cusco)
	9 Casas de Hospedaje: en el corazón del Cusco (Cusco)
	10 Chichubamba: En el Valle Sagrado de los Incas (Cusco)
	11 Chillca: El Camino del Apu Ausangate (Cusco)
	12 Cuper Alto (Cusco)
	13 Cuper Pueblo: Los hilos de una cultura milenaria (Cusco)
	14 Ecomuseo Away Yachana Wasi (Cusco)
	15 Huayllabamba: nuestra casa es tu casa...disfrútala (Cusco)
	16 Inmersión en Ollantaytambo: Pueblo Inka palpitante (Cusco)
	17 Maras: entre la fragilidad de la sal y la eternidad de la piedra (Cusco)

## ANEXO VI

País	Organização/Entidade
Perú	18 Ollantaytambo: Cuna viviente de los Incas (Cusco)
	19 Parque de la Papa (Cusco)
	20 Patacancha: Al encuentro de nuestras raíces (Cusco)
	21 Patabamba: tejedores de los Andes (Cusco)
	22 Piscacucho (Cusco)
	23 Poroy: colores y ritmos andinos (Cusco)
	24 Raqchi: Los alfareros del volcán (Cusco)
	25 Willoq-Ollantaytambo: Encuentro con el pasado (Cusco)
	26 Ruta de las tejedoras en Lares (Calca)
	27 Albergue Casa Matsigenka: (Cusco y Madre de Dios)
	28 Anapia y Yuspiquei: el tesoro de Wiñaymarka (Puno)
	29 Isla Taquile en el lago Titicaca (Puno)
	30 Isla Tikonata, en el Lago Titicaca (Puno)
	31 Llachón: encuentro en el lago Titikaka (Puno)
	32 Turismo de naturaleza en Escallani, a orillas del Lago Titicaca (Puno)
	33 Turismo vivencial en CCotos, Lago Titicaca (Puno)
	34 Turismo vivencial en Paramis, Lago Titicaca (Puno)
	35 Turismo vivencial en Ccollpa, Lago Titicaca (Puno)
36 Turismo vivencial y místico en Chifrón, Lago Titicaca (Puno)	
Venezuela	1 Ruta Santa María de Canaguá - Gavidia
	2 Travesía Arekuna
	3 Camino Real de los Andes
	4 El Balcón de la Gran Sabana
	5 Travesía los Nevados - El Quinó

## ANEXO VII

Designação	Constituição jurídica	Data da fundação	Objectivos	País	Áreas de actuação	Fonte informação
<b>Ação por um turismo responsável (ATR)</b>	Associação	Personalidade jurídica em 2005, mas com trabalho desenvolvido desde 2003	Gestão de um site com informação na área do turismo e desenvolvimento, permitindo a reflexão e debate sobre a relação entre turismo e desenvolvimento. Este dirige-se especialmente ao mundo latino-americano e ao Estado Espanhol, tendo como principais interesses a ruralidade e a cooperação internacional.	Espanha	Neste âmbito não existe informação específica para este efeito, de qualquer modo, realçam-se áreas informativas da página de internet: Experiências- espaço para divulgação de propostas turísticas sustentáveis; Investigações e debates - reúne trabalhos, maioritariamente inéditos que procuram incidir no debate sobre o turismo e desenvolvimento; Documentos de referência - divulga materiais de investigação, educação para o desenvolvimento produzidos ou co-produzidos pela própria ou por organizações que integram a plataforma; Denúncias e campanhas- espaço dirigido à divulgação e denúncia dos impactos dos modelos turísticos não sustentáveis.	<a href="http://www.turismo-responsible.org">www.turismo-responsible.org</a>
<b>Forum Turismo responsable</b>	Plataforma informal, sem constituição jurídica	2004	Constituído por um grupo de organizações não governamentais do Estado espanhol, preocupadas com as consequências que o turismo pode ter em todos os países, especialmente do sul. Trabalho conjunto a favor de um turismo sustentável e denunciando os impactos negativos dos modelos turísticos dominantes.	Espanha	Principais linhas de actuação: sensibilização da população, reclamando a sua responsabilidade como consumidores de serviços turísticos; o apoio a propostas turísticas controladas e geridas pela população local, que defendem um mundo natural vivo, uma sociedade justa, respeitosa e equitativa e o desenvolvimento de actividades verdadeiramente sustentáveis; a incidência e denúncia das políticas públicas de desenvolvimento turístico que favorecem o capital internacional em detrimento dos direitos da população anfitriã e da sustentabilidade dos ecossistemas; a incidência e denúncia das políticas corporativas das empresas turísticas que prejudiquem o desenvolvimento local sustentável das zonas de destino.	<a href="http://www.foroturismoresponsible.org">www.foroturismoresponsible.org</a>
<b>Associação de turismo justo e solidário (association de tourisme équitable et solidaires – ATEs)</b>	Associação	Personalidade jurídica em 2006, mas com trabalho desenvolvido desde 2001	Reunir organizações que trabalham na área de viagens, seleccionadas com base em critérios éticos rigorosos e com o mesmo objectivo: desenvolver uma actividade turística que ajude ao desenvolvimento local das regiões de acolhimento, no âmbito de uma parceria aproximada com as comunidades locais e os seus representantes.	França	Plataforma de trocas, ferramenta de promoção cuja vocação é ser a associação de referência em França, para o desenvolvimento do turismo justo e solidário; Sensibilizar/promover/comunicar os valores do turismo justo e solidário e dos seus membros são uma prioridade; Apoiar a comercialização; Clarificar o sector perspectivando a compreensão do conceito e sensibilizar os diversos actores (profissionais de turismo e da solidariedade, estudantes, eleitos e agentes de colectividades, migrantes, etc).	<a href="http://www.tourismesolidaire.org">www.tourismesolidaire.org</a>
<b>Associação italiana de turismo responsável (AITR)</b>	Associação	2004	Promover, qualificar, divulgar, pesquisar, actualizar, proteger o conteúdo cultural e as consequentes acções práticas para conhecer o conceito de turismo responsável; promove a cultura e a prática de viagens de Turismo responsável, favorecendo o conhecimento, a coordenação e sinergias entre os sócios. Inspirando-se nos princípios da democracia e ética promove iniciativas de solidariedade e de apoio ao turismo responsável, sustentável e ético com o fim de incrementar a consciência e o crescimento pessoal dos cidadãos, para a promoção de um estilo de vida e comportamento de consumo e vida social.	Itália	Gestão, protecção, aperfeiçoamento e aplicação da Carta do Turismo responsável e da carta Italia; cooperação internacional; formação (operadores de turismo, de docentes, técnicos, etc); instituição de estabelecimento de ensino próprio; editora; promoção; estudos e investigação; criação ou adesão a redes de nível nacional ou internacional	<a href="http://www.aitr.org">www.aitr.org</a>



## ANEXO VIII

Designação	País	Rede nacional/Observações	Sítio internet	Email
ACSUD Las Segovias Pais Valencia	Espanha	Rede FTR	<a href="http://www.acsur.org">www.acsur.org</a>	<a href="mailto:acsur@acsur.org">acsur@acsur.org</a>
Alter Nativas	Espanha	Rede FTR	<a href="http://www.nativas.org">www.nativas.org</a>	<a href="mailto:alter@nativas.org">alter@nativas.org</a> ; <a href="mailto:turismoresponsable@nativas.org">turismoresponsable@nativas.org</a>
Associação de turismo sustentável ETHNIC	Espanha	Encontra-se no directório de entidades da <a href="http://www.viatge.coneixmon.org">www.viatge.coneixmon.org</a> (localizado através dos links da página da ATR)	<a href="http://www.aethnic.org">www.aethnic.org</a>	<a href="mailto:info@aethnic.org">info@aethnic.org</a>
Asociación Catalã para a Paz (ACP)	Espanha	Rede ATR (ver viagens)	<a href="http://www.acpau.org">www.acpau.org</a>	<a href="mailto:info@acpau.org">info@acpau.org</a>
Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (ICID)	Espanha	Rede FTR	<a href="http://www.asociacionicid.org">www.asociacionicid.org</a>	<a href="mailto:aicid@asociacionicid.org">aicid@asociacionicid.org</a>
Investigação e comunicação para o desenvolvimento (Alba Sud)	Espanha	Encontra-se nos links das páginas da Acção por um turismo responsável e no Forum turismo responsável	<a href="http://www.albasud.org">www.albasud.org</a>	<a href="mailto:info@albasud.org">info@albasud.org</a>
SETEM Catalunha	Espanha	Rede ATR (ver viagens)	<a href="http://www.setem.org">www.setem.org</a>	<a href="mailto:setem@setem.org">setem@setem.org</a>
Sodepaz	Espanha	Rede FTR	<a href="http://www.sodepaz.org">www.sodepaz.org</a>	<a href="mailto:sodepaz@sodepaz.org">sodepaz@sodepaz.org</a>
Xarxa Consum Solidari	Espanha	Rede ATR	<a href="http://www.xarxaconsum.net">www.xarxaconsum.net</a>	<a href="mailto:ciutatvella@xarxa.org">ciutatvella@xarxa.org</a>
Zubiak Eginez	Espanha	Rede FTR	<a href="http://www.zubiakeginez.org">www.zubiakeginez.org</a>	<a href="mailto:zubiak@zubiak.org">zubiak@zubiak.org</a>
Alter Enga	França	Rede ATES	<a href="http://www.alter-enga.fr">www.alter-enga.fr</a>	<a href="mailto:contact@alter-enga.fr">contact@alter-enga.fr</a>
Arvel	França	Rede ATES	<a href="http://www.arvel-voyages.com">www.arvel-voyages.com</a>	<a href="mailto:contact@arvel-voyages.com">contact@arvel-voyages.com</a>
Association Djibouti Espace Nomade	França	Rede ATES	não tem página	<a href="mailto:aden@club.internet.fr">aden@club.internet.fr</a>
Azimet voyage	França	Rede Archimede	<a href="http://www.azimet-voyage.fr">www.azimet-voyage.fr</a>	<a href="mailto:contact@azimet-voyage.fr">contact@azimet-voyage.fr</a>
Croq' Nature – amitié franco touareg	França	Rede ATES	<a href="http://www.croqnature.com">www.croqnature.com</a>	<a href="mailto:croqnature@wanadoo.fr">croqnature@wanadoo.fr</a>
Culture contact	França	Rede ATES	<a href="http://www.culturecontact.org">www.culturecontact.org</a>	através da página
DEPARTS	França	Rede ATES	<a href="http://www.departs-voyages-solidaires.com">www.departs-voyages-solidaires.com</a>	<a href="mailto:associationdepart@yahoo.fr">associationdepart@yahoo.fr</a>
E-changeons de monde	França	Rede ATES	<a href="http://www.e-changeonslemonde.com">www.e-changeonslemonde.com</a>	<a href="mailto:contacts@e-changeonslemonde.com">contacts@e-changeonslemonde.com</a>
Ecotours	França	Rede ATES	<a href="http://www.ecotours.fr">www.ecotours.fr</a>	<a href="mailto:contact@ecotours.fr">contact@ecotours.fr</a>
Ekkö Voyage	França	Rede ATES	<a href="http://www.ekko-voyage.com">www.ekko-voyage.com</a>	<a href="mailto:infos@ekko-voyage.com">infos@ekko-voyage.com</a>
Elans	França	Rede ATES	<a href="http://www.elans.org">www.elans.org</a>	através da página
ICD Afrique	França	Rede ATES	<a href="http://www.icd-afrique.org">www.icd-afrique.org</a>	<a href="mailto:henri-dalbies@club-internet.fr">henri-dalbies@club-internet.fr</a>
La case d'Alidou	França	Rede ATES	<a href="http://www.case-alidou.com">www.case-alidou.com</a>	<a href="mailto:info@casealidou.com">info@casealidou.com</a>
La route des sens	França	Rede ATES	<a href="http://www.laroutedessens.org">www.laroutedessens.org</a>	<a href="mailto:contact@laroutedessens.org">contact@laroutedessens.org</a>
les amis du Shekhawati	França	Rede ATES	<a href="http://www.apanidhani.com">www.apanidhani.com</a>	<a href="mailto:enquiries@apanidhani.com">enquiries@apanidhani.com</a>
Libertalia	França	Rede ATES	<a href="http://www.libertalia-mada.com">www.libertalia-mada.com</a>	<a href="mailto:infos@libertalia-mada.com">infos@libertalia-mada.com</a>
Migrations & Developpement	França	Rede ATES	<a href="http://www.migdev.org">www.migdev.org</a>	<a href="mailto:md.france@migdev.org">md.france@migdev.org</a>
Mosaik Guinée	França	Rede Archimede	<a href="http://www.mosaik-guinee.org">www.mosaik-guinee.org</a>	<a href="mailto:mosaikguinee@yahoo.fr">mosaikguinee@yahoo.fr</a>
Rencontres au bout du monde	França	Rede ATES	<a href="http://www.boutdumonde.eu">www.boutdumonde.eu</a>	<a href="mailto:contact@boutdumonde.eu">contact@boutdumonde.eu</a>
Taddart	França	Rede ATES	<a href="http://www.taddart.com">www.taddart.com</a>	<a href="mailto:taddart@taddart.com">taddart@taddart.com</a>
Tamadi	França	Rede ATES	<a href="http://www.tamadi.org">www.tamadi.org</a>	<a href="mailto:infos@tamadi.org">infos@tamadi.org</a>
Tempelga	França	Rede ATES	<a href="http://www.tempelga.com">www.tempelga.com</a>	<a href="mailto:assotempelga@yahoo.fr">assotempelga@yahoo.fr</a>
Tourisme & Developpement solidaires voyages	França	Rede ATES	<a href="http://www.tourisme-dev-solidaires.org">www.tourisme-dev-solidaires.org</a>	<a href="mailto:contact@tourisme-dev-solidaires.org">contact@tourisme-dev-solidaires.org</a>
Vision &thique	França	Rede Archimede	<a href="http://www.vision-ethique.com">www.vision-ethique.com</a>	<a href="mailto:contact@vision-ethique.com">contact@vision-ethique.com</a>
Vision du monde	França	Rede ATES	<a href="http://www.visiondumonde.org">www.visiondumonde.org</a>	através da página
Voyag'acteur	França	Rede Archimede	<a href="http://www.voyagacteur.net">www.voyagacteur.net</a>	através da página
Voyage Autrement	França	Rede Archimede	<a href="http://www.voyagerautrement.org">www.voyagerautrement.org</a>	através da página
Voyages developpement solidarité	França	Rede ATES	<a href="http://www.vds.asso.fr">www.vds.asso.fr</a>	<a href="mailto:vdsvoyage@yahoo.fr">vdsvoyage@yahoo.fr</a>
ARDEA soc. Coop	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.ardea.toscana.it">www.ardea.toscana.it</a>	<a href="mailto:naturadavivere@ardea.toscana.it">naturadavivere@ardea.toscana.it</a>
Associação Tremembé	Itália	localizado através da rede Cearense de turismo comunitário	<a href="http://www.tremembe.it">www.tremembe.it</a>	<a href="mailto:info@tremembe.it">info@tremembe.it</a>
I viaggi del sogno	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.iviaggidelsogno.it">www.iviaggidelsogno.it</a>	<a href="mailto:manuela@iviaggidelsogno.it">manuela@iviaggidelsogno.it</a>
Mowgli esplora	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.mowgli-italia.org">www.mowgli-italia.org</a>	<a href="mailto:viaggare@mowgli.it">viaggare@mowgli.it</a>
Peru responsabile	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.peruresponsabile.it">www.peruresponsabile.it</a>	<a href="mailto:info@peruresponsabile.it">info@peruresponsabile.it</a>
Piccoli mondi	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.piccolimondi.it">www.piccolimondi.it</a>	<a href="mailto:info@piccolimondi.it">info@piccolimondi.it</a>
Pindorama viaggi consapevoli	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.pindorama.it">www.pindorama.it</a>	<a href="mailto:pindorama@iol.it">pindorama@iol.it</a>
Ram viaggi incontro	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.ramviaggi.it">www.ramviaggi.it</a>	<a href="mailto:orzonero@hotmail.com">orzonero@hotmail.com</a>
Viaggi solidali	Itália	Rede AITR	<a href="http://www.viaggisolidali.it">www.viaggisolidali.it</a>	<a href="mailto:info@viaggisolidali.it">info@viaggisolidali.it</a>

## ANEXO IX

El presente cuestionario está integrado en una disertación del máster en Gestión y Planeamiento en Turismo de la Universidad de Aveiro, Portugal. Tiene como objetivo analizar la percepción de las organizaciones que promueven el Turismo Comunitario en relación a los beneficios obtenidos por las respectivas comunidades. Los datos recogidos son confidenciales y serán tratados de forma agregada. Su colaboración es esencial para la realización de este estudio y, por este motivo, agradecemos de antemano su participación.

Agradecemos el envío de las respuestas hasta el día 23/05/2011.

1. En el Turismo comunitario qué integra en los viajes que promueve y divulga:

a) ¿De qué forma su organización colabora en los proyectos locales respectivos?

b) ¿Qué tipo de actividades de turismo comunitario desarrolla? ¿Cuándo y dónde se desenvuelven esas actividades?

2. Desde su perspectiva, ¿cuáles son los principales beneficios y perjuicios (a nivel social, ambiental, cultural y económico) que las comunidades locales obtienen de las actividades de turismo comunitario ?

2.1. Beneficios:

2.2. Perjuicios:

Gracias por su colaboración.

Cristina Maximino

## ANEXO X

Ce questionnaire fait partie d'un mémoire du master en gestion et planification en tourisme, Université d'Aveiro, Portugal, et vise à analyser la perception des organisations qui promeuvent le tourisme communautaire relatif aux avantages de leurs communautés. Les données recueillies sont confidentielles et seront traitées de manière agrégée. Votre collaboration est essentielle à cette étude.

Nous vous remercions par avance de votre collaboration et de votre réponse jusqu'à 23/05/2011.

1. Le tourisme communautaire intégré dans les voyages que vous promouvez et divulguez:

- a) De que façon votre organisation colabore aux respectifs projects locaux?
- b) Quelles sont les activités de tourisme communautaire que vous développé? Où et quand ses activités sont-elles développés?

2 . De votre point de vue quels sont les principaux avantages/bénéfices et coûts (sociaux, environnementaux, culturels et économiques) que les communautés locales retirent des activités du tourisme communautaire?

2.1. Benéfices

2.2.Coûts

Amicalement,

Cristina Maximino

## ANEXO XI

Questo questionario è parte di una tesi del Master in Tourism Management e Pianificazione dell'Università di Aveiro, Portogallo, e si propone di analizzare la percezione dei benefici sulle loro comunità da parte delle organizzazioni che promuovono il turismo comunitario. I dati raccolti sono confidenziali e saranno utilizzati solo al fine delle statistiche. La vostra collaborazione è essenziale per questo studio e, pertanto, vi esprimiamo anticipatamente la nostra gratitudine.

Accattonaggio di rispondere prontamente (26/05/2011).

1. Per quanto concerne i viaggi che si organizzano nell'ambito del turismo comunitario:

a) Sotto quale forma la vostra organizzazione sta collaborando in rispettivi progetti locali?

---

---

---

---

---

---

---

---

b) Che tipo di attività di turismo comunitario si sviluppano? Dove e quando tali attività hanno luogo?

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Dal tuo punto di vista quali sono i principali benefici e costi (sociali, ambientali, culturali ed economici) che le comunità locali derivanti dalle attività di turismo comunitario?

---

---

---

---

---

---

---

---

2.1. Benefici

---

---

---

---

---

---

---

---

2.2. Costi

---

---

---

---

---

---

---

---

Grazie per la collaborazione che è essenziale per nostro studio.

## ANEXO XII

Designação	Tipo de organização	Fundação	Objectivos	País	Áreas de actuação	Fonte informação	Observações (ex: rede...)	Contactos
<b>Alter Nativas</b>	Associação	1998	Promover a interculturalidade na comunidade de Navarra como meio para combater o racismo e a xenofobia.	Espanha	Programas interculturais através de diferentes manifestações artísticas, com o objetivo de potenciar a interculturalidade . Programas de sensibilização; arte e interculturalidade, programas de radio, cozinhas do mundo, etc., com a finalidade de criar espaços de encontro e intercambio na sociedade. Espaços de reflexão e formação Cooperação internacional e «turismo responsável ». Assessoria, captação de recursos e colaboração com organizações brasileiras que trabalham no turismo responsável entendendo este como um elemento de cooperação ao desenvolvimento.	<a href="http://www.nativas.org">www.nativas.org</a>	Pertence à rede Foro turismo responsable	<a href="mailto:alter@nativas.org">alter@nativas.org</a> ; <a href="mailto:turismoresponsable@nativas.org">turismoresponsable@nativas.org</a>
<b>Iniciativas de cooperação internacional para o desenvolvimento (ICID)</b>	Associação	1990	Orientar e estimular o desenvolvimento integral humano e sustentável das comunidades e povos do Sul, mediante a execução de todo o tipo de actividades relacionadas com o fomento da solidariedade entre os povos, a defesa e promoção dos direitos humanos, e a cooperação internacional ao desenvolvimento incluídos nos programas de Educação e Cooperação para Desenvolvimento, levados a cabo em Espanha e noutros países.	Espanha	Cooperação para o desenvolvimento / educação para o desenvolvimento e consumo responsável/ Acções: Defender e promover todos os direitos humanos, especialmente, os direitos económicos, sociais e culturais, de maneira que todos e todas tenham acesso a condições de vida dignas, justas e equitativas. Fortalecer a organização e capacidades da sociedade civil para a participação directa na definição e construção do seu desenvolvimento Contribuir para que as sociedades, compreendam a dimensão dos problemas do Terceiro Mundo e sua corresponsabilidade para resolvê-los, transformar a vida quotidiana, gerar laços de solidariedade com o Sul e propostas aos governos com perspectivas e criterios para confrontar estes problemas de forma realista e justa. E em concreto, trabalhar para a consecução da igualdade de género tanto no Norte como no Sul.	<a href="http://www.asociacionicid.org">www.asociacionicid.org</a>	Pertence à rede Foro turismo responsable	<a href="mailto:aicid@asociacionicid.org">aicid@asociacionicid.org</a>
<b>Sodepaz</b>	Associação	1987	Contribuir à mobilização política, o empoderamento popular ea construção de outros mundos possíveis através de: A cooperação ao desenvolvimentonos países desfavorecidos trabalhando com organizações sociais locais Construção de consciência colectiva crítica no Norte mediante a criação e difusão de discurso e práticas transformadoras, o desenho e a execução de programas , conteúdos e acções de sensibilização e a promoção e realização de um trabalho cooperativo em redes destinados ao conjunto da sociedade	Espanha	Cooperação, educação para o desenvolvimento, turismo responsável, comércio justo e investigação	<a href="http://www.sodepaz.org">www.sodepaz.org</a>	Pertence à rede Foro turismo responsable	<a href="mailto:sodepaz@sodepaz.org">sodepaz@sodepaz.org</a>
<b>Xarxa Consum Solidari</b>	Associação	1997	O principal objectivo é “a promoção de iniciativas que podem contribuir na dinamização das ideias de consumo responsável e solidário”.	Espanha	Cooperação internacional, a importação e distribuição de produtos de comércio justo, a sensibilização e educação para o desenvolvimento, a pressão política e o apoio a favor de um turismo responsável	<a href="http://www.xarxaconsum.net">www.xarxaconsum.net</a>	Fundadora da Acção por um turismo responsável	<a href="mailto:ciutatvella@xarxa.org">ciutatvella@xarxa.org</a>
<b>Associação de turismo sustentável ETHNIC</b>	Associação	2006	Desenvolver iniciativas turísticas responsáveis e solidárias / promover e difundir uma forma de fazer turismo que seja sustentável e responsável relativamente aos países de acolhimento, ao meio ambiente e cuja actividade turística possa contribuir ao desenvolvimento local e à diminuição da pobreza, contribuindo a superar a incompreensão cultural e as desigualdades sociais, abrindo novos caminhos de solidariedade equitativa	Espanha	Turismo: “rotas sustentáveis” e “rotas solidárias” trabalha como agência de viagens	<a href="http://www.aethnic.org">www.aethnic.org</a>	Encontra-se no directório	<a href="mailto:info@aethnic.org">info@aethnic.org</a>
<b>Alter Enga</b>	Associação	2005	Apoiar projectos nos países em via de desenvolvimento através de viagens de turismo solidário	França	No início organizava viagens essencialmente à África ocidental, região do mundo com a qual mantém laços. Mais tarde e a pedido de parceiros decidiu trabalhar outros destinos como sejam a América latina e Bulgária. Em todos os países promove a organização e acompanhamento de estadas pedagógicas e projectos associativos. Outra área de actuação são as acções de formação e sensibilização realizadas em França.	<a href="http://www.alter-enga.fr">www.alter-enga.fr</a>	membro da ATEs	<a href="mailto:contact@alter-enga.fr">contact@alter-enga.fr</a>
<b>DEPARTS</b>	Associação	2003	Promover viagens fora dos trilhos conhecidos, respeitando a carta do turismo responsável, num espírito de solidariedade e de intercâmbios com os habitantes. Sensibilizar e descobrir as culturas do mundo em França através das “Noites do Mundo”	França	A descoberta itinerante, geralmente afastada dos spots turísticos; a transparência das acções solidárias empreendidas e os projectos de micro-crédito apoiados; a informação e sensibilização referente às comunidades de acolhimento	<a href="http://www.departs-voyages-solidaires.com">www.departs-voyages-solidaires.com</a>	membro da ATEs	<a href="mailto:associationdepart@yahoo.fr">associationdepart@yahoo.fr</a>
<b>E-changeons de monde</b>	Associação	2003	Promover viagens à Ásia, África e Europa de leste respeitando as populações locais associada à descoberta cultural, caminhadas, estadas em casa dos habitantes e encontro com parceiros sociais e comerciais.	França	A concepção das viagens visa um turismo mais participativo do que passivo reforçando e facilitando os intercâmbios entre povos de culturas diferentes, com relações privilegiadas e autênticas enriquecedoras para todos.	<a href="http://www.e-changeonslemonde.com">www.e-changeonslemonde.com</a>	membro da ATEs	<a href="mailto:contacts@e-changeonslemonde.com">contacts@e-changeonslemonde.com</a>
<b>Ecotours</b>	Associação	1996	Desenvolver o turismo justo e solidário na america central com a participação das comunidades locais.	França	Propõe viajar de forma diferente, baseada em valores de equidade e solidariedade de modo a que o turismo seja uma ferramenta de desenvolvimento. Promove actualmente onze destinos latino americanos.	<a href="http://www.ecotours.fr">www.ecotours.fr</a>	membro da ATEs	<a href="mailto:contact@ecotours.fr">contact@ecotours.fr</a>
<b>Taddart</b>	Associação	2003	Promover, com sentido de solidariedade, de partilha e equidade, um turismo com identidade, para o desenvolvimento local e mantendo a dignidade das populações de acolhimento.	França	Organiza e promove viagens ao estrangeiro, sejam personalizadas, de estudo (com temas relacionados com a educação, a saúde, a área social, o comércio justo ou outro) ou em grupo. Estas viagens pretendem permitir viver com o habitante, conhecendo as suas tradições e desenvolver actividades que têm em consideração o turismo solidário e a equidade, contribuindo para o desenvolvimento local, para a valorização cultural e o saber fazer das comunidades locais. Pretendem, ainda, aproximar o mais possível os turistas dos habitantes da comunidade, valorizando a preservação ambiental e assegurando a remuneração justa para as populações locais.	<a href="http://www.taddart.com">www.taddart.com</a>	membro da ATEs	<a href="mailto:taddart@taddart.com">taddart@taddart.com</a>

## ANEXO XII

Designação	Tipo de organização	Fundação	Objectivos	País	Áreas de actuação	Fonte informação	Observações (ex: rede...)	Contactos
Tamadi	Associação	2005	Promover, suscitar, facilitar as iniciativas a favor de um turismo associativo, responsável e solidário prioritariamente nos países em desenvolvimento, tais como: actividades turísticas desenvolvidas por associações ou cooperativas dos países de acolhimento; as actividades ou associações, cooperativas parceiras e os prestadores locais são remunerados de forma justa; um turismo que favoreça os encontros e trocas entre culturas e cidadanias do Mundo; um turismo preocupado com o seu impacto no meio ambiente e cultura local.	França	Campanhas de sensibilização junto de potenciais turistas; comercializar produtos turísticos e artesanais, entre outros; realizar, divulgar e eventualmente comercializar publicações ou outros produtos editados	<a href="http://www.tamadi.org">www.tamadi.org</a>	membro da ATES	<a href="mailto:infos@tamadi.org">infos@tamadi.org</a>
Tourisme & Développement Solidaires voyages	Associação	1998	A actividade turística ser um contributo para o desenvolvimento das regiões onde esta se implementa.	França	Propõe um turismo baseado no encontro e trocas nas aldeias e comunidades de aolhimento, inspirado nos princípios da economia social e solidária. Inicialmente as propostas concentravam-se no continente Africano, mas recentemente alargaram-se à América do sul. Desenvolver o conceito de “Accueil villageois” no qual a TDS acompanha as comunidades aldeãs para lhes permitir receber, por elas próprias, na sua aldeia, pequenos grupos de aproximadamente 12 pessoas e propor-lhes uma estada harmoniosa com o seu modo de vida, face à própria cultura. Apoia comunidades que demonstram espírito de abertura, forte coesão, vitalidade cultural e sabedoria das suas insituições tradicionais. Após um processo de formação, TDS atribui um selo “Village d’Accueil <sup>TDS</sup> ” aos seus parceiros locais.	<a href="http://www.tourisme-dev-solidaires.org">www.tourisme-dev-solidaires.org</a>	membro da ATES	<a href="mailto:contact@tourisme-dev-solidaires.org">contact@tourisme-dev-solidaires.org</a>

## Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas					Preço	Outras informações de interesse	
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)	atividades de socialização/encontros			
ETHNIC	Rota solidária – Gâmbia	10 dias	10 a 12 pessoas	Acampamento, casa de famílias	Aéreo internacional e barco	Alojamento em Baobolong Lodge, situado no meio da maior e mais importante reserva natural da Gâmbia. Esta reserva alberga hipopótamos e inúmeras aves; Tumanitenda, um projecto de ecoturismo na aldeia de etnia Jolla; rio Gâmbia em barco a remos, permitindo observar a fauna e flora locais; excursão ao rio Gâmbia vivendo uma experiência única com a vegetação subtropical e a fauna, podendo avistar um grande nº de aves, com sorte crocodilos;	Banjul (Capital e centro comercial da Gâmbia, foi estabelecida pelos colonos ingleses como centro nevrálgico sobre a foz do rio Gâmbia na costa Atlântica; actualmente é uma típica cidade africana com os seus mercados coloridos e agitados); Basse Santa Su: cultura e conhecer a hospitalidade dos seus habitantes, poder-se-á visitar o seu colorido mercado e algumas comunidades das proximidades; no percurso até Georgetown visita a aldeias tradicionais de diferentes etnias, o que permitirá conhecer a cultura e tradições autóctones e descobrir a hospitalidade dos seus habitantes; Kartong: pequena comunidade pesqueira situada a 10 km a sul Funjur, no extremo sul da Gâmbia; praias de areia branca situadas em Kartong e em Tanji possibilidade de presenciar a chegada dos barcos pesqueiros à praia; mercados da zona de Banjul.	descoberta dos projectos de Nutrição sem Fronteiras e com o acompanhamento dos cooperantes visitar-se-á este centro; em Banjul visita ao projecto escola da Canarias Lamin School, um sonho tornado realidade ( <a href="http://canarias-lamin.blogspot.com">http://canarias-lamin.blogspot.com</a> );			Estada na comunidade de Tumanitenda permitindo viver de forma muito próxima as tradições ancestrais desta comunidade; em Basse visita ao Centro de Recuperação Nutricional da ONG espanhola Nutrição Sem Fronteiras, com a qual ETHNIC tem uma estreita colaboração e o grupo ficará alojado nas suas instalações; comunidade de Peuls (pastores nómadas que veneram as vacas até ao ponto de não matar nem vender ainda que seja para assegurar a sua subsistência) com possibilidade de observar os seus costumes e tradições;	800,00 € sem aéreo	
ETHNIC	Rota solidária – Marrocos	15 dias	10 a 12 pessoas	casas de famílias; Riads (vivenda tradicional marroquina); hotéis; Jaimas (tendas de campanha onde vivem os nómadas do deserto).	Aéreo internacional e transporte terrestre (veículos)		Marrakech; no percurso entre Marrakech e Essaouira serão realizadas várias paragens nas zonas de interesse cultural, podendo visitar as construções tradicionais marroquinas (kasbah) e a elaboração tradicional de artesanato; Essaouira: cidade tipicamente marroquina situada na costa atlântica, anteriormente Mogador, cidade portuguesa, que albergou os escravos provenientes da África subsahariana na sua primeira paragem com destino à América; a praia de Essaouira é uma das melhores do país e com prática de windsurf e surf; Kasbah Ait Benhaddou - Património da Humanidade da UNESCO; rota das Mil kasbahs e por Boulmane Dades; gargantas de Todra, onde se poderá observar as espectaculares paredes de rochas de 300 metros de altura que formam um estreito corredor que configura a garganta da Todra e a entrada das montanhas do Atlas; Erfoud: visita aos fósseis; dunas de Erg Chebbi, as mais altas da zona do deserto do Sahara; passeio em camelos no deserto, durante cerca de 2 horas; Kasbah de Glaoui e cidade de Telouet.	Marrakech: visita à <i>Cooperativa das Mulheres de Marrakech</i> e à <i>sede da ONG Alkawtar</i> conhecendo os seus projectos, ambas as organizações trabalham pelos direitos das mulheres realizando projectos que promovem a sua autonomia e independência; através de formação e trabalho, assim como serviços básicos de sanidade; Essaouira: visita a diferentes cooperativas aderentes à <i>Coopadart</i> , rede de cooperativas artesanais da economia social e solidária; esta organização oferece visita a oficinas de artesãos e a diferentes cooperativas dedicadas a várias actividades;		Essaouri estada em casas familiares permitindo partilhar e desfrutar experiências desta comunidade; associação <i>Khamliar</i> , a qual representa uma comunidade da tribo Ait khbach onde se pode conhecer a sua música espiritual gnawa e os seus costumes ancestrais provenientes da África negra; um almoço com os nómadas nas dunas de Erg Chebbi; associação <i>Le Defi</i> em Rissani; refeição com uma família berbere; banho a vapor no Hamam de Rissani e Hena com a família.	600,00 €		
SODEPAZ	Cuba	14 dias	8 a 15 pessoas	Hotel e casa de famílias. Refeições incluídas.	Aéreo internacional e autocarro	Parque Nacional Desembarco de Granma (reserva natural e arqueológica).	Santiago de Cuba: Cemitério de Santa Ifigenia, museu, panorâmica aos lugares de interesse histórico-cultural do centro histórico; Centro Histórico de Granma; Trinidad: centro histórico, Museu Romântico e bar La camanchara; Viagem até Santa Clara: Museu Memorial “Ernesto Guevara” Plaza de Revolución, Museu da acção contra o comboio blindado, Estátua de Che; Museu Playa Girón, explicação sobre o ataque; Jardim Botânico; Passeio a pé na Havana Colonial passando por antigas praças e catedrais.	Centro de criação de crocodilos em Cienaga de Zapata; visita à Comandancia de la Plata; visita à cidade escolar Camillo Cienfuegos e centro de energias renováveis; visita ao projecto de eletrificação com energia solar da comunidade Las Pozas, Ciro Redondo; visita a um centro produtor de hortaliças utilizando as técnicas de permacultura; visita ao organopónico de Alamar.		Encontro com pessoal do ICAP. Encontro com a Delegação Provincial de CITMA em Santiago de Cuba em conjunto com Cubasolar. Explicação sobre o projecto de Energia na província. Visita a la carbonera; Visita a um organopónico: entrevista com responsável agricultura urbana. Encontro com professor especialista José Bell Lara de Flasco; encontro com os funcionários da área de Euroiberia do instituto cubano de Amistad com los Pueblos.	8 a 10 participantes: 940€ quarto duplo; 1045€ quarto individual; 11 a 15 participantes: 875€ (qt. Duplo); 980€ (qt. Individual); Voo 775€; visa 27€;		
SODEPAZ	Palestina – turismo	12 dias	10 a 15 pessoas	Arab women union guesthouse (AWUG); casa de famílias e hotel. Refeições incluídas	Aéreo internacional e autocarro		Cidade velha de Belém, Igreja da Natividade e o Campo dos Pastores. Excursão ao Valle de Urts, Piscinas do Rei Salomão, passeio pela localidade e o seu Centro Etnológico até ao Palácio de Herodes (Herodion). Cidade velha de Jerusalém, incluindo os diferentes sítios históricos e religiosos. Muralhas da Cidade Velha, a Mesquita do Aqsa, o Santo Sepulcro, a Via Dolorosa (Via Sacra), o Muro das Lamentações, o Mercado, o Monte das Oliveiras e outros tesouros da cidade. Cidade velha de Hebron (El Khalil), a cidade dos Patriarcas, mostrando a realidade da ocupação israelita, com colónias israelitas localizadas no seu coração, que inclusivamente dividiram a Mesquita de Ibrahim, que também será visitada; Cidade velha de Nablus, conhecendo os impactos que a ocupação gerou na cidade; Actuação no Freedom Teatro; opções de visita com programas diferenciados (a Ramallah ou Jericó).	Visita a fábrica de copos; visita à fábrica de sabão.		visita na área de Belém, visitando os assentamentos israelitas, o Muro do Apartheid e os seus impactos no campo de refugiados de Duheishe. Reunião com a organização de saúde palestina Health Work Committees (HWC); Reunião com a organização Badil Center, que trabalha sobre a questão dos refugiados; Visita aos assentamentos israelitas com a organização ICAHD (Israeli Comitê Against House Demolitions). Reunião com a organização Alternative Information Center (AIC). Jantar e noite com famílias palestinas; Reunião com a organização Hebron Rehabilitation Comitê. Jantar e noite com famílias palestinas; Visita ao campo de refugiados de Askar. Visita à Universidade de An-Najah e encontro com estudantes palestinos. Visita ao Monte Garizim e a sua Comunidade Samaritana (uma das comunidades étnicas ancestrais da palestina). Visita ao campo de refugiados de Jenin. Caminhada pela cidade, reunião com o representante político municipal. Los Altos del Golan (zona de Síria ocupada por Israel) reunião com a Organização Golan for Development para conhecimento da situação. Corporación de Talleres Gran Valle, para conhecer produtores e produtos de economia solidária e comércio justo	Menos 10 participantes, preço aproximado 800€; Entre 10 e 15 participantes 700€; voo entre 400 e 600 euros		
SODEPAZ	Equador – turismo comunitário	15 dias	11 a 14 pessoas	hostal; alojamento na comunidade; termas hosteria; refúgio comunitário	aéreo internacional e terrestre	caminhada em Cuicocha: reserva ecológica, passeio pedestre ao redor do lago, miradouro; caminhada junto ao Lago Rosário; Parque Nacional Cotopaxi (vulcão)	Feira artesanal indígena Otavado; termas chachimbiro; Monumento linha equatorial; Museu Solak; centro de terapia e yoga ( Osho ); centro histórico de Quito.	caminhada e visita a quinta produtora de café; oficina de tagua (marfim vegetal).	ajuda a família onde se está alojado; visita a grupo de mulheres El Rosal, elaboram sabonetes, cremes e champos (participação na produção).	11 a 14 pessoas: 900€ ; voo não incluído; seguro viagem 1.50€/dia (pela Sodepaz)	possibilidade de realizar extensões a: Galápagos; Amazona; praia no Parque Machalilla		
SODEPAZ	Nicarágua – turismo rural e comunitário	22 dias	4 a 15 pesosas	Albergue rural, Casa de famílias, Casa comunitária, Hospedaria	Aéreo internacional; transportes incluídos mas não descritos	passeio a pé por Los Mesones; passeio com pescadores de Atarraya; passeio a pé pelo bosque; passeio a cavalo; reserva natural do vulcão Mombacho (área protegida e gerida pela Fundação Cocibolca); Escalada ao El Cerro Niegro; passeio a cavalo; passeio pedestre “el Puma” (reserva natural); viagem de bicicleta até la Nanda-Águas Agrias; caminhada Lagoa de Apoyo, de origem vulcanica e banhos; Parque Nacional Volcan Masaya; tartarugas-refugio silvestre la Flor; passeio a cavalo; actividade aquática – passeio baias virgens.	Monumento nacional em Sébaco; caminhada nas áreas de cultivo e leitearia/queijaria (explicação e elaboração de queijo); esculturas de pedra, salto de la Estanzuela; saída para El-Tisey-tour a miradouro onde se consegue observar o Golfo de Fonseca (vistas de 360º); Cidade colonial León; OBG Luciernaga (comunicação social), niracoop – comercialização; Manáguá; Polveloya (junto ao mar); visita à cooperativa Las Pilas El Hoyo-León e centro de interpretação; caminhada nas áreas produtivas de café e outras-Nicaragualibre (coop); visita cidade Masaya, mercado de artesanato nacional; Chaquitillo-Matagalpa; Museu pre colombino; Petroglifos;passeio San Juan del Sur;			visita Quinta da Julilandia (da União cooperativas agropecuárias(UCA) Tierra y Agua); passeio Cerro posintep; projecto de melhorias tecnológicas da quinta e o trabalho da união de cooperativas (UCA); visita ilhéus de Granada; visita centro turístico Los Nortenos; rota de cacua e sacuanjoché; passeio a pé pelas áreas de bosque, cascatas e olhos de água, da cooperativa; encontro com grupo de jovens artesões (hilo de madeja); passeio a cavalo (visita comunidade); deslocação em bote para local de alojamento e banho na costa de los Ronaldos; encontro e história da cooperativa Javier Francisco Estrada; encontro com grupo de artesãos, filhos de sócios da cooperativa (elaboram colares e pulseiras com sementes naturais); Rota El Depósito – passeio a pé na Quinta cooperativa Heroes y Martires de Nandaime; Rota El Chilamate (casas e plantações); Rota La Escoba – Comarca, plantações de café, escola, centro de saúde e igreja; visita grupo de mulheres de la Granadilla – elaboram bebida típica da Nicarágua, Pinolillo, e embalam feijões e mel, e elaboram sabonetes naturais; Passeio Los Bordollos; preparação de comidas típicas nicaraguenses; visita a San Juan de Oriente, cidade do barro; Explicação das técnicas artesanais do fabrico em barro; visita a tostadora de café e benefícios de café; jantar com música local (em Chaguitillo); visita a quinta com ovelas; miradouro de Alpaguajil, visita a venda artesanato e produtos da zona (queijose hortaliças);estufa de hortaliças organicas; Noite de	Entre 4 (900€) e 15( 586€) pessoas; inclui: alojamento, alimentação, 1 guia acompanhante, transportes e todas as actividades descritas no programa.		
SODEPAZ	Bolívia – turismo e participação em projetos	8 dias	informação indisponível	hotel; hostal; acomodações Cimas (Centros Integrales Multiactivos)	Aéreo internacional; autocarro		passeio pela cidade de Sucre (museus, igrejas, etc ) ; passeio Tarabuco (mercado artesanato)			Reunião IPTK (Instituto Politecnico “Tomas Katari”); informações intercâmbio Bolívia/Espanha; visita a projectos IPTK na cidade de Sucre (hospital George Duez, Cerpi, Cicoms, radio America); participação no projecto Cerpi; participação em diversos eventos do Dia da Pátria Bolívia.	392,00 €	Escolha entre ficar em Sucre ou Chayanta. Possibilidade de haver mais dias nas cidades ou no campo; participação nos projectos	
ALTER ENGA	Argentina	14 dias	12 pessoas( partida possível com 4)	hotel, casa de família; alojamento comunitário; refeições incluídas excepto em Buenos Aires	aéreo internacional e interno; autocarro	passeio a cavalo durante meio dia, piquenique e descoberta da floresta subtropical; caminhada nas colinas do Atoplano com guia local, que contará também várias histórias e lendas locais.	Buenos Aires, a capital; noite no bairro dos antiquário em San Telmo; visita à cidade de Salta e à sua arquitetura colonial, visita ao museu de arqueologia; cidade de Jujuy; cavernas; Purmamarca, o vale das 7 cores; lago de sal “salinas grandes”; aldeia de San Francisco de Alfarcito; passeio entre os cactos até ao cemitério sagrado de Kolla (aldeia de Homaditas na Quebrada de Humahuaca); Santa Ana – ponto de partida para o trilho Inca,paisagens excepcionais, visita a várias aldeias de montanha (Vale Grande, Vale Colorado), caminhada até às águas termais de San Francisco.	centro social “Los Pibes de la Boca”; atelier de cerâmica (aldeia de Humahuaca).	participação nas actividades artesanais de tecelagem tradicional; na aldeia de Homaditas na Quebrada de Humahuaca, participação nas actividades agrícolas, preparação do pão tradicional.	Primeiro encontro com os Yungas na cidade de San Lorenzo; encontro com a fundação Integrar e a associação Transhumans, o projecto é uma horta mantida por pessoas portadoras de deficiência, Yunga: descoberta do modo de vida dos gauchos.	1380€ sem voo nem taxas de aeroporto	Parceria com a associação Transhuman que luta pelo respeito e preservação das culturas tradicionais; parte dos preços das viagens contribui para o desenvolvimento da economia local e dos projectos (escola, juventude). Possibilidade extensão de 16 dias e visita a Patagonia	

Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas							
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)	atividades de socialização/encontros	Preço	Outras informações de interesse	
ALTER ENGA	Burkina Fasso – especial comércio justo	11/12 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 4 pessoas.	Centro Cultural Napam Beogo, albergue, Centro Saint-David em Banfora; Casas de Boromo	Aéreo internacional e autocarro	Possibilidade de avistar elefantes em Boromo, pois acampam regularmente nesta região	Visita a pé ao velho quarteirão Gounghin; um dia dedicado a Ouagadougou (monumentos, centro, mercados); espectáculo de teatro forum com jovens actores da companhia “Yaam Wékéré”; concerto num dos cafés cabarets de Bobo Dioulasso; Bobo Dioulasso (antiga vila colonial, considerada a capital cultural e artística de Burkina-Fasso); mesquita e o velho centro que circunda a ribeira dos peixes sagrados de Houet; dois dias em Banfora para descobrir o país Sénoufo e os seus atractivos naturais e turísticos: banho nas cascatas de Banfora; escalar os arcos de Fabédougou, os hipopotamos de Tengréla, etc (estas visitas podem ser feitas com “mobylette” que é ciclomotor semelhante à motorizada mas com algumas características de bicicleta; continuação da visita a Bobo-Dioulasso (mercado e no último serão nesta cidade o grupo é acolhido pela família Diarra, cantores e contadores reputados, numa noite de música africana totalmente autêntica e inesquecível).				Encontro com várias cooperativas em Ouagadougou com trocas/conversa com os seus cooperantes (Napam Beogo – dedica-se à criatividade e trabalho para os jovens e para os artesãos em situação precária nas áreas do bronze, batik, instrumentos musicais...); Centro Lukaré (centro de arte contemporânea cujo objectivo é a inserção e aprendizagem dos jovens em situação difícil na área da pintura, escultura, tecelagem, design, etc); Cores do Sahel (organização que participa na valorização do algodão biológico e justo para a confecção de produtos tingidos naturalmente: vestuário, artigos para a casa); cooperativa agrícola dos pomares da esperança de Orodara (Coopake); Borama: encontro com o escultor Bomaré e descoberta do centro criativo da associação das “Pessoas Grandes” com impressionantes marionetas gigantes; Bobo-Dioulasso: encontro com a Gafreh (reciclagem de sacos plásticos usados, os quais são lavados e posteriormente são trabalhados por um grupo de mulheres para criar diversos objectos: sacos, bonecas, etc) e a COFATEX (cooperativa de fabrico de vestuário e tecidos em algodão); Banfora: encontro com a UPPFL (cooperativa que agrega 4 grupos que trabalham a manga e o cajú; com os prémios sociais do comércio justo a UPPFL contribui para projectos sociais visíveis na zona de colheita e produção); Bérégadougou: encontro com a Wouol (associação cuja missão é contribuir à melhoria sustentável das condições de vida da população local pela protecção e valorização dos recursos naturais e culturais da região; cajú, mangas, ananás, etc); serão de convívio com os membros da Plataforma do Comércio Justo em	1095,00 € (sem aéreo) ou 1770,00 € (com aéreo). O preço considera 4 pessoas mas no caso do grupo ter mais pessoas o valor é reajustado exemplificando que com 8 participantes o preço por pessoa baixa 100,00 €	Parceria com a associação Napam Beogo (Plataforma Nacional do Comércio Justo no Burkina Fasso) que promove a criação e o trabalho dos jovens e artesãos em situação precária especializados no bronze, batik, instrumentos musicais... permite promover o trabalhos destes artesãos graças ao comércio justo, Napam Beogo é membro fundador da Plataforma Nacional de Comércio Justo de Burkina-Fasso desde a sua fundação junho 2010. Esta plataforma agrupa cerca de duas dezenas de organizações de comércio justo (artesanato, algodão, alimentar, cosméticos) e tem como objectivos a promoção, informação e formação
ALTER ENGA	Chile	14 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 a 4 pessoas.	hotel; casa de hospedagem; refúgio; bungalows; casa de famílias	aéreo internacional, aéreo nacional, autocarro e barco	Encontro com a comunidade Huiliche de Huilino, caminhada em plena floresta virgem à descoberta de plantas medicinais e mágicas; Parque Nacional Chiloé – caminhada ao longo da costa selvagem do Pacífico; caminhada sem dificuldade ao longo da costa pacífica, onde se poderá observar a grande diversidade da flora assim como a fauna aquática desta costa totalmente selvagem do Chile (6 a 8h de caminhada fácil); passeio em caiaque no rio Chepu, um lugar insólito que testemunha o tsunami do século passado; em Chiloé passeio ao longo da costa Pacífica observando aves, golfinhos e outros animais.	Cidade Património da Humanidade da UNESCO – Valparaíso, museu de Pablo Neruda, porto, funiculares, centro cultural Cerro Alegre; Puerto Montt (porto e mercado de artesanato); costa do golfo de Ancud e das suas igrejas em madeira, Património mundial da Humanidade (UNESCO); Mawenkoen espectáculo sobre o tema da mitologia; cidade de Castro, com as suas casas «palafitos»; Cahuach: pequena ilha romântica e selvagem do golfo de Ancud, conhecendo os seus últimos habitantes avistando os picos com neve dos vulcões da cordilheira dos Andes; Achao: visita da mais antiga e mais bonita igreja em madeira do arquipélago de Chiloé, museu sobre a história da ilha e dos seus habitantes a Curaco de Velez.		Jornada dedicada à preparação do prato emblemático do arquipélago El Curanto, cujos ingredientes são: carnes, frutos do mar, batatas, plantas locais; a sua preparação permitirá a descoberta da ilha através das diversas actividades tais como a colheita de Naica, a pesca, o artesanato, etc; Ancud: recolha de frutos do mar e passeio sobre a praia, antes de degustar um magnífico prato de crustáceos locais à beira mar.	Encontro com duas famílias de artesãos apaixonadas por dois temas emblemáticos na ilha: a arquitectura naval e fabrico de bonecas em lã; quinta da Cecilia: descoberta das suas batatas multicolores, antepassados da batata europeia; o grupo vai juntar-se à associação de pescadores de Puñihui; estes pescadores, conscientes dos perigos da pesca para a biodiversidade, criaram uma associação de protecção e valorização do património natural seleccionando o turismo como nova fonte de receitas; com os pescadores descobrir-se-á a fauna marinha local: aves, otária, golfinhos, lontras do mar, pelicanos e uma grande variedade de outras aves marinhas (caminhada de 4 a 5h)	1629,00 € (sem aéreo). O preço base considera 8 pessoas, sendo inferior acresce um suplemento.	Em parceria com a associação TransHumans que luta pelo respeito e defesa das culturas tradicionais, designadamente indígenas. Uma importante parte dos recursos gerados nas viagens beneficiam a economia local e permitem financiar projectos comunitários. Mais de 2/3 do preço desta viagem destinam-se a remunerar os prestadores locais. Uma parte deste valor reverte directamente às associações e aos projectos locais. Parceria com o Conselho Geral de Finisterra. <b>Fundo Solidário de desenvolvimento 5% (sem aéreo)</b> do preço da viagem para projectos pedagógicos de educação para o meio ambiente para as culturas na América do Sul.	
ALTER ENGA	Mali	15 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.	hotel; tenda ou alojamento local	aéreo internacional, barco, autocarro e 4 x 4	Descoberta do meio ambiente de Diandassagou, falésia de Bandiagara, a falésia da face. Caminhada a partir de Enndé na qual os desportistas farão o percurso pelo alto do monte e no caso dos que não gostam muito ou não podem andar têm como opção o percurso pelo vale numa carroça de bois.	País Dogon: tradições e artesanato (cerâmica e metal); Bégnimatou, Dourou, Nombori e Sogou; aldeia de Tennie descobrindo os seus habitats, junto à falésia; casa da chefe espiritual, Hongon; vila santa de Djenné (ao sul de Mopti, lugar do Islão reputado em todo o continente Africano), com uma particular arquitectura nas casas e ruas; Nando (“a mesquita caída do céu”), Mogina (incluindo o mercado) e aldeia de Déguimbéré; cruzeiro de 3 dias no rio Níger e os seus efluentes, o que permitirá descobrir a intensa animação que reina nas suas bermas, com paragens em diversas aldeias e acampamentos nómadas descobrindo as diferentes etnias que cohabitam, como os pescadores Bozos e os tratadores Peuls; lago Debo; Sévaré.		Encontro e convívio com os membros da associação Dambé, descoberta das suas actividades quotidianas, mercado, artesanato, cozinha...; instalação na aldeia Diangassagou, no coração da comunidade agrícola Dogon, descoberta das actividades e das aldeias e arredores; 3 dias na aldeia de Enndé em contacto com as famílias e o seu quotidiano; uma manhã com a associação Dambé para continuar a conhecer as suas actividades e no final da viagem um serão surpresa com a associação Dambé.	895,00 € (sem aéreo); 1430,00 € e (com aéreo). O preço base considera 10 pessoas, sendo inferior acresce um suplemento.	2/3 do preço da viagem (sem aéreo) reverte para os prestadores locais. Outra parte do valor por pessoa (106,00 €), através da Alter Enga ou directamente, às associações e aos responsáveis dos projectos locais. Em média uma viagem com 8 participantes contribui para o trabalho de 25 pessoas.		
ALTER ENGA	Nigéria	7 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.	Hotel, alojamento local; bivaque; ecolodge	Aéreo internacional, autocarro e barco	caminhada de meio dia no parque W (maior reserva transfronteiriça de biosfera do mundo) e outro dia completo para a descoberta da fauna e da flora; Kouré: zona protegida com 250 girafas, em tempos ameaçadas.	Capital (Niamey); 2 dias de descida do rio, numa confortável piroga, com várias visitas e descobertas; ilha Lamentin, aldeias e mercados das proximidades, com especialidades e especificidades particulares (mel, jardins, peixes, artesanato...); Guémé.			695,00 € (sem aéreo); o valor do aéreo são cerca de 565,00 €. O preço base considera 6 pessoas, sendo inferior acresce um	parceria com a associação de salvaguarda das girafas do Níger e o zoo bioparque francês, zoo de Doué-la-Fontaine (Maine et Loire)		
ALTER ENGA	Roménia – entre Maramures e Bucovina	10 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín são 2 pessoas.	hotel; casa de família.	Aéreo internacional, autocarro e comboio	caminhada nas aldeias tradicionais nas redondezas de Poienile Izei; pequenas caminhadas nas redondezas de Manastirea Humor.	Cidade Cluj-Napoca: Teatro nacional, Ópera, a casa onde nasceu Matei Corvin e o castelo Banffy; Maramures com paragem em Baia Mare; Maramures: célebres igrejas de madeira, muitas património da UNESCO: Desesti, Budesti, Calinesti, Feresti, Giulesti; Sapanta conhecida pelo seu Cemitério Feliz, único no mundo pelas suas cruzes esculpidas em madeira e pintadas com muito humor; mosteiro de madeira de Peri, com uma torre de 75 m, tornando-o o edifício em madeira mais alto da Europa; Vadu Izei: Museu das Vítimas do Comunismo e da Resistência a Sighetu Marmatiei, museu numa das prisões políticas mais duras da Roménia, da década de 50, do século passado; Poienile Izei: passeio numa carroça de cavalos; igreja de madeira grega de leud, passagem por Pas prislop, o vale de Bristrita com paragem para observar as paisagens de montanha; Ciocanesti célebre pelos muros das casas que retomam os modelos que se encontram no vestuário de festas de Bucovine (flores, folhas de carvalho, etc); Manastirea Humor dia dedicado à descoberta de fantásticos mosteiros com frescos exteriores: Voronets, Sucevita e Moldovita (Património da UNESCO); jornada em Gura Humorului; jornada a Vatra Moldovitsa; paragem em Vatra Dornei, estação balnear muito conhecida e o <b>parque dos esquilos</b> .	Maramures uma manhã com curso de cerâmica com o artesão; visita aos ateliers de cerâmica de Margina; demonstração e estúdios subordinados às actividades tradicionais e ancestrais em Paltinu (a tecelagem e pintura de ovos, etc).	Descoberta da vida rural das aldeias tradicionais nas redondezas de Poienile Izei; encontro com o jovem grupo de espectáculos folclóricos da escola de Ciumurna.	995,00 € (sem aéreo); 1195,00 € (aéreo). O preço base considera 4 pessoas mas no caso do grupo ter mais pessoas o valor é reajustado exemplificando que com 6 participantes reduz 121,00 €.			
ALTER ENGA	Ghana-Burkina Fasso	15 dias	Desde 4 pessoas	Hotel ou albergue, Guest House; tenda (ar livre), casa de alojamento tradicional; refeições incluídas	Aéreo internacional e autocarro	o Ghana tem muitas facetas, as paisagens como a região da Volta: Amedzofe é a altíssima aldeia do Ghana, a Monte Gemi com a sua vista sobre o lago de Volta; o Tamalé e o parque nacional de Mole (elefantes), descoberta da reserva com uma caminhada; 3 dias de relaxamento, passeio na praia, banho... descoberta do acampamento, passeio na última floresta primária com as suas árvores medicinais; passeio à beira do lago Akwidaa.	Capital: praça histórica de Independance Square, o novo palácio presidencial “The Golden Jubilé” e às antigas casas coloniais; Techiman, aldeia de Larabanga (a casa dos árabes) e descoberta das mais antigas mesquitas da África Ocidental; aldeia sagrada de Boabeng-Fiema; Kumasi, a capital do comércio conhecida pelo seu mercado (o maior da África Ocidental); Golfo da Guiné, a Cape Coast e ao porto de El Mina, almoço na aldeia de pescadores de Busua, travessia da floresta tropical antes de chegar a Cape Three Points; porto de El Mina e Forte de Cape Coast; partida de Tamalé até ao Burkina-Faso, chegada à mítica aldeia do país Kassenna; 3 dias para visitar a concessão real, descoberta do meio-ambiente local a pé e em motociclo até à aldeia de cerâmica de Boungou, ao mercado de Guelwongo etc..		aldeia de Nkoranza para um encontro com os colaboradores do centro para crianças portadoras de deficiência; encontro com os habitantes de Cape Three Points.	1500€ / pessoa sem aéreo	Parecia com a ONG « Ghana Instinct » que preserva o património fora do turismo de massa.		



Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas				Preço	Outras informações de interesse	
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			atividades de socialização/encontros
ALTER ENGA	Roménia e Bulgária	12 dias	O nº máx não é indicado, o nº mín deve ser 6 pessoas.	Hotel; casas de famílias	aéreo internacional, autocarro e barco	Tulcea, cruzeiro de Sulina a Crisan acompanhando toda a vida do rio; durante dois dias: descoberta do Delta em pequenos barcos a motor com observação de várias aves e da flora da região, passando perto de aldeias piscatórias.	Sofia: visita à Catedral de Saint-Alexandre Nevski construída entre 1904 e 1912 pelo arquitecto russo Pomerantsev com a participação de mestres de obra búlgaros, russos, austríacos, alemães, italianos e checos; igreja de Sainte-Sophie, a partir do século XII, centro ortodoxo da Bulgária, devendo ser esta a origem do nome da cidade; Catedral Saint-Alexandre Nevski; Tchemi Vit localizada num lindo vale entre as montanhas dos Balcãs; mosteiro de Troyan (dito Troyanski) o maior mosteiro na cadeia dos Balcãs; Etara: aldeia-museu etnográfico situado na Bulgária, quarteirão da cidade de Gabrovo reconstituindo o habitat e artesanato tradicional local; Triavna cuja parte mais antiga (séc. XIX) está classificada como reserva arquitectónica; Elena, pequena cidade típica dos Balcãs reconhecida pela sua gastronomia e charcutaria com visita à fortificação de Tsarevets destruída pelos Ottomans em 1393, distinguindo-se o palácio real, várias igrejas e habitações; Arbanassi uma das joias do património búlgaro com as suas antigas casas do séc. XVII, igreja-museu da Natividade; capital da Roménia, Bucareste, intitulada “a pequena Paris” dos anos 30, Museu da Aldeia onde estão representadas muitas casas rurais de toda a Roménia; Palácio do Parlamento, um dos maiores edifícios do mundo, com uma superfície de 350.000 m2; Palácio do Povo, a igreja Stavropoleous, a antiga rua comercial Lipsicani, a Praça da Universidade, a avenida Calea Victoriei.				1280,00 € (sem aéreo); 250,00 € (estimativa aéreo). O preço base considera 6 pessoas. No caso do grupo ter mais pessoas o valor é reajustado.	parceria com Pan Travel e Accueil Paysans
DEPARTS	Benim	16 dias	Desde 3 pessoas	hotel; casa comunitária ou em famílias; residência; albergue	aéreo internacional, taxi, barco; autocarro	Passoieiro em piroga no lago Nokoué, aldeia lacustre de Ganvié, aldeia So-Ava: encontro com os seus habitantes e as casas palafitas; banho nas cascatas de Kota; caminhada no país Somba até à aldeia de Tedonte. No percurso descoberta da fauna e flora; Parque de Pendjari para observação de fauna junto aos pontos de água ao final do dia e antes do levantar do sol saída para descoberta da fauna selvagem, com possibilidade de observar elefantes, leões, crocodilos e diversas espécies da flora.	Aldeia Gbetagbo; vila Porto-Novo: capital política do Benim, museu dos Reis de Porto-Novo e audiência privada com o Rei Toffa IX; assistência a uma cerimónia de Vudu em Godomey, após a qual o chefe de culto Agbabo, responderá às questões do grupo; Ouidah: caminhada sobre os vestígios dos escravos até à porta do “Não regresso”; vila de Abomey procurando os símbolos da preservação das práticas de Vudu; palácio museu do poderoso reinado do Danxomé; audiência privada com o Rei Béhanzin Houedogni seguida de uma cerimónia em honra do grupo no palácio; jornada a Natitingou com visita ao instrutivo museu etnológico regional seguida de passeio no mercado local no qual podem ser adquiridos de objectos artesanais; passeio até Kouaba com visita ao mercado.	Visita a uma fábrica artesanal de ruo de ananás e prova.	Gbetagbo: um dos jantares será preparado com a família de acolhimento; em Dikouenteni preparação da refeição com as famílias de acolhimento, participação na vida da aldeia em função da estação do ano (trabalhos no campo, cozinha tradicional, fabrico de artesanato, trabalhos com palha, juncos para telhados ou outras finalidades, renovação de habitações, etc...); em Dikouenteni participação na vida da aldeia (trabalhos nos campos, trabalhos de ferragens; cozinha; fabrico de objectos usuais).	Apresentação às famílias de Gbetagbo, encontro com os habitantes no passeio e com as suas actividades; ao serão festa de boas vindas com música e dança; festa de despedida com os membros da associação parceira; serão com os habitantes com música e danças tradicionais; em Tedonte encontro com os seus habitantes. Em Dikouenteni, tarde partilhada com as famílias de acolhimento, preparação conjunta do jantar e serão com os aldeões, com jogos, música e dança; serão de despedida em Dikouenteni.	1600,00 € por pessoa (grupo com 5 pessoas); 1800,00 € para um grupo de 3 ou 4 pessoas	
DEPARTS	Bolívia	19 dias	informação indisponível	informação indisponível	aéreo internacional, aéreo nacional, autocarro e barco	Caminhada a la Escalera para observação de condores	Cidade de Santa Cruz de la Sierra; cidade Tarija; trajecto de Tarija ao vale dos Condores com visita de plantações em Rosillas; aldeia El Carmen; Potosi: mina de prata, Casa da Moeda e mercado; Salar de Uyuni, da ilha dos pescadores; La Paz: sítio arqueológico de Tiahuanaco; Copacabana à beira do lago Titicaca; caminhada de 4 h a 4000 m de altitude na Isla del Sol.	Visita a caves artesanais da aldeia El Valle de la Concepcion		em Tarija encontro com a ONG Educacion y Futuro, descoberta dos seus diferentes projectos; na aldeia El Carmen encontro com artesãos; serão musical em Rosillas.	2.800,00 €	
DEPARTS	Brasil	12 dias	informação indisponível	hotel	Aéreo internacional e autocarro (incluindo transporte público)	Caminhadas nas proximidades da praia da Trindade; quedas de água no sopé do pico da Bandeira, (o mais alto monte do Brasil).	Rio de Janeiro: bairros Flamengo, Copacabana e Ipanema (transporte público), Corcovado, museu de arte naïf, Urca Praia Vermelha, Pão de Açúcar (primeiro nível) a pé; Ouro Preto; mina de Pasagem e à vila de Mariana; centro histórico de Paraty; Rio de Janeiro: Santa Tereza; vida dos cariocas nas praias do Flamengo.	Visita de um depósito de café.		No Alto Caparaó encontro com a casa da criança.	2.300,00 €	
DEPARTS	Cambodja	18 dias	Máximo de 10 pessoas	escola da associação “Phare”	Aéreo internacional, autocarro, barco	Descida em barco no lago Tonlé Sap.	Visita nocturna à capital (Phnom Penh); palácio real e museu nacional; aldeia lacustre de Kompong Luong; Battambang, um dos seus mercados, o museu e alguns dos seus Templos; Siem Reap: templos de Angkor, cité khmère, passeio pela cidade, mercado e massagem para os adeptos; ainda em Siem Reap, visita aos artesãos de Angkor; mercado central de Phnom Penh, mercado russo e passeio sobre o Mékong; praias de Sihanoukville; parque aquático nacional do Ream.			Refeição num dos parcelos, a associação « Friend's » que trabalha na reinserção de crianças da rua.	informação não disponível. Viagem em Janeiro/ Fevereiro de 2012	
DEPARTS	Chile	22 dias	Máximo de 12 pessoas	hotéis; casa de família; alojamento comunitário e agroturismo	Aéreo internacional; autocarro e barco	caminhada e descoberta da cultura mapuche; caminhada no parque do vulcão; caminhada no parque nacional de Pumalin, aproximação ao vulcão de Chañem; caminhada em direcção aos glaciares e banho nas nascentes termais do parque Pumalin; parque nacional vicente perez rosales, vulcão Osorno e cascata de Petrohue.	Centro de Santiago: a Moneda, praça de armas, o mercado; Valparaíso; “Parque por la Paz” (em memória dos desaparecidos na ditadura), Bella Vista, Santa Lucia, jardim das esculturas.; Temuco, museu de história e cultura Mapuche; Villarica; Ancud, praia Mar Bravo e “ilha dos pinguins”; aldeias e igrejas de madeira - património mundial da UNESCO; Castro e parque natural, mercado de Puerto Montt, museu da colonização; passeio nos bairros de Santiago.			Encontro com os caçadores de ouro da costa oeste da ilha; em Temuco encontro com uma ONG que trabalha sobre os direitos do Homem; na comunidade Mapuche de Santa Maria caminhada para descobrir o ambiente mapuche ou as termas (em função da meteorologia); no lago Icalma, caminhada e encontro com os artesãos mapuches.	3.000,00 €	O fundo solidário desta viagem vai ser utilizado para microcréditos para as famílias mapuches que desejam instalar água quente em casa e para microcréditos para pescadores de uma aldeia destruída aquando do último sismo.
DEPARTS	Marrocos	11 dias	De 5 a 8 pessoas	refúgios; gîte	aéreo internacional, taxi, 4x4	Caminhada desportiva nas gargantas do Zat e descoberta dos douares (aldeias) do vale - encontro com os habitantes. 5h de caminhada; grande caminhada (cerca de 6h) em direcção aos altos planaltos; visita ao douar de Yikkis e das comunidades veraneantes; grande caminhada (cerca de 6h) em direcção a Ait Ali através de campos de pastoreio, quintas, lago e gravuras pré-históricas; caminhada de descoberta do vale cultivado de Ait Ali., os seus douars e os seus campos.	Noite em Marrakech; descoberta do souk de Larbaâ-Tighdouine; descoberta do vale de Ansa e das actividades dos habitantes; visita à casa berbère; descoberta do sítio pré-histórico de Warzast : 5000 anos de vida a mais de 2000m de altitude; aldeia dos oleirosde Talatst; souk de Tighdouine; Médersa Ben Youssef.			Encontro com a associação parceira “os Amigos do Zat”, com trabalho na área do desenvolvimento sustentável do vale.	1.000,00 €	
DEPARTS	Perú	12 dias	Máximo de 12 pessoas	alojamento comunitário ou casa de família	Aéreo internacional, autocarro, comboio e barco		Lima: centro histórico, associação Mano a Mano; Cusco; vale sagrado de Pisac, Olamtaytambo; Macchu Picchu; comunidade quechua de Santa Maria: viveiro de frutas, ilhas flutuantes; caminhada até Paramis, cerimónia à Pachamama; Lima: bairros próximos do oceano pacífico.			estada e convívio na comunidade quechua de Santa Maria	2.300,00 €	
DEPARTS	Senegal	15 dias	máximo de 8 pessoas	casa de famílias; albergue; acampamento criado pelo Oceanium (associação ecológica muito activa no Senegal)	Aéreo internacional; autocarro e barco	Caminhada à procura dos macacos, hienas.... em Keur Bamboung; passeio numa piroga para observação de aves (pelicanos, flamingos, talvez golfinhos, etc); caminhada na praia; passeio em carroça na reserva natural de Palmarin passando pela seca de peixes; descoberta de poços de sal e das colinas de Niassam; saída nocturna para tentar ver hienas; parque do Djoudj (3º parque ornitológico do mundo); sítio de protecção das tartarugas marinhas e terrestres de Noflaye; descoberta do lago e das actividades de recolha de sal.	Dakar: mercado, bairro e passeio pela praia; Toubab Dialaw, aldeia de pescadores à beira do Atlântico, lugar de dança africana e percussões, caracterizada pelas rochas vermelhas; paisagem de Siné Saloum; em Keur Bamboung (área marinha protegida) descoberta da fauna e flora com guia local; passeio em canoa através dos “bolongs” (canal de água salgada, característico das zonas costeiras do Senegal ou Gâmbia, perto de estuários); assistência à saída da missa em Fadiouth (ilha das conquilhas); visita à ilha e ao seu cemitério cristão-muçulmano com guia local; Samba Diallo: visita aos projectos solidários do parceiro « La Classe »; cidade de Saint-Louis; na ilha de Gorée procurando os vestígios da escravatura; passeio na ilha e banho; ilha N'Gor, banho e descanso.		Palmarin: praia, visita da aldeia, conversa com a comunidade; encontros e trocas de experiências com os instrutores, o chefe da aldeia e cooperativa de mulheres	1700,00 €, 1800,00 € em períodos férias escolares ou se o nº de participantes é inferior a 5		
DEPARTS	Nepal	16 dias	7 a 10 pessoas	casa de famílias	Aéreo internacional	5 dias de caminhadas a Este de Katmandu nas regiões de Ramechhap, Jarikot... Vista magnífica sobre a cadeia dos Himalaias, passagem por campos cultivados em terraços, as florestas, campos de arroz e colinas. Encontro de vários modestos mosteiros e de águas claras e límpidas para um bom banho; Chitwan: descoberta guiada a pé na reserva; descoberta das aldeias típicas Taru; caminhada na selvapa para descobrir a flora e fauna (ida e regresso de barco para uma maior aproximação às aves e crocodilos), visita da reserva nas costas de um elefante para aproximar os rinocerontes.	Kathmandu; Durbar Square: os seus templos seculares, sede do antigo palácio real, morada de Kumari (deusa viva); Swayambunath (templo dos macacos): um dos locais mais populares do Nepal. Descoberta da culture sherpa, newar, thami, tamang, yolmo (cultura antiga), majhi; D'Arubot; Dhulikhel; Bhaktapur: cidade newar preservada, fora do tempo e muito viva, classificada património mundial da Unesco; Pashupatinath: um dos locais mais importantes do hindu; Buda: um dos maiores locais sagrados do mundo, envolvido de numerosos mosteiros e lojas tibetanas; Patan: antiga capital Malla com numerosos templos e com arquitectura newar notável; visita do campo de artesanato tibetano de Jawalakhel; Bungamati: aldeia tradicional, rico em templos hindus, circundada de campos de arroz.			a partir de 2180,00 €		
DEPARTS	França – Alpes	7 dias	máximo de 8 pessoas	Gîte; albergue.	Comboio e autocarro	pequeno passeio no cume Bayard; passeio no vale de Champoléon com guia ornitológico; passeio em Papric, o vale das marmotas.	No lago de Serre-Ponçon existe a possibilidade de passeio a pé na barragem ou visita da barragem ou banho; abadia romana; forte de Montdauphin, seguida das minas de prata de Argentière, de Briançon e a Embrun.	Champoleon: atelier de Alexis Nouailhat (aguarelas), queijaria e produção apícola; Buech: produção caprina e em St Julien en Beauchêne uma produção de lã.		710,00 €		

## Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas				Preço	Outras informações de interesse	
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			atividades de socialização/encontros
ECOTOURS	Canadá – Quebec	10 dias	8 a 12 pessoas	Hotel; tenda	Aéreo internacional; autocarro; comboio; canoa; piroga	passeio em piroga no Lago Edouard e na ribeira Batiscan com guia local; passeio pedestre até à aldeia do Lago Edouard; observação da fauna e flora do Lago Edouard; caminhada no Monte Otis; descoberta de sítios naturais excepcionais a poucas horas da cidade de Quebec.	Montreal; centro histórico do Quebec.	Encontro com artesão local na aldeia do Lago Edouard; encontro com um produtor de frutos, com degustação em Monte Otis; visita a pequenos produtores locais (óleo de cânhamo, flores comestíveis, sabão artesanal, etc)			1790,00 € (acrescem 190,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Guatemala – nos vestígios do Quetzal	14 dias	8 a 12 pessoas	casa de famílias	Aéreo internacional, autocarro e barco	passeio matinal do lago Atitlan a 2500 m de altitude; descoberta das grutas de Candelaria; observação de fauna e flora locais	Vila colonial “Antigua”, antiga capital da Guatemala; San Juan, Totonicapan e Quetzaltenango; Mercado de legumes de Almolonga e pitoresco núcleo urbano Zunit; Mercado de Solola; Aldeias habitadas com os índios “Kekchics”; sítios arqueológico de Aguateca; Tikal.	visita às cooperativas de San Juan de la Laguna (no lago Atitlan)		encontro com famílias de “chicleros”	2550,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Nicarágua – no país dos lagos e vulcões	15 dias	8 a 12 pessoas	alojamento comunitário e casa de famílias	Aéreo internacional, autocarro e barco	passeio no “Cerro Negro” para apreciar a actividade vulcânica; paragem no vulcão Masaya; lagoa de Apoyo; descoberta da ilha Ometepe	Cidade colonial de Leon, antiga capital da Nicarágua. La Pita; Managua; dois dias de descoberta da região El Mombacho, Las Isletas, etc.		jornada ao ritmo da aldeia de pescadores Oscional.	Encontro com os pescadores	2490,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento. Na comunidade de Pita constituída de pequenos produtores de café organizados numa cooperativa, evidenciando-se a intercooperação nos meios de produção terras e cujas tomadas de decisão comuns, o envolvimento do responsável pela Ecotours neste país na comunidade foi essencial para a construção do alojamento comunitário para receber os turistas, permitindo igualmente aumentar as receitas da comunidade
ECOTOURS	Costa Rica e Nicarágua – o corredor ecológico	22 dias	8 a 12 pessoas	alojamento comunitário e casa de famílias	Aéreo internacional, autocarro e barco	2 dias no vulcão Arenal; parque natural do vulcão Tenório; ilha de Ometepe; caminhada no vulcão Mombacho; passeio de barco nas ilhas do grande lago, lagoa Apoyo; visita do vulcão Masaya; passeio a pé ou a cavalo em La Pita; passeio ao vulcão Cerro Negro	Capital (San José) e mercado de artesanato; Cidade colonial Granada			encontro com os produtores de ananás agrupados em cooperativa – Coop San Juan; visita dos projectos comunitários da comunidade La Pita – região de produção de café	2880,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Costa Rica- no país do ecoturismo	15 dias	8 a 12 pessoas	alojamento comunitário e casa de famílias	Aéreo internacional, autocarro e barco	vulcão Arenal, passeio no rio Celeste; passeio de barco com observação de aves na ilha de Chira e passeio de bicicleta; áreas preservadas da reserva natural tropical de Los Campesinos; parque marinho de Ballena, com possibilidade de observação de golfinhos e baleias; caminhada na zona de montanha e habitat do Quetzal em San Gerardo de Dota	Pequenas aldeias San Marcos de Cutris e Juanilama; Cartago, cidade que foi a antiga capital até 1823.			encontro com os membros da cooperativa Los Campesinos	2590,00 € - 15 dias e 2200,00 € - 12 dias (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Panamá – no coração da América central	15 dias	8 a 12 pessoas	informação indisponível	Aéreo internacional, autocarro e barco	jornada na ilha Grande (antiga fortificação para protecção do estuário) para apreciar a praia; descoberta do Parque Soberania, uma reserva natural localizada nas proximidades da capital; Vulcão Baru; visita à reserva natural de Cerro Punta (3000 m); passeio de barco na baía do Panamá	Capital, mercados de artesãos e canal de Panamá; excursão a San Lorenzo; vila portuária de Colon; San Blas, território das comunidades indígenas Kunas; El Valle; Vila de Boquette (onde se encontra um dos melhores cafés do mundo)			jornada com a comunidade índia da etnia Emberas	2.590,00 €	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	República Dominicana	15 dias	8 a 12 pessoas	casa de famílias; alojamento comunitário	Aéreo internacional e autocarro	passeio a pé ou a cavalo na zona montanhosa coberta pela floresta tropical, descoberta da fauna e flora; praia de Rincon; jornada de observação da fauna marítima, observação de tartarugas, iguanas e outras espécies locais	visita à capital (Saint Dominique – primeira vila colonial do continente americano); Salcedo, mercado artesanal e centro histórico.	descoberta de um projecto gerido pela comunidade da Playa de Rincon para a reintrodução de iguanas		Com pescadores descoberta de uma das raras praias preservadas – Playa Fronton	2490,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Venezuela	15 dias	8 a 12 pessoas	casa de famílias; alojamento comunitário	Aéreo internacional, autocarro e barco	Parque nacional da Sierra Nevada e a pequenas aldeias andinas típicas da região de Mérida; Pequena aldeia de pescadores, Chichiriviche, onde serão apreciados os recifes de corais e manguais, as praias de areia branca; Passeio de barco à descoberta de pequenas ilhas tropicais	Mérida, considerada a capital dos Andes venezuelanos.	visita a artesãos da região de Barquisimeto: cerâmica, instrumentos de música, redes (hamacas)		encontro com a Fundação Don Bosco; encontro com um produtor de açúcar de cana onde é possível acompanhar todo o processo de transformação.	2190,00 € - 15 dias; 1990,00 € - 12 dias (podem acrescer 110,00 € ou 230,00 € em função da data)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento. Projecto de desenvolvimento: existem várias regiões pouco acessíveis através de meios de transporte clássico. Assim, a Ecotours implementou um sistema de deslocação com mulas carregadas de livros, revistas e cadernos para levar às pequenas aldeias a leitura. Actualmente este projecto conta com o apoio da Universidade dos Andes, a Câmara da aldeia de Mucuchies e o parceiro local da Ecotours Caribana. A médio prazo prevêem dar cobertura ao
ECOTOURS	Equador	22 dias	8 a 12 pessoas	casa de famílias; alojamento comunitário	aéreo internacional, aéreo nacional e autocarro	Reserva biológica de “Los Cedros”; viagem a cavalo para ir ao encontro de produtores de café biológico; visita ao lago de Cuicocha e vulcão Cotacachi; águas termais de Cayambe-Coca; dois dias de banhos para apreciar as águas termais e paisagens	Centro histórico de Quito e linha imaginária da “Mitad del Mondo”; mercado indígena em Quito; Salinas de Guaranda – aldeia situada num magnífico vale dos Andes, a 3550 m de altitude – organizada em cooperativa, a comunidade vive da sua produção agrícola; Redondezas de Salinas de Guaranda e seu mercado; 3 dias para descobrir a região tropical de Tena; Aldeia de pescadores Puerto Lopez			encontro com os pequenos produtores de cacao e café do Vale de Manduriacos; encontro com actores do comércio justo em San José “Magdalena”, encontro com os habitantes de Salinas de Guaranda	2690,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Perú – a rota dos Andes	22 dias	8 a 12 pessoas	Pequenos hotéis; casa de famílias; alojamento comunitário	Aéreo internacional, autocarro e comboio	observação de mamíferos marinhos nas ilhas Ballestas; visita das ilhas de Amantani e Taquile; magníficas quedas de água das 7 Tinajas	Capital Lima; visita à Necrópole de Chauchilla; sobrevoo em avião sobre as linhas do deserto na região de Nazca (opcional); descoberta da vila e vista sobre o vulcão Misti situado 5825 m; Cordilheira até Chivay; Cruz del Condor e das aldeias nas proximidades; Vila de Cuzco: Praça central e ruas comerciais; Vale sagrado e fortificação de Ollantaytambo; Machu Picchu; Diferentes sítios arqueológicos de Vilcabamba	Fábrica de chá de Huyro em Quilabamba; visita da Hacienda Potrero, degustação de rum local.		visita aos projectos solidários e encontro com os parceiros locais em Cuzco	2950,00 € (acrescem 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento. Projecto de desenvolvimento: apoio às famílias para melhorar as condições de vida e receber os turistas e assim complementar as receitas da família; dois projectos de desenvolvimento que permitiram a famílias modestas de oferecer aos seus filhos o sustento escolar ou trabalhos práticos, trabalhando com a Associação dos meninos de rua “Llank’Anzwasí”

**Anexo XIII**

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas				Preço	Outras informações de interesse	
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			atividades de socialização/encontros
ECOTOURS	Bolívia – país das Aymaras	22 dias	8 a 12 pessoas	casa de famílias; alojamento comunitário; albergue.	aéreo internacional, autocarro e comboio	Parque nacional do vulcão Sajama; observação de lamas em liberdade; visita da Isla del Sol; descoberta da fauna e flora tropical do vale de Coroico	visita a Santa Cruz, cidade com mais população do país, descoberta da cidade colonial e das suas ruelas; visita de Sucre, vila histórica de muros brancos; visita da vila situada a 4070 m, cujas minas de prata produziram riqueza; visita do deserto de sal e das lagoas de Uyuni; visita ao Salar de Uyuni com membros da comunidade "Nuestras raices"; visita à capital – La Paz		jornada com a comunidade de Yatun Yampara trocas e actividades com os habitantes	descoberta da cultura Tiwanaku, esta desenvolveu-se na região do lago de Titicaca	2690,00 € (acresce 230,00 € época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Argentina	20 dias	8 a 12 pessoas	pequenos hotéis; alojamento comunitário	aéreo internacional, autocarro	passeios entre lagoas e lagos de Ibera, observação da fauna local: caimões, veados, capivaras, tatus; Cataratas de Iguazu (lado da Argentina e lado do Brasil); passeio a cavalo em San Lorenzo.	A capital (Buenos Aires) e seus diferentes bairros; Aldeia de Colonia Pellegrini situada na reserva natural de Los Esteros de Ibera; Vila Mercedes; passeio à volta das antigas missões jesuítas – San Ignacio; Vila Salta; Paisagens dos vales de Calchaquies e dos habitantes de Alfarcito; Aldeia indígena Cachi; Nubles – Puna – Purmamarca Salinas Grandes.			encontro com a comunidade Guarani	2.990,00 €	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Irlanda	8 dias	8 a 12 pessoas	gîtes	Aéreo internacional e autocarro	caminhada no vale de Imaal, atingindo o pico mais alto de Wicklow, situado a 930 m de altitude (6 h de caminhada); montanhas de Derrybawn e Cullentragh, vista panorâmica do vale de Glenmalur, direcção aldeia de Laragh (4 h caminhada); caminhada de aproximadamente 6 h na região montanhosa das "Brown mountains"; caminhada de 5h30 na "Djouce Mountain" na região de Wicklow a 725 m de altitude; caminhada de 6 h nas montanhas de Kippure e rio	Aldeia de Glendalough que significa "o vale dos dois lagos", mosteiro fundado no séc. VI, lago "Upper Lake" (3,5 h de caminhada)				1280,00 € (acresce 110,00 € época alta)	45,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	Espanha – caminho andaluz	8 dias	8 a 12 pessoas	informação indisponível	Aéreo internacional e autocarro	visita ao deserto de Tabernas, caminhada nas suas gargantas e Sierra Nevada	Aldeia de Pampaneira, artesanato local em pele e tecidos típicos de Alpujarras; Palácios e jardins de Alhambra; quartirão de Albaicin com as suas ruelas, pátios floridos (arquitetura muito particular).			encontro com artesãos em Nijar, pequena vila situada no sopé da Sierra Alhambra; encontro com um pastor da aldeia de Capileira que acompanha o grupo numa caminhada nesta área protegida.	1.290,00 €	45,00 € para o Fundo de Desenvolvimento
ECOTOURS	México – sobre os passos do comércio justo	15 dias	8 a 12 pessoas	hotel, casa de família, casa de acolhimento, casa comunitária, alojamento na aldeia; Refeições incluídas	Aéreo internacional; autocarro	caminhada até San Antonio Arrazola (concepção dos bonecos de sonhos); caminhada até Chayotepec (aldeia do café), caminhada na montanha, observação das diferentes espécies de animais da região, descoberta das ervas medicinais	Sítio arqueológico de Teotihuacán (a maior cidade construída na história da América Latina), foi lugar de culto; museu nacional de Antropologia (história pré-colombiana do México); Zocalo (uma das maiores praças do mundo, construída com pedras do "Templo Mayor" (capital Azteca); catedral do México e Palácio Nacional (decorado com frescos do pintor Diego Rivera, contando a história do povo mexicano); Oaxaca (foi o centro da cultura Zapoteca); Puebla (cidade classificada pela UNESCO), ateliers de cerâmica; Oaxaca - visita à cidade; sítio arqueológico de Monte Alban, antigo convento "Cuilapam de Guerrero"; centro histórico de Oaxaca, museu, jardim, feira, mercado; descoberta da maior árvore do mundo (50 m de diâmetro), a árvore de "tule" terá 2000 anos; aldeia Mitla; Huatulco, pequeno porto de pesca	"Teotitlan del Valle", aldeia conhecida pelo fabrico de tapetes de lã tingidas com cores vegetais; destilaria especializada na produção de Mezcal (licor proveniente do agave); melhor conhecimento do comércio justo; visita às hortas e cortijos, degustação de mel; cooperativa UCIRI, armazém de café, seguindo-se a sua classificação, secagem e embalagem; Ixtepec o café é torreficado e embalado em função da qualidade; visita ao centro mexicano da tartaruga em Mazunte; piscicultura.	Preparação das tortilhas de milho para o jantar.	Descoberta do quotidiano dos agricultores, descoberta do processo do café.	2650,00 € (acrescem 230,00 € em época alta)	70,00 € para o Fundo de Desenvolvimento. Em termos de projecto de desenvolvimento no México, a Ecotours tem como responsável desde 2008 o Roberto que até ao momento foram: na comunidade Laguna Kana situada na península de Yucatan, financiaram material médico de primeiros socorros e, designadamente, um equipamento de assistência respiratória indispensável às pessoas de idade ou grávidas habitantes que se encontram a quilómetros de distância de um hospital. A Ecotours criou um financiamento sob a forma de micro-crédito com taxa 0% para as famílias que desejavam melhorar as suas habitações e poder assim receber os turistas. Estes trabalhos permitiram melhorar o bem-estar quotidiano das famílias mas também a gerar receitas complementares.
E Changeons le Monde	Índia – de Calcutá ao Sikkim até ao Taj Mahal	24 dias	2 a 12 pessoas	Hotéis; tendas e casa de família	Aéreo internacional, autocarro, comboio	Caminhada de Yaksum a Tshoka (3000m); Tsokha a Dzongri (4030m); jornada de climatização a Dzongri com uma saída cedo para admirar o nascer do dia em Kangejunga; nova etapa: Dzongri a Thangsing (3880m); Thangsing a Lamuney (4300m); jornada de subida ao Goechala a 4910m muito cedo de manhã seguida da descida no mesmo dia até Thangking; Thangking a Tshoka; Tshoka a Yaksum.	Calcutá: Victoria Memorial e museu, travessia da cidade velha em Rickshaws; missão da Madre Teresa com possibilidade de conhecer um dos seus orfanatos, Darjeeling, antiga colónia britânica, uma fábrica de chá e museu de alpinismo; campo tibetano e actividades de tecelagem; passeio entre Darjeeling e Yaksun numa jornada em jipe; travessia dos jardins de chá e entrada no estado de Sikkim até à ponta da pista do santuário muito fechado de Kangchenjunga; cidade de Varanasi, o berço da Índia, a pé e de barco; sítio budista de Sarnath, assistência a uma cerimónia de oferendas ao rio sagrado; manhã a beira do rio, com possibilidade de visitar uma fábrica de seda; saída de Deli em jipe até Agra para visitar o Taj Mahal; capital imperial do Império Moghol de 1571 a 1584, Fatehpur	dois dias de partilha de tarefas da família de acolhimento (recolha de plantas medicinais na floresta, recolha de cardamomo; cursos de cozinha com a família)	Nos dois dias de partilha de tarefas com a família de acolhimento também se proporcionará o encontro com a respectiva comunidade	2.740,00 €		
E Changeons le Monde	Marrocos	8 dias	2 a 12 pessoas	casas de família, casa berbere, bivaque sob tenda	Aéreo internacional e autocarro	Caminhada entre Ait Tamlal e Assaghan (3h30) com guia e burros, com passagem numa floresta de "arganeiros"; caminhada entre Assaghan e as dunas de Sid Ahmed (4h); caminhada entre Sid Ahmed e Taboulawann't (4h30); caminhada entre Taboulawann't e Sidi kaoki (3h).	visita a Ait Tamal, às suas praias perto das falésias, com possibilidade de banho.	Em Ait Tamal visita às actividades da aldeia: produção de óleo de argan e pesca.		770,00 €		
E Changeons le Monde	Mauritânia	8 dias	4 a 15 pessoas	albergue, bivaque	Aéreo internacional e autocarro/taxi	6 dias de caminhada num dos maiores desertos do mundo, Vale Branco, conhecendo e partilhando o modo de vida do povo nómada Tuareg (passagem por pequenas aldeias dispersas no vale, Mont Chatou el Kbir, oásis de Toungad, Chatou Es-Ghir, Guelb el Maarad, Oued de Tirebane, Aoujeft, Oudei, Atar ou Azoughli).				1.095,00 €		
E Changeons le Monde	Senegal	8 dias	2 a 14 pessoas	Hotel e acampamento privativo	aéreo internacional, taxi		Aldeia de Ndoffane; jornada na aldeia de Limane com um passeio a pé ou em carroça de 1,5 km ao longo do braço de mar, visita da aldeia, os campos, a organização das habitações familiares, descoberta das tradições locais; no regresso a Dakar possibilidade de paragem a Kaolack, aldeia artesanal e visitar o mercado; dependendo da hora do voo de regresso possibilidade de visitar a Ilha de Gorée.	Ndoffane: escola, agrupamentos femininos de transformação da castanha do cajú e de produção de compotas; Diambang: visita aos viveiros de ostras, as plantações, casa de extração de mel de árvores tropicais; Badoudou: campos de hortaliças das mulheres, o atelier de tintura tradicional, pomares, plantações de palmeiras e demonstração da colheita de vinho de palma; forno para pão.		Em Ndoffane encontro com o chefe e os habitantes da aldeia sob a árvore dos encontros; refeição na aldeia de Limane, chá tradicional e jogos; jornada em piroga nas ilhas de Saloum, animações e visitas a Fambine, forno comunitário, estaleiro de pirogas, secagem de peixe, observação de aves; Ndoffane: refeição numa família, trocas de histórias da aldeia, das modalidades de gestão da comunidade; Diambang: conversa com o chefe da aldeia sobre a estratégia de desenvolvimento da aldeia e sobre as novas produções locais implementadas, designadamente com a cooperação japonesa; Badoudou: conversa com a parteira da aldeia, refeição numa família da aldeia, seguida de chá e jogos tradicionais.	1.165,00 €	
E Changeons le Monde	Ucrânia	8 dias	2 a 12 pessoas	casa de famílias e escola hoteleira de Kiev	aéreo internacional, minibus e automóvel		Jornada completa dedicada a Kiev, berço de uma das mais antigas civilizações do mundo, a dos ortodoxos eslavos; a catedral St-Volodymyr (séc. XIX), as catedrais de Ste Sophie e St-Michel; igreja de St-André que sobranceia o bairro mais antigo comercial de Kiev; possibilidade de visitar a casa dos quimeras utópicos; aldeias: a Câmara Municipal, a igreja, as escolas, o club,... descoberta de Radomyshl, o museu da cultura regional, o museu da floresta e das cabanas e o futuro museu dos "icónes – pintura sobre madeira de Cristo, da Virgem ou dos seus santos- igreja oriental"; jantar tradicional com o coro feminino Velyka Ratcha; jardim botânico de Sofievka na cidade de Uman; a joia verde da Ucrânia, passeio de barco, visita das ribeiras subterrâneas num barco.			Contacto com a vida tradicional rural com a descoberta da vida familiar (cozinha de verão), o estábulo, o palheiro, os animais, o jardim e os campos; possibilidade de participar num curso de cozinha tradicional; passeio junto à floresta sobre as margens de Teteriv, com os habitantes da aldeia, em carroças puxadas por cavalos; participação nas actividades quotidianas da vida rural Ucrâniana: cuidar dos animais, ordenha das vacas, visita aos pastores nos pastos, participar nas actividades sazonais, possibilidade de uma sauna tradicional.	1.237,00 €	

Annexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	Atividades incluídas				Preço	Outras informações de interesse	
						natureza	visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			atividades de socialização/encontros
E Changeons le Monde	Vietname – caminhada de Phu Luong à Baía de Halong	16 dias	2 a 12 pessoas	Hoteis; casas de famílias (palafitas); barco tradicional (veleiro)	aéreo internacional, automóvel	Caminhada de 5 dias até à reserva de Pu Luong; caminhada e descoberta de paisagens de montanhas e de arrozais, habitadas por etnias Thai e Muong; visita ao Parque Nacional de Cuc Phuong; visita ao centro de ajuda aos primatas em vias de extinção.	Hanoi: descoberta a pé do bairro dos 36 “guildes”, museu etnográfico e espectáculo de marionetas sobre água; templo de Tay Phuong, vale de Mai Chau, passeio nos arrozais; Van Long: passeio num barco tradicional; cruzeiro num barco tradicional a vela na baía de Halong e do Bai Tu Long; aldeia da ilha de Quan Lan; gruta e aldeia flutuante.				2.098,00 €	
TADDART	Albânia	15 dias	10 pessoas (mínimo 4 pessoas)	Hotel familiar e casa de alojamento. Alojamento familiar; Refeições incluídas	Aéreo internacional e autocarro	caminhada (2/3h) na montanha até Lekas; Caminhada nos Alpes Albaneses até Nikolij;	Cidade de Pogradec e da aldeia de Lin; Mosteiro ortodoxo San Prodhrome; Aldeias típicas de pedras (Dharde, Sinice e Rytëse) e à igreja; Castelo, partida para o sítio arqueológico de Butrintia na riviera albanesa até Vlora; Bérat (cidade museu com casas brancas); Mosteiro de Ardenica; visita à cidadela, artesanos, museu medieval Stranderberg e museu da cultura popular.	descoberta do fabrico da aguardente de cornouiller,			Preço sem voo 1100€ (10 pessoas); 1300€ sem voo (6 pessoas), preço voo à partir de 395€	Parte do preço da viagem destina-se a apoiar projectos de interesse colectivo, destinado principalmente aos pobres. Os projectos apoiados são propostos pelas cooperativas ou associações da comunidade.
TADDART	Burkina Faso	11/12 dias	6 a 10 pessoas	Hotel; acampamento com tenda dupla; refeições incluídas	Aéreo internacional e autocarro		durante 5 dias, visita a várias aldeias, com caminhadas diárias de 5 horas, encontrando várias culturas e modos de vida do povo Kasena; aldeia de mineiros em Tangassogo; Feira de Guelwongo perto do Ghana; subida ao pico de Naouri; regresso a Tiebélé para uma noite festiva;				Preço : 730€ /11 dias sem o voo (750€)	Parte do preço da viagem destina-se a apoiar projectos de interesse colectivo, destinado principalmente aos pobres. Os projectos apoiados são propostos pelas cooperativas ou associações da comunidade.
TADDART	Mali – o rio Níger	8 dias	3 a 10 pessoas	casas de famílias e hotel	Aéreo internacional, transfert terrestre e barco	Constituído por uma vasta planície onde se entrecruzam inúmeros braços secundários, charcos e lagos, abriga e nutre os pescadores Bozos e os criadores Peuls. Nesta região a fauna é particularmente rica, os hipopótamos cohabitam com rapinas e sobretudo límicolas. Passeios pedestres e em “pinasse” (piroga comprida coberta) proporcionam a descoberta deste sítio notável. Cruzeiro em pinasse até Komio, pequena aldeia de pescadores e agricultores das bermas do	Após o regresso em cruzeiro de Komio até Mopti, visita a esta última que é uma vila muito animada, com várias propostas de passeio: vários portos, bela mesquita de terra, bairros antigos, bairro Peul....	Komio: aprendizagem de várias técnicas de pesca.	Komio: semana a partilhar as tarefas quotidianas da aldeia e da associação.	Em Komio recepção pela associação de entreejada feminina « Wafakou Tabou » (cuja tradução é: a união faz a força). Alojamento durante toda a semana em casa da presidente. Os membros da associação proporcionarão a descoberta da aldeia, o encontro com o seu chefe. Passeios em piroga nas aldeias vizinhas (belas mesquitas e arquitectura em terra)	Sem aéreo: 470,00 € - grupo de 8 a 10 pessoas; 530,00 € - grupo de 6 a 7 pessoas; 630,00 € - grupo de 3 a 5 pessoas; preço do voo a partir de 650,00 € (saída de Paris)	
TADDART	Marrocos – cidades imperiais	9 dias	a partir de 2 pessoas	casa de família; casa de hóspedes	aéreo internacional e transporte terrestre	rio Níger.	Fès, Marrakech, Mekhnès et Rabat são antigas cidades fortificadas. O seu património arquitectónico, cultural e artístico complementa-se pois cada uma destas cidades foi fundada por grandes famílias árabes ou berberes, que ao longo da história, as fizeram a sua capital. Propõe-se a descoberta original e autêntica das cidades imperiais de Marrocos, cujo alojamento e transporte foram programados assegurando um contacto constante com os seus habitantes, as paisagens e a história do país. A estada conta com 3 noites em Marrakech, 3 em Fès e 2 em Rabat. Para além das cidades imperiais inclui a visita a Volubilis, o sítio romano do país, que data do último século AC, foi uma das residências do príncipe Juba II, marido de Cleopatra e homem de grande cultura grecolatina.				480,00 € (sem aéreo); voo desde 250,00 € partida de Paris	
TADDART	Equador	16 ou 22 dias	a partir de 2 pessoas	Hotel; hostel; alojamento casa comunitária; bungalow da comunidade; alojamento casa de montanha	Aéreo internacional e autocarro	reserva biológica “ Los Cedros”, subida até Magdalena Alto em transporte local (passeio de mula ou a pé até à reserva), alojamento na reserva; visita da reserva para descobrir a fauna e a flora; descoberta do lago Cuicocha, cratera do vulcão Cotacachi; Salinas de Guaranda, paragem num restaurante típico, no percurso possibilidade de ver mais de 11 vulcões; paragem em Salinas, perto do pico Chimborazo, no Equador a 6310m de altitude.	visita à Mitad del Mundo e seu museu etnográfico, passeio em Quito colonial e suas feiras; cidade termal, Baños (1800m) ao pé do vulcão Tungurahua; Cascata “El Pailon del Diablo”; Feira de Inaquito; Salinas: visita à feira local	vale de “Los Manduriacos”: visita da pequena empresa familiar; San José de Magdalena: visita às empresas comunitárias e do comércio justo; Téna na Amazônia: passeio e descoberta das plantas medicinais.	vale de “Los Manduriacos”; banho no rio, actividades desportivas com os habitantes; Vale de Intag: encontro com uma associação de mulheres, El Rosal (fabrico de sabonetes com aloe vera); noite festiva (música, dança); Salinas: encontro com os habitantes da aldeia comunitária; Téna na Amazônia: convívio com a família de acolhimento;	Preço : 1120€ /16 dias sem o voo (1150€)	Circuito proposto pela Casamence Horizon e 6% do preço proveniente das viagens são redistribuído para os projectos de desenvolvimentos locais, possibilidade de uma extensão de 7 dias.	
TADDART	Espanha	9 dias	a partir de 2 pessoas	Casa rural em regime de meia pensão nas montanhas, e hotéis em Granada	Aéreo internacional e autocarro		As viagens propostas são viagens de liberdade e de descoberta sem guia. Chegada a Granada, visita a Alhambra, autocarro até Busquistar (3h), rota de Bubión-Capileira, visita ao museu, regresso de autocarro até Busquistar; várias propostas de rotas.				Preço sem voo : 640€/p; 2/3p : 590€; Transporte : Voo Paris/ Granada a partir de 300 €	Circuito proposto pela Casamence Horizon e 6% do preço proveniente das viagens são redistribuído para os projectos de desenvolvimentos locais, possibilidade douro circuito.
TADDART	Países Baixos – As pérolas dos Países Baixos: as ilhas do Norte	8 dias	12 a 20 pessoas	barco	comboio ou aéreo, comboio e barco		Proposta de viagem na zona pouca profunda do mar dos Países Baixos, a sua maior reserva natural, onde a terra, o mar, os pescadores, as focas e as aves cohabitam. Navegar no mar de Wadden e percorrer a zona ocidental do arquipélago Frison em bicicleta. Chegada de barco a duas das mais belas ilhas do arquipélago, Texel e Terschelling, assim como na ilha de Wieringen. Passeios de bicicleta nas florestas, dunas, aldeias, portos. Cada ilha tem a sua história, ambiente e especialidades culinárias. Possibilidade de realizar um a dois passeios de bicicleta em cada ilha, com opções de mais longos ou mais curtos ou ainda optar por passeios à beira-mar ou visitar as proximidades.				cabine para 2 pessoas a partir de 785,00 €/pessoa; comboio ou avião até Amsterdão + comboio + barco para chegar a Stavoren a partir de 250,00 € (partida de Paris)	
TADDART	França – Paris alternativo	4 dias a 1 semana	2 a 10 pessoas	Maison d’hôtes eco-responsable. Disponibilidade de outras opções, em Paris ou redondezas (acessíveis de metro).			Visita a pé dos bairros menos conhecidos dos turistas aquando do passeio urbano e comentado por um «acompanhante revelador do bairro». Descoberta da alma e atmosfera de um bairro no encontro com os seus moradores. Passeio de barco no Sena descobrindo de forma original o centro de Paris, romântico e pitoresco. Passeio guiado a Paris de bicicleta para perceber a sua história e as suas histórias, utilizando um meio de transporte simples, lúdico e ecológico. Possibilidade de propor temas para grupos atendendo os respectivos interesses (ex: cozinha, cultura, história, eventos, associativo, economia solidária....).				individuais estada livre – 4 dias a partir de 245,00 €/pessoa (considera min 2 pessoas); grupo de 10 pessoas – 4 dias a partir de 385,00 € (para além dos serviços incluídos nos individuais inclui ainda a meia pensão, o Batobus e acompanhante)	
TAMADI	Índia – o coração da Índia	15 dias	4 a 8 pessoas	Hotel; casas de famílias	aéreo internacional, transportes públicos, comboio, taxi, jeep, autocarro, carroça e rickshaw		cidade de Gwalior e sua cidadela; Orchha, possibilidade de ver algumas belas pinturas murais da escola rājpute dos Bundela; visita do Taj Mahal a Agra; visita a Deli.	Jaura descoberta das actividades do centro Mahatma Gandhi Seva		Numa das aldeias de Gwalior descoberta das suas actividades e das famílias; participação nas actividades quotidianas; Katni: actividades do centro MJVS (agricultura biológica, plantas medicinais, compostagem, plantações de manga, goiaba, etc; actividades sociais; formação de líderes de comunidades em quatro regiões Katni, Dingori, Manda e Baghat, ou seja 255 aldeias); descoberta das actividades e famílias de uma aldeia da região de Katni, participação nas tarefas quotidianas (opcional).	735,00 €, por pessoa, sem aéreo (suplemento de 20% para grupos de 2 pessoas e de 10% para 3 pessoas). Transporte aéreo a partir de 450 € Fora dos períodos escolares	Quase todas as aldeias visitadas são Adivasis; os Adivasis são populações tribais originais da Índia; vivem principalmente da agricultura e dos recursos da floresta (plantas medicinais...); a maior parte dos Adivasis têm dificuldades para obter um título de propriedade da terra que cultivam há várias gerações.

## Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	natureza	Atividades incluídas			Preço	Outras informações de interesse	
							visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			
TAMADI	Madagascar – Mafane/Menabe	15 dias	4 a 7 pessoas	casas de famílias, hotel; bivaque	Aéreo internacional, transportes públicos e privados: piroga, carroça, automóvel, mini-autocarro, taxi	Caminhada no parque nacional dos Tsingy (património mundial da UNESCO desde 1990)	Cidade de Antsirabe (situada a 1500 m de altitude, anteriormente designada a “Vichy Malgache” devido às numerosas nascentes termais exploradas durante o período colonial, actualmente é um centro económico muito importante. A associação Fekritama tem 14 membros criadores, cultivadores e produtores de queijo); Miandrivazo; passeio em piroga durante cerca de 3 dias no rio Tsiribihina; no trajecto até Mahabo, descoberta da célebre passagem dos baobabs; descoberta da cidade de Morondava (cidade da costa ocidental, povoada pelas etnias Sakavala e Vezo, cuja actividade principal é a pesca); descoberta da cidade e dos mercados artesanais de Tana.	Ashram (criado em 1965, com diferentes actividades económicas; tecelagem artesanal do algodão, apicultura, compotas, frutos secos);		Em Antananarivo a associação Fekritama recebe e apresenta a estada aos viajantes. Em Antsirabe encontro com a associação anfitriã; descoberta das actividades da associação rural de Antsiraraka;	750,00 €, por pessoa (sem aéreo) (suplemento de 20% para grupos de 2 pessoas e de 10% para 3 pessoas). Transporte aéreo a partir de 850,00 € fora dos períodos escolares.	
TAMADI	Mali – KénéDougou Moussou	15 dias	4 a 7 pessoas	Hotel; casas de famílias; acampamento	Aéreo internacional, transferes em transportes públicos, seja autocarro, mini-autocarro, taxi e carroça.		Descoberta de Ségou, visita a um atelier de Bogolan (arte popular); passeio em carroça de Koutiala a Kaniko; passeio em carroça até à aldeia vizinha de Kaniko, descoberta desta aldeia; descoberta da aldeia de Sikasso; descoberta de Bamako: mercados e ao museu nacional.		Kaniko: dois dias de participação nas actividades quotidianas das mulheres da Ouélo (dependendo da estação pode ser na transformação do karité ou trocas de práticas culinárias); iniciação à cozinha do Mali; Farakala: descoberta das actividades das mulheres e participação nas actividades da OP- UFCE (União das Mulheres da Comunidade de Farakala) com 1200 associadas, cujas actividades são: agricultura, gestão de um moinho, alfabetização, produção de manteiga de karité e sabão.	Kaniko: encontro com a associação anfitriã, Ouélo, uma organização rural feminina com cerca de 130 membros; estas mulheres trabalham na agricultura ( legumes),na produção de sabão e de manteiga de karité; da reflorestação, têm igualmente inúmeros projectos: alfabetização, loja par venda dos seus produtos e , desenvolvimento da produção de manteiga de karité; Sikasso: encontro com de mulheres especializadas na transformação de produtos agrícolas;Dounkafaton: descoberta do acampamento que as mulheres desta comunidade construíram e das suas actividades durante 2 dias; encontro com os Bozos vizinhos (pescadores) .	725,00 € por pessoa (sem aéreo), suplemento de 20% para 2 pessoas e de 10% para 3 pessoas; transporte aéreo a partir de 550,00 € (fora da época de férias escolares)	
TAMADI	Sahara	11 dias	4 a 8 pessoas	casas de famílias (num acampamento de refugiados);	aéreo internacional, autocarro e automóvel		Rabuni e acampamento 27 de fevereiro; descoberta do sítio de fosséis e do sítio arqueológico “Sluguete Laawage”; sítio arqueológico de Rguiez que se encontra no coração de uma pequena cadeia montanhosa da região Tifariti, nos territórios libertados, onde se podem encontrar numerosas pinturas rupestres.			Os acampamentos de refugiados sahraouis foram constituídos em 1975 no sudoeste da Argélia pelos cidadãos sahraouis que fugiam da invasão militar Marrocos-Mauritânia no seu país, o Sahara Ocidental. Com uma população aproximada de 150.000 refugiados subdivididos nos 4 grandes acampamentos (que têm o nome das vilas do Sahara Ocidental; El Aaiun, Ausserd, Dakhla e Smara) e vários pequenos acampamentos, entre os quais o “27 de fevereiro”, o qual foi criado na década de 80, do século passado, o qual inicialmente se destinava à formação profissional das mulheres sahraouis e hoje reúne milhares de pessoas; estada e descoberta das actividades das associações e instituições de Willaya de Dakhla (a associação “Boasil I salam” acolherá o grupo na estada em Dakhla; várias associações de jovens refugiados organizam-se com o objectivo de ajudar os compatriotas, implementam campanhas variadas, como sejam, de higiene, conservação do meio ambiente, manutenção das escolas, das instituições, mas também das casas dos refugiados idosos,...; participam igualmente na organização de eventos culturais e desportivos nos acampamentos); serão de convívio nas dunas em Dakhla; jornada no acampamento nómada, descoberta das actividades familiares.	590,00 € por pessoa, sem transporte aéreo; transporte aéreo a partir de 480,00 €.	
TAMADI	Turquia	10 dias	5 a 8 pessoas	Hotel; casas de famílias; bivaque	aéreo internacional,aéreo nacional, transportes públicos, autocarro, carroça	Caminhada através dos «yaylalar», pastos dos Altos planaltos, momento ideal para descobrir a riqueza da biodiversidade desta região; passeio em carroça ou a pé até Susuz; na reserva de Kuyucuk, descoberta do lago e da reserva ornitológica.	Moinho de água; Ani.		Bogatepe: descobrir e partilhar as tarefas quotidianas dos anfitriões (produção de queijos, recolha de feno, iniciação à cozinha turca; confecção de pães, jardinagem, plantas medicinais.... os mais novos poderão partilhar as actividades das crianças, especialmente no verão: passeios numa carroça puxada por um burro, acompanhamento dos pequenos pastores nos pastos que circundam a aldeia; pesca; recolha de sementes.	Bogatepe: encontro com os membros da associação (Bogatepe situa-se no coração de um vasto planalto do Cáucaso Anatólio, altitude de 2200 m; esta aldeia tem 450 habitantes no inverno e 1000 no verão, é composto por famílias georgianas, kurdas e turcas); descoberta das actividades da família, da aldeia e da associação; em determinadas épocas podem participar nas animações culturais da aldeia, festas, espectáculos, ,vai ser também com muito orgulho que os anfitriões vão fazer descobrir os produtos do território; encontro com famílias curdas na aldeia de Keçili.	795,00 € (sem transporte aéreo), desconto de 20% sobre o preço do circuito para cada criança com menos de 12 anos, acompanhada de pelo menos um adulto; transporte aéreo a partir de 350,00 €, fora da época escolar	
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Marrocos	8 dias	4 a 12 pessoas	chambres d’hôtes ou gîtes familiares	aéreo internacional, minibus ou 4x4	Caminhadas acessíveis.	aldeias berberes da planície de Souss e das montanhas de Anti-Atlas, região preservada e rica em tesouros culturais e ecológicos; praias do atlântico com as suas aldeias piscatórias, paisagens alternando extensas áreas de estufa ou plantações majestosas da árvore de argan, vales e oásis em gargantas estreitas; o relevo das rochas rosas de Tafraoute ou montes arredondados de Tizougane.			encontro com associações locais para intercâmbio das suas actividades e desenvolvimento da região; pratos preparados pelas famílias (couscous, tajines) aprendendo o saber-fazer e ouvir a música tradicional	610,00 € (sem aéreo), suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	ONG marroquina Tiwizi com a qual se encontra em curso um projecto para criar alojamentos comunitários
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Benim (entre mar e lagoas)	12 dias	4 a 12 pessoas	alojamento em Aklevété (aldeia de acolhimento TDS) cuja higiene é feita a céu aberto, os duches estão num canto rodeados de coqueiros	aéreo internacional, minibus ou 4x4	A lagoa constitui uma das mais belas zonas húmidas da África ocidental, com fauna e flora extraordinárias	longas praias com palmeiras e tranquilas lagoas; Porto Novo: capital de carácter provincial, charmosa cujo património arquitectónico tem a marca dos “Brasileiros”; Ouidah, bela vila de arquitectura colonial, centro histórico onde era feito o comércio de escravos e local de vudu; Adjara: capital do djembé, famosa pelo seu mercado artesanal; Ganvié: vila lagunar e as suas casas palafitas; pescar nas pirogas ou na praia, participando na coreografia que reúne homens e mulheres.	Centro Songhai – quinta experimental dedicada à agricultura sustentável		Descoberta do quotidiano da aldeia com propostas dos habitantes de visitas nos lugares naturais, encontros com artesãos e chefes tradicionais e aprticipação nas suas actividades.	8 a partir de 1530,00 €, suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Benim – Burkina Fasso	15 dias	4 a 12 pessoas	alojamento em Zigla Koulpélé, Burkina-Fasso e em Gnidjazoun no Benim (aldeias de acolhimento TDS)	aéreo internacional, minibus ou 4x4	Parque de Pendjari uma das mais reservas naturais da África Ocidental, berço de uma grande variedade de espécies de animais e aves	A arquitectura das casas Bissa em Burkina Fasso com as casas circulares integradas na cintura de cor ocre; as casas de Tata no norte do Benim, verdadeiras pequenas fortalezas; o dinamismo do chefe tradicional de Zigla, ao mesmo tempo moderno e preservando as tradições transmitidas pelos ancestrais; a aldeia Gnidjazoun no Benim, típica do país de Fon com as suas concessões dispersas nas plantações de palmeiras e os pomares de manga.			As estadas no centro das respectivas aldeias de acolhimento permitem uma maior aproximação das comunidades; participação nas actividades, encontros, visitas, acompanhamento da organização da vida familiar, vida social e também das crenças tradicionais	a partir de 1950,00 €, suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Burkina-Fasso: Noltes atípicas de Koudougou	8 dias	4 a 12 pessoas	alojamento em Doudou (aldeia de acolhimento TDS)	aéreo internacional, minibus ou 4x4	Passeio aos picos de Sindou, longa formação rochosa com os seus cones tortuosos ou à aldeia troglodita de Nianssogoni; passeios pedestres e dormir em bivaque numa das regiões mais belas de Burkina Fasso e aproveitar a frescura da sua abundante vegetação.	A animação do mercado de Koukouldi e de Tenado; navegar na ribeira Mouhoun em pirogas; passeios de bicicleta; participação no festival (NAK – noites atípicas de Koudougou), festival independente, incontornável para descobrir a expressão artística de Burkina Fasso; ouvir os concertos num anfiteatro a céu aberto e aproveitar os belos ceus estrelados de África			Participar na vida de Doudou, jogar à pétanque com os habitantes na sombra das árvores de manga; degustar as especialidades do país e apreciar os trabalhos dos artesãos; a abertura social da comunidade dotada de berçário, de biblioteca, equipamentos pouco frequentes numa aldeia deste tipo.	1320 €, suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Mali – passeio no País Dogon, descobertas culturais	9 dias	4 a 12 pessoas	alojamento em Iloa (aldeia de acolhimento TDS)	aéreo internacional, minibus ou 4x4		Passeios pedestres para descobrir as aldeias de Dogon; Mopti: local de confluência do rio Niger e do Bani e o seu porto animado; admirar o bailado das embarcações do rio Niger; mesquita de Djenné.			Os habitantes organizam-se para receber os turistas	8 a partir de 1310 €, suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	

## Anexo XIII

Organização	Designação da viagem	Duração	Nº máximo e mínimo de participantes	Alojamento e refeições	Transportes	natureza	Atividades incluídas			Preço	Outras informações de interesse	
							visitas culturais	atividades educativas	participação nas actividades produtivas locais (artesanato, agrícolas, etc)			
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	Equador – comunidades de Kuya Llakta, San Martin Alto e Sinchi Pura	14 dias	5 a 12 pessoas	alojamento em centros de turismo comunitário: Sinchi Pura, Kuya Llakta e San Martin Alto	aéreo internacional, autocarro linha regular, minibus ou 4x4	Vulcão Chimborazo e vista grandiosa sobre as montanhas; visita a criação de alpacas; passeio na floresta amazónica, sesta na rede junto à ribeira; atravessar a ponte dos macacos para regressar a Sinchi Pura	Passeio no caminho dos incas, sítio de Ingapirca; mercados incríveis			Cerimónia de boas vindas da comunidade Kuya Llakta, vestuário tradicional, música e danças; a jornada nas pastagens de altitude e o picnic que reúne os habitantes após os trabalhos comunitários, o seu ambiente festivo e a agradável sensação de partilhar um momento privilegiado	970 €, sem aéreo (preço do avião a partir de 900 €, mediante as épocas), suplemento de 80 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8	Parceria com a FEPTCE
Tourisme & Developpement Solidaires (TDS)	México – Yucatan	13 dias	4 a 12 pessoas	alojamento em centros de acolhimento: San Felipe, Ek Balam e Sabbache	aéreo internacional, autocarro linha regular, minibus ou 4x4	região rica em reservas naturais e as comunidades acompanharão os passeios de bicicleta e a pé, banhos no mar, observações ornitológicas.	Merida: a capital do Estado Yucatan; Valladolid: pequena vila yucateca autêntica com belas casas cor pastel; Izamal, a vila amarela, grande centro religioso consagrado ao deus supremo Itzamna assim como ao deus sol Kinich Kakmo; Chichen Itza; sítio arqueológico monumental ajudará e compreender a força da civilização maia e tolteca.			guiados pelas cooperativas muito dinâmicas, descoberta do quotidiano dos habitantes, as suas tradições, festas e cerimónias	<del>970 €</del> sem aéreo, suplemento de 50 € para pequenos grupos. Preço base calculado considerando mínimo de 8 pessoas.	

## Charte de Taddart

### Association de tourisme équitable et solidaire

**La charte de Taddart est un élément fondateur de son identité et de ses valeurs**

#### L'esprit des voyages Taddart

Nous ne dirons jamais assez que ce que nous proposons s'adresse à des personnes privilégiant la valeur des **rencontres** et des **échanges**, le **respect des traditions**, des **cultures** et de l'**environnement**, vous assurant un total dépaysement... plutôt que la qualité des éléments matériels d'un voyage, le confort total par exemple. Il faut accepter par avance que ceux qui auront en charge votre séjour n'aient parfois qu'une vague idée de ce qu'est un horaire, qu'ils mangent toute l'année des aliments simples de leur pays, que les improvisations font partie d'un art de vivre etc. Ce sera à vous de vous adapter.

**« On ne peut pas vouloir vivre fortement quelque chose de " différent " et conserver tous les avantages de sa vie habituelle ».**

Nous avons tout prévu, les détails techniques, les équipements, mais bien vivre le voyage dépend surtout des participants eux-mêmes, de l'atmosphère de cordialité qu'ils sauront faire régner entre eux et ceux qui seront chargés de leur séjour. Pour cela, il est nécessaire de faire preuve de compréhension et d'esprit d'équipe et d'avoir un minimum de sens d'adaptation.

Ne jamais oublier que vous êtes dans un pays où tout n'est pas simple. Tout ce qui est prévu ne le sera pas au pied de la lettre, ou plutôt le sera mais autrement, par d'autres voies...

Notre souci constant sera de respecter les hommes et la nature. Nous vous demandons d'y contribuer en suivant nos conseils, plus particulièrement lorsque nous serons en contact avec les populations locales.

#### L'engagement de Taddart porte sur trois axes :

##### La relation avec les partenaires accueillants et l'organisation des voyages

Taddart organise ses séjours en partenariat avec les populations locales qui sont au cœur du processus d'accueil. Il favorise ainsi la rencontre et l'échange dans la conception de ses voyages.

Taddart choisit en priorité des partenaires organisés autour de projets de développement bénéficiant à la collectivité.

Taddart organise ses voyages de manière à maximiser l'impact sur l'économie locale des territoires d'accueil, dans le respect de leurs équilibres économiques, sociaux et environnementaux.

Taddart s'engage à aider et conseiller les partenaires locaux pour la mise en place d'un tourisme durable et à leur verser une juste rémunération.

Taddart verse le paiement des voyages aux partenaires locaux avant le début de celui-ci.

La taille des groupes est volontairement limitée par l'association afin de favoriser les échanges lors des rencontres entre les voyageurs et les populations locales.

##### Les engagements en faveur du développement local

Taddart organise son fonctionnement et fixe le prix de ses voyages de manière à dégager des ressources affectées à un fonds de développement. Sur le prix total du séjour (hors aérien), un minimum de 3 % est reversé pour soutenir des projets de développement locaux d'intérêt collectif. Ce fonds est alloué aux populations d'accueil de ses destinations.

##### La sensibilisation du voyageur, la transparence et la communication

Taddart informe et sensibilise ses voyageurs sur les principes du voyage solidaire et sur chacune de ses destinations (situation économique, sociale et culturelle, règles de savoir-vivre, situation environnementale).

Taddart met à disposition du voyageur la répartition du prix de ses voyages.

L'opérateur informe les voyageurs sur ses actions de développement. Taddart milite pour le tourisme équitable et solidaire et le respect de ses principes.

#### Association de Développement TADDART

20 rue Clavel 75019 Paris Tél : 01 42 02 79 85 – [www.taddart.com](http://www.taddart.com) – [taddart@taddart.com](mailto:taddart@taddart.com)

Agrément Tourisme - affilié à l'ATES – N° AG 075 08 0001

RCP : MAIF – contrat 3262472 N (200 avenue Salvador Allende 79038 Niort cedex 9)

Assurance annulation : MAIF contrat - contrat 2999137 J

Garantie financière : FMS UNAT - Siret 480 607 241 00043

### Nos partenaires locaux s'engagent :

A assurer la **sécurité** des voyageurs (bon état des véhicules de transport, adapter le séjour en fonction des conditions météorologiques...) et s'efforcent de **respecter les horaires** prévues dans le programme du voyage.

Ils **favorisent les rencontres, les échanges**, tout en **respectant l'intimité** des populations locales. Ils assurent le respect des règles de vie locales et le **contrôle des dons et cadeaux** aux populations. Ils ne réclament pas de pourboire laissant les voyageurs libres d'en donner ou non.

Ils s'engagent à **rémunérer à juste prix les prestataires locaux**, conformément aux tarifs fixés avec Taddart et respectent le principe de la transparence.

Sur place, ils donnent la **priorité aux produits et prestataires locaux** (achat de nourriture, transport, hébergement...).

Ils s'engagent à respecter et **économiser** au maximum les **ressources naturelles** locales (eau, bois...), à gérer les déchets et à préserver l'environnement.

Enfin, dans l'ensemble de leurs actes, ils doivent faire preuve de **professionnalisme** en respectant notamment la totalité des éléments mentionnés ci-dessus.

**Le voyageur** s'engage à respecter quelques principes simples, essence même du tourisme solidaire et équitable.

*Une partie des informations n'ont qu'une vocation pédagogique. Elles sont en générales connues de tous mais il nous a semblé important de faire ce petit rappel.*

Il est nécessaire qu'il prenne conscience que son **attitude** et ses **actes** sur place peuvent être pour les populations d'accueil autant un **facteur de développement** qu'un **élément déstabilisateur**.

En conséquence, il s'engage à se garder de toute attitude et de toute intervention qui pourrait bouleverser les équilibres sociaux, culturels et écologiques des communautés d'accueil et viendraient contrecarrer leurs dynamiques de développement. En particulier il **s'interdit tout don et intervention directe** sur le lieu qui ne seraient pas placés sous le contrôle des responsables des villages d'accueil.

Des bonbons donnés aux enfants par exemple, ont des effets à long terme difficiles à traiter (caries dentaires...).

Les dons peuvent être **mal perçus**, connoter du mépris ou prendre un caractère déplacé. Ils dénaturent la valeur de l'échange et peuvent engendrer des **déséquilibres économiques locaux** et des dépendances (pourboires trop importants...).

Des **dons indirects** peuvent en revanche être faits aux **hôpitaux et dispensaires** qui sauront en faire bon usage.

Le voyageur doit respecter et **économiser** au maximum les **ressources naturelles** locales (eau, bois...) considérées comme précieuses car elles sont souvent rares.

La nature, quelque soit le pays, est fragile et n'est pas faite pour digérer les **déchets**. Le voyageur veille à **détruire** (en les brûlant à condition qu'il n'y ait pas de risques d'incendie) ou **emporter** ses déchets. Les emballages biodégradables sont à privilégier. Les **pires usagées** sont redoutables pour l'environnement si elles sont jetées ou brûlées et ce ne sont pas des jouets inoffensifs entre les mains des enfants qui les récupèrent. Elles trouvent facilement une place dans les bagages de retour. Privilégier l'usage des piles sans métaux lourds (tels que mercure, cadmium) ou des batteries rechargeables.

L'intégrité culturelle et sociale des communautés d'accueil doit être respectée tout comme le rythme de leur vie, leurs traditions et coutumes. Les **tenus** trop moulantes, trop dénudées, trop décontractés peuvent choquer. Le voyageur doit s'informer et se renseigner avant de partir et auprès du guide local sur place pour s'assurer de sa bonne conduite.

Il doit demander l'**accord** des personnes pour les prendre en photo.

Il ne doit pas porter de jugement de valeur concernant l'organisation sociale. Mieux vaut écouter, poser des questions et s'abstenir de jugements trop rapides.

Le voyageur s'abstient d'**acheter les objets sacrés**, traditionnels ou faisant partie du **patrimoine** du pays ; les populations démunies ne sont pas forcément conscientes de la valeur et de la perte de leur patrimoine.

Enfin, au sein du **groupe**, il doit s'efforcer de contribuer de manière positive au bon déroulement du séjour. Il s'engage à respecter les consignes de **sécurité** et suivre les conseils et recommandations du guide.

#### Association de Développement TADDART

20 rue Clavel 75019 Paris Tél : 01 42 02 79 85 – [www.taddart.com](http://www.taddart.com) – [taddart@taddart.com](mailto:taddart@taddart.com)

Agrément Tourisme - affilié à l'ATES – N° AG 075 08 0001

RCP : MAIF – contrat 3262472 N (200 avenue Salvador Allende 79038 Niort cedex 9)

Assurance annulation : MAIF contrat - contrat 2999137 J

Garantie financière : FMS UNAT - Siret 480 607 241 00043





*Le voyage à double sens*

**DOSSIER DE PRESSE**

## **Taddart**

Fondée en 2003, l'association Taddart\* est le fruit de rencontres uniques avec les hôtes des montagnes de l'Atlas marocain. Ceux-ci sont soucieux de développer une forme de tourisme respectueuse de leur environnement, de leurs cultures et traditions et qui profite aux populations rurales.

Partant du constat que le tourisme constitue une activité qui peut à la fois stimuler et déranger l'équilibre global d'un pays, nous partageons la même volonté de vous proposer une autre façon de voyager.

Depuis lors et dans d'autres pays, au gré de rencontres avec d'autres acteurs désireux également de promouvoir ce type de tourisme, nous avons conjointement organisé de nouveaux séjours dans des pays et des régions peu visités qui favorisent, dans une ambiance chaleureuse et conviviale, la rencontre et la découverte de lieux préservés.

Le prix « juste » fixé pour les séjours permet d'améliorer les conditions de vie de nos hôtes et de constituer un fond de développement destiné à soutenir des projets d'intérêt collectif.

\* Taddart signifie "le village" en berbère, et le symbole du logo représente la croissance.

## **Les voyages**

### **Albanie, Burkina Faso, Equateur, Espagne, Mali, Maroc, Pays-Bas, Paris.**

Il est trop souvent proposé au touriste de rester spectateur des régions visitées. Voyager dans un pays, c'est comprendre, apprendre, tolérer, se souvenir, conserver et transmettre ce que la découverte de l'ailleurs nous a offert. Voyager devient alors le trait d'union de nos différences où chacun préserve sa dignité donnant ainsi sens à la solidarité et au partage.

Nous avons créé des séjours qui permettent de "**Vivre avec l'habitant**" et de "**Vivre ses traditions**". Des séjours qui privilégient à la fois la vie partagée avec nos hôtes en mettant en valeur leurs gestes et savoir-faire ancestraux, la découverte à pied des sites naturels, l'architecture locale et la gastronomie des pays visités. Séjours qui tiennent compte également de la préservation de la nature. Une équipe de professionnels assure sur place l'encadrement des voyages.

#### **Association de Développement TADDART**

20 rue Clavel 75019 Paris Tél : 01 42 02 79 85 – [www.taddart.com](http://www.taddart.com) – [taddart@taddart.com](mailto:taddart@taddart.com)

Agrément Tourisme - affilié à l'ATES – N° AG 075 08 0001

RCP : MAIF – contrat 3262472 N (200 avenue Salvador Allende 79038 Niort cedex 9)

Assurance annulation : MAIF contrat - contrat 2999137 J - Garantie financière : FMS UNAT - Siret 480 607 241 00043



### **Le voyage à double sens**

#### **Vivre avec l'habitant**

Logés dans une communauté ou un campement villageois, dans un gîte rural ou chez l'habitant, vous découvrirez sa région et son mode de vie en partageant ses activités quotidiennes. Accompagnés d'un guide ou d'un des membres de la famille, vous privilégieriez les échanges, la rencontre, le quotidien de leurs culture et traditions. Des activités vous seront proposées à partir d'un circuit itinérant ou en étoile à la rencontre de villageois, d'artisans et de coopératives.

#### **Vivre ses traditions**

Parcourant à pied des sites naturels remarquables vous parviendrez au cœur des richesses du patrimoine culturel de nos hôtes. Contes, peintures, dessins, musiques, massages, danses... ; chaque voyage est construit autour d'un art vivant porteur de l'identité du pays d'accueil. Des femmes et des hommes, acteurs de ces traditions, vous invitent à les vivre au quotidien en créant un échange spontané au travers d'ateliers collectifs.

## **Le partenariat pour le développement local**

A l'origine Taddart souhaitait développer des séjours chez l'habitant au sein des populations les plus défavorisées. Mais en constatant les difficultés du quotidien, les conditions inacceptables dans lesquelles elles vivaient, les voyages ne pouvaient se développer de la sorte.

C'est pourquoi Taddart a décidé de consacrer une partie du prix des voyages au soutien de projets villageois d'intérêt collectif, destinés en priorité aux plus démunis. Les projets soutenus sont ceux souhaités par les associations ou coopératives villageoises.

Taddart a mis en place depuis 2007 une commission, composée notamment d'anciens clients, chargée du suivi des projets. Elle rendra compte de ses travaux et de ses préconisations à l'assemblée générale de Taddart qui statuera in fine.

Nos séjours favorisent ainsi l'essor d'activités liées au tourisme, dynamisent le tissu économique local, améliorent les conditions de vie, contribuent à la création d'emplois et soutiennent l'investissement dans le développement local.

### **Actions de développement local 2007-2010**

#### **Au Mali**

✓ Ouverture de 3 salles de classe et mise en place d'actions d'alphabétisation pour les adultes – Participation au financement du poste de l'enseignant

- ✓ Création de filières artisanales.
- ✓ Amélioration du chemin d'accès au village.
- ✓ Mise en place d'ateliers d'apprentissage de petites menuiseries.

#### **Association de Développement TADDART**

20 rue Clavel 75019 Paris Tél : 01 42 02 79 85 – [www.taddart.com](http://www.taddart.com) – [taddart@taddart.com](mailto:taddart@taddart.com)

Agrément Tourisme - affilié à l'ATES – N° AG 075 08 0001

RCP : MAIF – contrat 3262472 N (200 avenue Salvador Allende 79038 Niort cedex 9)

Assurance annulation : MAIF contrat - contrat 2999137 J - Garantie financière : FMS UNAT - Siret 480 607 241 00043



### ***Le voyage à double sens***

#### **Au Burkina Faso**

- ✓ Equipement en électricité solaire de la bibliothèque du village de Tiébélé.
- ✓ Création de jardins potagers pour le groupement féminin de Korabié.
- ✓ mise en place de micro crédit qui permettra aux familles d'acquérir des animaux de la ferme (poules, chèvres, mouton).

#### **Au Maroc**

- ✓ Participation au financement de la construction de l'école maternelle de Taghia, à son équipement et du poste d'enseignant.

#### **En Équateur**

- ✓ Participation au financement des postes des enseignants de l'école environnementale de Rio Muchacho.
- ✓ Participation au financement des 2 premières toilettes, sèches, de l'école de la zone communautaire de Piñan

#### **En Albanie :**

- ✓ Participation au maintien d'activité d'apiculteur via l'achat d'abeilles et de ruches.

#### **En Europe**

- ✓ Le fond de développement ira au bénéfice des « restaurants du cœur »

***Cette démarche est garante de la qualité des séjours et de nos relations de confiance, d'amitié et de coopération avec nos hôtes, les communautés locales et leurs représentants.***

#### **Taddart est membre de l'ATES :**

L'Association pour le Tourisme Equitable et Solidaire, (ATES) constitue le premier réseau national des voyageurs de tourisme équitable et solidaire.

L'ATES rassemble une vingtaine d'associations de voyages engagées autour d'une charte commune.

Les associations de l'ATES sont sélectionnées sur la base d'une grille de critères éthiques rigoureux qui travaillent dans une même démarche.

Pour tous renseignements sur les voyages et l'actualité de notre secteur : [www.tourismesolidaire.org](http://www.tourismesolidaire.org).

**Taddart est également membre de Minga**, association qui propose d'agir ensemble pour une économie plus juste : [www.minga.net](http://www.minga.net)

#### **Association de Développement TADDART**

20 rue Clavel 75019 Paris Tél : 01 42 02 79 85 – [www.taddart.com](http://www.taddart.com) – [taddart@taddart.com](mailto:taddart@taddart.com)

Agrément Tourisme - affilié à l'ATES – N° AG 075 08 0001

RCP : MAIF – contrat 3262472 N (200 avenue Salvador Allende 79038 Niort cedex 9)

Assurance annulation : MAIF contrat - contrat 2999137 J - Garantie financière : FMS UNAT - Siret 480 607 241 00043